UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SOLDADOS NUS: FILHOS DO ACASO OU FILHOS DA GLÓRIA. ESTRATÉGIA MILITAR E ECONOMIA NA AMÉRICA LATINA INDEPENDENTE; 1810-2000.

Fortunato Pastore

Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Profa. Dra. Janice Theodoro da Silva

São Paulo

2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SOLDADOS NUS: FILHOS DO ACASO OU FILHOS DA GLÓRIA. ESTRATÉGIA MILITAR E ECONOMIA NA AMÉRICA LATINA INDEPENDENTE; 1810-2000.

Fortunato Pastore

São Paulo

2007

DEDICATÓRIA

Essa tese é dedicada aos meus pais, que imbuídos da vontade de levar estudo aos filhos não mediram sacrifícios e esforços. Graças a essa luta inaudita consegui ingressar na graduação de História, quando teve início a caminhada rumo a esse momento. Sem eles, José Fortunato Pastore e Laurinda Macedo Pastore, a trilha nem teria sido aberta.

À "menininha Izildinha", em Monte Alto/SP, por mais um milagre.

Merecedora, igualmente, é a minha querida Universidade de São Paulo e toda a sua comunidade de trabalhadores, professores e alunos. Devo à USP tudo de bom que alcancei na vida: dignidade, emprego e, em um deles, a minha amada esposa Débora.

Por fim, dedico esse trabalho ao Povo Paulista que sustenta as universidades públicas do seu estado. Espero que elas continuem retribuindo com muito trabalho e dedicação a esperança e a confiança que os paulistas nelas depositam.

AGRADECIMENTOS

Não esperava colher flores no deserto, mas sempre acreditei que, mesmo nos dias mais tenebrosos de inverno, poderia ver alguns raios de sol. Esse trabalho seria muito nebuloso se, em várias ocasiões, fachos de luz iridescentes não o tivessem iluminado.

O mais brilhante desses feixes é a Professora Doutora Janice Theodoro da Silva, a orientadora da tese. A sua envergadura intelectual é tão elevada e suas propostas de análise tão ousadas que, em vários momentos, perdi o fôlego e cheguei a sentir vertigens. Porém, assim foi melhor, pois quem almeja pouco consegue ainda menos.

Superando essas qualidades de grande pensadora só mesmo as de uma Grande Pessoa Humana, cujo bom humor, compreensão e paciência com os meus muitos atrasos e desencontros, tornou a tarefa possível.

Como um arco-íris não tem uma só cor e muito menos um único raio de luz, as outras fontes iluminadas merecem igual agradecimento.

Aos Professores Doutores responsáveis pela Qualificação, Nilson José Machado e Samuel Alves Soares, cujos comentários e conselhos fizeram com que o trabalho tivesse uma dimensão exeqüível.

Ao Professor Doutor Nilson José Machado, da Faculdade de Educação da USP e Matemático, que foi muito feliz em apontar autores sobre o nacionalismo e pensadores engajados nos estudos da paz, da mesma maneira que contribuiu para que a minha obsessão pela quantificação fosse vista com mais cuidado, uma vez que “os números não metem, mas os mentirosos usam números”.

Ao Professor Doutor Samuel Alves Soares, da UNESP de Franca, cujas indicações bibliográficas possibilitaram mais consistência nas formulações geoplíticas e de relações internacionais; os seus questionamentos, para serem respondidos, conduziram à montagem de um novo capítulo, não previsto no relatório da qualificação. Trata-se do capítulo **Toques da Eternidade.**

À Professora Doutora Maria Helena Rolim Capelato, que em 1986, ainda na graduação permitiu que eu fizesse um trabalho de história militar (coisa muito mal vista na USP, naquela época) sobre Clausewitz, o Texas e a Guerra do México com os EUA. Ela não vai lembrar disso, mas quando a nota final veio com menção oito (também uma coisa difícil de acontecer na USP daquela época), passei a acreditar que um trabalho sobre história militar seria viável.

Ao Professor Doutor Wanderley Messias Costa, do Departamento de Geografia da USP e especialista em geopolítica e integração da América do Sul, pela presteza e fineza com que se dispôs a participar das discussões deste trabalho na sua reta final, e todo isto sem que me conhecesse anteriormente.

Aos Professores Doutores Carlos Eugênio Líbano Soares, João Fábio Bertonha, Lúcia Helena de Oliveira Silva e Magda Ricci, na ordem alfabética, companheiros das salas de aula, pois se eu tive uma "turma de pós-graduação" foram eles que a constituíram.

Ao Professor Doutor Carlos Alberto Zeron, do Departamento de História da USP, com quem aprendi muito, principalmente nos trabalhos com o ENEM. E o mais importante, com quem também ri muito nestas horas de estafantes tarefas educativas, sobretudo com as suas inteligentes alusões aos Iluministas franceses, já que estamos falando de "Luzes".

Aos Funcionários do Setor de Pós-Graduação da Administração da FFLCH e de Secretaria do Departamento de História.

Aos Funcionários das Bibliotecas da USP, sobretudo as da FFLCH e da FEA.

Aos Funcionários da Biblioteca de História da UNICAMP.

Aos Comandantes e Chefes de Secção da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, que me possibilitaram continuar estudando, na medida do possível.

Aos companheiros e alunos da mesma Instituição, em especial os da Seção de Ciências Sociais, pelo constante apoio e estímulo.

Aos Funcionários da Biblioteca Mario de Andrade, seção de obras raras e do depósito em Santo Amaro, São Paulo; em especial ao Senhor Marcos e a Senhora Tamico.

Aos Funcionários do acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Aos Funcionários do setor de mapas, documentos e livros da Biblioteca do Itamaraty, Rio de Janeiro, sobretudo o chefe de pesquisa, o Senhor Rubens e a bibliotecária, Senhora Maria Liânia.

Aos Funcionários dos museus militares visitados na América do Sul, com destaque para os do Museu Naval em Valparaíso e da Base Naval de Talcahuano, ambos no Chile; e na Inglaterra, principalmente os do Museu Imperial da Guerra, em Londres.

Aos meus familiares, por terem acreditado e apoiado sempre.

PASTORE, Fortunato. **Soldados Nus: Filhos do Acaso ou Filhos da Glória**. **Estratégia Militar e Economia na América Latina Independente, 1810-2000.** São Paulo, 2007. 318 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RESUMO

O eixo principal da pesquisa é o estudo da relação entre o potencial econômico e a capacidade militar na América Latina nos séculos XIX e XX.

Um dos outros eixos condutores da obra está associado à utilização dos conflitos como pontos de explicação e de comparação, focando a Guerra enquanto fenômeno complexo, que se manifesta e influencia fortemente todos os setores da vida social a muito tempo.

A comprovação de que existe (e existiu) uma equiparação da capacidade militar com o potencial econômico, tanto em termos gerais (das potencialidades do país como um todo) quanto aos aspectos puramente militares (os investimentos específicos) foi efetiva em uma abordagem com a utilização dos dados na sua forma absoluta.

Pode-se afirmar, inclusive, que para análises gerais e sistêmicas, que abordem longos períodos de tempo e com uma amplitude geográfica elevada, como a deste trabalho, a relação comparativa dos aspectos econômicos-militares e geopolíticos é suficiente para moldar um quadro explicativo sumamente satisfatório.

Os pontos específicos do trabalho trataram de questões como uma exposição teórica e geral sobre as idéias de ciclos econômicos e da sua importância para a compreensão da história, mormente a Contemporânea. Também foram realizadas análises sobre os ciclos de guerras (e a sua relação com os ciclos econômicos), a conexão entre crises econômicas e a erupção de mudanças sociais e, mais clara e diretamente, de transformações políticas.

Verificou-se a diferenciação de níveis de belicosidade na região entre o século XIX e o XX, sugerindo a salutar existência de uma macro-tendência da transição de uma América Latina mais belicosa para uma mais pacífica, não somente em si mesma, mas em termos de comparação mundial.

A Formação dos países latino-americanos foi discutida, de forma teórica, focando, sobretudo, a questão da diversidade e da fragmentação da região em vários “Estados-Nação” com a eclosão de grandes guerras e de instabilidade durante o período inicial. As diferentes

guerras de independência ocorridas na região foram comparadas, estabelecendo-se uma visão de conjunto de forma ordenada no tempo e no espaço.

As teorias de Mackinder e Spykman foram aplicadas regionalmente, montou-se um quadro comparativo das perdas e ganhos territoriais e uma descrição das disputas e dos acordos fronteiriços ocorridos na região.

Por fim, como a batalha é, ou foi, a alma da guerra, uma das preocupações foi situar, de forma diacrônica, no território latino-americano as mais importantes batalhas e guerras aqui travadas, inclusive classificando-as pela taxa de mortalidade.

Palavras-Chave

Capacidade militar; estratégia; economia; indicadores quantitativos; geopolítica comparada.

PASTORE, Fortunato. **Soldados Nus: Filhos do Acaso ou Filhos da Glória**. **Estratégia Militar e Economia na América Latina Independente, 1810-2000.** São Paulo, 2007. 318 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

The main axis of the research is the study of the relationship between the economical potential and the military capacity in Latin America in the centuries XIX and XX.

One of the other conductive axes of the work is associated to the use of the conflicts as explanation points and of comparison, focusing the War while complex phenomenon, that shows and it influences all strongly of the sections of the social life at a long time.

The proof that it exists (and it existed) an equalization of the military capacity with the economical potential, so much in general terms (of the potentialities of the country as a whole) as for the aspects purely military (the specific investments) it was effective in an approach with the use of the data in his absolute form.

It can be affirmed, besides, that for general and systemic analyses, that approach long periods of time and with a high geographical width, as the one of this work, the comparative relationship of the economical-military aspects and geopolitics it is enough to mold an explanatory picture extremely satisfactory.

The specific points of the work treated of subjects as a theoretical and general exhibition on the ideas of economic cycles and of his importance for the understanding of the history, especially the Contemporary. Also analyses were accomplished on the cycles of wars (and his relationship with the economic cycles), the connection between economic crises and the eruption of social changes and, more directly, of political transformations.

The differentiation of militancy levels was verified in the area among the century XIX and the XX, suggesting the salutary existence of a macro-tendency of the transition of a more belligerent Latin America for a more peaceful one, not only in herself, but in terms of world comparison.

The Formation of the Latin-American countries was discussed, in a theoretical way, focusing, above all, the subject of the diversity and of the fragmentation of the area in several "States-nation" with the appearance of great wars and of instability during the initial period.

The different independence wars happened in the area was compared, settling down a vision of group in an orderly way in the time and in the space.

Mackinder and Spykman's theories were applied regionally was set up a comparative picture of the losses and territorial earnings and a description of the disputes and of the frontier agreements happened in the area.

Finally, as the battle it is, or it was, the soul of the war, one of the concerns was to place, of diachronic form, in the Latin-American territory the most important battles and wars here locked, besides classifying them for the mortality tax.

Key Words

Military capacity; strategy; economy; quantitative indicators; compared geopolitics.

PASTORE, Fortunato. **Soldados Nus: Filhos do Acaso ou Filhos da Glória**. **Estratégia Militar e Economia na América Latina Independente, 1810-2000.** São Paulo, 2007. 318 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

EL LO ABSTRACTO

El eje principal de la investigación es el estudio de la relación entre el potencial barato y la capacidad militar en América Latina por los siglos XIX y XX.

Se asocia uno de las otras hachas conductivas del trabajo al uso de los conflictos como los puntos de explicación y de comparación, enfocando la Guerra mientras fenómeno complejo que muestra e influye en todos fuertemente de las secciones de la vida social en un momento largo.

La prueba que existe (y existió) una igualación de la capacidad militar con el potencial barato, tanto en general las condiciones (de las potencialidades del país en conjunto) en cuanto a los aspectos completamente el ejército (las inversiones específicas) era eficaz en un acercamiento con el uso de los datos en su formulario absoluto.

Puede afirmarse, además de, que para el general y los análisis sistémicos, ese acercamiento los períodos largos de tiempo y con una anchura geográfica alta, como el uno de este trabajo, la relación comparativa de los aspectos del barato-ejército y geopolíticas es bastante para amoldar un cuadro explicativo sumamente satisfactorio.

Los puntos específicos del trabajo trataron de asuntos como una exhibición teórica y general en las ideas de ciclos económicos y de su importancia para la comprensión de la historia, sobre todo el Contemporáneo. También los análisis eran cumplidos en los ciclos de guerras (y su relación con los ciclos económicos), la conexión entre las crisis económicas y la erupción de cambios sociales y, más directamente, de transformaciones políticas.

Se verificó la diferenciación de niveles de belicosidad en el área entre el siglo XIX y los XX, haciendo pensar en la existencia saludable de una macro-tendencia de la transición de una América Latina más beligerante para uno más pacífico, no sólo en ella, pero por lo que se refiere a la comparación mundial.

La Formación de los países latino-americanos fue discutida, de una manera teórica, enfocando, sobre todos, el asunto de la diversidad y de la fragmentación del área en varios

"Estados-nación" con la apariencia de grandes guerras y de inestabilidad durante el período inicial. Las guerras de independencia diferentes pasaron en el área se comparó, mientras estableciéndose una visión de grupo de una manera ordenada por el tiempo y en el espacio.

Las teorías de Mackinder y de Spykman eran regionalmente aplicadas era fijo a un cuadro comparativo de las pérdidas y ganánciales territoriales y una descripción de las disputas y de los acuerdos de la frontera pasó en el área.

Finalmente, como la batalla es, o era, el alma de la guerra, una de las preocupaciones era poner, de formulario del diacrónica, en el territorio latino-americano las batallas más importantes y guerras aquí cerraron con llave, además de clasificarlos para el impuesto de mortalidad.

Palabras-llave

La capacidad militar; la estrategia; la economía; los indicadores cuantitativos; las geopolíticas comparadas.

SUMÁRIO

ÍNDICE

ÍNDICE GERAL DE DIAGRAMAS, FIGURAS, MAPAS E TABELAS.

(por Capítulos)

Tabela 10 – Geração dos Tipos de Jatos de Combate na América Latina. 223

Na página seguinte:
QUADRO – Batalha de Boyacá.

Ataque das tropas de Bolívar na ponte de Boyacá, Nova Granada (Colômbia) em 1819.

Fonte: Victor CIVITA (ed), **História das Civilizações**, Vol V, p. 14.



INTRODUÇÃO

A Astúcia da Razão

"O interesse particular da paixão é, portanto, inseparável da participação do universal, pois é também da atividade do particular e de sua negação que resulta o universal. É o particular que se desgasta em conflitos, sendo em parte destruído. Não é a idéia geral que se expõe ao perigo na oposição e na luta. Ela se mantém intocável e ilesa na retaguarda. A isso se deve chamar ***astúcia da razão****: deixar que as paixões atuem por si mesmas, manifestando-se na realidade, experimentando perdas e sofrendo danos, pois esse é o fenômeno no qual uma parte é nula e a outra afirmativa. O particular geralmente é ínfimo perante o universal, os indivíduos são sacrificados e abandonados. A idéia recompensa o tributo da existência e da transitoriedade, não por ela própria, mas pelas paixões dos indivíduos".*

Georg Wilhelm Friedrich HEGEL.[1]

O título deste trabalho (*"Soldados nus, filhos do acaso ou filhos da glória")* representa a combinação de duas referências a conflitos na América Latina: ao remeter-se a Guerra do Chaco (1932 – 1935) entre o Paraguai e a Bolívia, René Zavaleta considerou-a como uma "guerra de soldados nus", para realçar a precariedade de vida e de meios com que estes povos levaram a luta.[2] A segunda parte da frase da capa diz respeito ao fecho de uma proclamação de Simon Bolívar aos peruanos em 1824: *"O campo de batalha dirá a quem pertence o Peru, se aos filhos de acaso ou aos filhos da glória"*. É evidente que "El Libertador" estava falando da disputa entre os espanhóis, que para ele eram os que confiavam na sorte, e os patriotas, lutadores da liberdade, da justiça, do progresso, da honra...

"Soldados nus" explicita, portanto, o subtítulo de estratégia e economia na América Latina. De como a guerra foi feita no nosso pobre continente desde o movimento das independências (1810–1830) até os dias de hoje. "Filhos do acaso e filhos de glória", contrariando os conceitos expressos na frase de Bolívar, mas reforçando os seus ideais, tenta demonstrar a visão de uma América Latina dual: dividida entre a força do destino, se é que isto realmente existe – a "Astúcia da Razão", de Hegel, e a sua própria força de construção e superação. Divisão, mas também combinação. A conexão entre o moderno e o arcaico, a cooperação e o conflito etc..

---

[1] **Filosofia da História,** p. 35. O grifo é do autor.
[2] René ZAVALETA MERCADO, **Bolivia el desarollo de la consciência nacional,** Montevidéu: Estrategia, 1970.

O objetivo dessa isagoge é evidenciar que o propósito desta obra é trabalhar na área do estudo da Guerra na América Latina em seus vários ramos de abordagem como a Polemologia (estudo da guerra), a História Social da Guerra, a História Militar, a análise dos conflitos e das relações internacionais e dos estudos estratégicos – para evitar conceitos por demais utilizados como geo-política e geo-economia, já bastante carregados pela noção de reducionismo mono-causal, que não parece uma percepção adequada sobre este fenômeno complexo que é a guerra.

Para dar conta de tão vasto e quase inexplorado tema, pelo menos no tocante ao subcontinente latino-americano, é que este trabalho foi idealizado. Como as problemáticas e os temas a serem considerados são múltiplos e diferenciados, decidiu-se dividir esta obra em quatro partes principais.

A primeira, composta por apenas um capítulo, está encarregada de explicar o enquadramento teórico, responsável pela organização das idéias-chaves desta proposta de interpretação da realidade latino-americana pelo viés da estratégica militar. As outras três partes, cada uma delas perfilando três capítulos, pretendem dar conta desta questão geral enfocando, prioritariamente, os campos econômico, político-social e militar, propriamente dito.

CAPÍTULO I – *O PÁSSARO DA SABEDORIA*

Prólogo

"Apesar de tudo, o próprio fato de que historiadores estão ao menos fazendo alguns progressos no estudo e análise das nações e do nacionalismo sugere que, como é freqüente, o fenômeno já passou do seu apogeu. A coruja de Minerva que traz sabedoria, disse Hegel, voa no crepúsculo". [3] Concordamos com a idéia de Hobsbawm sobre a obsolescência do estado-nação, mas a frase de Hegel é que nos chamou mais a atenção. Parece óbvio, e redundante, falar que somente percebermos todo o processo quando o ciclo já se completou, ou ainda, quando estamos distante dele no tempo ou no espaço.

A História, em alguns momentos, parece possuir uma correnteza que arrasta a tudo e a todos. Georg Hegel, como já foi dito antes, chamava esta força de "Espírito do Tempo" ou a "A Astúcia da Razão". Este início de século XXI parece indicar o final de um tempo e o limiar de uma nova estrutura. O sistema internacional apresenta-se sob a forma unipolar, mas acreditamos, intuitivamente, tratar-se apenas de uma fase, curta, de transição para novas formas e novas áreas de polarização do poder. Esta transição talvez possa ser melhor vislumbrada se um novo pensamento estratégico for constituído.

Não se tem a pretensão de chegar a tanto. Apenas deseja-se contribuir de forma efetiva para desenvolver o tema no Brasil. Por outro lado, e confirmando o vôo do nosso pássaro, percebe-se que o estudo estratégico no Brasil não está mais restrito a área militar. Desde a década passada ele ganhou a universidade e a esfera da administração federal com a criação da Secretaria de Assuntos Estratégicos e com o surgimento de vários grupos/núcleos/centros de estudos estratégicos nas principais universidades do país, tanto públicas como privadas.

Certas colocações são tão evidentes e óbvias, que acabam sendo consideradas naturais, perdendo-se assim, o vigor explicativo das mesmas e não se dando a devida atenção à genialidade intrínseca nas suas simples formas. É o que se pode verificar em alguns trechos de Engels no seu artigo **O Papel da Violência na História**, escrito em 1878: *"nada depende mais das condições econômicas prévias do que precisamente o exército e a marinha.(...) a vitória da violência fundamenta-se na produção de armas, e esta, por sua vez, na produção*

[3] Eric J. HOBSBAWM, **Nações e Nacionalismo desde 1780,** p. 215.

em geral, logo ... no 'poder econômico', no 'estado econômico', nos meios materiais que são postos à disposição da violência." [4]

Engels estabeleceu uma relação diretamente proporcional e de dependência entre a capacidade militar e o potencial econômico, que parece lugar-comum, mas não era para aquele contra quem Engels escreveu o artigo: Dühring. Entretanto, só fomos perceber a fantástica profundidade desta relação e a riqueza da sua aplicação teórica explicativa quando da sua operacionalização por Paul Kennedy em **Ascensão e Queda das Grandes Potências**, escrito cento e onze anos depois do artigo de Engels. Kennedy é um historiador militar inglês bastante conhecido e seguramente não é um marxista, mas - ao adentrar nos "limes" da estratégia e da economia deve ter percebido o mesmo que Engels e as suas colocações básicas sobre a questão são surpreendentemente próximas, pelo menos para nós, de uma concepção dialética materialista da História. Vejamos alguns exemplos:

"O primeiro é que os recursos econômicos são necessários para apoiar uma estrutura militar em grande escala. O segundo é que, no que concerne ao sistema internacional, tanto a riqueza como o poder são sempre 'relativos', e como tal devem ser vistos." (...)

"Sendo relativos, e como todas as sociedades estão sujeitas a tendência inexorável à mudança, o equilíbrio internacional jamais pode imobilizar-se, sendo loucura dos estadistas supor que pudesse. Dada a natureza anárquica e competitiva das rivalidades entre as nações, a história das questões internacionais nos últimos cinco séculos tem, com demasiada freqüência, sido uma história das guerras, ou pelo menos, de preparação para a guerra - e ambas consomem recursos que as sociedades podiam usar para outros 'produtos', quer públicos ou privados." Concluindo: *"... não estamos argumentando que a economia determina todos os fatos, ou constitui a única razão do sucesso ou fracasso das nações. Simplesmente, há provas demais indicando outros elementos: geografia, organização militar, moral nacional, sistemas de alianças e muitos outros fatores que podem afetar o poder relativo dos membros dos sistemas de estados. (...) e é precisamente porque a posição de poder das nações importantes acompanhou de perto a sua posição econômica relativa nos últimos cinco séculos, que parece valer a pena perguntar quais as implicações das tendências econômicas e tecnológicas de hoje para o atual equilíbrio de poder. Isso não é negar que os*

[4] In: **Escritos Militares de Marx, Engels e Lenin.** Pp. 151-152. *"Mas a violência não pode fazer dinheiro, quando muito pode saquear o que já está feito".*

homens fazem a sua própria história, mas a fazem dentro de circunstâncias históricas que podem limitar (bem como ampliar) as possibilidades." [5]

A proposta de Kennedy é bastante ambiciosa, afinal estudar cinco séculos da História Mundial com relação a conexão transformação econômica/conflito militar é um trabalho difícil; mas acreditamos que os resultados comprovaram que é possível uma análise desta envergadura. Assim sendo, por que não utilizar este esquema em parâmetros temporais e espaciais menores? Seria um trabalho mais simples e que, devido a menor abrangência e maior delimitação, poderia apresentar também resultados válidos e até mais precisos. Dai surgiu a idéia deste trabalho; **capacidade militar e potencial econômico na América Latina: 1810 – 2000.** Razão pela qual é o subtítulo de *"Soldados nus, filhos do acaso ou filhos da glória"*.

Contudo, apesar da redução feita com relação ao trabalho do Kennedy, ainda é um tema de grande amplitude. Entretanto, mesmo com os poucos dados disponíveis, não foi tão difícil assim, uma vez que existem algumas obras que trabalham tanto a economia quanto a questão militar da América Latina no mesmo sentido, ou seja, enfocam a longa duração e a especificidade do "bloco latino-americano". Os dados para o século XX são abundantes e bastante precisos e não temos grandes problemas neste período, ao contrário do século XIX. Contudo, em alguns pontos e subtemas específicos trabalhou-se com recortes temporais e espaciais algo mais modestos.

Minerva (Teoria)

Tendo indicado o objeto da pesquisa, parece evidente que a composição teórica binária do mesmo, isto é, poder militar/economia, possui claras relações com os estudos de demografia, urbanização, relações internacionais, disputas internas pelo poder estatal e definição das estruturas nacionais. Não se pode igualmente esquecer que a América Latina está integrada numa esfera mais ampla - de influência mundial - e que a sua articulação com esta totalidade é de dependência. Entretanto, por mais que já se tenha escrito sobre a relação diretamente proporcional entre o potencial econômico e a capacidade militar, ainda tem que se confirmar a questão para o caso latino americano. Será que esta paridade também ocorreu ao longo do processo latino-americano? Acreditamos que, em linhas gerais, pode-se confirmar a proposição, mas a questão é mais complexa que no plano mundial e surpresas com relação a períodos de defasagem desta conexão, ou até menos casos particulares de

[5] Paul KENNEDY, **Ascensão e Queda das Grandes Potências,** pp. 08, 509 e 09, respectivamente.

negação da mesma, foram descobertos, como por exemplo o caso do Paraguai, em meados do século XIX. Neste caso, foi necessário um longo e sangrento conflito para "ajustar" a relação militar mais adequada aos países da bacia platina.

Como algumas evidências tenderam a negar a paridade para o caso latino-americano, podemos questionar se a teoria se encaixa somente para o caso das grandes potências, sendo que no nível regional (domínio das potências médias) ela não possui validade e deve ser substituída por novos postulados. As implicações desta última situação são de vital importância para a compreensão das relações globais. Isto soa algo paradoxal, mas como a tendência atual é de ocorrência de conflitos localizados (regionais ou intraestatais, conforme pode se visto na tabela 1), um estudo particular pode trazer luz para a compreensão de outras partes do mesmo todo, uma vez que a explicação geral não conseguiu atingi-la. De qualquer forma, de uma maneira geral, a teoria mostrou-se verdadeira na maior parte dos períodos e casos analisados.

TABELA 1

CONFLITOS ARMADOS NO MUNDO (1989 – 1998)										
Conflito	**1989**	**1990**	**1991**	**1992**	**1993**	**1994**	**1995**	**1996**	**1997**	**1998**
Intratestatal ø	43	44	49	52	42	42	34	33	30	32
Intratestatal *	1	2	1	2	4	0	0	1	3	2
Interestatal	3	3	1	1	0	0	1	2	1	2
TOTAL	47	49	51	55	46	42	35	36	34	36

Nota: **ø** sem participação estrangeira/ ***** com participação estrangeira.

Fonte: BARTOLOM, Mariano C. **El Desafio de los conflictos intraestatales assimétrico sem la post-guerra fria.** Argentina Global, Nr 4, 2001, p. 2.

Dos 108 conflitos mencionados, 101 foram intraestatais, 92 sem intervenção externa e 09 com alguma participação externa. Apenas 07 ocorreram entre Estados-nações.

Então, por que estudar o papel da força militar e dos conflitos bélicos na América Latina? Antes de particularizarmos a resposta desta interrogação, gostaríamos de colocar a questão em termos gerais. Todos conhecem a posição de Maquiavel com relação ao poder e a guerra. O "Pai da teoria política moderna" não estava brincando quando disse que a mais urgente tarefa do "príncipe" é armar-se.

Na apresentação de sua mais importante obra a respeito do assunto, escrita em 1519/20, Maquiavel realça a posição militar: *"Se considerássemos a Antigüidade, porém, não encontraríamos coisas mais relacionadas, conformes e necessariamente adequadas uma à outra. Com efeito, todas as artes praticadas na sociedade em função do bem comum, todas as instituições nela fundadas mediante o respeito às leis e o temor de Deus seriam vãs se não se preparasse igualmente a sua defesa, a qual, se eficaz, permite mantê-las, mesmo quando imperfeitamente estruturadas. Mas sem o apoio militar as boas instituições não podem subsistir em boa ordem – como o interior de régio e soberbo palácio que, embora adornado com ouro e pedras preciosas, não tivesse cobertura a protegê-lo da chuva. Se em qualquer outro aspecto da vida das cidades e dos reinos se empregava toda diligência para que os homens se mantivessem fiéis, pacíficos e tementes a Deus, nas organizações militares esse esforço se redobrava".*[6]

Talvez pudéssemos, a esse respeito, reduzir a visão de Maquiavel a uma das frases que ele utilizou na mesma obra: *"O rico desarmado é o prêmio do soldado pobre".*[7]

Marx e Engels na "Ideologia Alemã" negam que a conquista seja a força motriz da História, mas não lhe tiram um caráter de relevância no processo histórico. Tanto é assim que se colocaram a escrever sobre o papel da violência (ou conquista) na mesma e Engels irá retomar este ponto no "Anti-Dühring".

Inúmeros pensadores, e de várias tendências, já escreveram sobre a guerra (ou a paz) e acreditamos que não exista nenhum homem civilizado, ironicamente, que não tenha pensado nela alguma vez. Não se trata de ser contrário ou a favorável à guerra, mas de tentar entendê-la. Ao menos compreender que ela é um assunto importante na História da Humanidade. E por que será? Parece, ainda, que independente de suas posições teóricas, a maioria dos pensadores confirma a onipresente relevância da guerra na História; vejamos alguns exemplos:

"... ninguém ocupado em pensar sobre História e Política pode ficar alheio ao imenso papel que a violência sempre desempenhou nos assuntos humanos, e à primeira vista é surpreendente como tal violência raramente é escolhida para considerações especiais".[8]

---

[6] Nicolau MAQUIAVEL, **A Arte da Guerra,** p. 13.

[7] Ibidem, p. 34.

[8] Hannah ARENDT, **Da Violência,** p. 97.

"A história escrita do mundo é, em larga medida, uma história de guerras, porque os Estados em que vivemos nasceram de conquistas, guerras civis ou lutas pela independência".[9]

"... a guerra não mais pertence ao domínio das artes ou das ciências, mas se relaciona com a existência social. Ela é um conflito entre grandes interesses decididos pelo derramamento de sangue. Parece-se mais com a Política".[10]

"A guerra é uma preocupação muito séria para o Estado; ela necessita ser profundamente estudada. (...) A luta armada não é uma anomalia efêmera, mas um ato consciente, que, por conseqüência, deve ser racionalmente analisado".[11]

Walter Benjamim também insiste que a história está impregnada de violência, opressão e barbárie. O psicólogo Erich Fromm e o sociólogo Quincy Wright demonstraram que a guerra e o "espírito violento" estão diretamente relacionados com o grau de organização social. Quanto maior o desenvolvimento civilizatório, maior a incidência da guerra, e de guerras sangrentas. Entretanto, estas colocações só reforçam as proposições deste trabalho, que são a importância da guerra na História (civilização) e do seu estudo em um contexto de Estados vizinhos.

Mas, ninguém melhor que o grande historiador Fernand Braudel para falar da importância do tema para o nosso estudo:

"Os historiadores estudam as guerras uma após a outra, mas a guerra em si, no desenrolar interminável do tempo passado, só muito raramente os interessou, até num livro tão justamente célebre como o de Hans Delbrück. Ora, a guerra está sempre presente, obstinadamente imposta aos diversos séculos da história. Implica tudo: os mais lúcidos cálculos, as coragens, as covardias. Para Werner Sombart, ela construiu o capitalismo, mas o inverso também é verdade. Ela é equilíbrio da verdade, prova de força para os Estados que ajuda a definir e sinal de uma loucura que nunca se aquieta. É um tal indicador de tudo o que interfere e corre num único movimento na história dos homens, que situar a guerra nos quadros da economia-mundo é descobrir um outro sentido nos conflitos dos homens e dar ao modelo de Immanuel Wallerstein uma inesperada justificação".[12]

---

[9] John KEEGAN, **Uma História da Guerra,** p. 399.

[10] Karl von CLAUSEWITZ, **Da Guerra,** p. 164.

[11] SUN TZU, **A Arte da Guerra,** p. 15.

[12] Fernand BRAUDEL. **Civilização Material, Economia e Capitalismo – Séculos XV-XVIII.** Volume III, p. 46.

Na América Latina, a guerra também teve o seu papel: a conquista espanhola, as guerras contra os índios (no Brasil, na Argentina e no Chile), as lutas pela independência (vide o capítulo **Nascimento Doloroso)**, as questões das fronteiras nacionais (e da própria nacionalidade), as intervenções estrangeiras, a participação nas guerras das grandes potências (o Brasil na Itália e o México nas Filipinas durante a Segunda Guerra Mundial, a Venezuela na Guerra da Coréia e a Argentina na Guerra do Golfo/Kuwait contra o Iraque), as revoltas sociais, as guerras civis etc..

Pode-se dizer até que a historia demográfica de alguns países da região foi fortemente afetada, afinal *"... as baixas taxas do Paraguai, México, Cuba e Venezuela em certos períodos refletem de algum modo o impacto dos conflitos e guerras civis"*.[13]

Consideramos importante o estudo do tema para a região também pela "forte presença" que os militares exercem sobre os governos nacionais. O militarismo político não é o tema desta obra, mas a destacada influência dos militares na condução dos governos, das políticas sociais e econômicas do subcontinente não pode ser esquecida. O estudo da capacitação militar e dos conflitos bélicos na América Latina pode ajudar a compreender o papel destas intervenções militares. Todavia, o inverso parece ser o mais lógico, devido ao fato de existirem muito mais trabalhos do papel político dos militares que o contrário e *"... falar de militarismo na América Latina equivale a contar a própria história da região, a partir de sua independência formal em princípios do século passado"*.[14]

Hannah Arendt e Fernand Braudel introduziram a questão da pequena consideração dada ao tema em nível mundial e o mesmo pode ser aplicado para a América Latina. Ou melhor, falta pesquisa do tema na América Latina (o que não é novidade - e nem é só para este tema), e as que existem tratam mais dos aspectos políticos internos que dos conflitos. No tocante a estes, o que temos são monografias que privilegiam um só conflito internacional ou conflitos nacionais como revoltas, revoluções e secessões. Esta não é a abordagem aqui desenvolvida; pretende-se fazer um apanhado geral sistêmico, calcado na longa duração. E isto, parece que não existe em grande número. Simplesmente, como Kennedy, aproveitamos a brecha existente entre a economia e a estratégia, não abordada nem pelos historiadores econômicos e sociais e nem pelos historiadores militares.

---

[13] Ciro Flamarion CARDOSO e Héctor Pérez BRIGNOLI, **História Econômica da América Latina,** p. 317.

[14] Clóvis ROSSI, **Militarismo na América Latina,** pp. 07-08.

Deve ficar claro que não trabalhamos aspectos particulares dos conflitos e nem do militarismo político da América Latina, mas que utilizamos estes diversos trabalhos como apoio na tarefa. Alguns deles somente como fonte de dados e outros como sustentáculo explicativo.

Para finalizar este tópico, é necessário evidenciar que, na nossa visão, um trabalho de pesquisa histórica, ou seja, daquilo que já foi, deve ter relação com o presente - daquilo que é, para explicá-lo e questioná-lo. A preocupação deve-se estender para "aquilo que ainda não é" (Ernest Bloch). Em outras palavras, qual a finalidade do estudo da guerra numa economia, supostamente, integrada mundialmente? A "globalização" da economia e a formação de blocos econômicos supra-nacionais não pôs fim a história, como queriam alguns; logo, também não resolveu os problemas sociais do planeta - ao contrário, parece ter criado mais alguns; como um mundo instável política e militarmente falando (portanto mais inseguro que na bipolaridade), o acirramento das questões nacionais - se é que ainda podemos usar estes termos, o aprofundamento da diferença entre pobres e ricos (países do mundo e grupos sociais em cada um deles), o aumento da competição e do protecionismo entre alguns dos blocos etc..

Neste quadro, não vemos como a guerra e o seu estudo possam estar fora de cogitação - infelizmente. Além do mais, o processo de integralização econômica tem como contradição o efeito "tribalizador" e isto está ficando cada vez mais evidente nos dias de hoje. As perspectivas não são otimistas e devemos pensar como nos colocar diante deste quadro. A América Latina talvez tenha algo a dizer ao Mundo quanto a isto[15], afinal ela passou um século XIX muito violento e belicoso - época de formação dos Estados e de definição nacional, com as guerras exercendo um papel de destaque no processo em que a *"violência também pode prender-se aos valores pelos quais o grupo se diferencia e se afirma contra os outros"* [16] e que *"a derrota do Paraguai significou concomitantemente a vitória final da Buenos Aires de Mitre sobre o restante do país"*.[17]

Este processo é bastante semelhante ao ocorrido no continente africano durante o processo de descolonização, que de certa forma ainda lança as suas conseqüências funestas de guerras civis, étnicas e de formação de fronteiras e definição nacional, ainda hoje. Afinal,

---

[15] Veja, a respeito: Janice THEODORO e Fortunato PASTORE, *Extremo Ocidente e Extremo Oriente.* In: **Revistas de Estudos Brasileiros,** 1995. Neste texto, levantou-se a questão de que a área menos violenta do mundo, pós 1945, foi a América Latina.

[16] Ives MICHAUD, **A Violência,** p. 39. Isto é que Erich Fromm chama de "narcisismo de grupo ou nacional".

[17] Maria Lígia PRADO, **A Formação das Nações Latino-Americanas,** p. 49.

existem etnias africanas que atravessam o território de vários países do continente negro e estes mesmos países possuem várias etnias, muitas vezes antagônicas, sobre o mesmo "teto". Em outras palavras, o que distinguia, em meados do século XIX, para ficarmos em apenas um exemplo, um boliviano de um peruano?

O recado latino-americano não se restringe somente a este século de violência, mas ao seguinte, que se não foi de paz, foi menos belicoso e possibilitou um mínimo de harmonia e de integração econômica com o advento da ALACL/ALADI (Associação Latino-Americana de Livre Comércio de 1960, depois, em 1980, transformada em Associação Latino-Americana de Integração), do Pacto Andino, do MercoSul e das Comunidades Econômicas do Caribe e da América Central. Integração defeituosa, dependente e eivada de injustiças sociais, mas que podem ser um inicio de futuro para a região. Pode-se até afirmar que o século XX na América Latina foi, ao contrário do resto do mundo, um período relativamente pacífico. Pelo menos, na segunda metade do mesmo pode-se afirmar isto categoricamente.[18]

A obra de Paul Kennedy, que serviu de base para a idéia inicial e a definição deste trabalho, está bem articulada com os propósitos de uma história militar algo tradicional, e neste sentido, deve-se deixar transparente a trajetória teórica da Polemologia e da História Militar no seu sentido mais amplo e filosófico (o da Grande Estratégia - controle político do potencial militar, e da Estratégia - condução militar da guerra e planejamento geral das campanhas) e não meramente tático (a execução das manobras de batalha e das técnicas de combate) ou de "narração de batalha" - muitas vezes no sentido positivista do termo. Faremos esta explanação da historiografia militar em primeiro lugar, mas é importante ressaltar que há outras considerações a serem ponderadas como, por exemplo, o enquadramento deste esquema nos padrões mais usuais da historiografia acadêmica e no seio desta, as definições mais práticas, tais como: História Social ou História Econômica, pesquisa teórica ou pesquisa empírica etc..

Voltando a primeira questão - a da Teoria Polemológica - temos que a preocupação intelectual com a guerra levaria aos primórdios da civilização ocidental (ou mesmo mundial), passando pelos gregos e romanos, que nos legaram muito da mentalidade bélica atual, depois teríamos os árabes, os chineses, os mongóis, os bizantinos e os homens do medievo europeu até os "condottieres" do Renascimento – especialmente com Maquiavel.

---

[18] Vide citação 12.

Foi em Roma que o Ocidente pinçou duas das idéias belicistas que perduram até os dias atuais e são repetidas indefinidamente pelos defensores das posições mais radicais da manutenção de um poderoso aparato militar: *"Justum est bellum quibus necessarium, et pia arma quibus nulla nisi in armis requiritur spes"*.[19]

A segunda citação é ainda mais famosa: "Si vis pacem, para bellum". Escrita em um manual militar por um general romano do final do século IV, Flavius Renatus Vegetius (Vegécio), para o imperador Valentiniano II.

O trecho da qual foi retirada é ainda mais esclarecedor: ***"Portanto, quem deseja a paz prepare a guerra.*** *Quem aspira à vitória, discipline convenientemente os soldados. Quem pretende um desfecho auspicioso, combata com arte e não ao acaso. Ninguém ousará provocar ou ofender aquele que considera superior em combate"*.[20] Maquiavel foi um grande leitor de Vegécio e caso ambos estivessem vivos e este lesse o livro do florentino, **A Arte da Guerra**, certamente teria acusado-o de plágio.

Talvez fosse mais proveitoso ler um manual do outro Império Romano, o do Oriente, depois chamado Bizantino. Afinal, ele sobreviveu um milênio a mais que o seu infeliz congênere do ocidente. Os grandes militares bizantinos, Belisário e Narses, lutaram no século VI da era cristã sob o comando do Imperador Justiniano II. O primeiro deixou verdadeiras pérolas para a reflexão militar: *"A vitória mais completa e feliz é aquela em que o inimigo é compelido a abandonar seus propósitos, sem nenhum dano da nossa parte"*. E ainda mais feliz se entender que: *"A paz é o anseio de todos os homens que possuem qualquer parcela de discernimento... O melhor general é aquele que consegue obter a paz da guerra"*.[21] Mas foi o imperador-soldado Maurício, no final do mesmo século de Belisário, que deixou a maior obra estratégica bizantina, um manual chamado, apropriadamente, **Strategikon**. Alhures, poderosas idéias estavam surgindo ou se firmando; a noção de guerra justa, definida por um dos patrícios da cristandade ocidental, Santo Agostinho, e a de guerra santa, inventada pelos muçulmanos e a eles devolvida durante as Cruzadas.

Contudo, não se quer fazer um estudo genealógico do assunto e para ser prático e objetivo serão aprofundadas, apenas, as teorias e os pensadores que puderam de alguma

---

[19] "Justa seguramente é a guerra quando necessária e piedosas são as armas quando a esperança só nelas repousa". Tito LÍVIO. **História Romana (Historiae Ab Urbe Conditas Libre),** IX, p. 01.

[20] VEGÉCIO. **A Arte Militar,** p. 72. O grifo é nosso.

[21] Frases extraídas de Basil Henry LIDDELL-HART, **As Grandes Guerras da História,** pp. 15 e 73.

maneira influenciar o pensamento militar e a sua aplicação prática na América Latina dos séculos XIX e XX.

Assim temos, entre os grandes nomes da Filosofia que trataram da interpretação desse ato de violência coletiva, figuras como a de Emanuel Kant, cuja teoria da ação moral derivou num pacifismo resignado; Schopenhauer, para quem a guerra é mais um dos males do homem; Hegel, e a sua teoria de que a paz leva as nações à decadência fez muito sucesso entre os belicistas (Max Scheller e Adolf Hitler, principalmente).

Para Hegel a Guerra é uma espécie de "Juízo de Deus", que se manifesta na história para fazer triunfar a encarnação do "Espírito do Mundo". Hegel afirma, de um lado, que *"como o movimento dos ventos preserva o mar da putrefação na qual o reduziria uma quietude duradoura, assim uma paz duradoura – ou mais, perpétua – reduziria os povos"*.[22] Por outro lado julga que, no plano providencial da história do mundo, um povo sucede o outro no encarnar, realizar ou manifestar o "Espírito do Mundo", dominando, em nome e por meio dessa superioridade, todos os outros povos.

"Em geral está ligada com isso uma força externa que com violência desapossa o povo do domínio e faz com que cesse de ser o primeiro. Essa força exterior pertence, porém, só ao fenômeno; nenhuma força externa ou interna pode fazer valer a sua eficácia destruidora em face do Espírito do povo, se este não é já em si mesmo exânime, extinto".[23]

Essas afirmações de Hegel equivalem à justificação de qualquer Guerra vitoriosa que, como tal, entraria no plano providencial da Razão.

Até houve filósofos na Antigüidade que consideraram a Guerra como um valor absoluto, quase divino, uma força dominante na história. Heráclito reconhecia que a Guerra *"é de todas as coisas mãe, de todas rainha, e uns ela revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres"* e escreveu que *"a Guerra e a justiça são contraste e por meio do contraste todas as coisas se geram e chegam à morte"*.[24] Pode-se considerar que também Empédocles compartilhava desta visão dialética, se bem que ele vislumbrava um embate maniqueísta entre uma força construtiva e uma destrutiva dos elementos constitutivos do universo.[25]

[22] Georg W. F. HEGEL, **Filosofia del Diritto**, parágrafo 324, p. 130.

[23] Idem, **Philosophie der Geschichte,** p. 47.

[24] Adaptado de HERÁCLITO de Éfeso, fragmentos 53 e 80, respectivamente, **Pré-Socráticos,** pp. 90 e 93.

[25] Adaptado de EMPEDÓCLES de Agrigento, fragmento 17, **Pré-Socráticos,** pp. 229-30.

Outros filósofos, como Hobbes, afirmaram que o estado de guerra é o estado "natural" da humanidade, no sentido de que é aquele a que ela seria reduzida sem as regras do direito, ou do qual procura sair mediante essas regras. Ou, como ele mesmo escreveu:

"Com isto se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens".[26]

Completando o grupo temos dois nomes do século XX: Raymond Aron e Anatole Rapoport. O primeiro quase que deveria dispensar apresentações: foi um dos grandes pensadores ocidentais do conflito Leste-Oeste. Defensor do liberalismo e das tradições do Ocidente tomou claro partido prol EUA e contra o marxismo. E fez isto em um país e em uma época que isto não era muito bem visto, pelo menos, no meio acadêmico. Conclusão: Aron ficou bastante isolado, até a sua morte, em 1983. Formado na tradição humanista francesa e desejando classificar e tipificar os eventos da política internacional tanto quanto os da sociologia acabou sendo chamado de "weberiano cartesiano".

Um clássico exemplo da sua tipologia refere-se ao fato de que a paz somente poderia ser obtida em um mundo caracterizado por três tipos específicos de situação: equilíbrio de poder entre duas ou várias potências, pela hegemonia ou pelo imperialismo de somente uma delas. Daí, segundo Aron, deriva-se à classificação das guerras em: interestatais, imperiais ou superestatais e infra-estatais ou infra-imperiais. Este exemplo não somente é esclarecedor de sua postura teórica, como também permite mostrar a atualidade dos seus estudos, mesmo ele tendo escrito isto em 1962 no auge da Guerra Fria.

Aron produziu várias obras de grande repercussão, entre elas destacamos três: **O Ópio dos Intelectuais**, 1955, contra o marxismo; **Paz e Guerra entre as Nações,** 1962, o clássico livro das relações internacionais (a classificação exposta acima foi tirada dele); **Pensar a Guerra, Clausewitz,** 1976**,** sintomaticamente.

Muitos autores consideram que Aron é, na verdade, nada mais nada menos que um neoclausewitziano. E isto nem sempre é um elogio. Pelo menos, este é o caso de Anatole Rapoport, o outro pensador a que nos referimos. Nasceu na Rússia, mas viveu a maior parte da sua vida nos EUA, onde, durante a década de sessenta escreveu vários livros relativos à estratégia e a teoria dos jogos. Quatro são os mais importantes: **Fights, Games and Debates**, 1960; **Strategy and Conscience**, 1964; **Prisoner's Dilemma: A Study in Conflict and**

---

[26] Thomas HOBBES, **Leviatã,** livro I, capítulo 13, p. 79.

Cooperation, 1965, um autêntico clássico; e **Two-Person Game Theory: the Essencial Ideas**, 1966.

Redator do prefácio da edição da Martins Fontes sobre o **Da Guerra** de Clausewitz, Rapoport não poupa elogios a obra de Aron, mas por outro lado, rotula-o de seguir, de forma nefanda, os ensinamentos do prussiano. Rapoport também não vê com bons olhos a percepção de estratégia de Clausewitz, que ele considera exageradamente agressiva e direta, responsável maior pelas carnificinas das duas guerras mundiais. Mas deixemos que Rapoport fale por si mesmo:

"Em nenhuma outra obra, julgo eu, a filosofia clausewitziana em trajos modernos é apresentada com tanta clareza e habilidade como na Guerra e Paz de Aron. É um trabalho de enorme erudição; o seu tom é frio e reservado. Começando, adequadamente, com a definição clausewitziana da guerra (...)". Mas *"Já não é possível sustentar, como fez Clausewitz, que na guerra tudo é simples e que só a execução dos princípios simples é difícil. Pelo contrário, na descrição que Aron traça da moderna política internacional, tudo parece extraordinariamente complexo, mais ainda na paz do que na guerra. Contudo, esta 'sociologia mundial' (porque é isso que a obra pretende ser) assenta nos mesmos alicerces clausewitzianos: as nações nasceram na violência, relacionam-se umas com as outras através da violência, e continuaram a fazê-lo no futuro previsível. O conselho daqueles que não aceitam esta verdade básica é inútil ou perigoso".* [27]

Também é perceptível a escolha aroniana pela linha realista nas relações internacionais, seguindo de perto as idéias do grande nome desta postura, Hans Morgenthau e o seu **A Política entre as Nações,** de 1949.

Saindo um pouco da Filosofia, encontramos estudiosos mais engajados no tema, como o sociólogo Gaston Bouthol, que fundou o Instituto Francês de Polemologia, em 1945, o já citado Quincy Wright, da Universidade de Chicago, e o britânico Lewis Richardson - falaremos mais destes nos capítulos específicos correspondentes a cada uma das posições assumidas por eles.

No campo da "arte da guerra" encontramos quatro personagens que, no nosso entender, definiram a prática da guerra nos dois últimos séculos: o prussiano Karl von Clausewitz, intérprete das vitórias de Napoleão e mentor da estratégia da ação direta pregando idéias

[27] Karl von CLAUSEWITZ, **Da Guerra,** p. 49.

como *"a guerra é uma simples continuação da política por outros meios"*.[28] Na verdade, este é apenas o título do vigésimo quarto item do capítulo primeiro do livro um. Na seqüência ele mesmo explica o que isto quer dizer e o resultado é uma idéia menos direta e mais sutil da relação entre a guerra e a política.

"Vemos, pois, que a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios. O que se mantém sempre característico da guerra, releva puramente dos meios que ela põe em prática. A arte da guerra em geral, e a do comandante em cada caso específico, pode exigir que as tendências e as intenções da política não sejam incompatíveis com esses meios, exigência seguramente a não desprezar. Mas, por mais poderosamente que reaja, em certos casos, sobre as intenções políticas, isso terá de ser sempre considerado somente com uma modificação destas; pois que a intenção política é o fim, enquanto que a guerra é o meio, e não se pode conceber o meio independentemente do fim".[29]

Considerado como o filósofo da guerra, exerceu influência decisiva na preparação de vários exércitos do mundo até, pelo menos, o final da Primeira Guerra Mundial. Através das missões alemãs, as suas idéias chegaram ao Chile (1886), Bolívia (1910) e Argentina (1921). O Chile, por sua vez, re-exportou estas idéias para outros países do continente por meio de suas próprias missões. Estes países já estavam na influência militar germânica, mas não tinham como cobrir os gastos de uma missão européia. Durante a primeira década do século XX, quatro países (Colômbia, El Salvador, Equador e Venezuela) receberam estas submissões chilenas. O Paraguai também recebeu uma missão alemã, mas que durou pouco porque foi interrompida pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, Peru (1896), Paraguai (1926) e Brasil (1919) recebiam missões francesas (Joffre, Foch e Gamelin). Guatemala e Uruguai também estiveram sob a influência francesa até a Segunda Guerra Mundial, sendo que a Bolívia recebeu uma missão francesa, anterior a alemã, que durou apenas quatro anos (1905-09).[30]

Clausewitz teve como seus seguidores Moltke, Ludendorff, Engels e Lênin. Atualmente, as suas teorias estão sendo fortemente atacadas, principalmente a ação direta e a batalha de aniquilamento. Até a sua frase principal foi contestada por vários pensadores como Juan

---

[28] Ibidem, p. 87.
[29] Ibid, pp. 87/88.

[30] Os dados sobre as missões estrangeiras na América Latina foram extraídos de: Adrian J. ENGLISH, **Armed Forces of Latin America,** Passim; e Alain ROUQUIÉ, **O Estado Militar na América Latina,** pp. 96-104.

Prats (já em 1979) e John Keegan, na página 19 do seu mais famoso livro, **Uma História da Guerra** (1993 na edição inglesa): *"A guerra não é a continuação da política por outros meios. (...) a guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios. A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem ..."*

Um outro crítico do grande prussiano é o historiador militar israelense Martin Van Creveld, autor, entre outras excelentes obras, de **The Transformation of War**. Para ele, a guerra não é somente feita pelos Estados como Clausewitz queria acreditar e nem sempre ela é um meio para um fim, como Creveld escreveu na página 218: *"A guerra, longe de ser meramente um meio, tem sido muitas vezes considerada um fim – uma atividade altamente atrativa para a qual não pode ser fornecido um substitutivo adequado".*

Curiosamente, fora da polêmica (alguém sabe a origem da palavra?) com Clausewitz, foi uma outra reflexão de Creveld que nos fez pensar em aproveitarmos sua idéia para realizarmos mais uma comparação para o "fazer" da guerra na América Latina; verificar até que ponto existiu uma corrida de simetria de armamentos e táticas no subcontinente. A frase, citada na página 195, é curta e simples: *"a guerra representa a atividade mais imitativa conhecida pelo homem".*

Qual é a melhor defesa para uma nova arma ou tática adotada pelo inimigo? Inventar uma nova contra-arma ou criar uma tática defensiva eficiente? A lógica da simetria militar responde que o mais simples a fazer é copiar o inimigo e, de preferência, treinar e produzir mais do que ele na nova tática. Se isto é realmente o melhor a fazer não nos diz respeito, mas é o que Creveld e O'Connell recomendam. Robert O'Connell defende esse ponto no seu instigante trabalho **História da Guerra: Armas e Homens.**

Retornando a nossa polêmica, uma interpretação nacional bastante completa e competente da importância e da obra de Clausewitz, entre outros, pode ser lida no **Guia de Estudos Estratégicos**, organizado por Domício Proença Junior, da UFRJ, e publicado em 1999 pela Zahar. Apesar de tudo isto, a obra peca por adotar uma excessiva parcialidade na defesa das posições clausewitzianas.

Na seqüência aparece o inglês Henry Basil Lidell-Hart com a sua ação indireta (estratégia da manobra) que deu o tom da vitória na Segunda Guerra Mundial, nas guerras árabes-israelenses e na Guerra contra o Iraque em 1991 (manobra Lidell-Hartliana e vitória CIausewitziana). Deixemos que ele fale por si mesmo: *"Na estratégia nem sempre a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. (...) Movimentar-se de acordo com o que está*

previsto pelo adversário é permitir-lhe o equilíbrio de que necessita para aumentar a sua capacidade de resistência. (...) Na maioria das campanhas o desequilíbrio psicofísico do adversário tem sido a ação vital na tentativa de derrotá-lo. Esse desequilíbrio tem sido obtido por uma ação estratégica indireta, intencional ou fortuita, que pode tomar diversas formas. A estratégia de ação indireta engloba, embora muito mais ampla que ela, a 'manobra sobre a retaguarda' que os estudos do General Camon mostravam ser o objetivo constante e o método-chave utilizado por Napoleão na conduta de suas operações".[31]

Ainda mais esclarecedora é a sua opinião sobre o estudo da História Militar: *"Um estudo profundo da guerra não é somente necessário ao estabelecimento de uma teoria da guerra que oriente a elaboração de uma doutrina atualizada e eficiente mas, também, é indispensável ao estudante militar que procura desenvolver a sua capacidade de discernimento e de julgamento. Sem isso seu conhecimento da arte da guerra será como uma pirâmide invertida, precariamente equilibrada sobre seu vértice".*[32]

O conceito de guerra total, destruição maciça e a estratégia da dissuasão nuclear - é planificado pelo general francês André Beaufre: *"Em Siegfried, a peça de Giraudoux, vêem-se aparecer, de tempos em tempos, generais alemães à procura de uma fórmula geral da guerra, que seria uma espécie de pedra filosofal, permitindo resolver problemas. Essa imagem é uma caricatura de estratégia, como a alquimia é uma caricatura da ciência. A guerra é um fenômeno social demasiado complexo para se deixar dominar por não importa que fórmula simples que não seja uma evidência. No entanto, a ciência moderna terminou por realizar as transmutações esperadas pelo alquimista, mas através de vias bem diferentes daquela da alquimia". (...)*

"Não é senão pelo conhecimento do método e dos processos da estratégia e por seu emprego consciente, que as lutas inevitáveis poderão ser conduzidas, economizando-se os erros que causaram o desmoronamento da Europa. Pode-se mesmo esperar que, graças a esse domínio, numerosos conflitos poderão ser evitados; e mesmo – por que não? – o conhecimento da arte da luta levará a elaboração de uma verdadeira arte da paz, fundada não mais sobre tendências morais, mas sobre realidades eficazes, como a atual estratégia de dissuasão".[33]

---

[31] Basil Henry LIDDELL-HART, **As Grandes Guerras da História,** p. 28.

[32] Ibidem**,** p. 29.

[33] André BEAUFRE. **Introdução à Estratégia,** pp. 59-60. O original, em francês, foi lançado no ano de 1963.

Por fim, o mestre da guerra da estratégia indireta (psicológica), o chinês Sun Tzu do século V a.C. (!), cujas idéias foram adotadas pelos peruanos do "Sendero Luminoso", uma vez que Mao Tsé-Tung e Vo Nguyen Giap foram seus discípulos fiéis. Dois exemplos da obra de Sun Tzu para ilustrar:

"Todo combate se baseia em surpresa. Se, portanto, estivermos aptos para atacar, devemos aparentar incapacidade; empregando força, devemos parecer inativos; quando perto, precisamos fazer crer ao inimigo que estamos distantes; encontrando-nos longe, temos de fazê-lo pensar que estamos perto. Oferecem-se, pois, iscas para atrair o adversário. Armam-se confusões para o subjugar.

Quando o outro estiver seguro em todos os pontos, é preciso tomar precauções contra ele. Sendo o mesmo superior quanto ao efetivo, é necessário iludi-lo. Se o adversário for de temperamento exaltado, procura-se irritá-lo. Simula-se fraqueza para ele se torne arrogante.

Estando ele inativo, não se lhe dá descanso. Se as suas forças estiverem coesas, procura-se separá-las. Ataca-se, quando o outro não estiver preparado; surge-se onde não se é esperado".[34]

"Daí o ditado: Conhecendo-se o inimigo e a si próprio, a vitória não poderá ser duvidosa; conhecendo-se o Céu e a Terra, será possível tornar completa a vitória".[35]

Na mesma idéia da obra de Sun Tzu existe um manual para esgrimistas escrito, no século XVII, pelo grande espadachim-samurai Myamoto Mushashi, **O Livro dos Cinco Anéis**. Na própria China, uma obra complementar, **Os Trinta e Seis Estratagemas,** escrita dez séculos depois pelo general Tan Daoji, fará tanto sucesso que o ideograma de estratagema, *Zhi,* passa a ter também o significado de sabedoria.

Uma boa síntese do pensamento estratégico pode ser encontrada no pequeno, mas interessante, livro do general Carlos de Meira Mattos, **Estratégias Militares Dominantes**, editado em 1986 pela Biblioteca do Exército, no Rio de Janeiro.

Concluindo temos os geopolíticos clássicos: Friedich Ratzel, Alfred Mahan, Halford Mackinder e Nicholas Spykman. A geopolítica, surgida no século XIX, provavelmente teve a sua origem na geografia política e no projeto político do pangermanismo. Ratzel, professor alemão de geografia, difundiu a idéia, simplificando o seu raciocínio, em que o Estado era um ser orgânico que necessitava de espaço e de expansão. A frase síntese de sua obra poderia ser:

---

[34] SUN TZU. **A Arte da Guerra,** pp. 17-18.

[35] Ibidem, p. 60.

"Espaço é Poder". Por sua vez, Ratzel "derivou" a idéia de von Treitschke sobre o "espaço vital". Treitschke, parafraseando Hegel[36], criou a teoria de que a *"guerra é o único remédio para as nações doentes".*

Engajado no processo de unificação da Alemanha, Ratzel publicou, em 1882, a sua principal obra, **Antropogeografia – Fundamentos da Aplicação da Geografia à História.** O discípulo mais famoso de Ratzel foi o jurista e historiador sueco Rudolf Kjellen, também engajado no ideal pangermanista, que organizou a geopolítica como ciência independente da Geografia e citou o termo pela primeira vez no seu trabalho **O Estado como Forma de Vida.** O livro surgiu em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial. Na década seguinte, o conceito de um Estado vivo, expansionista retornou a Alemanha com as atividades do general Karl Haushofer e deste para Hitler.

A América Latina recebeu, juntamente com as missões alemães, a maior parte destes pensamentos. Entretanto, aparentemente de forma paradoxal, foi o Brasil que apresentou uma produção mais consistente e de amplo de cunho geopolítico, mormente na década de 1920/Estado Novo e no Período Militar[37], sendo que o nosso país recebeu uma missão francesa. Mas os franceses também tiveram os seus grandes geopolíticos, principalmente aqueles que justificaram a expansão colonialista francesa, como o marechal Louis Hubert Gonzalve **Lyautey,** conquistador e administrador de muitas das colônias francesas na África e na Indochina. Também pode ser citado o burguês Joseph Prudhomme, que via a superioridade numérica e econômica como a chave para qualquer vitória de maior peso nas relações internacionais.

Contudo, o pensador que, possivelmente, mais influenciou o avanço da geopolítica e da teoria do poder terrestre foi o inglês Halford Mackinder.[38] As suas idéias básicas são duas: A primeira refere-se a idéia de que a história da guerra na Eurásia responde sempre a um confronto entre uma potência terrestre (o urso) e uma marítima (a baleia). O Egito contra os "Povos do Mar", Atenas e Esparta na Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), magistralmente narrada pelo primeiro grande historiador militar e, por que não, primeiro geopolítico do Ocidente, Tucídides. O Conflito de Roma com Cartago (as Guerras Púnicas) e a infatigável

---

[36] Ver nota 20.

[37] Mario Travassos e Everardo Backheuser no primeiro período; Golbery do Couto e Silva e Meira Matos no segundo.

[38] Para uma visão atualizada das idéias mackinderianas vide: Leonel Itaussu Almeida MELLO, **Quem Tem Medo da Geopolítica?** São Paulo, Edusp/Hucitec, 1999.

luta da Grã-Bretanha contra as sucessivas potências terrestres no continente europeu: Espanha, França, Rússia e, por fim, a Alemanha. Que melhor representante para o urso contra a baleia norte-americana que a extinta URSS? Será que os EUA terão de enfrentar o urso-dragão chinês?

A segunda e mais importante reflexão de Mackinder refere-se a idéia de que existe uma ilha mundial que é a Eurásia/África e duas ilhas menores, as Américas e a Austrália. Quem dominar esta ilha mundial, dominará o mundo. E para conquistar a ilha mundial tem que controlar o seu território coração (*Heartland*), que ele chamou de o **Pivot Geográfico da História.** Este foi o tema da sua famosa palestra, em 1904. Esta área sofreu mudanças nas várias avaliações que Mackinder fez do seu trabalho, mas a porção menor e mais importante corresponde a região situada entre os rios Elba e Vístula. Curiosamente, o avanço soviético na Segunda Guerra Mundial somente parou no Elba.

A nossa preocupação com relação a Mackinder, e a todos os outros geopolíticos e estrategistas aqui citados, está na posição que a América Latina aparece para eles e como as suas idéias foram ou podem ser aplicadas ou entendidas aqui no subcontinente.

Mackinder foi fortemente contestado e, acreditamos, refutado pelos trabalhos de Nicholas Spykman, **A Geografia da Paz**, ainda em 1944 e de Raymond Aron, **Paz e Guerra Entre as Nações**, de 1962. Aliás, a alegoria do urso contra a baleia é idéia de Aron.

Spykman aceitou a maior parte do esquema de Mackinder, mas acreditava que o controle do *Heartland* podia ser anulado pelo domínio dos anéis circundantes deste, principalmente o mais próximo, dentro da Eurásia mesmo, o chamado *Rimland*.

"Em outras palavras, nunca houve na realidade uma esquemática oposição poder terrestre ***versus*** *poder marítimo. O alinhamento histórico sempre foi de alguns membros do* ***Rimland*** *com a Grã-Bretanha contra outros membros do* ***Rimland*** *com a Rússia, ou então Grã-Bretanha e Rússia juntas contra um poder dominante no* ***Rimland.*** *O ditado de Mackinder 'Quem controla a Europa Oriental domina o* ***Heartland;*** *quem controla o* ***Heartland*** *domina a* ***World Island;*** *quem controla a* ***World Island*** *domina o mundo' é falso. Se é para ter um* ***slogan*** *para a política de poder no Velho Mundo, este deve ser: Quem controla o* ***Rimland*** *domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla os destinos do mundo'."*[39]

[39] Nicholas J. SPYKMAN, **The Geography of the Peace**, p. 43. Os grifos são do autor.

A teoria de contenção de Spykman ganhou um grande reforço com o aumento do poder e do alcance dos novos aviões projetados no final da Segunda Guerra Mundial e depois.

Aliás, isto os defensores do poder aéreo já diziam antes de Spykman: o visionário general italiano Douhet em 1921 (!!!) e o major russo, naturalizado norte-americano, Alexander Seversky, durante a fase inicial da Segunda Guerra Mundial. Estes autores e suas idéias serão desenvolvidos no capítulo correspondente ao poder aéreo, **A Vitória pelo Ar.**

O mesmo pode ser dito pelos defensores do poder naval, Alfred Mahan e Julian Corbett, que serão tratados no capítulo **Um Só Dono Tem o Oceano.**

Aron foi ainda mais crítico e levando em conta a derrota daqueles que haviam dominado o **Heartland** nas duas guerras mundiais (a que se pode acrescentar a derrota soviética na Guerra Fria, que Aron ainda não tinha visto, mas na qual queria acreditava), ele parece estar coberto de razão quando afirmou que em *"... 1905, e também em 1919, Mackinder temia que os alemães, vencedores dos eslavos, tivessem condições de unificar a 'terra central' sob uma só soberania, e superar assim as forças do Reino Unido. Via no horizonte a economia de grandes espaços que serviria de base para a potência terrestre, confiante na vitória sobre a potência marítima, pelo peso dos números. (...) Mackinder tinha deduzido desta análise, sobretudo em 1919, certas conseqüências que ofereceu à meditação dos que iam redigir o tratado de paz. Relido em 1960, o geógrafo inglês parece ter tido a pior das sortes possíveis para um conselheiro do Príncipe:* ***foi ouvido pelos estadistas, mas ignorado pelos acontecimentos****."*[40]

Agora, devemos retornar ao campo da ciência histórica propriamente dita e neste sentido consideramos que o livro de Kennedy possui algumas limitações. A primeira delas é a existência de poucos dados para muitas análises e interpretações. A segunda, e de mais difícil aceitação, foi o tratamento dado ao recorte cronológico - ele executou uma caminhada lenta e linear do século XV até o XX da forma mais tradicional possível.

Não é desta forma que pretendemos trabalhar. Como não temos uma série contínua e completa de dados, adotamos a idéia de Marc Bloch sobre ensaio regressivo, escolhendo dentro da lógica da longa duração, os momentos que consideramos privilegiados (períodos próximos a crises econômicas ou conflitos – desde que se tenha os dados correspondentes) para analisar o movimento econômico/demográfico e as suas relações com a capacidade militar. Seguindo, igualmente, os passos de Janice Theodoro, diríamos que a partir da história

[40] Raymond ARON, **Paz e Guerra entre as Nações,** p. 268. Os grifos são nossos.

atual, pretendemos ir constituindo um olhar para o século XIX e, assim, sucessivamente. Também que a *"intenção neste trabalho é, em etapas sucessivas, avançar e recuar de forma com que eu possa analisar as transformações históricas de forma mais dinâmica do que se eu seguisse a ordem cronológica em busca de um sentido ou de sistemas lógicos e contínuos"*.[41]

"Porque o caminho natural de qualquer investigação", escreveu Bloch, *"se faz do mais bem ou do menos mal conhecido para o mais obscuro. (...) Na maioria dos casos, no entanto, os períodos mais próximos coincidem com zonas de relativa claridade. Devemos acrescentar que procedendo mecanicamente de trás para a frente corremos sempre o risco de perder o tempo à caça dos primórdios ou das causas dos fenômenos que depois, à luz da experiência, se revelarão talvez imaginários. Por não terem praticado, quando e onde se impunha, um método prudentemente regressivo é que alguns dos mais ilustres historiadores cometeram, por vezes, erros estranhos. (...) Acontece, e com mais freqüência do que se imagina, que se tenha exatamente de vir até o presente para que a luz se faça. (...) E isto porque só ela podia propiciar as perspectivas de conjunto de que era necessário partir. Não, por certo, que devêssemos, fixada uma vez por todas essa imagem de conjunto, impô-la tal qual a cada etapa do passado, sucessivamente reencontrada da jusante a montante. Neste caso, como noutros, o que o historiador deseja captar é exatamente uma mudança. Mas no filme que observa, só está intacta a última película. Para reconstituir os vestígios apagados das restantes é forçoso, primeiro, desbobinar a película no sentido inverso das filmagens"*.[42]

Acreditamos que esta combinação histórica regressiva/longa duração possa superar os problemas da dialética entre o tempo curto e o tempo longo, atingido uma concordância dos tempos, como sugerido por Michel Vovelle no seu artigo **A História e a Longa Duração**: *"É preciso redefinir, parece-me, essa dialética do tempo curto e do tempo longo: um exercício sem mais segredos para o historiador economista (ou demógrafo), mas que o pesquisador nos domínios da história social e das mentalidades deve encarar. Todavia, uma das razões do bloqueio - provisório, sem duvida – não seria acaso, a dificuldade, entre os diferentes domínios, de encontrar a concordância dos tempos?"* [43]

De qualquer forma, para efeitos práticos e com o objetivo de simplificar as coisas, mesmo quanto trabalharmos "navegando" para frente e para trás no tempo, seria oportuno

---

[41] Janice THEODORO, **Oriente e Ocidente: Transformações Políticos-Econômicas e Convívios Inter-Étnicos,** p. 10.

[42] March BLOCH, **Introdução à História,** pp. 44-45.

[43] In: Jacques LE GOFF, **História Nova,** p. 91.

deixar claro para o leitor que temos em mente uma divisão cronológica padrão, que, segundo o nosso entendimento baliza os grandes eventos da História latino-americana. Esta divisão possui seis períodos: Movimento de Independência (1810/1830); consolidação e montagem dos Estados (conflito conservadores x liberais - 1830/1880); crescimento econômico com a integração na Divisão Internacional do Trabalho (D.I.T. - 1880/1930); crises político-econômicas e populismo (1930/1950); Guerra Fria (1950/1990); "globalização" econômica e multipolaridade política (1990/...).

Este cuidado com os "tempos" e com a escolha dos fatos históricos dentro da estrutura significativa demonstram que a preocupação é de fazer uma pesquisa histórica e não outra coisa qualquer. Afinal, o estudo das estruturas, sem a preocupação com os fatos, não é o objeto da História (Wilson Barbosa). Também não pretendemos fazer uma mistura de tendências teóricas, mas um pouco de flexibilidade e combinação podem dar bons resultados. De acordo com Wilson, temos que o pesquisador não deve *"se limitar a fazer perguntas de seu interesse ideológico, mas apresentar um amplo leque de questionamento, que ultrapasse a vida de relações que se percebe no objeto".*[44]

Outro ponto a ser frisado, e isto parece que não foi ainda amarrado, é que trabalhamos dentro da ótica da História Social e não da História Econômica. Explicando melhor, os dados econômicos servirão para a montagem das explicações (de cunho qualitativo) da capacidade militar e dos conflitos bélicos na América Latina. Igualmente devemos dizer que esta é, basicamente, uma pesquisa teórica, mas que pressupõe uma pesquisa empírica. *"As grandes interpretações da 'Nova História' só foram realizadas sobre temas já explorados pela História Econômica, o que parece indicar que o 'vôo da imaginação' histórico-social se desprende da 'sólida rocha' da explicação histórico–econômica".*[45]

Utilizando WiIson mais uma vez em apoio as nossas posições, encontramos que *"não se pode fazer história econômica sem fazer história social e vice-versa".*[46]

Também é válido lembrar que a nossa intenção foi levantar dados relativos aos gastos e efetivos militares dos vinte países latino-americanos dentro do recorte cronológico já definido, bem como de indicadores demográficos (urbanização, crescimento vegetativo população absoluta, taxa de fertilidade, grupos etários etc) e econômicos (riqueza total, gastos

---

[44] Wilson do Nascimento Barbosa, **História Econômica Como Disciplina Independente,** p. 08.

[45] Ibidem, p. 06.

[46] Ibid, pp. 10-11.

dos governos, crescimento, comércio externo, industrialização etc). Foi em função destes tipos de dados que fizemos a alocação dos capítulos nas três partes que se seguem a este.

Nem tudo foi possível estabelecer, em parte pela dificuldade de acesso ao material tão disperso no tempo e no espaço e em parte pelas dificuldades pessoais de tempo e investimento financeiro necessários a perfeita e total montagem dos dados. Esperamos que outras pessoas possam se interessar pela pesquisa e continuar de onde paramos, suprindo as tantas lacunas que existem nos nossos dados. Todavia, devido ao caráter inédito e pioneiro que acreditamos tenha o nosso trabalho, também consideramos que os dados reunidos são suficientes para estabelecer um núcleo coeso e significativo de relações e conclusões sobre o objeto definido.

Metodologia

Páginas atrás definimos a opção pela História Social, e também deixamos claro que a escolha deste viés seria apoiada em dados da História Econômica e/ou da Demografia Histórica com uma abordagem qualitativa (operando métodos quantitativos simples em apoio) e um método histórico regressivo, vinculado às posturas teóricas já explanadas. Neste ponto pretendemos explanar como operacionalizamos estas questões e mediatizamos posturas, aparentemente, inconciliáveis.

A nossa intenção foi proceder a uma análise teórica e tecer interpretações conclusivas da esfera qualitativa sobre uma base quantitativa, que formam, juntamente com os fatos históricos anteriormente destacados, a matéria-prima deste trabalho. Também consideramos que *"(A) os métodos indutivos e dedutivos se completam, como nos ensinou Frederich Engels; e (B) o uso do número contido na informação facilita ao historiador processá-lo e vinculá-lo, tirando proveito de sua lógica específica de modo que, a partir de um certo ponto de análise e processamento, gera-se para ele todo um campo auxiliar de explicações contidas no material e que, de outra forma, teria a possibilidade de ficar perdido"*.[47]

O material coletado foi classificado em 3 grupos: dados econômicos (PIB ou similar, e os orçamentos nacionais; às vezes dados sobre exportação/importação, industrialização, bem como as referidas taxas de crescimento), demográficos (população absoluta, graus de urbanização e taxas de crescimento vegetativo) e militares (efetivos e gastos, parcelas do orçamento ou da riqueza nacional). Foram montados quadros dos dados destes itens para cada um dos vinte países latino-americanos, a cada década, em uma seqüência serial múltipla. Os

---

[47] Wilson do Nascimento BARBOSA, **Aspectos Teóricos e Metodológicos para Estudo do Processo do Fim da Escravidão no Brasil,** p. 04.

dados da década podem representar as médias dos anos ou de apenas de um deles (escolhido como base).

A coleta destes dados está ligada a análise de fontes primárias e secundárias. As fontes primárias referem-se ao material (documental e/ou estatístico) disponível no Arquivo e no Museu do Exército (Palácio Duque de Caxias e Forte de Copacabana, respectivamente, na cidade do Rio de Janeiro) e no Serviço de Documentação Geral da Marinha (Ilhas das Cobras, também na cidade do Rio de Janeiro). Foi acessado, via Internet e adidos militares brasileiros servindo nos países latinos-americanos, material de arquivos militares dos países vizinhos (nestas fontes primárias encontrarmos parte dos dados militares, ficando os dados dos outros dois grupos para as fontes secundárias – estas ajudaram muito, talvez até mais que as primárias.) Como esta é uma pesquisa teórica, com base empírica, não vemos nenhum óbice neste procedimento.

Outros dois grandes pontos de para levantamento de dados do material de fonte primária foram os anuários britânicos **Statesman's Year-Book** e **Military Balance**.

Talvez o mais importante e completo de todo o material primário aqui utilizado tenha sido o anuário britânico **Statesman's Year-Book: Statistical and Historical Annual of the States of the World.** Publicado, inicialmente, em 1864 e ainda existente. Editado pela Mac Millan and Co. Limited, em Londres, e pela St-Martin's Press, em Nova Iorque.

As edições anuais são bastante completas e fazem um bom levantamento dos aspectos militares e econômicos de todos os países do mundo, inclusive dos latino-americanos. Pode ser considerado, por isto, a espinha dorsal dos dados deste trabalho. Como os números do século XIX e início do XX são considerados livros raros, a dificuldade de acesso aos dados deste período foram difíceis.

As secções de obras raras da **Biblioteca Mario de Andrade**, setor depósito em Santo Amaro, São Paulo; da **Biblioteca Nacional** e da **Biblioteca do Itamaraty**, ambas na cidade do Rio de Janeiro, tiveram de ser várias vezes visitadas.

O anuário **Military Balance** é mais completo que o **Statesman's** no tocante aos pontos estritamente militares, mas somente começou a ser editado em 1969, ou seja, mais de um século depois. E mesmo na sede do seu instituto, em Londres, não pode ser vista muita coisa antes disto. Quase todos os números puderam ser encontrados na biblioteca do Núcleo de Estudos Estratégicos da UNICAMP.

Depois de realizada a coleta de dados com base na análise destas fontes, construímos uma amostragem ou base de dados. A amostragem, na medida do possível, tem a configuração descrita no parágrafo anterior e foi montada com a intenção de ser representada por meio de tabelas e gráficos. Também foi considerado oportuno, e até mesmo imprescindível, a utilização de farto material iconográfico e cartográfico, uma vez que o tema exige um constante acompanhamento dos eventos e das operações militares no tempo e, principalmente no espaço; inclusive, usando, às vezes, mapas bem localizados e com escalas pequenas para melhor retratar a lógica das ações bélicas.

O material técnico e a "estética" militar precisam ver mostrados, igualmente, por meio de fotos e figuras para que a explicação e a compreensão da sua utilização possa ser melhor entendida. O uso de imagens e mapas visa facilitar o estabelecimento das relações gráficas dos dados em uma base de cartográfica, que propicia uma visualização mais simples e direta de entendimento. Os mapas podem apresentar os dados de análises em três formatos: associação de bancos de dados a mapas; análise de dados estratégicos e mapas temáticos.

A associação das formas descritas de apresentação do banco de dados possibilita, portanto, múltiplas formas de visualização destes dados; seja na forma tabular, gráfica ou, ainda, cartográfica, com um número amplo de variantes.

Uma vantagem da construção da mostra de dados nos formatos sugeridos, e respeitando a seqüência serial cronológica, é que ele permite a cobertura de procedimentos mensurados sincronicamente numa extensão temporal progressiva ou regressiva, passo a passo. Ou dizendo melhor, a montagem de quadros decenais *"enfatiza a redução, tanto quanto possível, do 'histórico' através de tipologização, ou seja, sistemas classificativos que padronizam os elementos comuns, ou os componentes de regularidade, lançado fora o resto. Tais métodos sincrônicos são importantes para o entendimento dos processos em estudo, mas não eliminam a necessidade de entender o movimento temporal, a dinâmica do referido processo"*.[48]

Evidentemente que não se conseguiu montar um quadro de amostra totalmente completo. Faltaram, como havíamos seguramente previsto, seqüências temporais ou parte de um momento sincrônico, razão pela qual escolhemos o método regressivo, que permite "saltar" seqüências cronológicas, e fazer montagens e recortes que permitem maior flexibilidade na análise, utilizando somente os momentos mais bem iluminados pelos dados.

---

[48] Wilson do Nascimento BARBOSA, **A História Econômica como Disciplina Independente,** p. 14.

Voltando à questão das variações mensuráveis, se o ponto for escolha de escala, então devemos dizer que usamos, na montagem dos quadros decenais, dois tipos: a de nível ordinal e a de nível de quocientes. Caso o enfoque seja na temporalidade, a escolha, como já foi dito anteriormente, privilegiou o procedimento de hibridismo entre a sincronia e a diacronia.

No tocante a comparação entre os dados com a finalidade de definir posições de poder militar relativo entre os países para que se possa associar a sua posição econômica usamos uma variável do cálculo do poder perceptível adotado por Ray S. Cline. A posição econômica não apresenta dificuldade para que se estabeleça uma clara relação de maior/menor, basta alinhar os valores do Produto Interno Bruto (PIB) ou a renda per capita, conforme o caso, quando estes dados existirem.

Agora, o "cálculo" do poder militar não apresenta tanta simplicidade e o estabelecimento de uma classificação de maior/menor requer uma quantificação mais elaborada. Cline, professor da Universidade de Georgetown, EUA, editou em 1975 um trabalho, **World Assessment – A Calculus of Strategic Drift**, que se propunha a fazer este processo. A sua fórmula era interessante e na sua maior parte de fácil aplicação. Todavia, a fórmula adotada por Cline incorporava um termo subjetivo, o segundo, que era bastante valorativo e que, segundo a nossa percepção, de difícil, quase impossível, quantificação numérica. Para complicar ainda mais o resultado final, este termo era fator multiplicador do primeiro termo.

Assim sendo, decidimos apresentar uma outra proposta para realizarmos os nossos cálculos comparativos entre os países da América Latina, retirando o termo subjetivo, e mantendo apenas os valores objetivamente mensuráveis. Uma outra modificação relevante refere-se a fato de Cline trabalhar com dados objetivos absolutos, enquanto que nós pretendemos trabalhar com dados objetivos relativos. Dizendo de outra forma, acreditamos que é melhor trabalhar com densidade demográfica que com população e território ou renda per capita que com o PIB.

Para que a comparação entre os dois raciocínios fique ainda mais clara colocaremos as duas fórmulas para que as diferenças apareçam melhor:

Cline => Pp = (C + E + M) x (S + W).

Legenda: Pp = Poder Perceptível, C = Massa Crítica (População + Território). E = Capacidade Econômica. M = Capacidade Militar. S = Concepção Estratégica. W = Vontade de realizar a Estratégia Nacional.

Nossa proposta => Pm = D + R + E + T + G.

Legenda: Poder Militar (Pm) = Densidade Populacional (D) + Renda per Capita (R) + Efetivo militar per Capita (E) + Efetivo militar per Fundus (T) + Gasto Militar per efetivo (G).

Os cálculos intermediários de Cline eram muito complicados e os números finais eram muito distantes entre si. Os nossos resultados são representados em uma escala menor, estando numericamente mais próximos entre si e não existe cálculo intermediário. Eles podem, simplesmente, serem somados diretamente, uma vez que o resultado já será comparativo em si mesmo, na mesma proporção. Também se pode fazer a comparação direta, mesmo com a falta de alguns dados, desde que eles sejam da mesma natureza, evidentemente.

Também foi adotada a Base 100 para o resultado final, isto é, o melhor país terá, no máximo, cem pontos. Para isto, cada um dos cinco termos da somatória deverá ter uma Base 20. Isto facilita a visualização dos dados e fornece uma mesma escala para todos os países; e o que é ainda melhor uma base que pode ser representada percentual de forma direta. Mais uma vantagem adicional trata-se do fato de que a ordem dos termos não altera o resultado final, uma vez que esta é meramente a resultante de um processo simples de soma.

Como estamos trabalhando com vinte países, em cada termo basta adotar o melhor resultado como vinte pontos, sendo o número absoluto dos dados dos outros colocados representados de forma proporcional. Por exemplo, caso o Brasil tivesse um efetivo militar de cem mil homens em um dado ano e que este montante fosse o maior contingente na América Latina, então o Brasil teria vinte pontos. Se Cuba tivesse o segundo efetivo numérico absoluto, digamos de oitenta mil homens, então ela somaria dezesseis pontos neste quesito e se o Chile estivesse em terceiro, com cinqüenta mil, teria dez pontos e assim, proporcionalmente, até o vigésimo lugar.

Em casos excepcionais, pode-se adotar uma variante da nossa proposta com dados absolutos, para que se tenha uma visão das grandezas absolutas em comparação. Nesta situação, a fórmula e os seus respectivos termos ficariam assim:

Pma = P + O + T + E + G.

Legenda: Poder Militar Absoluto (Pma) = População (P) + PIB, orçamento do governo ou similar (O) + Território (T) + Efetivo militar (E) + Gasto Militar (G).

Para terminar, devemos relembrar que tomamos como paradigma teórico a tese de Paul Kennedy para tentar responder os nossos postulados e hipóteses. O objetivo foi verificar se o

mesmo esquema explicativo adotado no nível de abrangência sistêmica podia ser reproduzido ou observado em uma das partes, da mesma forma que foi interessante perceber se existe uma lógica nos processos estudados. A idéia é utilizar deste conhecimento como contribuição para ajudar na superação de problemas relativos ao nosso tema aqui na América Latina, a nossa América. Aquela América, utilizando alusões bolivarianas (numa redação livre), de "Repúblicas Aéreas" cuja montagem é um genuíno gesto de "arar o mar." Será que ainda somos Repúblicas Aéreas arando o mar ?!

Explicando melhor, Bolívar, para satirizar alguns de seus opositores, dizia que os seus quiméricos planos de governo somente criariam "Repúblicas Aéreas". Mas os países por ele libertados e a união que surgiu logo depois, foi desmontada alguns meses antes da morte do seu criador, em 1830. Aliás, o próprio Bolívar já tinha percebido isto, tanto que, neste mesmo ano, ele escreveu a um amigo dizendo que *"aqueles que servem a Revolução tem arado o mar"*.[49] Revolução, neste caso, era a Independência e a montagem de países prósperos e soberanos.

[49] John J. JOHNSON, **Simón Bolivar and the Spanish American Independence: 1783-1830,** p. 112

CAPÍTULO 2 –

NASCIMENTO DOLOROSO

"Nascemos, como todas as nações americanas, da guerra e tivemos que pagar um preço, não só o da vergonheira do pagamento pelo reconhecimento estipulado no Tratado, mas o das conseqüências do custo da guerra, dos sacrifícios, do sangue, das mortes". José Honório RODRIGUES. [50]

Rodrigues estava falando do Brasil, mas a sua afirmação de que a guerra foi a genitora do difícil parto das nações americanas é que conduziu à concepção deste capítulo e, mais especificamente, para esta reflexão preliminar sobre a *"Construção da diversidade e conflito militar na América Latina".*

Desta forma, decidiu-se dividir a apresentação desta longa experiência, que foi o "Nascimento Doloroso" da América Latina, em três partes: na primeira, quase que a guisa de introdução aparece a já citada reflexão preliminar, na qual será feita uma abordagem geral sobre a formação dos países latino-americanos ao longo de um século, enquanto que as outras duas partes ficaram centradas no mais importante momento desta constituição; a Guerra de Independência do início do século XIX, analisada pela ótica das operações militares.

A segunda parte propõe-se a analisar de forma conjunta e integrada, no tempo e no espaço, as distintas campanhas de independência ocorridas na América Latina entre 1810 e 1826. Na verdade, são os vários teatros de operações de uma mesma guerra; aquela que opôs os colonos latino-americanos e as suas metrópoles ibéricas. Em suma, nesta segunda parte tem-se a composição de uma visão estratégica e explicativa destes eventos. Ficando para a terceira parte a apresentação tática e descritiva.

Assim sendo, na terceira e última parte aparece uma extensiva e detalhada narração dos fatos que marcaram o contexto deste conflito. É importante realçar que isto nunca foi tentado neste nível, uma vez que a visão nacionalista dos países latino-americanos sempre tendeu a compartimentar as campanhas ou, apresentá-las separadamente, segundo um ordenamento geográfico.

Não é isto que foi realizado aqui. Preferiu-se uma seqüência cronológica de todos os teatros de operações interligados, como se alguém na Espanha da época, por exemplo, estivesse acompanhando e seguindo cada passo da luta em todo o sub-continente. É evidente

[50] **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", p. 277.

que isto aconteceu de fato; os responsáveis pela condução da guerra que estavam na Espanha, ou ainda, o próprio rei Fernando VII fizeram isto e tinham, ou deveriam ter, uma visão de conjunto; uma macro-percepção dos eventos que estava muito acima da perspectiva de muitos patriotas das colônias e ainda para muitos historiadores atuais, acostumados a uma abordagem local e fragmentada da Primeira, e genuinamente, Grande Guerra Latino-Americana.

Parte I

Construção da diversidade e conflito militar na América Latina: uma reflexão.

Celso Furtado afirmou que as nações latino-americanas, exceto o Brasil e o Haiti, tiveram um passado histórico colonial quase idêntico e uma língua comum. Mas pode-se dizer que, além disto, é factível afirmar que todo o sub-continente possuía (e ainda possui) características culturais comuns, como o tronco civilizatório ibérico e a religião católica. Logo, afirma Celso Furtado, *"... longe de interessar-se pelo que existia de comum entre elas, as nações surgidas nas terras de colonização ibérica das Américas procuravam dar ênfase ao que era traço próprio de cada uma, num esforço de definição das personalidades nacionais respectivas".*[51]

De fato, a construção da diversidade nacional ocorreu em detrimento dos aspectos comuns da, genericamente chamada, América Latina. Entretanto, pode-se dizer que este processo não foi uma reação forçada contra a unidade, uma vez que a mesma não era um entrave tão sério assim à especificidade nacional de suas partes. Aquele arcabouço geral comum, falando em outras palavras, possuía contradições intrínsecas que levavam a diferenciação regional, ou seja, a grande e aparente unidade da América Latina colônia, encerrava em seu próprio bojo os seus elementos de negação – os fatores da futura distinção das nações latino-americanas.

Portanto, a construção da diversidade nacional foi o processo sintético daquele choque unidade-especificidade que já existia desde os tempos coloniais, mas que foi agudizado pelo movimento de independência das colônias latino-americanas no início do século XIX. Neste momento, os pontos essenciais desta contradição emergem e os resultados são desordens sociais, lutas políticas, guerras civis e externas e crise econômica Esta crise veio acoplada com o ciclo descendente da economia mundial do período, mas foi agravada – e/ou agravando – pela conjuntura instável da América Latina.

---

[51] Celso FURTADO. **A Economia Latino-Americana.** P. 03.

Temos também, o fenômeno do caudilhismo e da militarização de vários grupos sociais, em um processo a que Alain Rouquié designou de *"militarismo sem militares"*. Passado este período entramos na era da acomodação dos aparelhos estatais e transitamos para o momento da consolidação do Estado e das definições nacionais. Já estamos falando da segunda metade do século XIX, tempo de ascensão dos liberais na América Latina e da integração da mesma ao processo mundial, na já constituída Divisão Internacional do Trabalho (D.I.T). Temos, igualmente, nesta etapa conflitos militares – agora mais ferozes e mais amplos; e é esta a questão: a construção dos Estados, das nacionalidades, e, portanto, a configuração clássica de Estados-Nações foi acompanhada sempre por conflitos militares, talvez porque as dificuldades de consolidação deste processo fossem maiores que, por exemplo, no Velho continente. Na América Latina, ao contrário da Europa, a montagem do capitalismo (com grande capital estrangeiro), a construção do Estado-Nação (não derivado da luta social) e a aplicação do projeto liberal, ocorreram sincronicamente e geraram uma estrutura econômica dependente, governos autoritários e militarização.

Em concordância com este raciocínio, lemos em Ciro Cardoso que a *"... organização do Estado, a afirmação da solidariedade nacional e a delimitação geográfica das fronteiras serão as dimensões políticas e ideológicas fundamentais do freqüentemente longo e turbulento processo de transição.* ***Um extenso trajeto de guerras civis, que remeta à independência, ocasionais choques armados com os países vizinhos e ameaças de invasões estrangeiras são marcos da construção do Estado Nacional.*** *Além dos campos de batalha, das intrigas diplomáticas e das próprias forças econômicas que às vezes precedem aos choques armados,* ***as guerras internacionais operam quase sempre como fortes catalisadores do sentimento nacional.*** *A educação pública, universalizada com as reformas liberais, buscou forjar mais sistematicamente a mentalidade patriótica exigida pela nova ordem aos bons cidadãos. Mas ainda que a ideologia liberal e as novas instituições surjam como uma importação de idéias e instituições similares da Europa ou dos Estados Unidos, não existe senão uma semelhança 'formal' entre os processos liberais europeu e latino-americano".* [52]

Ademais, dos quarenta grandes conflitos ocorridos na América Latina, vinte e sete podem ser classificados no contexto acima referidos e dos sete conflitos que mataram mais de

[52] Ciro Flamarion CARDOSO e Héctor Pérez BRIGNOLI. **História Econômica da América Latina.** Pp. 217-218. Os grifos são nossos.

cinqüenta mil pessoas, somente dois estão fora do período abrangido – a revolução Mexicana e a Guerra do Chaco. Mas estes também podem ser compreendidos na mesma lógica dos outros.[53]

Assim sendo, a existência de uma conexão direta entre os conflitos militares e a construção da diversidade nacional fica claramente estabelecida. Entretanto, esta parece ser a dimensão imediata da questão e a busca da mediação exige um retorno à colocação inicial para um maior aprofundamento.

Em 1800 possuímos na América Latina dez núcleos administrativos coloniais, a saber: um vice-reino português (Brasil), quatro vice-reinos espanhóis (La Plata, Nova Espanha, Nova Granada e Peru) quatro capitanias espanholas (Chile, Cuba, Guatemala e Venezuela) e uma colônia francesa (Haiti), conforme pode ser visualizado no mapa 1.

Mapa 1 – Divisão Política e Administrativa da América Latina Colonial (1800).



Fonte: Adaptado de R. A. HUMPHREYS. **The Evolution of Modern Latin América.** Mapa 7.

[53] Dados tirados de Gaston BOUTHOUL e René CARRÈRE. **O Desafio da Guerra.** Pp. 161-172.

Vinte e nove anos depois, existiam doze unidades políticas autônomas: a Capitania-Geral da Venezuela tinha-se unido com o Vice-Reino de Nova Granada na República da Grã-Colômbia, mas o Vice-Reinado do Rio da Prata tinha-se partido em três (Confederação Argentina e Repúblicas da Bolívia e do Paraguai) e, em 1828, a Província Cisplatina tornou-se a República da Banda Oriental do Uruguai. Logo, pode-se inferir que estas unidades são frutos diretos daqueles núcleos administrativos coloniais. É evidente que a unidade colonial centralizada nas Metrópoles foi rompida e que aqueles núcleos administrativos foram destruídos e/ou transformados, com a exceção de Cuba. Porém, a identificação das unidades é diretamente proporcional e mesmo em uma análise onde a tônica é a transformação das sociedades, mudança e permanência são reflexivas, isto é, estão ligadas e interpenetradas.

Mapa 2 – Divisão Política e Administrativa da América Latina (1825).



Fonte: Adaptado de R. A. HUMPHREYS. **The Evolution of Modern Latin América.** Mapa 8.

Já em 1844 teremos dezoito países independentes e uma colônia espanhola (Cuba). Somente em 1903, com o surgimento da República do Panamá, cristalizou a configuração política atual da América Latina, com os vinte países deste nosso estudo. Um longo caminho, no qual os conflitos militares estiveram sempre presentes e executando o seu papel de afirmação das individualidades estatais. Todavia, os conflitos militares não foram o único

fator desta diferenciação sintética da relação metamórfica de dez núcleos administrativos em vinte países. A compreensão destes elementos é importante para entendermos o processo de formação dos Estados nacionais latino-americanos neste momento de "globalização" da economia e da formação dos blocos supra-nacionais, afinal o conceito de nação é um produto da História e como tal passível de transformação e superação.

Retornando aos elementos diferenciadores acima mencionados teremos, além dos conflitos militares e núcleos distintos de administração colonial; o caudilhismo, o isolamento geográfico de algumas regiões, a pequena interligação econômica, as diferenças de composições étnicas, interesses políticos das elites econômicas locais e a oposição das potencias internacionais; esta última negada por Halperin Donghi, pelo menos no caso da Grã-Bretanha. *"A Inglaterra, ao contrário do que afirmam certas reconstruções históricas muito fantasiosas, não tinha motivos para se opor à constituição de unidades políticas mais amplas, nas quais a sua penetração comercial encontrasse grandes espaços já solidamente pacificados; o exemplo brasileiro demonstra satisfatoriamente como as relações de força permitiriam enfrentar com tranqüilidade as veleidades autonomistas, que poderiam ter surgido no seio dessas chamadas grandes potências".*[54]

Assim colocado, com tantas diferenças internas fica evidente que a América Latina não poderia ter uma unidade política e não conseguiu nem mesmo manter os dez núcleos originais.

Além dessas diferenças, temos o aspecto lingüístico (três idiomas, além das línguas nativas) e a existência de sete blocos distintos de composição étnica: Brasil e Caribe, Argentina e Paraguai, Venezuela e Colômbia, Bolívia e Paraguai, México e América Central, Peru e Equador, e por fim o Chile. Mais ainda, existem três tipos diferenciados de economia de exportação (mineral, produtos agrícolas tropicais e produtos agrícolas temperados) e, atualmente, três estágios de industrialização – avançada, intermediária e incipiente.

Mesmo assim, uma outra questão vem à tona: por que todos estes fatores não fragmentaram a América Portuguesa, mas apenas a Espanhola? É evidente que as nacionalidades portuguesa e espanhola já eram distintas na época e a história da Península Ibérica e da América demonstra que elas não poderiam montar um estado supra-nacional – isto explica o fracasso do imperialismo brasileiro. Mas como a América Portuguesa pode

[54] Túlio Halperin DONGHI, **História da América Latina,** p. 131.

manter-se unida e formar um só Estado-Nação, o Brasil, enquanto que a América Espanhola fragmentava-se?

Existem várias explicações e muitos elementos são acoplados para confirmá-las. Vejamos um grupo deles, comuns em várias abordagens: centralização administrativa colonial (um só vice-reino), estada da Corte Portuguesa no Brasil antes da Independência (segundo Leon Pomer isto significava que o Brasil antes de construir a sua nacionalidade e independência, já tinha construído o Estado), processo de independência conservador e menos violento que na América Espanhola, existência de um centro econômico dinâmico e exportador (café no Sudeste) capaz de aglutinar o processo político, bem como o desenvolvimento econômico. Além disto, o choque entre os conservadores e os liberais foi menor que nos outros países hispano-americanos.

A explicação clássica de Celso Furtado sobre o papel galvanizador da mineração brasileira no século XVIII, diferente do efeito atomizador da crise da mineração hispano-americana, é atacada por Ciro Cardoso, argumentando que a mineração de prata na América Espanhola também teve uma recuperação no século XVIII e que a questão central é a da mão-de-obra: a dinâmica da escravidão negra foi muito mais monolítica e inflexível que a da servidão indígena.

De qualquer forma, é oportuno finalizar esta parte do capítulo com duas citações:

"Em uma palavra, para os propósitos de análise, o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os estados e os nacionalismos, mas sim o oposto".[55] E o nacionalismo é uma ideologia do século XIX ...

"A guerra de independência confirmara as divisões internas da América Espanhola do período colonial e criara outras mais, os eventos históricos romperam com a unidade, ademais recente, do vice-reinado do Rio da Prata. Na América Central, o processo de fragmentação devia continuar ainda depois de 1825, com a dissolução das Províncias Unidas da América Central, ocorrida em 1841 e com a secessão do Panamá da Colômbia, ocorrida no século XX num contexto histórico bastante diverso. Mais que do desmembramento da América Espanhola, deve-se falar – em relação ao período posterior à independência – da incapacidade de superá-lo, como foi demonstrado pelo insucesso das tentativas de

[55] Eric J. HOBASB AWN. **Nações e Nacionalismos.** P. 19.

reorganização voltadas para superar os limites territoriais herdados dos velhos vice-reinados, presidências e capitanias; a tentativa mais importante foi realizada por Bolívar".[56]

Falando de "El Libertador" sempre vem à mente a frase da sua proclamação aos peruanos em 1824: ***"O campo de batalha dirá a quem pertence o Peru, se aos filhos do acaso ou aos filhos da glória".***

Ele estava pensando nos espanhóis e nos patriotas. Mas pode-se dar uma maior abrangência à sua colocação: de que a guerra foi um dos fatores de definição dos Estados-Nação na América Latina e assim a mãe dos peruanos, argentinos, mexicanos, brasileiros etc: será que já somos os filhos da glória?!

Parte II

A Guerra Latino-Americana de Independência: uma Visão Estratégica.

> *"As pessoas freqüentemente dizem: os números governam o mundo. Porém, que eu saiba, os números nos ensinam se ele é governado bem ou mal. Mas o correto mesmo seria, os números relevam o que ele pode vir a ser".* Johann Wolfgang von GOETHE.

Os números e a quantificação dos dados podem até não fazer o que Goethe sugeriu, mas tornam-se excelentes elementos para ajudar a análise. Ainda mais se eles forem integrados em um modelo teórico explicativo como o que foi proposto neste trabalho, dentro do capítulo sobre Teoria. As fórmulas sugeridas nas páginas vinte e oito e vinte e nove daquele capitulo pode ser aplicada agora, pela primeira vez. A intenção é fazer um levantamento do potencial das regiões coloniais latino-americanas para ver como elas se apresentavam às vésperas do movimento de independência. Para maior efeito de comparação os dados sobre os Estados Unidos da América também foram acrescentados, uma vez que eles tinham sido igualmente colônias e também tinham lutado, recentemente, pela sua emancipação política contra uma metrópole européia.

A montagem dos dados da fórmula, cujos resultados serão mostradas na forma de tabelas comparativas, exigiu a reunião de uma miscelânea de fontes. O primeiro problema encontrado foi o das áreas das regiões. E a solução adotada foi a de partir das áreas atuais e ir acrescentando ou tirando territórios que ao longo do tempo de vida nacional foram sendo

[56] Túlio Halperin DONGHI. **História da América Latina.** Pp. 141-142.

transferidos. Um exemplo: o México atual é apenas uma pálida imagem do que foi o, então, Vice-Reinado da Nova Espanha. Como chegar a uma contagem bastante realista da área anterior se os dados não eram precisos? Basta acrescentar à área do atual México, os atuais estados norte-americanos do Arizona, Califórnia, Nevada, Novo México, Utah e Texas. Não se deve esquecer de subtrair a área do atual estado mexicano de Chiapas, que na época pertencia a Capitânia Geral da Guatemala.

A área dos Estados Unidos da América corresponderia somente a atual área de trinta e nove dos seus estados. Os onze, que seriam subtraídos, são: os seis já citados, adquiridos ao México; quatro negociados com a Grã-Bretanha (Havaí, Idaho, Oregon e Washington) e o Alasca (Rússia).

No caso brasileiro tem-se a área atual subtraída dos territórios conseguidos no período imperial e, depois, com a República.[57]

O restante da América Espanhola passa, a ser então, o total atual da América do Sul menos as áreas das Guianas atuais e do Brasil da época. Sobre este resultado parcial deve se acrescido o montante das áreas da América Central (ampliada com Chiapas), de Cuba, da República Dominicana e de Porto Rico.

Os dados populacionais e de renda (ou aquilo que hoje seria chamado de PNB – Produto Nacional Bruto) foram extraídos do item *"O Tesouro dos Tesouros"* do volume três (O Tempo do Mundo) de Fernand Braudel.[58]

Os custos da guerra de independência no México foram extraídos da obra de Robert Scheina, na América Espanhola a fonte foi Pierre Chaunu e para Brasil e EUA tivemos José Honório Rodrigues. Este último autor também foi o responsável pelas informações sobre o efetivo máximo adotado por cada região.[59]

Assim sendo, temos as tabelas completas, como se pode ver a seguir.

Tabela 1 – Regiões Latino-Americanas (1810). Dados absolutos (em valores normais)

Região	Área	População	PNB	Gastos	Exército
Nova Espanha	4.118.452	6	400	320	90
América Espanhola	10.873.728	10	400	160	35
E. U. A.	4.964.073	7,2	1.100	114	20

[57] Enrique PEREGALLI. **Como o Brasil ficou assim?** Pp. 13 e 92.

[58] **Civilização Material, Economia e Capitalismo (Secs. XV-XVIII).** Pp. 389/390.

[59] Robert SCHEINA. **Latin America´s Wars.** Vol 1, p.84. Pierre CHAUNU. **América e as Américas**. P. 191. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", p. 274 e o capítulo 10 (pp. 281-9) para os efetivos militares.

Brasil	7.257.403	3,5	180	63	26

Legenda: Área em Km²; População em milhões de habitantes; PNB e Gastos em milhões de dólares; Exército em milhares de homens.

Tabela 1a – Regiões Latino-Americanas (1810). Dados absolutos (em Base 20)

Região	Área	População	PNB	Gastos	Exército	TOTAL
Nova Espanha	7,58	12,00	7,27	20,00	20,00	66,85
América Espanhola	20,00	20,00	7,27	10,00	7,78	65,05
E. U. A.	9,13	14,56	20,00	7,12	4,44	55,25
Brasil	13,35	7,00	3,27	3,94	5,78	33,34

Os dados absolutos indicam que a região mais bem dotada com potencial para desenvolver uma boa capacidade militar seria a Nova Espanha (México). O seu índice final quase atingiu a marca de 2/3 do total possível (100 pontos) o que é um muito bom resultado. Os outros países que compunham a América Espanhola (dezoito) vêm logo a seguir. Os EUA estão em terceiro com um índice ainda bom e o Brasil está em quarto lugar com um percentual reduzido de 1/3.

Mas como nem sempre os dados absolutos conseguem potencializar de forma rápida e efetiva os dados concretos em poder é recomendável olhar os dados de forma relativa. Na nossa opinião estão números relativos expressam melhor o que se poderia chamar de melhor adequação do potencial para a montagem de um poder efetivo.

Tabela 2 – Regiões Latino-Americanas (1810). Dados Relativos (em valores normais)

Região	Densidade	Renda	E/P	E/T	G/R
Nova Espanha	1,45	66,66	1,5	21,85	0,8
E. U. A.	1,46	151	2,75	4,03	0,1
América Espanhola	0,92	40	3,5	3,22	0,4
Brasil	0,48	51	7,43	3,58	0,35

Legenda: Densidade=hab/Km²; Renda=PNB/População; E/P=Efetivo militar/1000 habitantes; E/T=Efetivo militar/1000 Km²; G/R=Gastos/PNB.

Tabela 2a – Regiões Latino-Americanas (1810). Dados Relativos (em Base 20)

Região	Densidade	Renda	E/P	E/T	G/R	TOTAL
Nova Espanha	19,86	8,83	20,00	20,00	20,00	88,69
E. U. A.	20,00	20,00	3,66	3,69	2,5	49,85
América Espanhola	12,60	5,30	4,66	2,95	10,00	35,51
Brasil	6,57	6,75	9,90	3,27	8,75	35,24

A situação não mudou muito para o Brasil e os EUA. Eles quase mantiveram os mesmos índices anteriores, se bem que os EUA passaram a ser o segundo da lista. Notável é o aumento da Nova Espanha (México) e ainda mais impressionante a redução da América Espanhola, de quase a metade.

Mas o que isto significa, ou pode significar, em termos de estratégia militar?

Que, tanto em termos absolutos quantos relativos, a Nova Espanha (México) era a região que tinha as melhores condições para conduzir um conflito militar. No outro extremo, aparece o Brasil.

A obviedade desta colocação levanta, entretanto, algumas dúvidas: por que, então, o México demorou a conseguir a sua independência? Por que ficou tão fraco depois de tê-la alcançado? E, por comparação, o Brasil?

Antes de responder estas considerações diretamente é necessário que se façam algumas afirmações gerais. Em primeiro lugar, a Guerra de Independência na América Latina não foi uma guerra monolítica dos colonos contra as suas Metrópoles; ao contrário, ela foi uma genuína guerra civil. Leon Pomer vai ainda mais longe; diz que ocorreram duas guerras concomitantemente, pelo menos no norte da América do Sul, a dos centralistas contra os autonomistas e a dos patriotas contra os realistas.[60] Muitos colonos lutaram a favor das Coroas Ibéricas. A guerra também não marcou uma oposição clara entre os segmentos sociais e raciais do Novo Mundo. Em outras palavras; muitos pobres, negros, índios e escravos lutaram contra as independências nacionais.

Em segundo lugar pode-se afirmar que, e isto talvez seja o mais importante, os recursos locais foram utilizados, muitas vezes, pelos combatentes realistas. Afinal, a estrutura legalmente montada estava nas mãos deles e assim a riqueza das colônias mais ajudava a criar uma boa capacidade de repressão que facilitava o movimento de independência. É esta situação que explica, em parte, a capacidade dos dois mais ricos núcleos da colonização espanhola na América, México e Peru, terem sido os pontos de maior resistência ao movimento de independência.

É evidente também, e isto compõe um dos mais inteligentes preceitos da estratégia militar, que na impossibilidade de se defender tudo o que se precisa, o mais sensato é defender aquilo que é mais importante.

Assim sendo, parece razoável e lógico aceitar a situação contrária; que as áreas periféricas serão aquelas que representam uma menor capacidade de serem defendidas pelas Coroas Ibéricas, logo serão as regiões em que o movimento de independência será precoce e apresentará maior possibilidade de êxito, como por exemplo, Argentina, Paraguai e Venezuela.

[60] **As Independências na América Latina.** Pp 77 e 78.

A situação acima descrita foi o padrão do movimento desde 1810 até 1817, o que representa, aproximadamente, a metade do período da "Grande Guerra de Independência Latino-Americana" que durou até 1824, com a vitória dos patriotas em Ayacucho, e 1826, quando os últimos pontos-fortes espanhóis foram tomados.

No segundo período, a Espanha percebeu que as colônias rebeldes da periferia poderiam ser uma séria ameaça aos seus sólidos núcleos centrais, como o movimento concêntrico de pinças sobre o Peru feito, posteriormente, por Bolívar, vindo do norte, e por San Martin, pelo sul, acabou indicando. Assim, a Espanha decidiu organizar uma contra-ofensiva nestas áreas imediatamente à retirada das tropas francesas que haviam ocupado o país. Até então, estava bastante reduzida a capacidade da Espanha em controlar, com meios e recursos oriundos da própria Metrópole, o movimento na América.

Quando Fernando VII retomou o trono (em março de 1814) já tinham sido enviados para a América quinze mil, seiscentos e trinta e seis soldados espanhóis, sendo que quatro mil, quinhentos e vinte e quatro (28,93 %), o maior grupo, foi remetido para o Vice-Reino de La Plata, sobretudo para Montevidéu.[61] No total foram enviados para as cinco regiões quarenta e sete mil e oitenta e um militares espanhóis. Como já foi dito, quase um terço deles (33,21%) até 1814.

Do total geral, a Nova Espanha recebeu sete expedições com nove mil, seiscentos e oitenta e cinco homens (maior que a média, que é de nove mil, quatrocentos e dezesseis) ou 20,57 %. As Antilhas (Caribe) com seis expedições em dois portos receberam sete mil, duzentos e trinta e três homens ou 15,36 %. O Peru com cinco expedições recebeu seis mil, cento e vinte e dois homens ou 13,00 %. La Plata recebeu quatro mil, quinhentos e vinte e quatro homens (9,61 %) também em cinco expedições. Contudo, o maior contingente foi remetido para Nova Granada em nove expedições para cinco portos diferentes. Neste caso foram dezenove mil, quinhentos e dezessete homens ou 41,46 %. Na somatória geral foram trinta e duas expedições (média de 6,4 para cada região) para dez portos (média de dois para cada área).

Essa contabilidade pode ser mais bem visualizada na tabela abaixo.

Tabela 3 – Expedições Militares Espanholas na Guerra de Independência.

Região	Número de soldados	Percentual	Expedições	Portos
La Plata	4.524	09,61	5	1
Peru	6.122	13,00	5	1

[61] Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 440, nota 14.

Caribe	7.233	15,36	6	2
Nova Espanha	9.685	20,57	7	1
Nova Granada	19.517	41,46	9	5
Total	47.081	100,00	32	10

Fonte: Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 446, nota 58.

Portanto, quase metade das tropas metropolitanas tiveram como destino a região de Nova Granada. Isto reforça a idéia de que os núcleos mais ricos estavam bem consolidados e que o movimento de Bolívar era visto como a grande ameaça a estabilidade do poder espanhol no Novo Mundo.

Uma vez dadas as considerações gerais, deve-se voltar as perguntas sobre o México e o Brasil. O movimento radical de Hidalgo e Morelos foi derrotado cedo e rapidamente. A independência do México somente veio em 1821 e foi proclamada por um oficial mexicano que até então tinha sido um dos mais ardorosos defensores da Espanha, Agustín Iturbide. Inclusive, ele foi o oficial que prendeu Morelos e organizou o fuzilamento do padre no final de 1815. Nesta época, como coronel ele já era o segundo no comando das forças realistas em Nova Espanha.

Como, então, um rico oficial mexicano, lutador feroz e leal da causa espanhola, pode proclamar a independência do México? Ora, como pode emancipar o Brasil o digno filho do rei da Metrópole portuguesa? Por que o nosso Pedro I depois que retornou a sua terra natal, em 1830, tornou-se rei de Portugal como Pedro IV e foi considerado um herói pelo povo lusitano?

Aparentemente a explicação é mesma para as duas questões. Radicalizando o discurso, pode-se até falar que a explicação é válida para quase todos os países que nasceram na América no início do século XIX.

Fernando VII retomou a coroa espanhola em 1814 e governou, de forma absoluta, até 1820. Em Portugal, a situação era diferente, uma vez que a família real portuguesa tinha transmigrado para o Brasil em 1807, quando da invasão francesa em Portugal. Seja fugindo de Napoleão ou cedendo às pressões inglesas para esta viagem, o fato é que o Brasil passou a ser, então, a sede da monarquia portuguesa. E assim foi até 1821.

Parece não haver nada em comum com a situação das duas coroas ibéricas neste período, mas o que veio a seguir foi um processo que pode ser chamado de comum. Em janeiro de 1820, o general Riego y Núñez decretou o Governo Constitucional Liberal na Espanha. Aliás, este general era o comandante das tropas que seriam enviadas para a guerra

na América. O estopim da revolta que gerou o novo governo foi exatamente este: as tropas não queriam ir lutar no Novo Mundo.

Como conseqüência direta do movimento espanhol, ocorreu a revolta liberal da cidade do Porto, sete meses depois. Os liberais portugueses estavam contra o governo militar inglês em Portugal e exigiram a volta do rei, D. João VI, para Lisboa. No retorno para Portugal, D. João teve de aceitar as ordens das Cortes Portuguesas (o novo parlamento), mas tinha deixado no Brasil o seu filho como príncipe regente.

Na Espanha, também Fernando VII teve de aceitar o novo regime liberal e fingiu respeitá-lo. Contudo, secretamente, negociava com as tropas da Santa Aliança a derrubada do governo liberal. O que foi alcançado em abril de 1823, quando mais uma vez as tropas francesas invadiram o país. Só que desta vez foram bem recebidas e Núñez, o general liberal, acabou no cadafalso. Apenas um mês depois o governo liberal também caia em Portugal.

Bem, dos dezoito países latino-americanos que fizeram a sua independência no início do século XIX, onze o fizeram neste período em que os liberais estavam no comando das metrópoles ibéricas. É tentador aceitar a teoria de José Honório Rodrigues de que o movimento de independência na América Latina não foi uma revolução como no caso dos Estados Unidos da América, mas uma contra-revolução. Um movimento conservador, ou até mesmo reacionário nos casos em que as elites coloniais revoltaram-se contra o regime liberal recém instalado nas Metrópoles e não contra as Metrópoles propriamente ditas.

Estes foram os casos, certamente, de Brasil e México. No mesmo mês em que Iturbide criou o México independente e monarquista (ele tornou-se o imperador Agustín I), três países da América Central (El Salvador, Guatemala e Honduras) também seguiram o caminho da emancipação. No mês seguinte foi a vez da Costa Rica e da Nicarágua. O ano de 1821 também conheceu as independências de Equador, Peru e Venezuela. No ano subseqüente, ocorreu a proclamação da independência do Haiti Espanhol (depois chamado de República Dominicana) e do Império Brasileiro. Mas não eram San Martín e O'Higgins oficiais com formação militar espanhola? Não foram eles politicamente conservadores, sendo o primeiro, inclusive, monarquista e defensor da idéia de oferecer as colônias libertadas para um príncipe europeu?

E o que falar de Bolívar? O homem que lutou ao lado de Mirada na primeira década do século e fez a *"Campaña Admirable"* de 1813 será o mesmo que o de 1830, ano em que

morreu? Conforme Túlio Halperin Donghi[62] ele fez a trajetória, aliás, bastante comum, de radical a conservador. Ele, ainda segundo Donghi, fracassou porque as elites não gostavam do seu centralismo militarista e os militares o achavam pouco militar. Na busca de uma solução de compromisso, ele se perdeu.

Entretanto, arrolar San Martín e, principalmente, Bolívar na lista dos contra-revolucionários é extremamente audacioso e, talvez seja, também bastante injusto com os grandes líderes da condução militar do movimento de libertação do continente americano no começo dos oitocentos. Afinal, foram anos de luta contra o domínio espanhol na América. Os dois grandes cabos de guerra latino-americanos ganharam o respeito e a admiração de todo o continente. Em um livro recente sobre os Cem mais importantes e influentes militares de todo o mundo em todos os tempos[63], Bolívar figura em décimo segundo lugar (espetacular posição, ainda mais que o livro é de um estado-unidense muito conservador e chauvinista!) e José de San Martín está posicionado 40 lugares depois (52º).

A posição de Bolívar ganha ainda mais importância ao considerar que ele não era um militar de carreira como San Martín. O conhecimento guerreiro de Bolívar foi empírico, aprendido nos campos de batalha. Como em todos os outros pontos, também na área militar a percepção dos dois chefes não era coincidente. De um ponto de vista estratégico, existem grandes diferenças entre as visões de Bolívar e San Martín. E parece ser relevante fazer algumas observações a respeito.

Comparando as grandes campanhas de cada um, Chile-Peru com San Martín e Grã-Colômbia com Bolívar, tem-se a forma básica de atuação de San Martín, uma manobra de ala buscando envolver o inimigo, contra a de Bolívar, manobra central em linhas interiores. Explicando melhor, San Martín pretendia quebrar o poder espanhol na América atacando o seu ponto mais forte, ou seja, o Peru (que, na época, englobava a Bolívia também). Porém, ao contrário dos seus compatriotas, inclusive Belgrano, não tentou um ataque direto via norte da Argentina-Bolívia, mas atuar sobre a cordilheira dos Andes no eixo leste-oeste para libertar o Chile e depois atacar o Peru pelo mar e pelo sul.

A estratégia de San Martín era muito mais audaciosa que a de Bolívar e mais correta, como o próprio Bolívar teve de admitir posteriormente. Aliás, foi o próprio *Libertador* e o seu

---

[62] **História da América Latina.** Capítulo dois: *A Crise da Independência.* Pp. 63-111.

[63] Michael Lee LANNING. **Chefes, Líderes e Pensadores Militares.** Pp. 63 e 231.

lugar-tenente, Sucre, que irão completar a idéia de San Martín. Inicialmente, Bolívar propunha-se apenas libertar o norte da América do Sul. Atacando no centro do vice-reinado (onde, atualmente, é a Colômbia), conseguiu criar uma base sólida de atuação contra a Venezuela e o Equador. Somente depois disto é que Bolívar percebeu que a sua vitória somente estaria assegurada, de forma completa, se também o vice-reinado do Peru fosse libertado. E assim surgiu a grande manobra de pinças sobre o Peru.

Mapa 3 – O Movimento de Pinças sobre o Peru.



Fonte: Victor CIVITA (ed). **História das Civilizações.** Vol V, p. 12.

O custo da guerra de libertação na região andina foi muito alto. Mas apenas a metade do que foi no México. O Brasil gastou cinco vezes menos que na região dos astecas. Mas o que explica o repentino empobrecimento da América Espanhola em relação ao Brasil e, principalmente, aos EUA não é o gasto em sim mesmo, mas o que ele representou em termos de destruição física. Em outras palavras, o Brasil e os EUA tiveram de pagar a guerra com o que produziam, mas na América Espanhola o pagamento foi feito às custas da desmontagem e devastação da própria capacidade produtiva, inclusive em número de vidas humanas.

Um outro fator importante foi a militarização da sociedade e a ocupação dos postos da administração civil pelos chefes bélicos devido a intensidade e longevidade dos conflitos na América Espanhola em contrate com os EUA e, mormente, com o Brasil. O fenômeno desagregador do *Caudilhismo* hispano-americano foi diretamente acarretado pelas condições acima descritas e somente contribuiu para piorar ainda mais a instabilidade política e econômica dos novos países na América Espanhola.

Dito isto, a explicação fecha o círculo sobre as considerações levantadas pelas tabelas 1 e 2. Agora, a condução desta explanação seguirá para o que se chama, no jargão militar, de nível operacional, isto é, a forma de como a guerra foi realizada, materializando esta condução em batalhas, o ponto militar por excelência.

Contudo, para fazer esta análise foi preciso, antecipadamente, montar um quadro geral com as principais batalhas ocorridas no sub-continente durante o período considerado. O número escolhido de ações bélicas foi de trinta e a premissa básica foi a de que se tivessem quinze vitórias para cada lado, com o intuito de se fazer uma comparação com números inicialmente iguais. O que se pretende comparar então é a distribuição destas vitórias no tempo, no espaço e os diferentes resultados alcançados por atacantes e defensores.

Esta forma original e pormenorizada de análise das guerras pelo estudo detalhado de suas batalhas foi sugerida pelo coronel Trevor Dupuy, o grande teórico dos índices de combate organizados pela OTAN, no seu livro **The Evolution of Weapons and Warfare.**[64] Todavia, a montagem deste quadro para o estudo na América Latina nunca foi realizada, ainda menos no estudo integrado e comparativo das diversas campanhas da independência.

Tabela 4 – Efetivos nas batalhas do Vice-Reino da Nova Espanha
(5 batalhas = 4 vitórias realistas x **1 vitória patriota).**[65]

[64] Veja as tabelas de batalhas nas páginas 335-6.

[65] Tabelas 4 e 4a montadas com os dados de: Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo cinco, pp. 71-84. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", capítulo dez (pp. 281-9). E Leslie BETHEL. **História da América Latina.** Volume III, pp. 86-91.

C	Nome	Data	A/D	Nº A	Nº D	Nº A/D
2	Las Cruces	30/10/1810	P/R	80000	7000	11,43
3	Aculco	07/11/1810	R/P	15000	40000	0,37
4	**Tres Palos**	**04/01/1811**	**R/P**	**1000**	**3000**	**0,33**
5	Calderón	17/01/1811	R/P	6000	80000	0,07
10	Puruarán	05/01/1814	R/P	3000	5000	0,6

Legenda: C = número na ordem cronológica das trinta batalhas. A/D = seqüência entre Atacante e Defensor; R = Realistas; P = Patriotas. Esta legenda é válida também para as tabelas 5, 6, 7, 8 e 9.

Tabela 4a – Baixas nas batalhas do Vice-Reino da Nova Espanha
(5 batalhas = 4 vitórias realistas x **1 vitória patriota).**

C	Nome	Data	A/D	b A	b D
2	Las Cruces	30/10/1810	P/R	4000 (2000M2000F)	2500
3	Aculco	07/11/1810	R/P	2 (1M1F)	- x -
4	**Tres Palos**	**04/01/1811**	**R/P**	**200 M**	**1100 (400M700P)**
5	Calderón	17/01/1811	R/P	193 (49M134F10P)	1000 M
10	Puruarán	05/01/1814	R/P	- x -	1300 (600M700P)

Legenda: A/D = seqüência entre Atacante e Defensor; bA = Baixas dos Atacante; bD = Baixas dos Defensores. M = Mortos; F = Feridos; P = Prisioneiros. Esta legenda é válida também para as tabelas 5a, 6a, 7a, 8a e 9a.

Mapa 4 – As Conquistas de Hidalgo e Morelos no México.



Fonte: Adaptado de C. A. WILGUS. **The Development of Hispanic América.** P. 283.

As tabelas 4 e 4a cobrem o período das lutas de Hidalgo e Morelos, que é o mais importante e já mostram claras diferenças entre eles: Hidalgo, apesar de ser um grande leitor de História Militar e demonstrar grande conhecimento e prática na difícil arte de fundir canhões, não conseguiu associar os seus conhecimentos teóricos com a prática de batalha e foi sempre derrotado quando ia para um confronto aberto. Confiava no fervor e no grande número de seus seguidores. A batalha de Aculco revelou o quanto ele estava errado. Com apenas duas baixas os realistas conseguiram debandar e aprisionar milhares de seus seguidores. Morelos, diferentemente, preferia um número menor e bem treinado de combatentes e conseguiu a única grande vitória patriota nos campos de batalha da independência do México. Além disso, ele tinha uma organização política e administrativa melhor e a maioria dos seus eram mestiços e não índios como no caso de Hidalgo.

Tabela 5 – Efetivos nas batalhas do Vice-Reino da Nova Granada eVenezuela (7 batalhas = 5 vitórias patriotas x 2 vitórias realistas**).**[66]

C	Nome	Data	A/D	Nº A	Nº D	Nº A/D
11	**La Vitoria**	**12/02/1814**	**R/P**	**3400**	**800**	**4,25**
12	La Puerta	15/06/1814	R/P	3000	3000	1
16	El Semen	17/03/1818	R/P	3000	2000	1,5
19	**Boyacá**	**07/08/1819**	**P/R**	**3200**	**3000**	**1,06**
20	**Carabobo**	**24/06/1821**	**P/R**	**6300**	**5000**	**1,26**
22	**Bomboná**	**07/04/1822**	**P/R**	**3000**	**2200**	**1,36**
23	**Pichincha**	**24/05/1822**	**P/R**	**2800** [a]	**1400** [a]	**2**

[a] Ou 3,185 patriotas (2704inf, 398cav e 83 art) e 1844 (1385inf, 339cav e 120art).

Tabela 5a – Baixas nas batalhas do Vice-Reino da Nova Granada eVenezuela (7 batalhas = 5 vitórias patriotas x 2 vitórias realistas**).**

C	Nome	Data	A/D	b A	b D
11	**La Vitoria**	**12/02/1814**	**R/P**	**500(1000M400F)**	- x -
12	La Puerta	15/06/1814	R/P	- x -	1200M *
16	El Semen	17/03/1818	R/P	600	800
19	**Boyacá**	**07/08/1819**	**P/R**	**13M13F**	**200M1600F**
20	**Carabobo**	**24/06/1821**	**P/R**	**200M**	**2786**
22	**Bomboná**	**07/04/1822**	**P/R**	**459(116M343F)**	**250**
23	**Pichincha**	**24/05/1822**	**P/R**	**158(91M67F)**	**600(200M400F)**

* Muitos deles depois de serem aprisionados.

[66] Tabelas 5 e 5a montadas com os dados de: Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo dois, pp. 20-40. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", capítulo dez (pp. 281-9). E Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Capítulos dois, três e sete.

A seqüência final das grandes vitórias de Bolívar não poderia ficar de fora, mas também constam dois de seus grandes desastres. E estes sempre as portas de Caracas, onde ele continuou insistindo e alcançou a sua melhor marca, a batalha de Carabobo, a mais relevante na região.

Mapa 5 – As Campanhas de Bolívar no norte do continente.



Fonte: Victor CIVITA (ed). **História das Civilizações.** Vol V, p. 12.

Tabela 6 – Efetivos nas batalhas do Vice-Reino de La Plata
(6 batalhas = 3 vitórias realistas **x 3 vitórias patriotas).**[67]

C	Nome	Data	A/D	Nº A	Nº D	Nº A/D
1	Cotagaita	27/10/1810	P/R	1500	2000	0,75
6	**Tucuman**	**24/09/1812**	**R/P**	**3400**	**1800**	**1,89**
7	**San Lorenzo**	**03/02/1813**	**P/R**	**120**	**250**	**0,48**
8	**Salta**	**20/02/1813**	**P/R**	**3700**	**3400**	**1,09**
9	Ayohúma	14/11/1813	R/P	3500	3400	1,03
14	Sipe-Sipe	29/11/1815	R/P	5100	3500	1,46

[67] Tabelas 6 e 6a montadas com os dados de: Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo três, pp. 41-53. Jay KINSBRUNER. **Independence in Spanish America.** P. 56. E Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Capítulo quatro, pp 71-90.

Tabela 6a – Baixas nas batalhas do Vice-Reino de La Plata
(6 batalhas = 3 vitórias realistas **x 3 vitórias patriotas).**

C	Nome	Data	A/D	b A	b D
1	Cotagaita	27/10/1810	P/R	- x -	- x -
6	**Tucuman**	**24/09/1812**	**R/P**	**453M**	**65M**
7	**San Lorenzo**	**03/02/1813**	**P/R**	**4 M**	**54 (40M14P)**
8	**Salta**	**20/02/1813**	**P/R**	**546 (103M443F)**	**594(480M114F)***
9	Ayohúma	14/11/1813	R/P	- x -	3000
14	Sipe-Sipe	29/11/1815	R/P	230 (32M198F)	1000

* Todos os outros realistas foram aprisionados.

Aqui o determinante parece ter sido o fator geográfico. Enquanto os patriotas dominam as planícies e os pampas, os realistas controlam facilmente o altiplano boliviano, provavelmente porque os “argentinos” teimavam em executar ataques diretos vindos do sul, isto é, tendo que subir o altiplano frontalmente as tropas e armas realistas. Foi esta estratégia equivocada que San Martín evitou ao planejar e executar o seu, já aqui citado, ataque ao Chile.

Tabela 7 – Efetivos nas batalhas do Vice-Reino do Peru
(4 batalhas = 2 vitórias realistas **x 2 vitórias patriotas).**[68]

C	Nome	Data	A/D	Nº A	Nº D	Nº A/D
21	Ica	07/03/1822	R/P	2000	1600	1,25
25	Torata	19/01/1823	R/P	5000	3500	1,43
29	**Junín**	**06/08/1824**	**R/P**	**1300**	**900**	**1,44**
30	**Ayacucho**	**09/12/1824**	**R/P**	**9310**	**5780**	**1,61**

Tabela 7a – Baixas nas batalhas doVice-Reino do Peru
(4 batalhas = 2 vitórias realistas **x 2 vitórias patriotas).**

C	Nome	Data	A/D	b A	b D
21	Ica	07/03/1822	R/P	- x -	1000P
25	Torata	19/01/1823	R/P	250	500
29	**Junín**	**06/08/1824**	**R/P**	**444(364M80P)**	**141(50M91F)**
30	**Ayacucho**	**09/12/1824**	**R/P**	**4600(1400M700F2500P)**	**916(309M607F)**

As batalhas citadas do Peru retratam um belo contraste entre a campanha hesitante de San Martín na área e os fulminantes êxitos de Bolívar, ou dizendo melhor, de Antonio José de Sucre.

68 Os dados das tabelas 7 e 7a foram extraídos de: Robert L. SCHEINA. **Latin America’s Wars.** Capítulo quatro, pp. 54-70. Jay KINSBRUNER. **Independence in Spanish America.** P. 66. E Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Capítulo oito, pp 163-190.

Tabela 8 – Efetivos nas batalhas da Capitania-Geral do Chile
(4 batalhas = 2 vitórias realistas **x 2 vitórias patriotas).**[69]

C	Nome	Data	A/D	Nº A	Nº D	Nº A/D
13	Racangua	01/10/1814	R/P	5000	3900	1,28
15	**Chacabuco**	**12/02/1817**	**P/R**	**5350**	**2400**	**2,23**
17	Cancha Rayada	19/03/1818	R/P	4612	8011	0,57
18	**Maipú**	**05/04/1818**	**P/R**	**4900**	**5300**	**0,92**

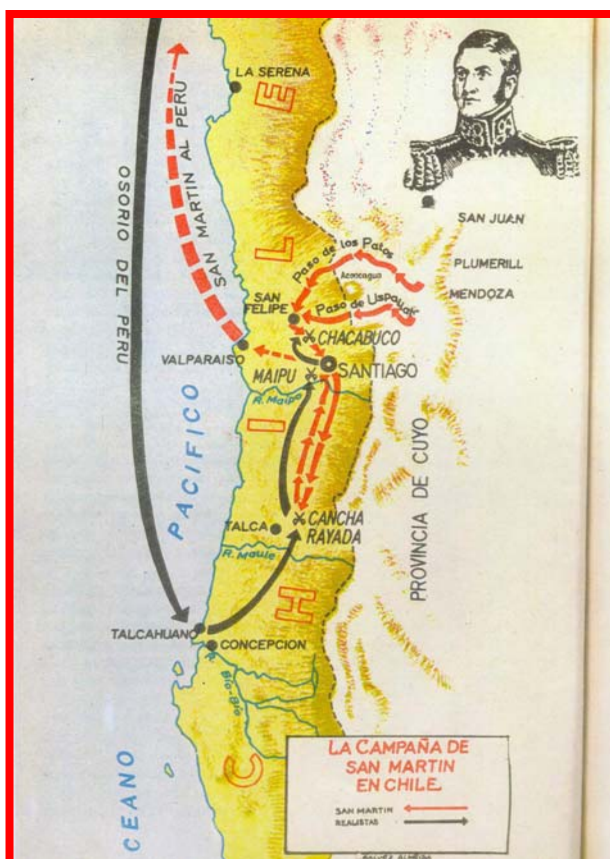
Tabela 8a – Baixas nas batalhas da Capitania-Geral do Chile
(4 batalhas = 2 vitórias realistas **x 2 vitórias patriotas).**

C	Nome	Data	A/D	b A	b D
13	Racangua	01/10/1814	R/P	- x -	1300(600M300F400P)
15	**Chacabuco**	**12/02/1817**	**P/R**	**121(11M110F)**	**1150(600M550P)**
17	Cancha Rayada	19/03/1818	R/P	300M	120M*
18	**Maipú**	**05/04/1818**	**P/R**	**1000**	**4432(2000M2432P)**

* Muitos outros desertaram.

A oscilante campanha do Chile; os chilenos devem muito a San Martín e aos argentinos.

Mapa 6 – A Campanha de San Martín no Chile.



Fonte: G. P. MUZZO. **Compendio de Historia Del Peru.** P. 118.

[69] Os dados das tabelas 8 e 8a foram extraídos de: Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo quatro, pp. 54-70. Scheina explicou a campanha chilena em associação com a peruana. E Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Capítulo seis, pp 111-138.

Tabela 9 – Efetivos nas batalhas do Reino-Unido do Brasil
(4 batalhas = 2 vitórias realistas **x 2 vitórias patriotas).**[70]

C	Nome	Data	A/D	Nº A	Nº D	Nº A/D
24	**Pirajá**	**09/11/1822**	**R/P**	**2000**	**1300**	**1,54**
26	Jenipapo	13/03/1823	R/P	1000	2000	0,5
27	Bom Fim	25/05/1823	P/R	400	1000*	0,4
28	**Atoleiro**	**18/07/1823**	**R/P**	**400**	1200*	0,33

* Dados estimados.

Tabela 9a – Baixas nas batalhas do Reino-Unido do Brasil
(4 batalhas = 2 vitórias realistas **x 2 vitórias patriotas).**

C	Nome	Data	A/D	b A	b D
24	**Pirajá**	**09/11/1822**	**R/P**	**200**	**40(25M15F)**
26	Jenipapo	13/03/1823	R/P	79(19M60F)	1222(600M80F542P)
27	Bom Fim	25/05/1823	P/R	23M*	6M
28	**Atoleiro**	**18/07/1823**	**R/P**	**76(16M60F)**	- x -

* vários também foram aprisionados.

Existem aqueles que dizem que não houve guerra de independência no Brasil. Ela pode não ter sido tão custosa e sangrenta como na América Espanhola, mas ela existiu e o Brasil chegou a sofreu uma penosa derrota nas mãos de Fidié, experimentado oficial lusitano, em Jenipapo. Inclusive, para defender a participação das tropas brasileiras na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, o general Eurico Gaspar Dutra chegou a afirmar que a FEB sofreu menos mortes em sete meses que no dia da batalha de Jenipapo. E ele tinha razão.

Uma vez que a análise por região foi realizada é preciso tecer algumas considerações de ordem geral para que a tão aclamada visão de conjunto não se perca. Mesmo porque a função das doze tabelas de batalhas (da 4-4a até a 9-9a) era, exatamente, permitir a construção desta percepção global e integrada.

A questão dos efetivos deve ser a primeira a ser explanada.

Tabela 10 – Efetivos totais participantes por região nas trinta batalhas consideradas.

Região	Efetivos	Batalhas	Média por batalha
Vice-Reino da Nova Espanha	240.000	5	48.000
Nova Granada eVenezuela	42.300	7	6.043
Vice-Reino de La Plata	31.700	6	5300
Vice-Reino do Peru	29.400	4	7.350
Capitania-Geral do Chile	39.500	4	9.875
Reino-Unido do Brasil*	9.300	4	2.325
EFETIVOS TOTAIS	**392.200**	**30**	**13.073**

70 Tabelas 9 e 9a montadas com os dados de: Hernâni DONATO. **Dicionário das Batalhas Brasileiras.** Pp 328 e 394. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", p. 241. Francisco RUA SANTOS. Guerra de Independência: as forças de terra. In: MONTELLO, Josué (dirigida por). **História da Independência do Brasil.** Volume II, pp. 137-165. Francisco Adolfo de VARNHAGEM. **História da Independência do Brasil.** P. 508.

* Dados para duas batalhas => 6,3 mil homens, com média de 3,15 por batalha. Nas as duas outras batalhas tem um efetivo menor, seguramente. E com base nos dados da bibliografia citada na nota 21 podemos estimar para quatro batalhas um total de 9,3 mil homens, com média de 2,325 por batalha.

Mais uma vez México e Brasil aparecem como os dois grandes extremos. Vale destacar a média do Chile, a segunda, indicando a importância e o grande engajamento dos "argentinos" de San Martín na campanha. Somente a título de comparação serão mostrados agora alguns dados de quatro batalhas napoleônicas, lutadas aproximadamente no mesmo período na Europa: Austerlitz (02/12/1805) com 160 mil homens; Talavera (27-28/07/1809) com 103 mil; Salamanca (22/07/1812) com 101 mil; e, finalmente, Waterloo (18/06/1815) com 227 mil homens.[71] Os efetivos europeus são muito superiores, mesmo nas batalhas lutadas na Espanha, indicando que os Estados europeus e as suas sociedades estavam mais preparados e organizados. Isto parece muito óbvio, mas a constatação numérica é sempre válida e relevante, mesmo para confirmar o que parece trivial.

Mas os dados de efetivos e da relação entre o número de atacantes por defensores das trinta batalhas consideradas possibilitam fazer uma análise ainda mais acurada do que foram os confrontos da Guerra de Independência da América Latina.

Das quinze vitórias conseguidas pelos patriotas, oito deles eles estavam atuando como os atacantes (53.33 %) e nas outras sete com defensores (46,67 %). Por sua vez, os realistas tiveram doze vitórias como atacantes (80 %) e somente três como defensores (20 %). Os números dos patriotas indicam uma maior capacidade de atuar vitoriosamente tanto no ataque com na defesa, enquanto que os realistas, praticamente só conseguiram ganhar quando atacaram, isto é, quando tinham a iniciativa e, em muitas vezes, a superioridade numérica. Uma vez que os atacantes atuaram com superioridade numérica em dezoito batalhas (60 %), com inferioridade em onze (36,67 %) e com igualdade em apenas uma (3,33 %).

Das trinta batalhas os realistas atuaram como atacantes dezenove vezes (63.33 %), conseguindo doze vitórias (63.16 %) e sendo derrotados apenas sete vezes (36,84 %). Nas outras onze batalhas (36,67 %) os atacantes foram os patriotas, com oito vitórias (72.73 %) contra três derrotas (27,27 %). De fato, mesmo quando atuaram como atacantes os patriotas tiveram uma relação percentual de êxito superior ao dos realistas.

Dois terços das vitórias (20 batalhas) coube ao lado que estava atacando em e nestas condições os vencedores tiveram superioridade numérica doze vezes (60 %), inferioridade em sete (35 %) e igualdade em uma (5 %) ocasião. O outro terço de vitórias (10 batalhas) ficou

[71] David G. CHANDLER. **The Timechart of Military History.** Pp. 122-3.

com o lado que estava defendendo e os defensores triunfantes tiveram superioridade numérica em apenas quatro (40 %) destes embates contra seis situações de inferioridade (60 %). Logo, pode-se afirmar que duas máximas militares eram válidas para a América Latina naquela época: o atacante deve sempre procurar atuar com superioridade numérica e o ataque é a melhor defesa.

Ainda faltam duas dimensões para se fazer um estudo completo das trinta batalhas. São elas o espaço e o tempo. Para a visualização da distribuição das mesmas no espaço tem-se o mapa 7. E para a percepção da disposição das batalhas no tempo serão usadas as tabelas 11 e 11a. Tanto nas tabela como no mapa a cor vermelha indica vitória dos realistas e a cor azul vitória dos patriotas. Os números das batalhas seguem a ordem cronológica e referem-se aos números já mostrados na coluna **C** das tabelas 4-4a até a 9-9a.

Tabela 11 – Distribuição das batalhas por região e ao longo dos anos de 1810 até 1817.

Região	**1810**	**1811**	**1812**	**1813**	**1814**	**1815**	**1816**	**1817**	**Parcial**
Nova Espanha	**2 e 3**	**4 5**			**10**				5
Nova Granada					**11 12**				2
La Plata	**1**		**6**	**7 8 9**		**14**			6
Peru									0
Chile					**13**			**15**	2
Brasil									0
Total	3	2	1	3	4	1	--	1	**15**

Quinze batalhas em oito anos: nove vitórias realistas contra seis patriotas.

Tabela 11a – Distribuição das batalhas por região e ao longo dos anos de 1818 até 1824.

Região	**1818**	**1819**	**1820**	**1821**	**1822**	**1823**	**1824**	**Parcial**	**Total**
Nova Espanha								0	5
Nova Granada	**16**	**19**		**20**	**22 e 23**			5	7
La Plata								0	6
Peru					**21**	**25**	**29 e 30**	4	4
Chile	**17 18**							2	4
Brasil					**24**	**26 27 28**		4	4
Total	3	1	--	1	4	4	2	**15**	**30**

Quinze batalhas em sete anos: seis vitórias realistas contra nove patriotas.

A divisão das batalhas (mesmo número, inclusive) no tempo em duas tabelas foi proposital, pois além de facilitar a visualização dos dados permitiu a criação, bastante objetiva e precisa, de um recorte temporal dos períodos da Guerra de Independência Latino-Americana (1810-24) em duas fases, aproximadamente iguais no número de anos, mas bastante diferentes com relação a atuação dos contendores e da distribuição espacial das batalhas por região.

Mapa 7 – As Trinta Batalhas da Independência na América Latina.



Fonte: Mapa do autor.

A tabela 11 representa, evidentemente, a primeira fase (1810-17) que pode ser chamada de **O Avanço Realista**, uma vez que eles ganharam 60 % das batalhas ocorridas no período,

tendo 1814 como o ano-clímax deste movimento com quatro batalhas, sendo três delas vitórias realistas. Ainda é interessante destacar que as regiões mais conturbadas foram La Plata e Nova Espanha com seis e cinco batalhas, respectivamente. Por outro lado, Brasil e Peru não apresentaram nenhuma batalha de destaque.

Mapa 8 – A Campanha do Vice-Rei Abascal (1810-16).

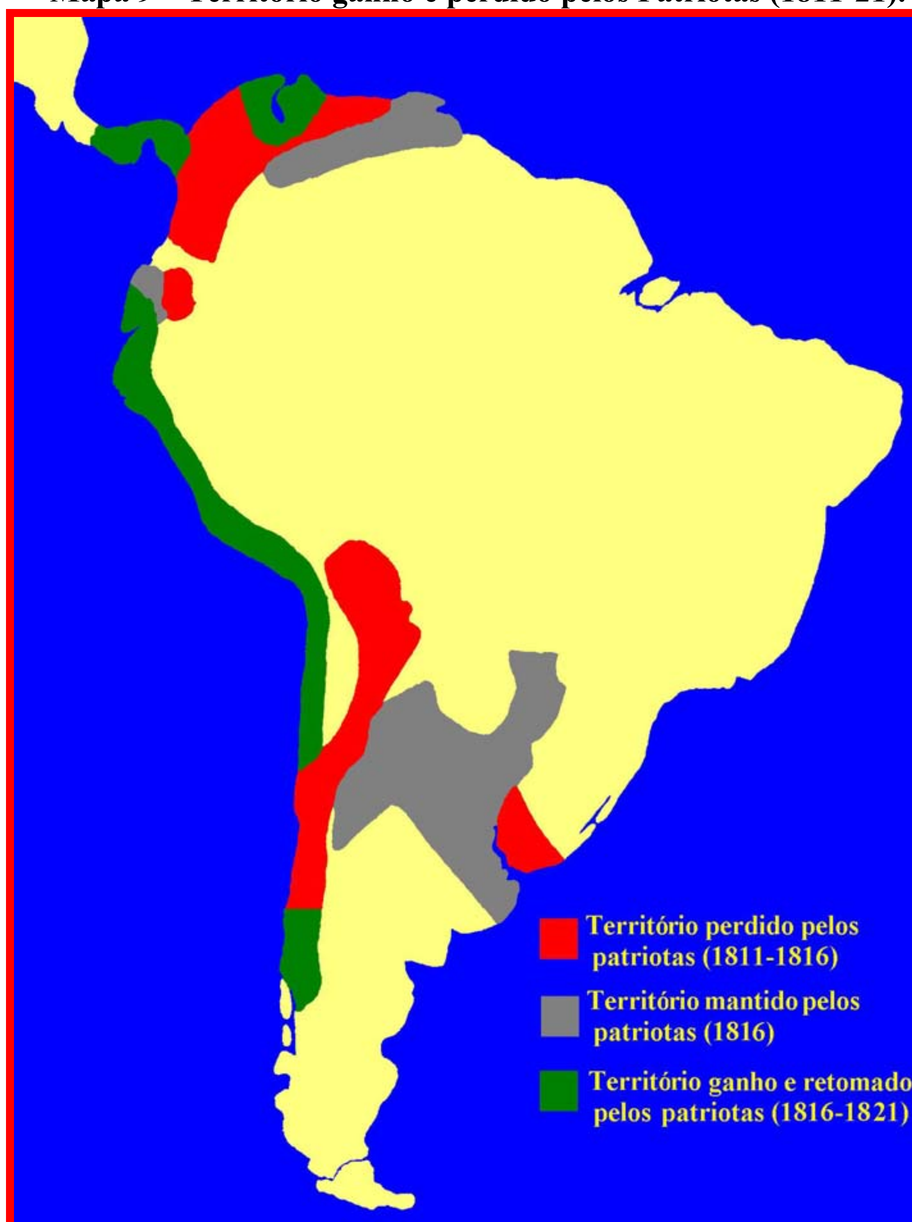


Fonte: G. P. MUZZO. **Compendio de Historia Del Peru.** P. 112.

A segunda fase (1818-24), emblematizada pela tabela 11a, cujo nome poderia ser algo como **A Vitória Patriota**, também apresenta um ganho de 60 % das batalhas ocorridas no período; só que desta vez os vencedores foram os patriotas. E parece que o ano chave desta

feita foi 1822, igualmente com quatro batalhas, sendo três delas vitórias dos patriotas (o ano de 1823 é o anti-clímax ?). O epicentro da reação patriota, com cinco batalhas (e quatro vitórias) foi Nova Granada (um justo tributo para Bolívar). As áreas "mais calmas" são, inversamente proporcional, La Plata e Nova Espanha, enquanto que Brasil e Peru aparecem por pouco tempo e tardiamente, mas de foram intensa.

Mapa 9 – Território ganho e perdido pelos Patriotas (1811-21).



Fonte: Adaptado de C. A. WILGUS. **The Development of Hispanic América.** P. 261.

A distribuição espacial não vai modificar muito as conclusões das tabelas 11 e 11a. Ao contrário, ela vem reforçar as impressões são consolidadas. A utilização do mapa justifica-se devido a melhor visualização da distribuição e exata localização das trinta batalhas consideradas.

Para finalizar esta parte do capítulo de foram sintética e menos árida que o uso de tabelas e mapas, parece salutar a transcrição de uma poesia, que foi feita em uma época e um contexto bastante diferentes dos da Guerra de Independência Latino-Americana, mas que, quando lida, demonstrou retratar fielmente aquilo que se sentia com a descrição dos horrores da Primeira Guerra Romântica da América Latina.

A poesia chama-se **The Storm** e foi escrita na Escócia em 1983 por Stuart Adamson.

A Tempestade

Eu cheguei das montanhas com uma lágrima em meu olho
O inverno acabou e os corvos enchem o céu
As casas estavam queimando em chamas douradas e vermelhas
As pessoas estavam correndo com olhos cheios de medo

Ah, meu Tiago,
Eles não precisavam fazer isto

Nós os perseguimos por milhas, eu tinha lágrimas em meus olhos,
Por florestas e pântanos enquanto as nuvens cobriam o céu
A tempestade caiu sobre em nós com fúria e chamas
Tanto os caçadores quanto os caçados molharam-se na chuva

Eu sei que não posso voltar
Para o tempo da esperança
Quando eu nasci
Deixe que a força da paz
Passe por estas mãos

Quando nós saímos
Do ruído da tempestade
Então eu não tinha mais medo
E agora eu tenho certeza de onde eu estou
Permita que a força da paz
Corra por esta terra

E ninguém sorriu enquanto nós retomávamos o que era nosso
Enquanto a chuva batia em nós o trovão lamentava
E ninguém sorriu quando nós soubemos o que estava perdido
Nós sabemos bem que só o tempo mostrará o preço

Parte III

A Guerra Latino-Americana de Independência: uma Visão Tática.

Começar uma longa e descritiva exposição sobre os aspectos táticos de trinta batalhas pode parecer anacrônico e pouco recomendado para um historiador atual, mas a importância desta parte já foi bastante realçada na introdução deste capítulo.

De qualquer forma, nunca é demais reafirmar a relevância daquilo que se está fazendo. Escrever e falar sobre guerras e batalhas não é privilégio apenas de militares e velhos historiadores reacionários. A própria "História Nova" reafirmou a volta da história-narrativa, da história-evento, da história-biografia e até mesmo da história-batalha.

Colocando um depoimento de Duby a respeito, mesmo que longo, a situação talvez possa ficar mais clara.

"Em 1968, recebi a proposta de escrever para a coleção fundado por Gérard Walter, 'Trinta dias que fizeram a França', o livro sobre um desses dias memoráveis, o 27 de julho de 1214. Naquele domingo, na planície de Bouvines, o rei da França Filipe Augusto havia afrontado, contra a sua vontade, a temida coalizão do imperador Oto, do conde Ferrand, de Flandres, e do conde Renaud, de Boulogne; à noite pela graça de Deus, ele era senhor do campo de batalha. O imperador havia fugido, os dois condes rebeldes estavam presos. Vitória, como já foi dito e repetido, fundadora; as bases da monarquia francesa foram decididamente consolidadas. Uma batalha. Um acontecimento. Pontual. Retumbante. Aceitei. Meus amigos, historiadores que, como eu, se diziam discípulos de March Bloch e Lucien Febvre, se surpreenderam. A história que eles faziam, e que eu havia feito até então – aquela que seria considerada, mais tarde e abusivamente, 'nova' (digo abusivamente porque a maior parte das interrogações de que tanto nos orgulhamos de forjar, nossos predecessores, antes que o peso do positivismo se tornasse tão opressivo, as tinham formulado no segundo terço do século XIX) - , descartava na verdade a descrição dos acontecimentos, repugnava a

narração, empenhando-se antes em colocar, em resolver problemas, negligenciando as trepidações de superfície; pretendia observar a evolução da economia, da sociedade, da civilização. (...) Começou também a me parecer não somente possível, não somente útil, mas francamente necessário, para alcançar os movimentos obscuros que fazem deslocar-se lentamente ao longo das épocas as bases de uma cultura, explorar o acontecimento. Tirar dele o melhor partido, tratando-o de uma maneira determinada. Eu certamente continuo a pensar, como Fernand Braudel (em entrevista ao jornal ***Le Monde*** *de 14 de dezembro de 1979), que os simples fatos do dia, que nada têm de singular e se reproduzem sem fazer barulho, 'podem ser os indicadores de uma realidade de grande dimensão e algumas vezes, maravilhosamente, de uma estrutura', e que conseqüentemente é importante procurá-los. Mas penso também, e já o pensava então, que é justamente porque tem grande ressonância, porque foi 'aumentado pelas impressões das testemunhas, pelas ilusões dos historiadores', porque há muito se fala dele, porque sua irrupção suscita uma torrente de discursos, que o acontecimento sensacional assume um inestimável valor. Pelo que, bruscamente, ele esclarece. Por seus efeitos de ressonância, por tudo aquilo cuja explosão provoca a ascensão desde as profundezas do não-dito, pelo que ele revela ao historiador das latências. Pelo próprio fato de ser excepcional, o acontecimento faz emergir, no afluxo de palavras que ele libera, vestígios que se não nos detivéssemos nele, permaneceriam nas trevas desapercebidos, os traços mais banais de que raramente se fala no cotidiano da vida e sobre os quais nunca se escreve."* [72]

A Batalha medieval francesa de Bouvines foi fundadora do Estado nacional francês e, assim sendo, merece um livro escrito por George Duby. Bem, as trinta batalhas aqui relatadas criaram um continente inteiro de nações e estão ocupando apenas uma parte de um capítulo deste trabalho. Desta forma, não parece perda de tempo dedicar algumas páginas aos aspectos táticos destes encontros.

O primeiro grande embate da luta pela emancipação do subcontinente latino-americano ocorreu no Vice-Reinado de La Plata em um lugarzinho chamado **Cotagaita (batalha nº 01),** situado a trezentos e sessenta quilômetros ao norte de Jujuy. Na realidade, esta vitória realista abriu uma verdadeira campanha na região setentrional de La Plata. No dia vinte e sete de

[72] Georges DUBY. **O Domingo de Bouvines: 27 de Julho de 1214.** Pp. 09-11.

outubro de 1810 ocorreu um ataque patriota com menos de mil e duzentos homens do coronel Ortiz (mil e quinhentos, segundo Scheina, sob o novo comando de Juan José Castelli) contra dois mil realistas do general José de Córdoba. Este, vitorioso, persegue os patriotas até **Suipacha** (sete de novembro de 1810), onde é derrotado por oitocentos patriotas. Os realistas tinham seiscentos homens. Córdoba é preso e executado, juntamente com dois governadores. Depois disto, os dois exércitos encontram-se no rio Desaguadero (limite entre os vice-reinos de La Plata e do Peru) e firmam um armistício de quarenta dias, a contar de dezesseis de maio, entre Castelli e o general realista Goyeneche. Mas este ataca de surpresa, antes do final do prazo, e vence, com seus seis mil e quinhentos homens, os cinco mil patriotas e mil índios aliados na serra de **Huaqui** em vinte de junho de 1811.[73]

Mapa 10 – A Campanha de Cotagaita.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 75.

Apenas três depois de Cotagaita, os realistas de Nova Espanha estão defrontando a furiosa massa de rebeldes de Hidalgo no **Monte de Las Cruces (2)**, situado ao norte da capital, México, em uma colina onde os criminosos eram executados. Sete mil realistas, sob o comando do tenente-coronel Torcuato Trujillo, estão bem postados na entrada do desfiladeiro e esperam a chegada da horda do padre Hidalgo e seus oitenta mil liderados. É a primeira vez que os revoltosos enfrentam uma tropa regular e disciplinada.

Os realistas enfrentam com firmeza os ataques dos Hidalguenses, inclusive suportando o fogo dos canhões que os revoltosos tinham capturado das cidades anteriormente saqueadas. As baixas são bastante parecidas para os dois lados; dois mil e quinhentas para os realistas e

[73] Dados montados a partir de: Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Pp 76-77. Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 47.

quatro mil (dois mil mortos e um igual número de feridos) para os patriotas, o que colocaria os patriotas, proporcionalmente, como vencedores do embate; mas o choque, principalmente psicológico, que tiveram ao enfrentar uma resistência obstinada e segura fez com que muitos perdessem o ímpeto rebelde e saqueador, desistindo da continuação na campanha que acreditavam ser fácil.

Em decorrência, o número de desertores depois da batalha foi muito alto, aproximadamente metade da força, ou seja, quarenta mil pessoas! Assim sendo, o planejado golpe contra a capital foi sustado. Paradoxalmente, as forças realistas quando retornaram à cidade do México não foram recebidas com entusiasmo e um clima de derrota também estava pairando sobre as autoridades espanholas, inclusive tendo o vice-reino planejado a mudança da sede administrativa para Vera Cruz. Outro fato curioso é que somente um terço da tropa realista era integrado por espanhóis (1500), os nativos compunham o restante, inclusive com muitos mestiços, "criollos" e mais de trezentos escravos libertos.

Uma semana depois, ou seja, em 07 de novembro de 1810, a ação já está em **Aculco (3),** uma aldeia situada próxima a cidade de Guadalajara. Esta foi uma fragorosa derrota dos seguidores de Hidalgo, que já estavam fugindo e foram atacados pelos realistas, agora melhor organizados e sob comando de um competente general, Félix María Calleja. A relação de forças também agora não era tão mais favorável quanto havia sido em Las Cruces para os patriotas, mas mesmo assim eles ainda tinham uma superioridade de quase três por um: eram quarenta mil contra quinze. Em Las Cruces a proporção era de quase doze por um!

Esta situação de redução de efetivo patriota e da desmoralização resultante do recuo contínuo desde a cidade do México haviam quebrado a capacidade de resistência dos revoltosos. O resultado do embate foi vergonhoso para os patriotas; centenas deles foram capturados e somente um morto e um ferido foram as baixas do general Calleja.

Quase um ano depois, em 04 de janeiro de 1811, os patriotas conseguem a sua primeira grande vitória em **Tres Palos (4).** Enquanto Hidalgo tentava reagrupar as suas tropas e aumentar o número de seus seguidores em Guadalajara, um seu lugar-tenente, Morelos, igualmente sacerdote, conseguia uma brilhante vitória nos arredores do porto de Acapulco. Usando uma tática diferente de seu mestre, Morelos preferia atuar com um número pequeno e bem disciplinado e treinado de homens. Mantendo o sítio de Acapulco, ele controlava a entradas e saídas da cidade e sofreu um ataque de três mil realistas que tentavam romper o cerco.

Com somente um terço do efetivo dos atacantes, Morelos conseguiu frear o ímpeto da vaga assaltante e manteve firme o cerco. O número de mortos foi alto: duzentos patriotas e quatrocentos realistas. Mas o grande saldo para Morelos foi a captura de setecentos soldados inimigos e um igual número de mosquetes. Desta forma, quase metade da força atacante foi desmontada. Um resultado impressionante em si mesmo e muito melhor se comparado com o desempenho das tropas e com a liderança de Hidalgo.

Principalmente depois que este foi novamente derrotado, apenas uma semana após a vitória de Morelos em Três Palos. Hidalgo defendia a **Puente del Calderón (5),** situada à leste da cidade de Guadalajara. Continuando o aproveitamento do êxito da batalha de Aculco o general realista Félix María Calleja, com seis mil homens em uma equilibrada equipe de combate, dos quais metade compunha uma excelente cavalaria e dez excelentes guarnições de armeiros, atacou e derrotou, praticamente de forma definitiva, os seguidores de Hidalgo.

Hidalgo tinha ocupado a colina a cavaleiro da ponte e a batalha estava equilibrada e indecisa: os números de Hidalgo contra a qualidade dos soldados realistas. Neste momento um tiro de canhão atinge o vagão de munições dos patriotas. O furor da explosão apavora a massa patriota que começa a fugir em grande número. Com isto a linha patriota é quebrada e o ataque realista consegue penetrar no bom dispositivo defensivo de Hidalgo.

Como da vez anterior as baixas também foram humilhantes para os patriotas: mil mortos contra quarenta e nove realistas. Outro fato surpreendente foi o de Hidalgo ter conseguido recuperar, antes da batalha, o número de seguidores original (oitenta mil), mesmo agora estando em franca retirada e já tendo sido derrotado duas vezes. Fato que demonstra bem que o apelo pela independência ainda tinha muita força e repercussão, ou, melhor dizendo, o grito pela liberdade, no seu sentido mais amplo, e pela justiça social ainda era ouvido e movia as pessoas.

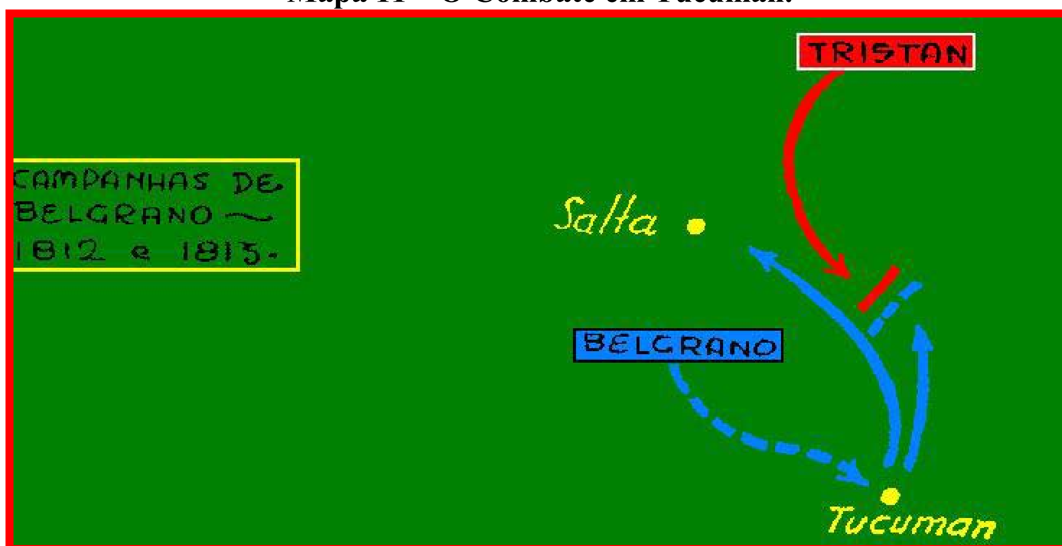
Contudo, desta vez o choque foi definitivo. O simples número não podia fazer nada. Hidalgo tinha também vinte mil cavalos e noventa e três canhões, mas somente um mil dos seus oitenta estavam bem armados e devidamente treinados. Poucos líderes patriotas conseguiram fugir da batalha, Hidalgo entre eles. Mas no caminho de fuga para os EUA eles foram traídos e aprisionados. Hidalgo foi executado em meados de 1811.[74]

---

[74] As batalhas no México podem ser vistas em Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo cinco, pp. 71-84. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", capítulo dez (pp. 281-9). E Leslie BETHEL. **História da América Latina.** Volume III, pp. 86-91.

A próxima batalha ocorreu novamente no norte do vice-reino de La Plata na planície próxima a cidade de **Tucumán (6),** em 24 de setembro de 1812. Ela foi a primeira grande vitória do criador da bandeira nacional da Argentina, Manuel Belgrano.

Mapa 11 – O Combate em Tucumán.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 80.

Depois da desastrosa campanha de Belgrano contra os paraguaios, que haviam proclamado a sua independência da Espanha, mas que não haviam aceitado a submissão as ordens de Buenos Aires, que pretendiam governar toda a área do antigo vice-reino de La Plata, Belgrano decidiu desobedecer as ordens de voltar para Córdoba e ali esperar os realistas e decidiu enfrentá-los em Tucumán. Ali, com oitocentos infantes regulares e mil "gaúchos" derrota três mil e quatrocentos realistas no front norte da Argentina. Sessenta e cinco mortos patriotas contra quatrocentos e cinqüenta e três dos realistas, que também perderam toda a artilharia, capturada por Belgrano.[75]

Todavia, a vitória não foi fácil: as linhas de batalha não estavam organizadas e o desenrolar do embate foi bastante confuso. Um furioso vendaval dificultou ainda mais as ações e no auge do confronto uma imensa nuvem de gafanhotos escureceu a área da batalha. Segundo o relato de um dos oficiais argentinos presentes, José Maria Paz, os insetos investiam tão fortemente contra os soldados que estes pensavam que tinham sido atingidos

[75] Para as batalhas em La Plata ver: Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo três, pp. 41-53. Jay KINSBRUNER. **Independence in Spanish America.** P. 56. E Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Capítulo quatro, pp 71-90.

pelos disparos inimigos. Nestas condições é até incrível que Belgrano tenha conseguido a vitória, sobretudo estando em inferioridade numérica de quase um para dois.[76]

O final de 1812 e o início de 1813 foi um período favorável para os patriotas de La Plata. Depois da vitória de Tucumán, ao norte, um outro herói nacional, José de San Martín, fazia a sua estréia na guerra de independência, lutando às margens do rio Paraná para impedir um assalto realista contra o centro do território "argentino".

San Martín era um militar de carreira e havia participado em várias missões na África e na Europa. Lutou, inclusive, na Espanha contra as tropas de Napoleão. Em 1812 retorna à Argentina e decidi lutar ao lado dos patriotas. E para isto, inspirado nas melhores tropas de Napoleão, criou um instrumento moderno e capacitado para a vitória; um regimento de granadeiros a cavalo. Então poucos exércitos do mundo tinham uma unidade militar de igual nível. Faltava apenas a insubstituível experiência em combate.

E esta ocorrida na batalha de **San Lorenzo (7),** em 03 de fevereiro de 1813. A frota espanhola, com base em Montevidéu, saqueava constantemente as costas do rio Paraná, fazendo com que o governo patriota decidisse por um fim nesta situação e quando souberam de mais uma saída de onze embarcações indo para Rosário ordenaram ao coronel San Martín interceptar essa força.

Mapa 12 – A Batalha de San Lorenzo.



Fonte: Rodolfo Piovera. **San Martín.** P. 12.

San Martín marchou imediatamente com 120 homens de sua tropa (duas companhias de sessenta homens), com outros cavaleiros auxiliares, seguindo a costa. Recebeu informações

[76] Rodolfo PIOVERA. **Belgrano: sus batallas y su creación.** P. 26.

de que as embarcações inimigas estavam em frente das altas barrancas de San Lorenzo, pequeno vilarejo situado entre Rosário y Santa Fé. Em San Lorenzo havia um monastério de franciscanos, cuja igreja tinha uma torre de onde era possível atacar o campo e o rio. Ali San Martín montou o seu dispositivo.

Ao amanhecer as tropas espanholas procederam ao desembarque e subiram a barranca, com duzentos e cinqüenta a trezentos infantes e marinheiros ao comando do capitão espanhol Antonio de Zabala. Ao centro do dispositivo iam quatro peças de artilharia.

Protegido pelo convento o regimento de San Martín prepara o seu ataque de surpresa. O plano é clássico; um ataque de duas alas para pinçar o inimigo do meio do fogo. Tem início o ataque e o grupo comandado por San Martín choca-se primeiro com o inimigo. O nutrido fogo de defesa mata o cavalo do chefe patriota, que cai e fica com uma perna presa sob o animal. Ocorre uma refrega de armas brancas em torno do chefe, que também está ferido no rosto. Um infante espanhol ataca San Martín com a baioneta, mas o golpe é detido por um granadeiro. Outro de seus granadeiros auxilia San Martín, mas é gravemente ferido e morre poucas horas depois.

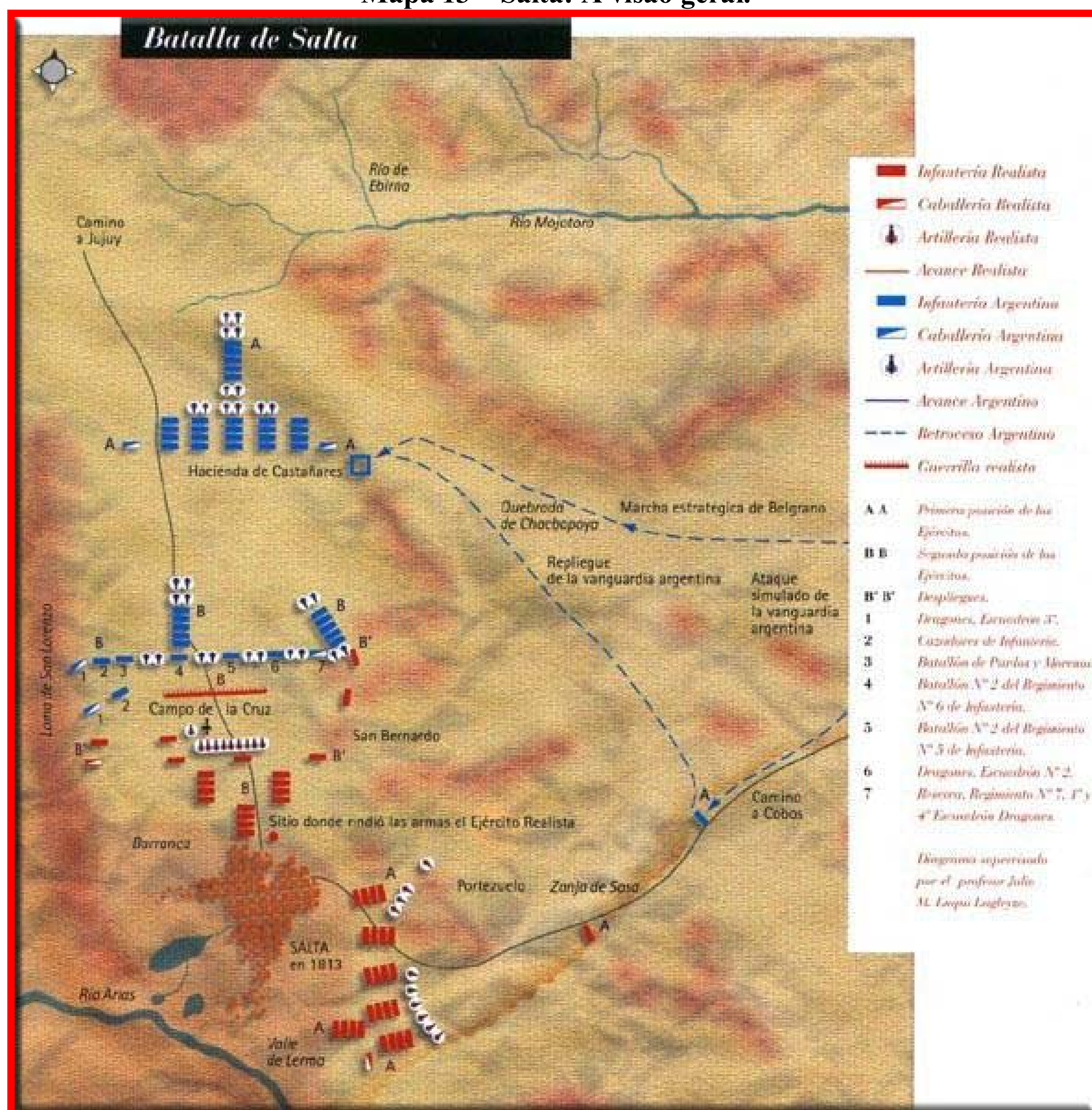
A outra ala, atrasada três minutos, causa da situação difícil de San Martín, chega e desorganiza a frente espanhola. Em menos de quinze minutos a batalha está decidida. Com o pequeno custo de quatro mortos, os patriotas infligiram cinqüenta e quatro baixas aos realistas (quarenta mortos e quatorze prisioneiros), além de terem capturado dois canhões e uma bandeira. Fato notável, uma vez que a ética militar da época exigia a morte do comandante que permitisse a captura de um destes objetos. José de San Martin mantém o cerco de Montevidéu com a sua vitória e libera o rio Paraná para o comércio com Buenos Aires, praticamente salvando a cidade da asfixia econômica.

Dezessete dias depois foi a vez de Belgrano conseguir mais uma vitória para os patriotas "argentinos" em **Salta (8).**[77] Belgrano com três mil e setecentos homens derrota o general realista Pío Tristán e os três mil e quatrocentos soldados. O chefe argentino não era um militar de carreira, mas a ação em Salta foi magistral; iniciou com uma hábil manobra tática, pouco convencional. Abordou a cidade, vindo pelo sul, ultrapassou-a pelo oeste, atravessou um riacho ao norte da cidade e postou-se em Castañares, interposto entre Salta e Jujuy. Desta

[77] Rodolfo PIOVERA. **Belgrano: sus batallas y su creación.** Pp. 21-2.

forma, interceptava as comunicações entre estes dois pontos e fechava a retirada ao exército de Tristán.

Mapa 13 – Salta: A visão geral.



Fonte: http//cub20defebrero.com.ar/batalla.htm.

As forças patriotas estavam formadas em cinco colunas paralelas de infantaria, oito peças de artilharia, duas alas de cavalaria e uma coluna mista com quatro canhões como a reserva. O exército realista estava dividido em duas grandes linhas. Na primeira estavam três batalhões de infantaria e cobrindo seu flanco esquerdo um corpo de quinhentos cavaleiros. À frente da primeira línea ficava a artilharia, composta de dez peças. A segunda linha era

integrada por dois batalhões em coluna e na retaguarda estavam a reserva e o parque de suprimentos e munições.

Na manhã da batalha, as tropas de Belgrano começam a marcha sobre o inimigo. A infantaria realista abre fogo e os patriotas avançam sobre a esquerda inimiga com duas companhias de caçadores, que são rechaçadas. Corre em seu auxílio a cavalaria patriota, que trata de equilibrar as posições. O ataque patriota, agora apoiado pela cavalaria e sustentado pelos fogos da artilharia que está a caminho, recupera o terreno perdido e leva a carga com tal vigor, que toda a ala esquerda adversária cede a seu impacto e, desorganizando-se completamente, se retira em desordem para a cidade, deixando descoberto o flanco que ocupava.

Mapa 14 – Salta: A manobra de Belgrano.



Fonte: Rodolfo Piovera. **Belgrano: sus batallas y su creación.** Pp. 21-2.

Tristán tenta cobrir o flanco livre com os batalhões da segunda linha. Mas estes, desmoralizados pela fuga de seus companheiros, vacilam, se desorganizam e finalmente também fogem para a cidade, perseguidos pelas forças patriotas.

O centro realista se manteve com mais firmeza, mas corre o perigo de ver-se envolvido de um momento para outro; no fim, cede o campo precipitadamente ao exército de Belgrano

abandonando grande parte da artilharia. O centro em fuga arrasta também a reserva, deixando a ala direita rodeada pelos soldados patriotas. Mas os realistas se apóiam nas encostas do cerro San Bernardo e ali fazem una resistência vigorosa. Belgrano aciona oportunamente a reserva em apoio de sua ala esquerda. Sob fogo combinado da artilharia e dos fuzis, a última parte do exército realista se dispersa. A maior parte da ala direita inimiga se rende aos patriotas.

Entretanto, um vivo fogo prossegue na cidade. O centro e a direita do exército patriota precipitou-se nas ruas em perseguição aos realistas. O General Tristán ainda tenta reunir suas tropas em fuga, mas a maior parte desobedece a ordem de acudir as trincheiras e se refugia na catedral. Tristán compreende a inutilidade de seus esforços e resolve pedir a capitulação.

Resultado: cento e três mortos e quatrocentos e quarenta e três feridos patriotas contra quatrocentos e oitenta mortos e cento e quatorze feridos realistas. Todos os realistas sobreviventes foram capturados e para serem liberados juraram que nunca mais pegariam em armas contra os "argentinos". Ingenuidade de Belgrano. Quando chegaram no Alto-Peru (atual Bolívia) foram absolvidos pelo bispo local e voltaram a combater.

Em seguida temos as duas grandes derrotas de Belgrano quando tentou invadir o Alto Peru em seguida aos seus sucessos em Tucumán e Salta. Nas duas derrotas ele enfrentou o famoso comandante realista Joaquín de la Pezuela. Na primeira, a de **Vilcapugio** (01 de outubro de 1813), os realistas executaram um ataque de surpresa que capturou todo o material de Belgrano e matou muitos oficiais argentinos experientes. O número de atacantes era um pouco maior que o dos defensores: quatro mil realistas contra três mil e quinhentos patriotas. Na seqüência das ações os patriotas recuam para **Ayohúma (9)** e tentam estabelecer posições defensivas, mas são perseguidos de perto pelos realistas que prontamente atacam em 14 de novembro do mesmo ano. O número de combatentes, de ambos os lados, é quase igual, contudo a derrota dos patriotas é absoluta: apenas quatrocentos conseguem escapar, enquanto que os três mil restantes são baixas.

Derrota também foi o destino dos patriotas mexicanos em **Puruarán (10)** no dia 05 de janeiro de 1814. Praticamente três anos depois da sua vitória em Tres Palos, Morelos, contando com cinco mil seguidores, enfrenta três mil realistas em Puruarán, próximo de Valladolid, sendo decisivamente derrotado. Os vinte e três canhões realistas fizeram muita diferença e eles devolveram, aumentadas, as baixas que Morelos havia infligido em Tres

Palos: seiscentos mortos e setecentos prisioneiros. Morelos fugiu e tentou reorganizar as forças patriotas, mas foi capturado e executado no ano seguinte.

Assim sendo, a situação no começo do ano de 1814 era bastante favorável para as forças realistas. No México os patriotas estavam reduzidos a pequenos grupos de guerrilha, Peru, Bolívia e Chile estavam firmes nas mãos de elementos fiéis à Coroa e em Nova Granada a guerra estava mostrando-se favorável a iniciativa realista. E foi neste difícil momento para os patriotas, sobretudo os de Nova Granada, que ocorreu a batalha de **La Vitoria (11).**

O combate durou todo o dia 12 de fevereiro de 1814 (das oito horas da manhã até às cinco da tarde). La Vitoria é uma cidade situada próxima de Caracas. O general patriota José Félix Ribas resistiu o dia inteiro aos nove ataques que os realistas de Morales e Boves efetuaram contra as suas posições em defesa da cidade. Ribas contava com oitocentos combatentes, a maioria deles estudantes da Universidade e do Seminário Católico de Caracas. A vitória destes jovens marcou tanto que o dia 12 de fevereiro é comemorado como o Dia da Juventude. Entretanto, no final do dia, já com cem mortos e quatrocentos feridos, eles não teriam resistido muito mais caso o centro realista não fosse quebrado pelo ataque de uma unidade patriota de cavalaria que veio em socorro. Eram setecentos cavaleiros comandados pelo coronel Vicente Campos Elias.

Mesmo assim, não se pode tirar o mérito dos defensores, afinal os atacantes estavam, por quase um dia, em superioridade numérica de cinco para um. Os realistas tinham, pelos menos, dois mil e quinhentos cavaleiros e novecentos infantes na área. Além disso, mil e duzentos dos cavalarianos eram espanhóis e "llaneros" sob o comando do temível José Tomás Boves. Nesta época os semi-selvagens habitantes das planícies venezuelanas estavam lutando pelo rei e sua fama de devastações já tinha conquistado para eles o nome de "Legião do Inferno" e a de "A Besta" para o seu chefe, Boves. Mesmo assim, os defensores provocaram um número de baixas muito superior as quinhentas que haviam sofrido. Também, como de costume para aquele período da luta de independência na região, nenhum prisioneiro, de ambos os lados, foi poupado.

Apesar de defensiva, esta ação poderia ter sido o ponto de virada da campanha, mas Boves com a sua costumeira obstinação atacou novamente, desta vez no sítio **La Puerta (12),** situado, aproximadamente, a cem quilômetros de Caracas. Era o dia quinze de junho de 1814. O Ataque realista contou, no mínimo, com três mil homens contra um igual número de defensores, comandados por Bolívar e Marino, cujas forças tinha se reunido pouco antes do

ataque e estavam ainda bastante desorganizadas. A culpa pela falta de coordenação cabia a Marino, que havia desobedecido a ordem de Bolívar para não ficar nas planícies, onde a cavalaria de Boves era dominante.

Mapa 15 – A Campanha de La Puerta.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 43.

Boves enviou a sua infantaria contra o centro patriota e a sua cavalaria, muito superior, para os dois flancos. Em duas horas e meia de embate, mesmo os patriotas lutando com denodo, eles foram completamente derrotados, perdendo até os seus canhões. Bolívar fugiu, Boves tomou Valencia e apressou o avanço para Caracas. De mil a mil e duzentos patriotas foram mortos, muitos deles depois de já terem sido aprisionados, inclusive o coronel Diego Jalón y Dochagavia, cuja cabeça foi cortada e exibida como troféu.[78]

Para completar a desgraça patriota de 1814-15 ocorreram ainda mais duas grandes derrotas; uma no Chile e outra nos altiplanos da atual Bolívia. A primeira delas foi a de **Racangua (13)**, nome de uma cidade a oitenta quilômetros ao sul de Santiago.

O cerco realista a cidade começou às seis horas da manhã do dia primeiro de outubro de 1814 e durou até o final do dia três. Cinco mil realistas, liderados pelo general Gavino Gainza, atacaram mil e novecentos patriotas entrincheirados em Racangua e mais três mil fora

[78] Para uma visão geral das batalhas em Nova Granada: Jay KINSBRUNER. **Independence in Spanish America.** P. 56. Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Capítulos dois, três e sete. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", capítulo dez (pp. 281-9). E Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** Capítulo dois, pp. 20-40.

dela, sob o comando de Juan José Carrera. O líder patriota na cidade era O'Higgins. Da praça da cidade se desprendem quatro vias, nas quais ele ordenou construir em suas bocas as trincheiras respectivas, com muralhas de taipa, onde tomaram posição as forças encarregadas de defendê-las.

As suas tropas foram atacadas pelos mais vigorosos soldados de Gainza, enquanto que os demais mantinham o cerco da cidade contra as tropas de Carrera. A luta foi muito violenta no primeiro dia, ocorrendo o avanço simultâneo das diferentes agrupações realistas, contra cada uma das trincheiras que ocupavam os patriotas. Depois de um duro dia de batalha, estavam esgotados os víveres e as munições dos defensores.

No segundo dia, Luís Carrera, irmão de Juan José, tentou liberar o cerco, mas foi facilmente derrotado pelos realistas. Havia uma séria divergência política entre Carrera e O'Higgins e isto pode ter sido decisivo para explicar o fraco empenho dos irmãos Carrera em ajudar o futuro libertador do Chile. No dia seguinte, os últimos defensores da cidade, provavelmente uns trezentos ou quinhentos cavalarianos, decidiram fazer uma carga final para romper o cerco. A carga de O'Higgins começou às três horas da tarde do dia três e eles conseguiram passar pelas linhas realistas e fugiram para Santiago. Na capital, não conseguindo montar uma resistência organizada, O'Higgins e mais umas três mil pessoas decidiram fugir para Mendoza, na Argentina, do outro lado dos Andes.[79]

A derrota nos altiplanos bolivianos que fechou o ciclo argentino na região e fez com que San Martín decidisse pelo plano via Chile foi a de **Sipe-Sipe (14)**, ocorrida em 29 de novembro de 1815. Sipe-Sipe é o nome de um desfiladeiro no Alto Peru, próximo a Potosi. Na terceira expedição argentina para "libertar" o Alto Peru, os três mil e quinhentos patriotas do general José Rondeau são atacados no desfiladeiro Sipe-Sipe, tendo a sua retirada sido cortada.

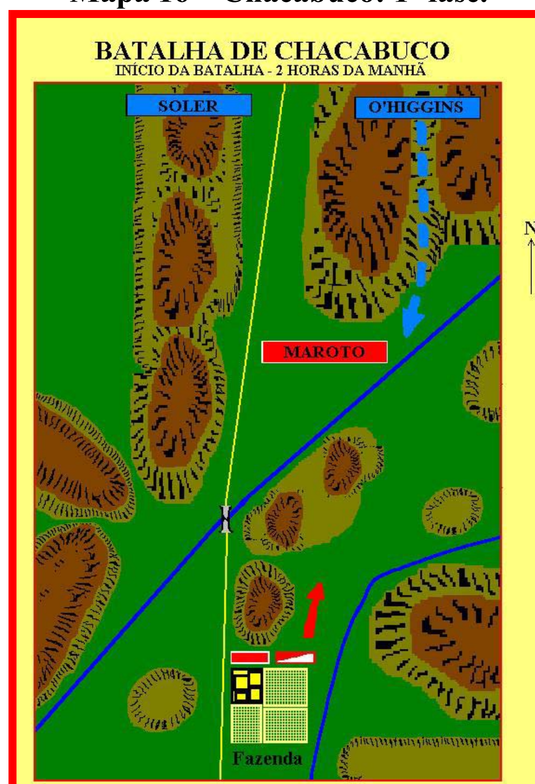
Os atacantes contavam com a surpresa e com uma relativa superioridade numérica: cinco mil e cem homens, comandados pelo competente general Joaquín de la Pezuela. A ordem de batalha argentina é quebrada e ocorre uma desordenada retirada com a perda de 1500 mosquetes, toda a artilharia de nove canhões e mil baixas. A vitória realista custou apenas duzentas e trinta baixas: trinta e dois mortos e cento e noventa e oito feridos.

[79] Leslie BETHEL. **História da América Latina.** Volume III, p. 157. Jay KINSBRUNER. **Independence in Spanish America.** P. 66.

A derrota de Sipe-Sipe e a chegada dos fugitivos de Racangua em Mendoza convenceram San Martín a montar o Exército dos Andes e tomar a iniciativa do ataque antes que as forças realistas vindo da Bolívia ou Chile o fizessem. Junto com O'Higgins ele organizou e executou a perigosa e difícil travessia dos Andes. O autor deste trabalho visitou a região e pode constatar, andando por muitos pontos da passagem, que esta foi uma das grandes marchas militares da história, digna de superar a travessia dos Alpes por Aníbal. O terreno é muito acidentado e a fauna é bastante agressiva. Em Mendoza e no Cerro de La Glória tem-se, ainda hoje, um deserto com uma das mais baixas taxas de umidade do mundo e nos Andes o frio é terrível (o autor atravessou os Andes no verão e estava nevando).

Para a travessia três grandes colunas (1330, 380 e 1783 homens) foram organizadas com um total de três mil, quatrocentos e noventa e três homens A coluna principal do Exército dos Andes iniciou a marcha em 18 de janeiro de 1817 e as outras duas colunas foram unidas no começo de fevereiro no Vale do Aconcagua.[80] Eles tiveram de enfrentar altitudes entre três e quatro mil metros. Outros grupos menores e muitos chilenos aderiram ao exército depois da travessia. No dia 12 de fevereiro de 1817 o exército alcançou uma planície situada a setenta quilômetros ao norte de Santiago, chamada de **Chacabuco (15).**

Mapa 16 – Chacabuco: 1ª fase.

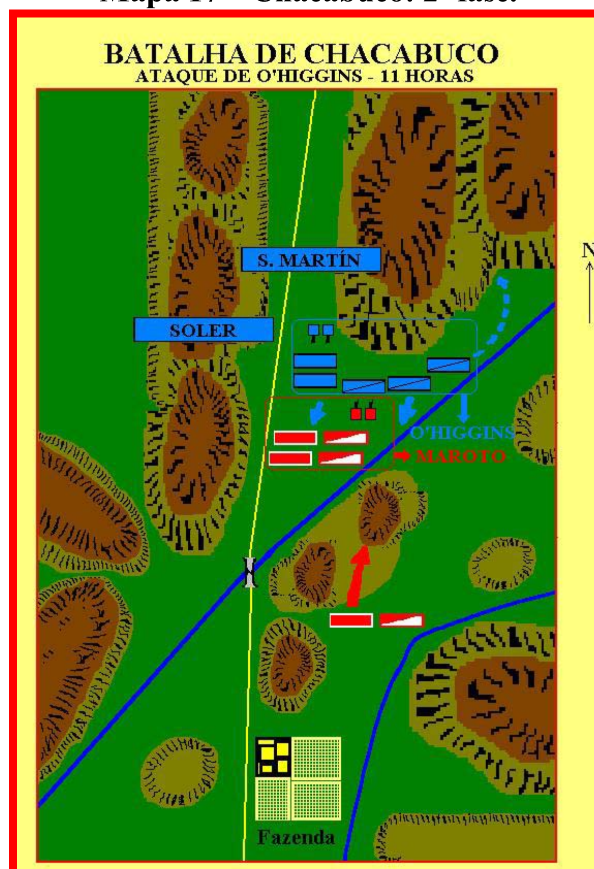


[80] Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 444, nota 20.

Fonte: Mapa do autor.

Os patriotas, comandados por San Martín, tinham agora um contingente de cinco mil, trezentos e cinqüenta homens e mil e seiscentos cavalos e apresentaram batalha ao general realista Rafael Maroto, com mil e quatrocentos homens no local e mais mil na região. Os realistas estavam em uma boa posição defensiva, cobrindo a estrada para a capital na colina a cavaleiro. San Martín atacou de manhã com duas colunas: o coronel Estanislao Solar atacou o flanco esquerdo do inimigo (aquele que protegia a estrada) e O'Higgins atacou depois de Soler na estrada não protegida.

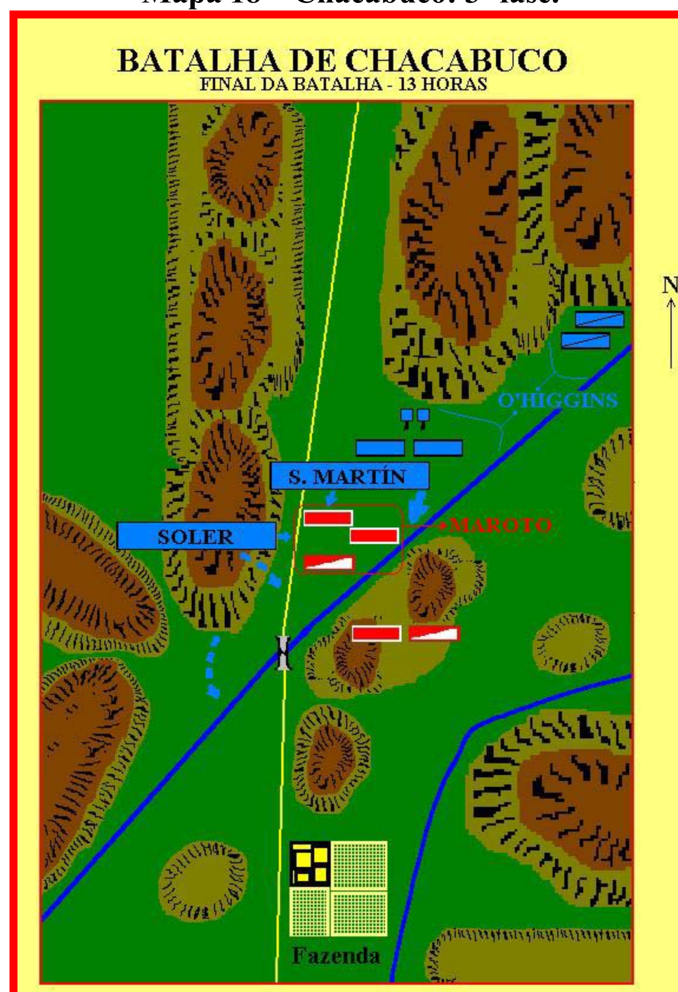
Mapa 17 – Chacabuco: 2ª fase.



Fonte: Mapa do autor.

Ao sair da ravina, O'Higgins deu de cara com a massa realista. Ambrosio Cramer (ou Kramer) reconheceu o perigo (ele era um oficial veterano do exército de Napoleão) e sugeriu uma carga de baioneta a O'Higgins, que a executou. Neste momento, San Martín ordenou que os Granadeiros Montados atacassem o flanco direito e decidiu a sorte da batalha. Solar reforçou o ataque também. Os realistas debandaram com a cavalaria patriota em perseguição. Baixas: patriotas com onze mortos e cento e dez feridos; realistas com seiscentos mortos, quinhentos e cinqüenta homens e toda a artilharia capturada.

Mapa 18 – Chacabuco: 3ª fase.



Fonte: Mapa do autor.

Os patriotas, então tomaram Santiago e rumaram para o sul para derrotar o restante das forças espanholas na capitania. A situação parecia, agora, complicada para os realistas. Mas, olhando globalmente, este não parecia ser um grande ganho para os patriotas, afinal o México, Peru-Bolívia e Nova Granada estavam em suas mãos. E nas duas próximas batalhas os realistas levaram a melhor; na primeira delas, em Nova Granada, mantiveram a iniciativa e na segunda, no Chile, a retomaram.

Tentando dar prosseguimento a sua campanha nas montanhas ao sul de Caracas as tropas de Bolívar (dois mil homens, segundo Flamarion e dois mil e duzentos para Scheina)[81] foram atacadas, em 17 de março de 1818, quando estavam em deslocamento. Bolívar tentou reverter a marcha, mas foi impedido pela perfeita coordenação da ofensiva realista, realizada

[81] Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 79. Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 34.

de forma simultânea em três direções logo na saída da ravina **El Semen (16)**. Os atacantes tinham mil e oitocentos homens e estavam sob o comando de Morillo e de La Torre ou três mil, se as tropas vindas de Caracas, sob a liderança de Morales, forem somadas. Depois de três horas de combate sangrento, Bolívar, que quase foi morto, recuou para Calabozo e depois para Guayana com quatrocentos mortos e igual número de feridos. Como sempre, a maior parte dos feridos morreu posteriormente devido a falta de atendimento médico. Os realistas tiveram seiscentas baixas.

Somente dois dias depois do desastre de El Semen, os patriotas, agora no Chile, amargaram outro revés, em **Cancha Rayada (17)**, uma planície a duzentos e trinta quilômetros ao sul de Santiago, nas cercanias da cidade de Talca. O general realista Mariano Osório desembarcou em Talcahuano em janeiro de 1818, conquistou a planície de Cancha Rayada e atacou às nove horas da manhã quando os patriotas estavam trocando as posições. Eles foram surpreendidos também porque estavam celebrando o dia de San Martín (dezenove de março). O cavalo de O'Higgins foi atingido e caiu, ferindo o chefe chileno, quase que da mesma forma como havia ocorrido com San Martín na batalha de San Lorenzo.

Mapa 19 – Cancha Rayada.

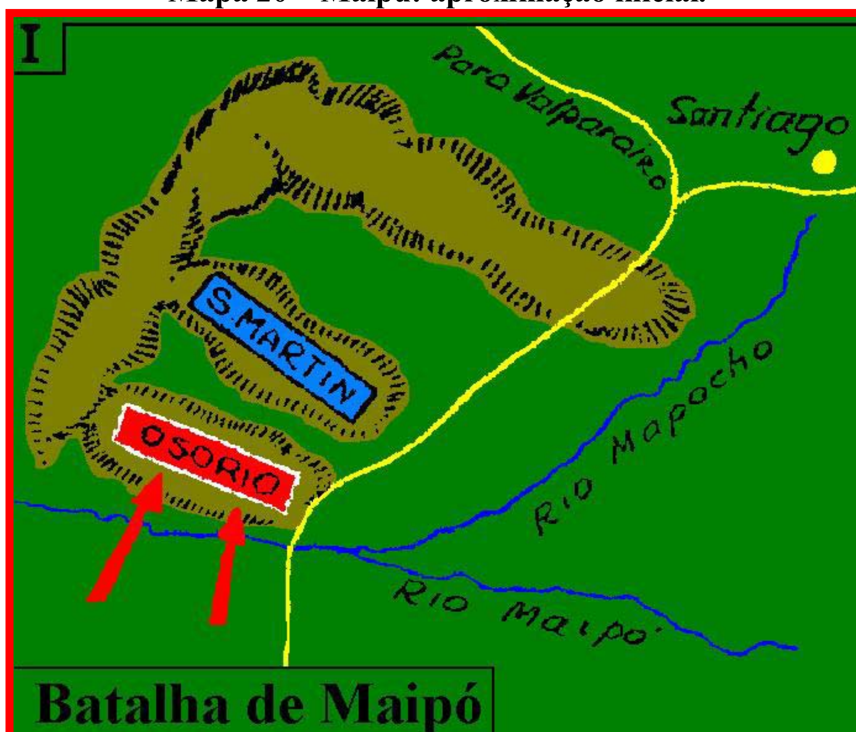


Fonte: http://www.auroradechile.cl/newtenberg/681/article-2969.html

O efetivo realista era, praticamente, a metade do patriota: quatro mil, seiscentos e doze homens e quatorze canhões contra oito mil e onze homens e trinta e três canhões patriotas. Estes, contudo, debandaram. A Segunda Divisão patriota (Gregorio Las Heras) e a artilharia de Blanco Encalada saíram sem perdas significativas, mas Osório capturou vinte e dois canhões e quase todo o trem de San Martín. Por outro lado, as perdas realistas em mortos foram maiores: trezentos contra cento e vinte patriotas. O grande ganho realista foi moral; centenas de homens desertaram das tropas patriotas e o mesmo clima derrotista pós Racangua estava no ar. Os realistas começaram o avanço para Santiago e se não fosse pela firmeza de atitudes e capacidade de organização de San Martín e O'Higgins o Chile seria totalmente retomado para a Espanha.

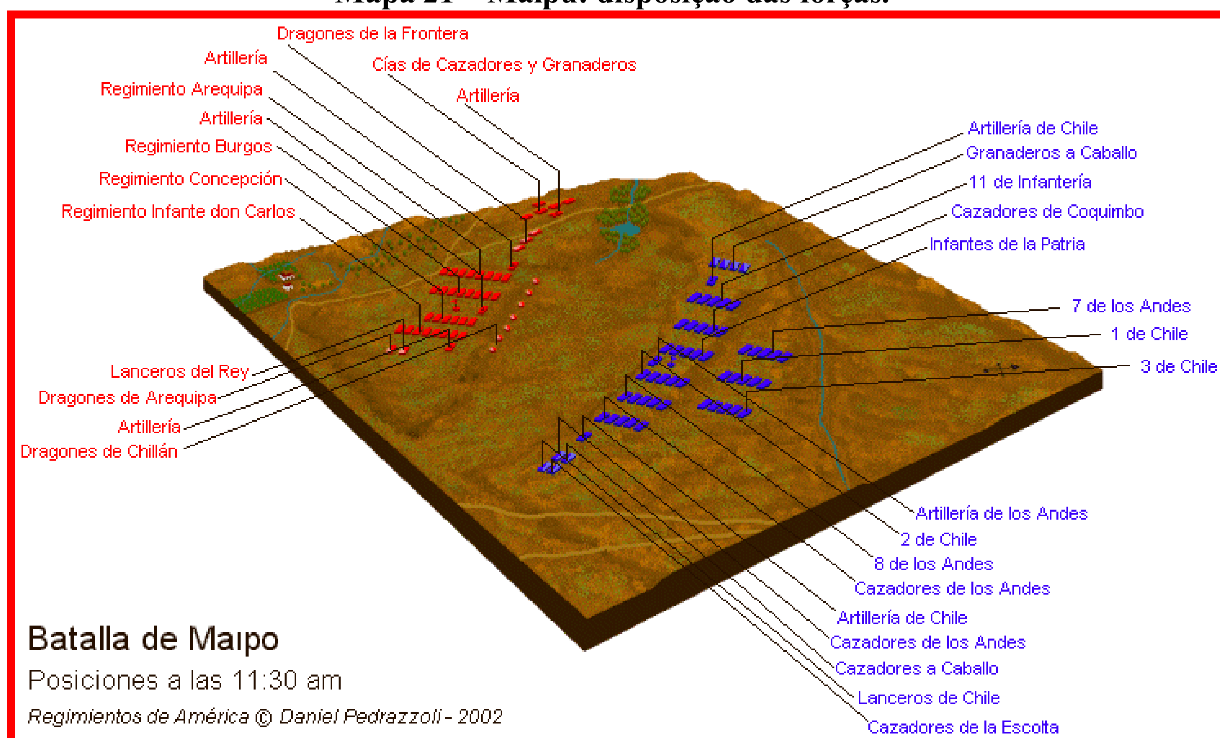
Em uma planície a trinta e cinco quilômetros ao sul de Santiago, chamada **Maipú (17)**, foi travada a mais importante batalha da América Latina, no dia cinco de abril de 1818. San Martín tinha quatro mil e novecentos homens mais vinte e um canhões contra cinco mil e trezentos homens e quatorze canhões realistas, liderados por Osório. Os realistas estavam bloqueando a estrada para Valparaíso. A artilharia patriota abriu a batalha. Sucessos iniciais: um ataque patriota a noroeste abriu caminho para a retaguarda realista. Estes, por sua vez, atacaram a sudeste, carregando sobre as unidades com muitos negros.

Mapa 20 – Maipú: aproximação inicial.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 126.

Mapa 21 – Maipú: disposição das forças.



Fonte: http://www.geocities.com/regimientosdeamerica/Batalla_de_Maipo.html

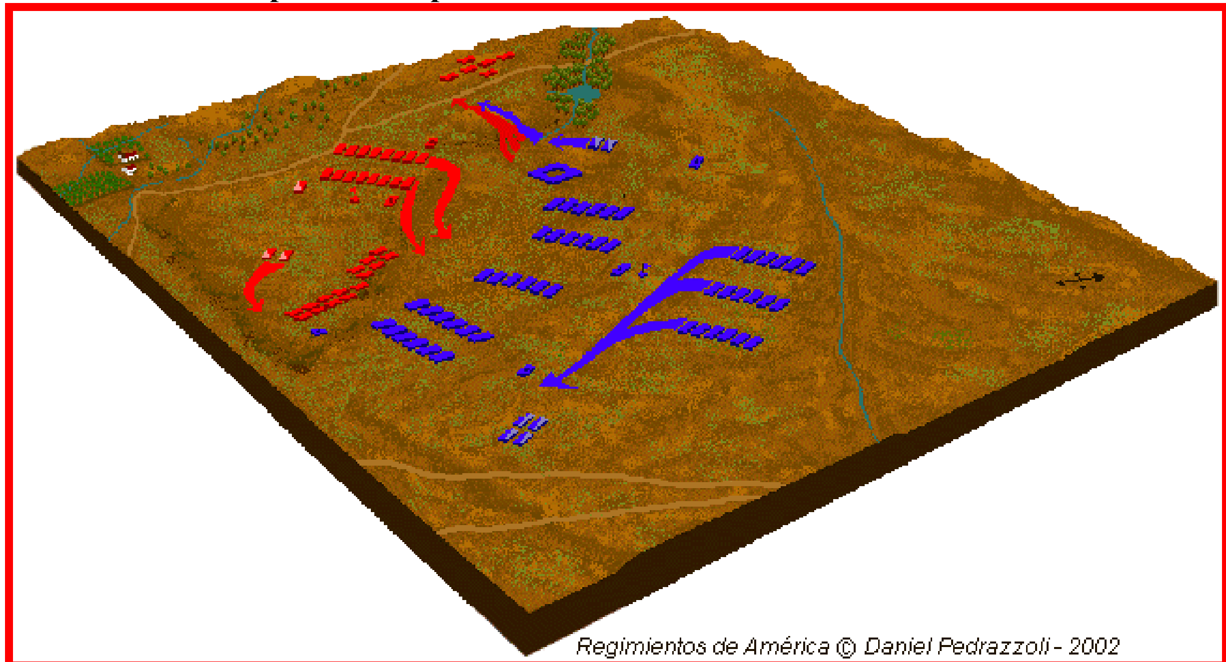
Diante da ameaça de colapso da sua linha, San Martín enviou a reserva para o setor e os realistas perderam o ímpeto do ataque. Às duas horas da tarde, os realistas recuaram para a vila fortificada Del Espejo com os patriotas nos seus calcanhares. A vila foi cercada e a vitória patriota total: dois mil mortos; dois mil, quatrocentos e trinta e dois homens e todo o equipamento realista capturado. Somente seiscentos realistas, incluindo Osório, conseguiram fugir para Valparaíso. As baixas patriotas foram de mil homens. O caminhão para a Independência do Chile estava aberto.

Mapa 22 – Maipú: a batalha.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 126.

Mapa 22 – Maipú: o início da manobra de envolvimento.



Fonte: http://www.geocities.com/regimientosdeamerica/Batalla_de_Maipo.html

O sucesso de San Martín e de Maipú parece influir no ritmo dos acontecimentos e também no espírito de Bolívar. Alguns até dizem que ele tinha inveja dos êxitos do argentino e queria, finalmente, ter a mesma glória. Bolívar tinha, agora, dois novos trunfos; a "Legião Britânica" e os "Llaneros".

A "Legião Britânica", um batalhão de voluntários britânicos e, sobretudo, irlandeses, todos experientes combatentes das guerras napoleônicas chegou a ter cinco mil quinhentos homens. Mas a adaptação ao novo ambiente foi difícil.

"De fato – como acontece freqüentemente com as expedições britânicas na América do Sul – as coisas começaram muito mal tão logo as tropas desembarcaram. Comida ruim e febre dos pântanos do Orinoco cobraram o seu preço. Muitos homens foram mortos pelos índios no caminho para o quartel-general de Bolívar; um foi atacado a noite por um 'tigre', um outro por um crocodilo ..."[82]

Não foram somente os britânicos que sofreram com a situação em Nova Granada. Vale lembrar que do número de soldados espanhóis na região, um pouco mais que dezenove mil homens, dezesseis ou dezessete mil morreram em combate ou por outras causas (uma absurda

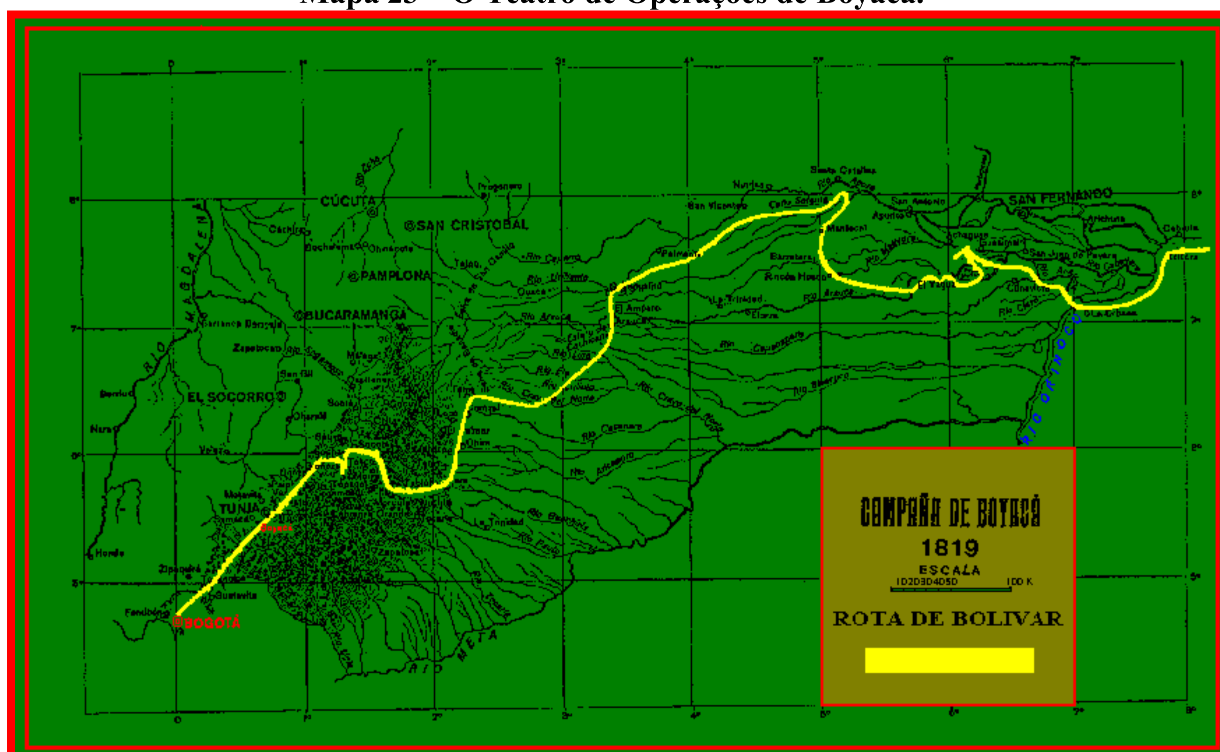
[82] Terry HOOKER e Ron POULTER. **The Armies of Bolivar and San Martin.** P. 8. O grifo é dos autores.

perda de 89% do efetivo original!). Os mosquitos foram os maiores responsáveis por estas perdas.[83]

Contudo, passada a fase de ambientação, a “Legião Britânica” tornou-se uma das melhores unidades dos patriotas, talvez só perdendo para os “llaneros”. Estes, depois da morte de Boves (no final de 1814) escolheram um novo chefe, José Antonio Paez, que acabou se aliando aos patriotas.

Então, Bolívar muda o foco de Caracas (atual Venezuela) para Bogotá (atual Colômbia) e consegue tomar as duas capitais depois de uma campanha magistral coroada por duas grandes vitórias: Boyacá e Carrabobo.

Mapa 23 – O Teatro de Operações de Boyacá.



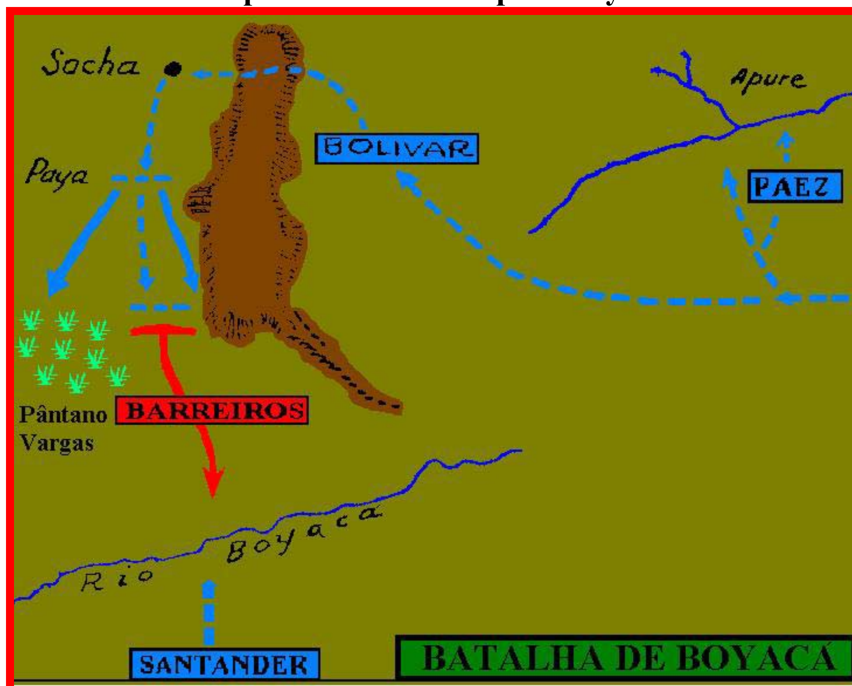
Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 112a.

Bolívar também teve a sua penosa e épica travessia dos Andes. Era 07 de agosto de 1819 quando os patriotas chegaram a ponte sobre o rio **Boyacá (19)**, a noventa quilômetros ao norte de Bogotá. Bolívar estava com sua tropa protegida da vista inimiga por uma colina e conseguiu executar um ataque de surpresa conduzindo seus três mil e duzentos homens (mil e duzentos eram conscritos inexperientes) para o vale diante da ponte. Os "Rifles Venezuelanos" e a Legião Britânica bloquearam os realistas e Santander atacou o corpo

[83] Robert L. SCHEINA. **Latin America’s Wars.** P. 40.

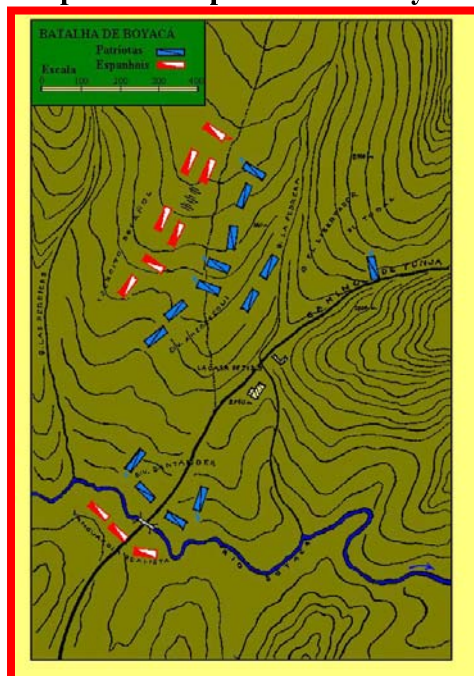
principal espanhol. Os "Rifles Venezuelanos" e a Legião Britânica tiveram de enfrentar o poderoso contra-golpe espanhol, mas conseguiram resistir e forçaram Barreiro, o chefe realista, a retornar a uma posição indefensável.

Mapa 24 – A Marcha para Boyacá.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 149.

Mapa 25 – Dispositivo em Boyacá.



Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 122a.

Mapa 26 – Dispositivo em Boyacá: visão virtual.

Fonte: Victor CIVITA (ed). **Grandes Personagens da História Universal.** Vol IV, p. 903.

No final, Barreiro foi aprisionado com mais 1.600 de seus homens. Em duas horas de batalha, duzentos realistas estavam mortos de um efetivo total de três mil. Os patriotas sofreram treze mortos e cinqüenta e três feridos. O pequeno número de baixas atesta a capacidade militar de Bolívar, afinal todo estudioso de história militar sabe o quanto é difícil

atacar uma ponte protegida. Logo depois desta estrondosa vitória dos patriotas foi criada a República da Gran Colombia (17 de dezembro de 1819).

Mapa 27 – Batalha de Boyacá: fase 1.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 149.

Mapa 28 – Batalha de Boyacá: fase 2.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 149.

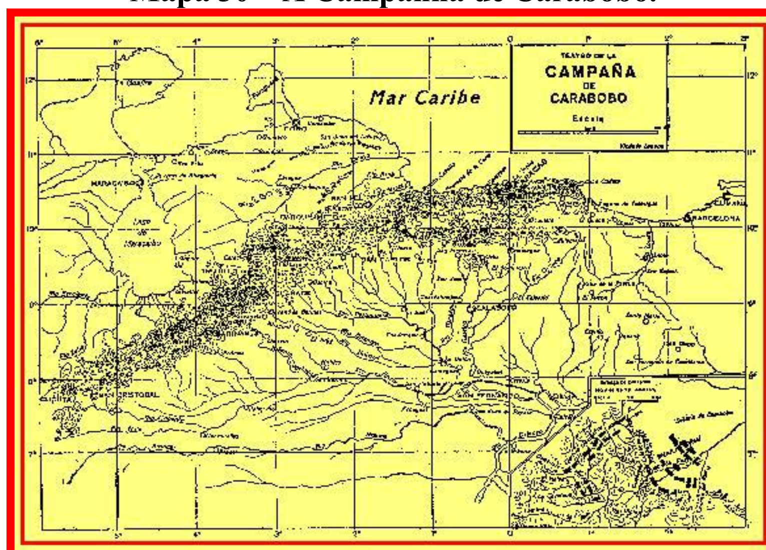
Mapa 29 – Batalha de Boyacá: fase 3.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 149.

Mas a grande vitória de Bolívar veio quase dois anos depois e na mesma planície onde havia amargado duas pesadas derrotas (La Puerta e El Semen). Chegando em 24 de junho de 1821 na região de **Carabobo (20)**, situada a cento e setenta quilômetros à oeste de Caracas, Bolívar decidiu atacar o dispositivo espanhol. O general realista La Torre possuía cinco mil homens na área (uma entrada da planície) e um número igual espalhado pelo norte da Venezuela, com o objetivo de impedir a passagem de Bolívar para Valencia. Este contava com seis mil e trezentos homens e atacou o flanco realista com os "llaneros" de Páez. La Torre bloqueou o caminho com três batalhões.

Mapa 30 – A Campanha de Carabobo.



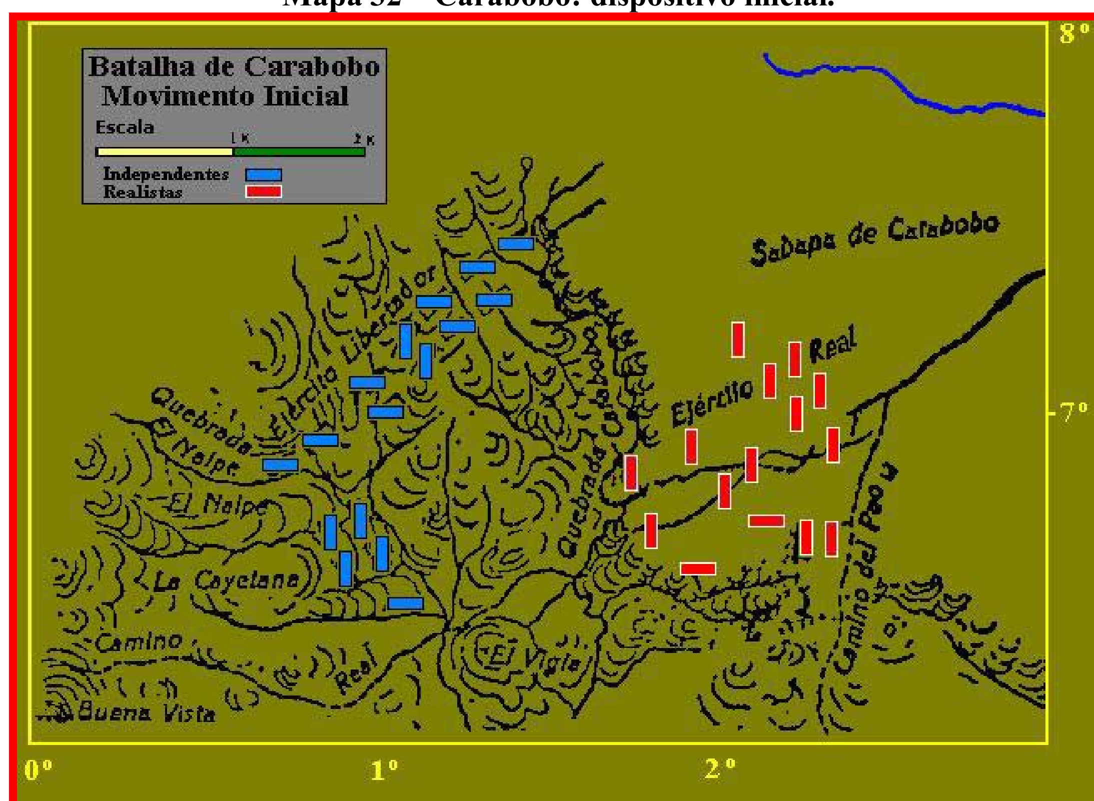
Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 136a.

Mapa 31 – A Marcha para Carabobo.



Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 152.

Mapa 32 – Carabobo: dispositivo inicial.

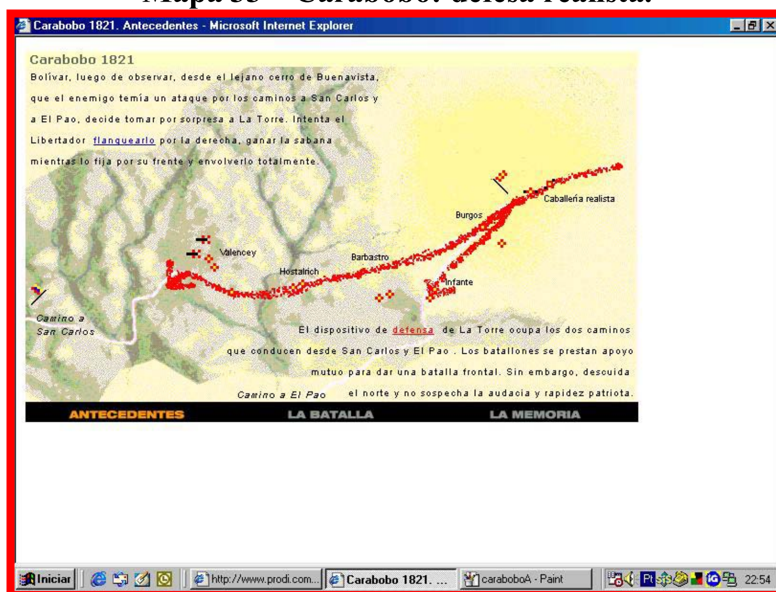


Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** Detalhe do mapa da P. 136a.

A Legião Britânica renovou o ataque com o apoio dos llaneros. Os britânicos abriram uma brecha na linha inimiga ao preço de um terço do seu efetivo inicial. Páez aproveitou o buraco e avançou. La Torre engajou os mil homens da cavalaria do general Morales, mas eles falharam e Páez caiu na retaguarda dos realistas. La Torre foi forçado a abandonar a estrada onde tinha bloqueado o ataque frontal de Bolívar e recuou. Os mil homens do batalhão

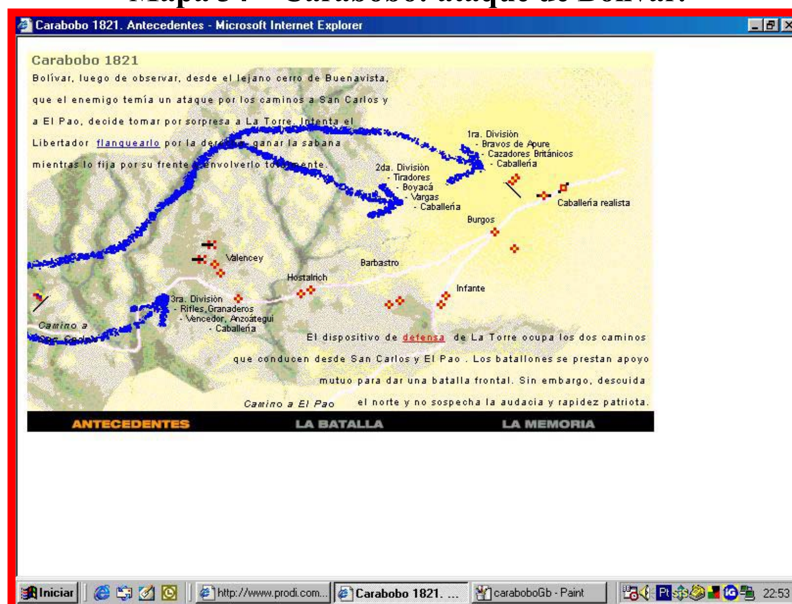
Valencey, que estavam no canto sudoeste do campo de batalha, fizeram uma excelente ação de retaguarda, permitindo que os outros dois mil desmoralizados realistas escapassem para o pesadamente fortificado Puerto Cabello. Baixas: 2.786 realistas e duzentos mortos patriotas, a maioria da Legião Britânica. O caminho para Caracas estava aberto para Bolívar.

Mapa 33 – Carabobo: defesa realista.



Fonte: www.prodi.com/carabobo.html

Mapa 34 – Carabobo: ataque de Bolívar.



Fonte: www.prodi.com/carabobo.html

Alhures, San Martín tinha levado avante o seu plano de atacar o Peru vindo do Chile, mas estava tendo muitos problemas em abastecer e pagar as suas tropas chileno-argentinas. Grande parte destas carências residia na falta de vontade que os governos dos dois países

tinham para com ele, no momento. A outra grande dificuldade estava na divisão dos peruanos; muitos eram leais à Espanha e daqueles que eram contra a Espanha, muitos não aceitavam o conservadorismo Martiniano. Ele conseguiu tomar Lima e proclamar a independência do Peru, mas não tinha controle sobre todo o vice-reinado, sobretudo na área do Alto Peru (Bolívia). E era dos altiplanos bolivianos que viam os ataques dos realistas.

Uma destas ações resultou na derrota patriota em **Ica (21)**. Em sete de março de 1822, o general patriota Domingo Tristán, comandando mil e seiscentos homens, ocupou Ica, cidade situada a duzentos e setenta quilômetros sul-sudeste de Lima, com o objetivo de bloquear o caminho realista para a capital. Mas o general realista Canterac executou, com três mil homens no vale de Jauja, uma marcha forçada de mais de setenta quilômetros levando várias peças de artilharia, cavalos e mulas e ficou em posição paralela a de Tristán, bastando descer a serra para atacá-lo. E isto foi feito.

Tristán foi surpreendido as dez horas da manhã pelo ataque de Canterac, com dois mil homens, sendo as tropas patriotas quase aniquiladas. Os realistas, depois de um curto combate onde aprisionaram mil patriotas, voltaram para o seu ponto forte no sudeste da serra a fim de evitar a perseguição.[84]

Mas o ano de 1822 foi o ano dos patriotas, da mesma forma que o ano de 1814 tinha sido dos realistas. Nestes anos, cada lado dominante teve três vitórias em quatro batalhas. As três grandes vitórias patriotas de 1882 ocorreram no Equador e no Brasil. Este último, calmo até então, também tinha proclamado a sua independência e teve de lutar, igualmente, por ela.

A primeira desta série vitoriosa foi a batalha de **Bomboná (22),** um pequeno rio das encostas ao norte de Quito. Os realistas estão bem entrincheirados e seus flancos estão protegidos pelo rio e por uma encosta. Bolívar força o ataque assim mesmo e devido as dificuldades do terreno a confusão foi generalizada. Os patriotas golpeiam primeiramente o flanco esquerdo dos realistas, mas são recebidos por uma bem nutrida fuzilaria e recuam. O próximo assalto, no centro da formação inimiga enfrenta uma parede de fogo ainda mais intransponível e também é obrigado a retroceder. Depois de quatro horas de batalha o terceiro movimento é desferido na ala direita dos realistas, mas desta feita os atacantes vieram cobertos por uma colina e atacam em silêncio, com baionetas. Uma rude luta corpo-a-corpo é travada e os realistas abrem o dispositivo e recuam.

---

[84] Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 172. Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 17.

Mapa 35 – A Campanha de Bomboná.



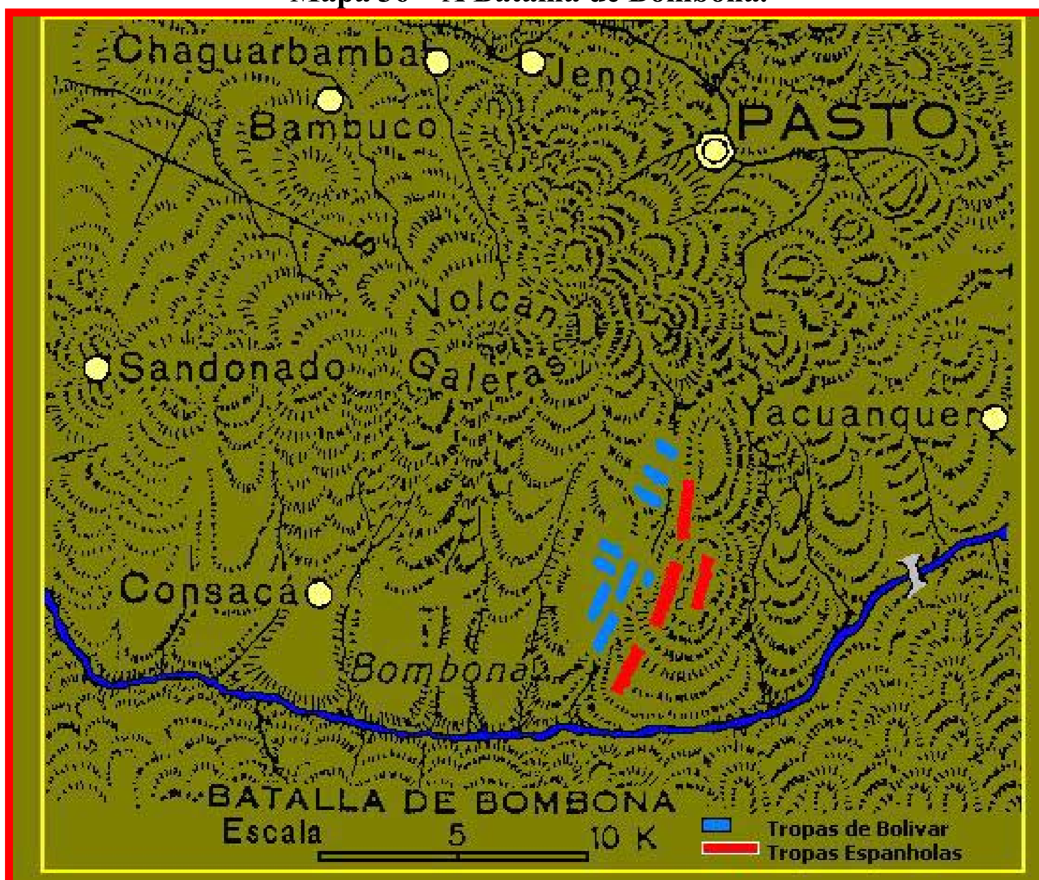
Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 146a.

Os patriotas ocupam o campo de batalha, mas não conseguem realizar a perseguição ao inimigo devido ao cair da noite. Ao raiar do dia seguinte, Bolívar também decide retirar-se da área para que as suas linhas de abastecimento não sejam cortadas pelo inimigo. Além do mais as suas tropas estão cansadas e enfraquecidas uma vez que o ataque de Bolívar contou com três mil homens e teve quatrocentas e cinqüenta e nove baixas (cento e dezesseis mortos e trezentos e quarenta e três feridos), enquanto que os realistas, comandados pelo coronel Basilio García, sofreram duzentas e cinqüenta baixas de um efetivo total de dois mil e duzentos homens.

Estes dois fatos, abandonar o campo de batalha e ter mais baixas que os realistas fizeram como que muitos não considerassem esta batalha como uma vitória patriota. Alguns

consideram um "Empate" ou até mesmo derrota.[85] Todavia, a batalha de Bomboná, travada em 07 de abril de 1822, serviu como uma operação de engodo, desviando a ação dos realistas das tropas que Sucre que vinham no sentido contrário ao de Bolívar. Desta feita, o objetivo patriota foi cumprido e, assim sendo, pode ser considerada como uma vitória.

Mapa 36 – A Batalha de Bomboná.



Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** Detalhe do mapa da P. 146a.

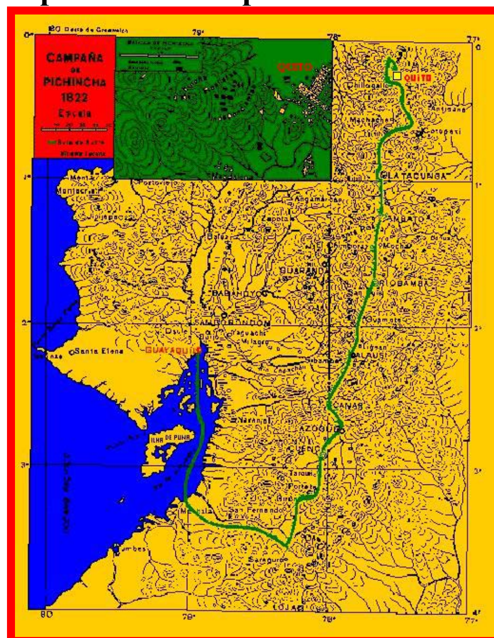
As tropas de Bolívar que estavam tentando chegar em Quito vinham do norte para o sul e foram bloqueadas pelos realistas em Bomboná, mas as tropas realistas que atacaram Bolívar não puderam barrar o avanço de Sucre que se aproximava de Quito vindo do sul para o norte, uma vez que ele havia desembarcado no porto de Guaiaquil. Mesmo assim, Sucre acabou tendo de enfrentar os realistas nas faldas do vulcão **Pichincha (23)**, trinta quilômetros ao norte de Quito. Mas como Sucre foi também para ao norte de Quito?

---

85 Leslie BETHEL. **História da América Latina.** Volume III, p. 171. Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 39.

Hábil tático que era, Sucre decidiu contornar as formidáveis defesas que os realistas haviam ocupado nos acessos meridionais da serra de Quito. Subiu acima do Cotopaxi e apareceu diante dos vales de Quito. Os realistas, surpreendidos decidiram não dar batalha para não perderem a vantagem da escolha do terreno. Sucre também percebeu o plano adversário e decidiu, então rumar para o norte da cidade para cortar as comunicações e os suprimentos dos realistas. Esta ação pode ser considerada uma autêntica manobra de estratégia indireta, ou seja, aquela que desequilibra o dispositivo inimigo e coloca o comandante adversário na situação de ter de enfrentar a batalha nas condições escolhidas pelo manobrante, sob a pena de se não o fizer ficar isolado de suas fontes de suprimentos.

Mapa 37 – A Campanha de Pichincha.

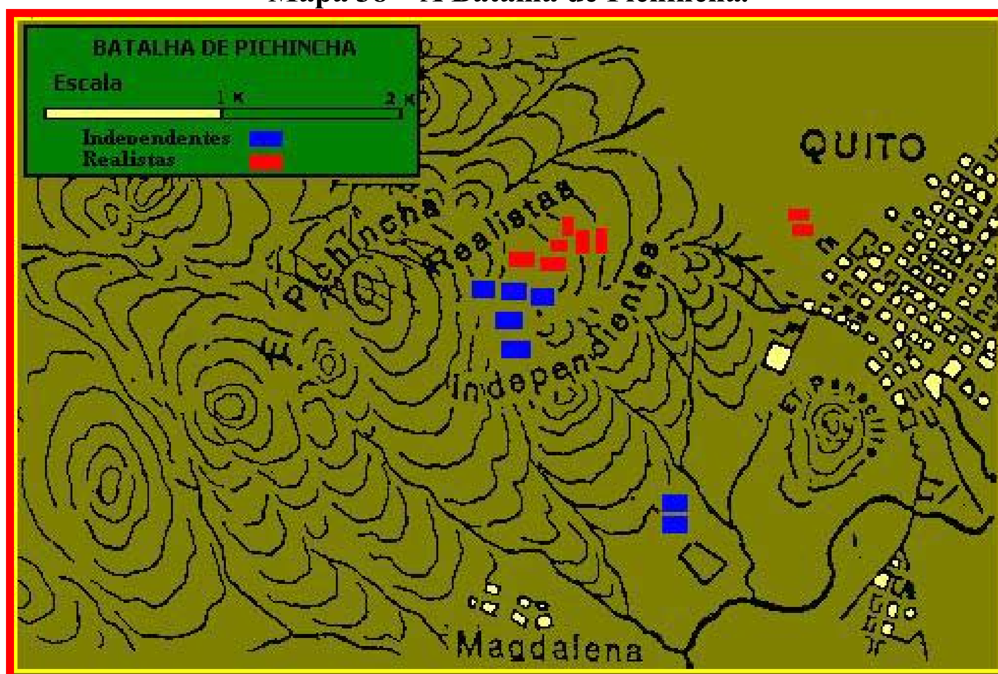


Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 158a.

Sucre empreendeu uma marcha noturna por um caminho terrivelmente acidentado e ao amanhecer estava nas setentrionais alturas dominantes de Quito. O marechal Melchor Aymorich, realista, tentou bloquear o acesso de Sucre para Quito em 24 de maio de 1822 e deu início ao combate de Pichincha. Sucre contava com colombianos, equatorianos, argentinos e peruanos (estes, em número de 1500, sob o comando de Andrés de Santa Cruz, tinham sido enviados por San Martín pela rota terrestre de Cuenca). Mas os que decidiram o confronto foram os voluntários britânicos, mais uma vez, e os granadeiros argentinos e chilenos.

A capacidade de Sucre em deslocar sob fogo a sua tropa em um terreno fortemente escabroso, eivado de desfiladeiros profundos e ravinas abruptas, foi decisiva para a vitória e torna este chefe venezuelano um dos grandes nomes da campanha de emancipação latino-americana. Após uma rápida luta, com 400 mortos e 200 feridos realistas e 91 mortos e 67 feridos patriotas, Sucre está em condições de tomar Quito. E o fez.

Mapa 38 – A Batalha de Pichincha.

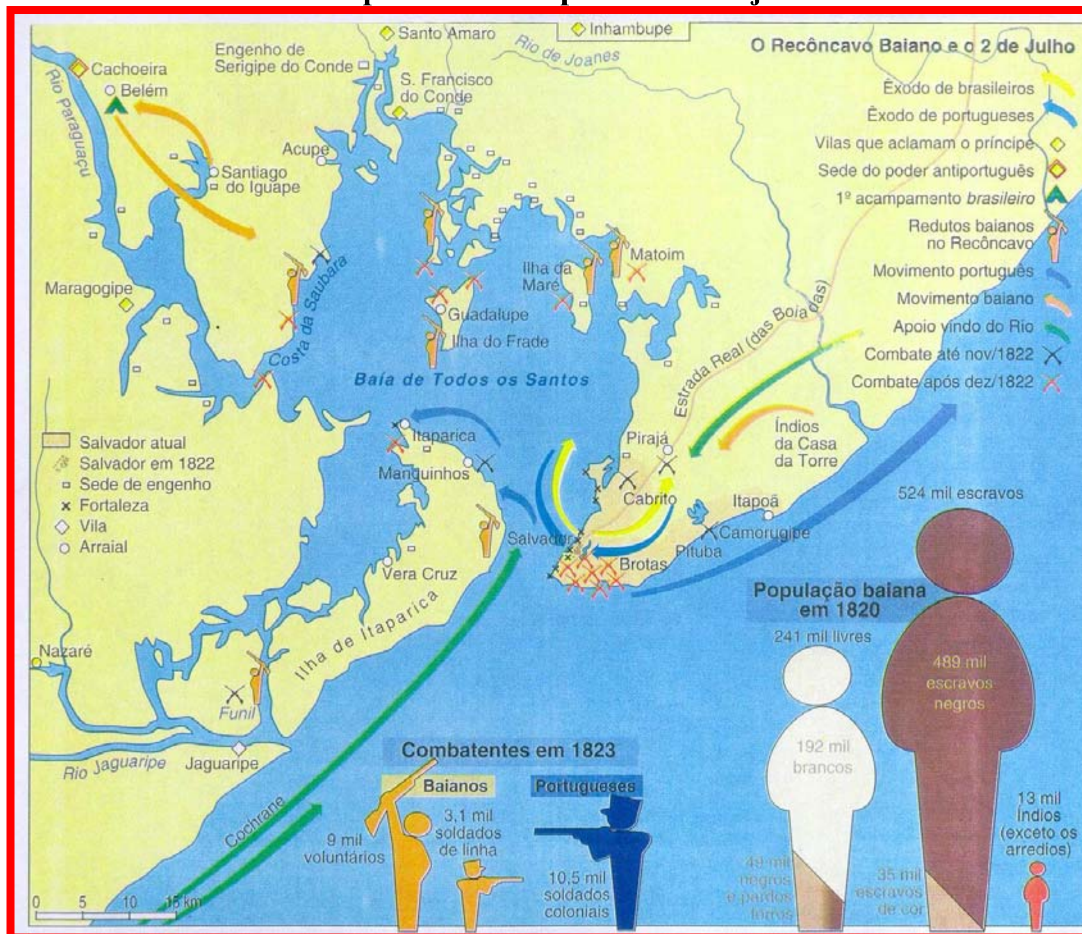


Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** Detalhe do mapa da P. 158a.

No final do ano de 1822 o Brasil também está lutando pela sua independência. O maior combate da campanha brasileira foi, sem sobra de dúvida, a batalha de **Pirajá (24)**, no Recôncavo Baiano, nas cercanias da cidade de Salvador, que tinha se transformado no maior reduto de tropas realistas no Brasil.

A batalha foi longa para os padrões latino-americanos da época, durou quase cinco horas da manhã de nove de novembro de 1822. O ataque de dois mil realistas foi mais uma tentativa de romper o sufocante bloqueio da cidade de Salvador. A ação foi dividida em duas colunas pelo coronel João de Gouveia Osório: a ala principal, com mil e quinhentos homens, sob o comando do tenente-coronel Vitorino e a secundária, com um batalhão de trezentos homens e mais cem marinheiros, comandada pelo tenente-coronel José Almeida de Serrão. Durante o combate mais três mil realistas deram apoio ao esforço ofensivo, ou seja, metade dos dez mil militares do brigadeiro realista Inácio Luiz Madeira de Mello.

Mapa 39 - A Campanha de Pirajá.



Fonte: Bernardo JOFFILY. **Brasil 500 anos – Atlas Histórico.** P. 47.

As baixas dos atacantes superaram as duas centenas. Os patriotas tinham sete mil homens no cerco da capital baiana, dos quais somente dois ou três mil eram tropas regulares, sendo o restante constituído por milícias e pelos "celouras" (voluntários sem experiência e equipamentos militares apropriados). No comando geral patriota estava o brigadeiro francês Pedro de Labatut. No entanto, no local e no momento da ação ofensiva realista estavam apenas duas brigadas patriotas: a da direita, com mil e trezentos homens (segundo Donato) comandados pelo coronel José de Barros Falcão, que cobria o eixo para Engenho Novo-Pirajá, e a da esquerda, no eixo para Feira de Capume.

No ataque para Feira de Capume foi facilmente detido e rechaçado, mas o de Pirajá conseguiu avançar até a praça da cidade, onde foi detido pelo batalhão patriota dos Henriques (negros). A poderosa reserva realista, então, foi alocada em apoio deste ataque. Os Henriques tiveram de recuar.

"Nessa circunstância, o Coronel José de Barros Falcão decidiu retrair-se para a região de Cangurungá, e depois para Engenho Novo. Transmitiu ao corneteiro Luís Lopes a

ordem de retirar. Este, porém, inadvertidamente, ou por inspiração do momento, tocou 'Avançar Cavalaria e degolar'. Não havia entre as forças brasileiras nenhuma unidade de Cavalaria organizada, mas tomava parte na Batalha uma Companhia Montada sob o comando de Pedro Ribeiro que vinha fazendo grande estrago nas fileiras portuguesas.

Ao ouvirem o toque, os portugueses hesitaram, como se tomassem disposições para formar em quadrado. Disso aproveitou-se o comando brasileiro para comandar uma carga à baioneta que desarticulou o dispositivo português, obrigando-o a recuar."[86]

Assim terminou o ataque em Pirajá. As Baixas foram altas: duzentas para os realistas enquanto que os patriotas tiveram quarenta, sendo vinte e cinco mortos e quinze feridos. O cerco continuou e o Brigadeiro português percebeu que não resolveria a situação com outro ataque e decidiu ficar na espera de novos reforços de Portugal. Como o cerco patriota também foi estendido ao mar, graças a nova marinha brasileira, Madeira de Mello acabou capitulando em 23 de julho de 1823, data festejada localmente como a da independência da Bahia.

A Bahia representou para Portugal, durante a guerra de independência, o que o Peru foi para a Espanha: o grande e forte ponto de concentração de tropas, pronto para atacar outras áreas e acabar com o movimento dos colonos. Até a situação geográfica das duas regiões era parecida: elas estavam situadas estrategicamente no centro do território colonial de cada uma das metrópoles ibéricas, podendo bater, de forma eqüidistante os vários territórios coloniais. Os brasileiros perceberam isto mais rapidamente que os colonos hispano-americanos e cercaram prontamente a cidade de Salvador, originando o confronto acima descrito.

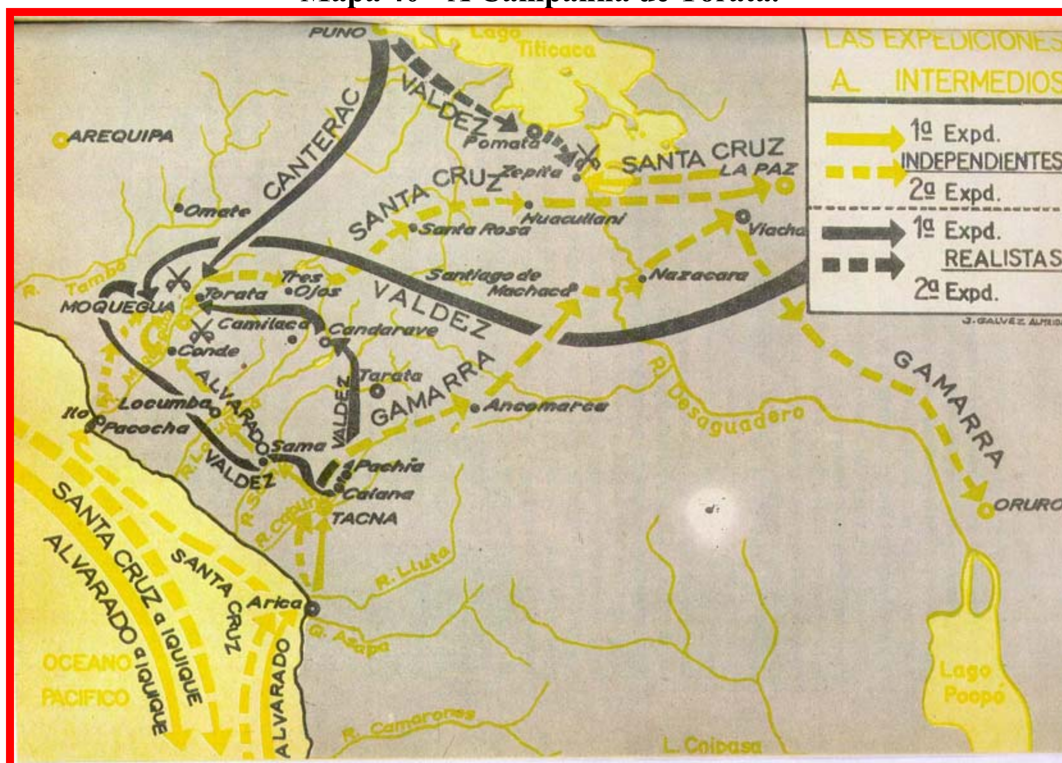
Como o Peru ainda estava com tropas realistas, a situação das novas nações da América Espanhola não poderia ficar tranqüila. Somente agora Bolívar percebeu isto e decidiu agir na região. Mesmo porque San Martín havia abandonado a luta no Peru, depois do fracasso de seu encontro com *El Libertador* em Guaiaquil, e a situação no país estava um verdadeiro caos, favorecendo a causa realista.

No entanto, antes que as tropas bolivarianas chegassem ao Peru os patriotas locais e o restante das tropas argentinas e chilenas sofreram ainda uma acachapante derrota em dezenove de janeiro de 1823 na cidade de **Torata (25)**, distante oitocentos quilômetros a

[86] Flamarion Barreto LIMA. **Campanhas Militares da Independência dos Países Sul-Americanos.** P. 105. Ver também Hernâni DONATO. **Dicionário das Batalhas Brasileiras.** P. 394.

sudeste de Lima. Os patriotas do general Rudecindo Alvarado, atuando defensivamente, tiveram o dobro de baixas (quinhentas) que os realistas de Jerônimo Valdez e Canterac.[87]

Mapa 40 - A Campanha de Torata.



Fonte: G. P. MUZZO. **Compendio de Historia Del Peru.** P. 122.

Aliás, o ano de 1823 foi um verdadeiro “canto de cisne” das tropas ibéricas na América. Elas conseguiram três vitórias contra um dos patriotas. E duas delas ocorreram no Brasil, sendo a de Jenipapo uma das piores derrotas que o país já sofreu. A situação só não ficou pior no país porque a única vitória patriota do ano ocorreu posteriormente e conjurou o perigo representado pela força que havia infligido os dois óbices às focas brasileiras.

Jenipapo (26): Treze de março de 1823. Efetivos: mil homens realistas (major João José da Cunha Fidié) contra dois mil patriotas (o caudilho Alecrim e o coronel Luís Rodrigues Chaves). Pelo menos, estes são os dados de Hernani Donato.[88] Varnhagem, querendo, provavelmente, diminuir a importância da vitória lusitana escreve que *“... Fidié tinha 1.600 homens bem armados e 11 peças de campanha. Os independentes eram uns 2.000, porém muitos apenas armados de chuços, foices e machados. Tinham somente duas peças, que ficaram desmontadas aos primeiros tiros.”*[89]

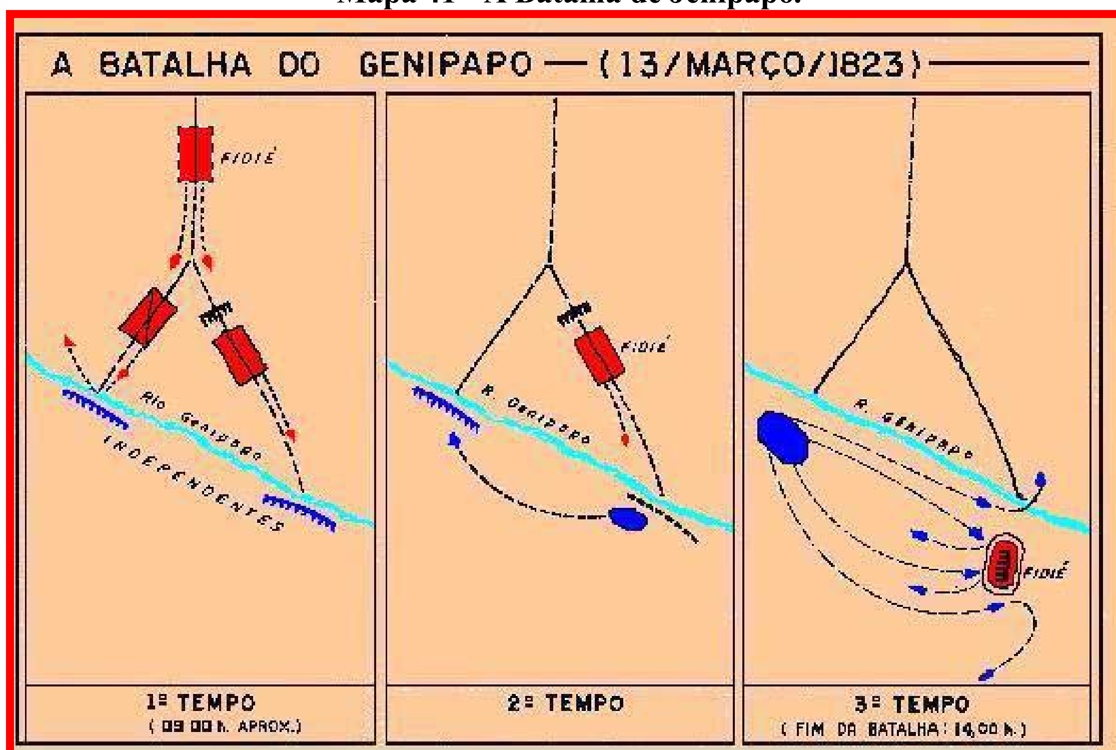
---

[87] Airton Salgueiro de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** Pp. 175 e 187-8. Robert L. SCHEINA. **Latin America’s Wars.** P. 66.

[88] **Dicionário das Batalhas Brasileiras.** P. 328.

[89] Francisco Adolfo de VARNHAGEM. **História da Independência do Brasil.** P. 508, nota 13.

Mapa 41 - A Batalha de Jenipapo.



Fonte: Francisco RUA SANTOS. **História da Independência do Brasil.** Volume II, p. 157.

A batalha durou cinco horas e teve início às nove horas da manhã. O rio Jenipapo fica próximo da vila de Campo Maior, no Piauí, quase no limite com o Maranhão. Fidié atravessou o leito seco do rio Jenipapo e percebeu que nos arvoredos próximos estavam os patriotas escondidos para emboscá-lo. Experiente combatente das guerras napoleônicas, Fidié deslocou a sua cavalaria de forma lateral para flanquear os patriotas e assim desmontar a emboscada. Na seqüência dividiu a sua infantaria em dois grupos e atacou a retaguarda dos patriotas. Estes, em maior número realizaram dois ataques frontais para furar o bloqueio, mas foram batidos nas duas tentativas. A desorganização tomou conta dos patriotas e o que se seguiu foi uma debandada em massa. Baixas: patriotas com mil, duzentas e vinte e duas, sendo seiscentos mortos, oitenta feridos e quinhentos e quarenta e dois capturados. Os realistas tiveram apenas setenta e nove, com dezenove mortos e sessenta feridos.[90]

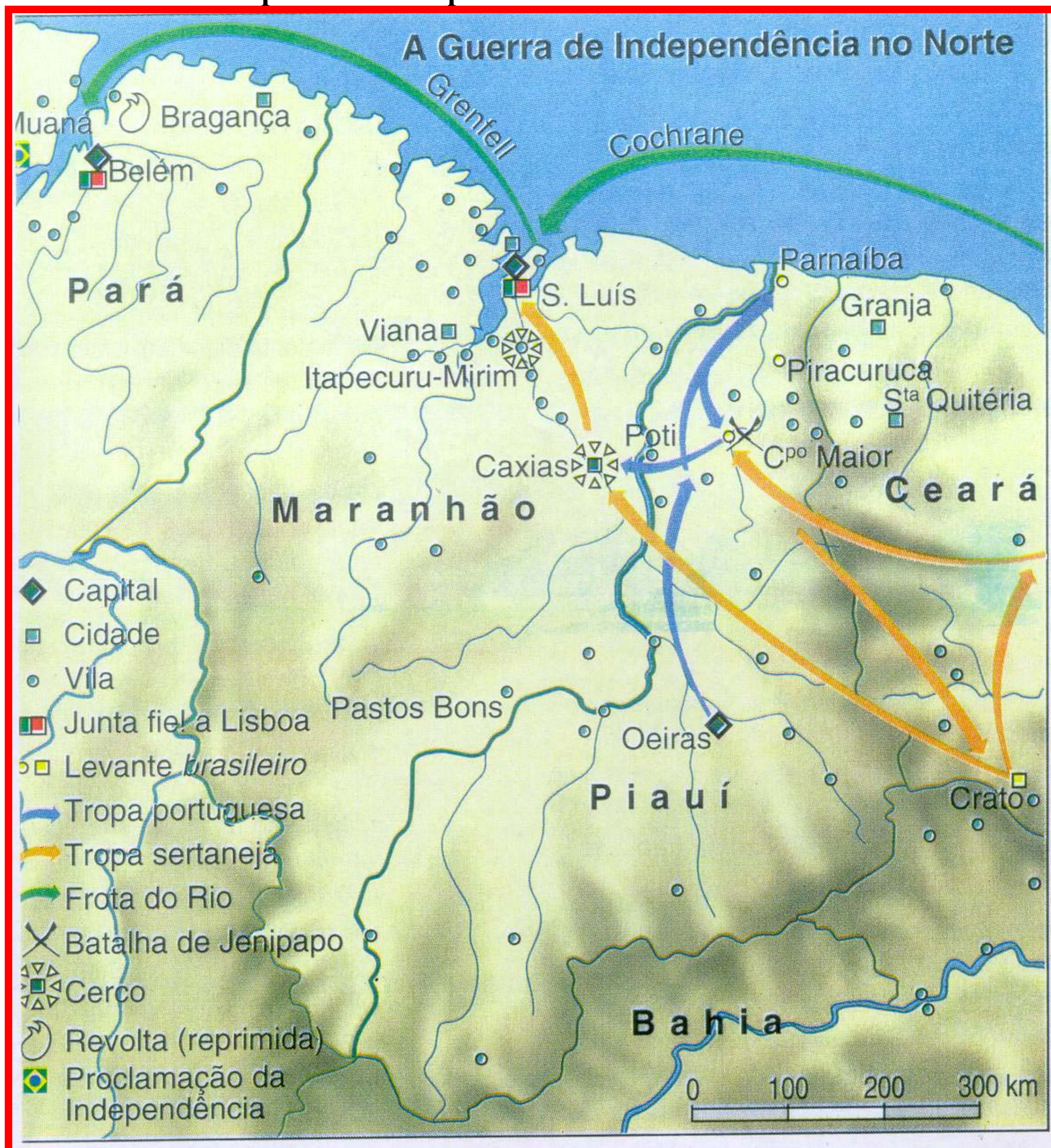
O mais surpreendente é que todos os que lutaram a favor de Fidié eram brasileiros e todos os capturados por ele em Jenipapo também passaram a lutar pelo lado português quando Fidié invadiu o Maranhão e tomou a cidade de Caxias. Contudo, as tropas patriotas vindas do

---

[90] Baixas patriotas em Hernâni DONATO. **Dicionário das Batalhas Brasileiras.** Pp 328. E baixas realistas em José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", p. 241.

Ceará e reagiram e cercaram a cidade de Caxias. Depois de cem dias de sítio, Fidié acabou se rendendo. As duas batalhas descritas a seguir ocorreram durante o cerco de Caxias.[91]

Mapa 42 - A Campanha do Maranhão e do Piauí.



Fonte: Bernardo JOFFILY. **Brasil 500 anos – Atlas Histórico.** P. 47.

Bom Fim (27): Vinte e cinco de maio de 1823. Fidié, na defesa, perto de Caxias, derrotou os nativos de João da Costa, o Alecrim, que se mostrou incompetente e abandonou a sua tropa sob fogo. Por conta disto, ele perdeu o comando e o seu posto. Ele só não perdeu

[91] Para as batalhas brasileiras, principalmente as de Atoleiro e Bom Fim ver: Hernâni DONATO. **Dicionário das Batalhas Brasileiras.** Pp. 217 e 231. José Honório RODRIGUES. **Independência: Revolução e Contra-Revolução.** Volume de "As Forças Armadas", p. 234-250. Francisco RUA SANTOS. Guerra de Independência: as forças de terra. In: MONTELLO, Josué (dirigida por). **História da Independência do Brasil.** Volume II, pp. 137-165.

todos os seus quatrocentos homens no ataque porque foi auxiliado pelo marechal Manoel Clementino de Sousa Martins.

No dia dezoito de julho de 1823, Fidié, depois da preparação de artilharia, atacou o arraial de **Atoleiro (28)**, peça chave no cerco de Caxias, com a intenção de rompeu o bloqueio. Com a chegada dos reforços do coronel João de Araújo Chaves e do auxílio de João Gomes Caminho, o chefe português desistiu do ataque e recuou ao escurecer. Sem conseguir o seu intento o chefe português decidiu render a cidade.

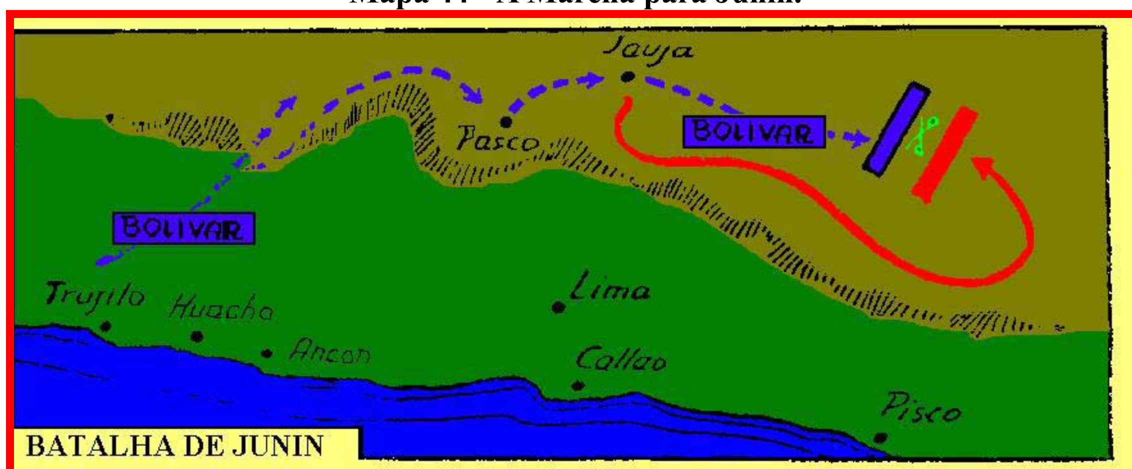
Mapa 43 - A Campanha de Junín.

Fonte: G. P. MUZZO. **Compendio de Historia Del Peru.** P. 133.

Agora, ao adentrar o ano de 1824, somente o Peru (e a Bolívia) tinham tropas realistas em quantidade suficiente para ameaçar os patriotas. Mas as tropas de Bolívar já estavam na região prontas para extirpar o último grande reduto da Coroa Espanhola na América. E foram necessárias apenas duas batalhas para consumar a emancipação política do continente. Nesta altura dos acontecimentos, as tropas americanas estavam muito bem organizadas e poderiam ombrear, em qualidade de armamento, de soldados e de táticas, com os melhores exércitos da Europa.

A afirmação disto foi feita por um oficial inglês, William Miller, que havia lutado contra Napoleão e contra os EUA, na Guerra de 1812, e que desde então servira nas campanhas da Argentina, Chile e Peru. Depois da guerra de independência ele tornou-se marechal do exército peruano. Ele escreveu em suas memórias que *"A batalha de Ayacucho foi a mais brilhante das já ocorridas na América do Sul. As tropas de ambos os lados estão em um estado de disciplina que pode ser creditado aos melhores exércitos da Europa."*[92]

Mapa 44 - A Marcha para Junín.

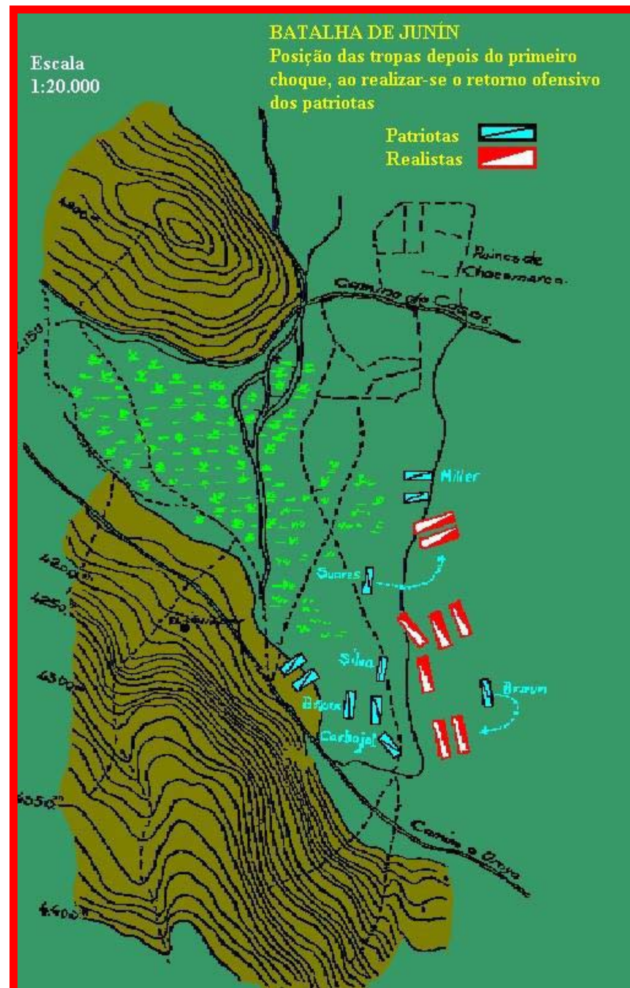


Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 181.

Na tarde de seis de agosto de 1824, ao atravessar a planície ao sul do lago **Junín (29)**, situada a duzentos quilômetros a nordeste de Lima, a cavalaria realista de Canterac, com mil e trezentos homens, notou que os patriotas, sob o comando do general Miller, estavam saindo de um desfiladeiro e os atacou. Miller e os seus duzentos e cinqüenta homens foram para um pântano próximo. O restante dos patriotas (750 homens) engajou os realistas e os retiraram do campo. Nenhum tiro foi dado: a batalha foi feita somente com aço e como só envolveu cavalarianos, a embate ficou conhecido como "A Batalha dos Centauros". Baixas: cento e quarenta e uma dos patriotas, sendo cinqüenta mortos e noventa e um feridos contra quatrocentos e quarenta e quatro dos realistas, com trezentos e sessenta e quatro mortos e oitenta capturados. O mais importante foi que com a derrota da cavalaria espanhola, até considerada imbatível, a moral realista foi por água abaixo. Ocorreram depois disto três mil baixas por deserções e por doenças.

Mapa 45 - A Batalha de Junín.

[92] Robert L. SCHEINA. **Latin America's Wars.** P. 69.



Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 190a.

O ato final ocorreu em nove de dezembro de 1824 na planície de **Ayacucho (30)**. Com quatro mil metros de altitude e situada a trezentos e dez quilômetros a sudeste de Lima, Ayacucho significa na língua indígena local, sintomaticamente, “Beco da Morte”.

Depois de Junín, o vice-rei La Serna toma a iniciativa e tenta flanquear Sucre pelo oeste para cortar a sua rota de suprimentos do norte e a de escape para o mar (sul). Sucre estava como comandante-em-chefe dos patriotas uma vez que Bolívar teve de voltar para Colômbia devido a motivos políticos.

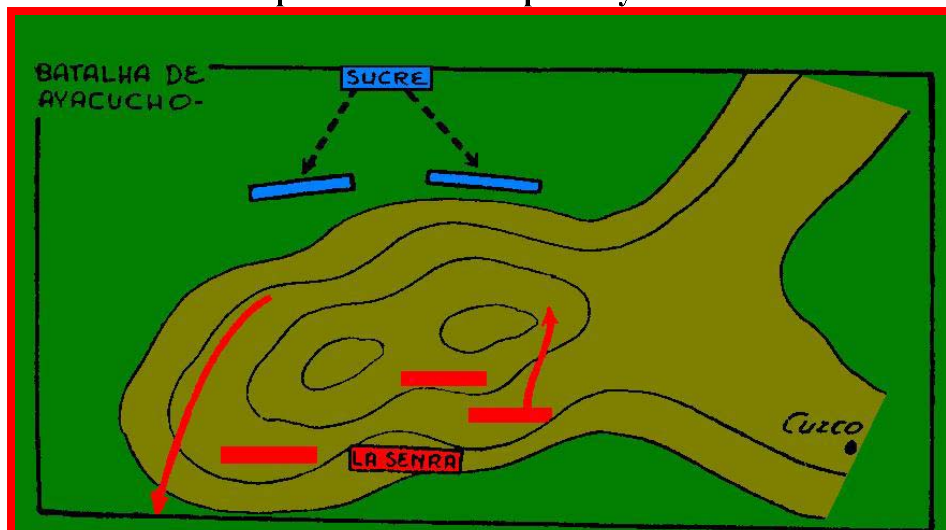
Em vinte e dois de outubro La Serna sai de Cuzco e circula Sucre pelo sul. Sucre percebe a manobra e começa a marchar paralelamente ao norte. Em oito de dezembro os realistas ganham uma posição ao norte dos patriotas. Sucre, então, monta dispositivo defensivo com os dois flancos protegidos por ravinas profundas. Ele comanda cinco mil, setecentos e oitentas homens, sendo quatro mil e quinhentos da Grã-Colômbia, mil e duzentos do Peru e oitenta de La Plata. La Serna possui nove mil, trezentos e dez homens, nativos americanos na sua grande maioria, e onze canhões contra, somente, dois dos patriotas.

Mapa 46 - A Campanha de Ayacucho.



Fonte: G. P. MUZZO. **Compendio de Historia Del Peru.** P. 136.

Mapa 47 - A Marcha para Ayacucho.

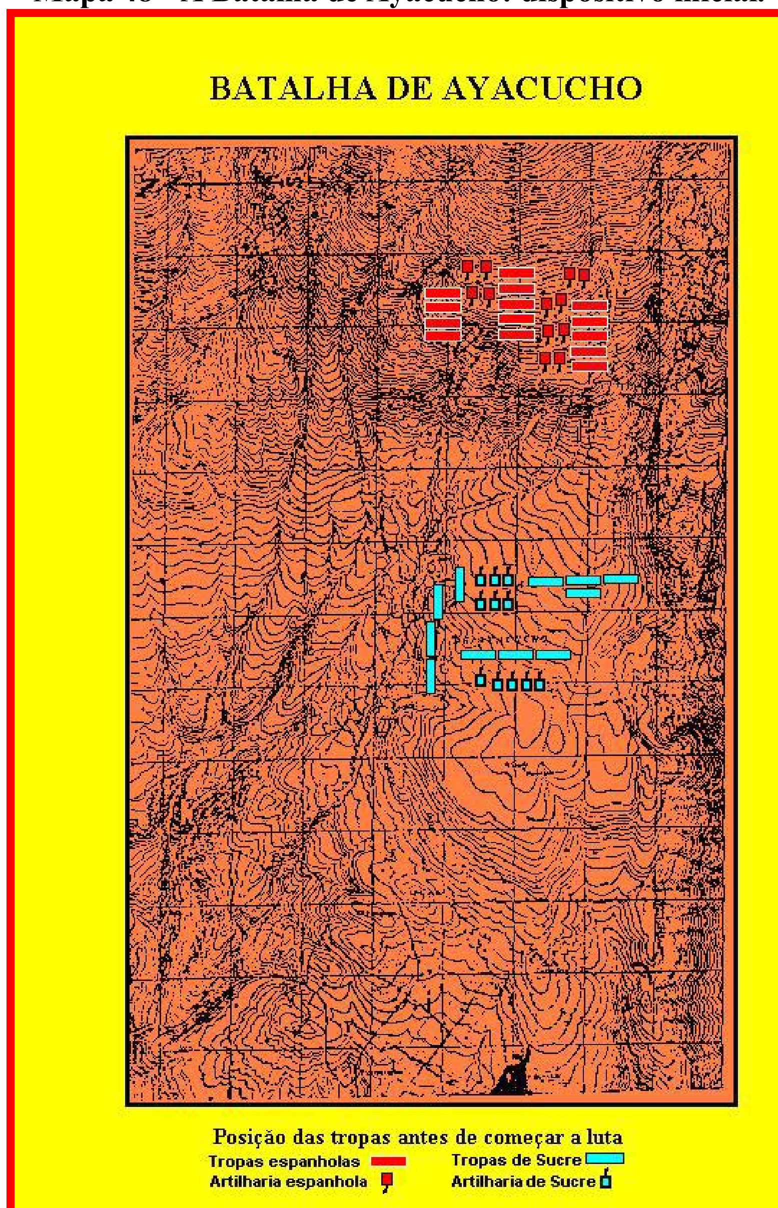


Fonte: Adaptado de A. S. de FREITAS. **As Repúblicas Hispano-Sul-Americanas.** P. 182.

Ayacucho ficou conhecida com “A Batalha das Nações” devido ao grande número de soldados de várias nacionalidades. Lutando pelos patriotas estavam até alguns liberais brasileiros, exilados da Revolução de 1817, sob o comando do coronel pernambucano José

Ignácio de Abreu e Lima, que se tornou general de brigada no exército de Bolívar na guerra contra o Peru, em 1828.[93]

Mapa 48 - A Batalha de Ayacucho: dispositivo inicial.



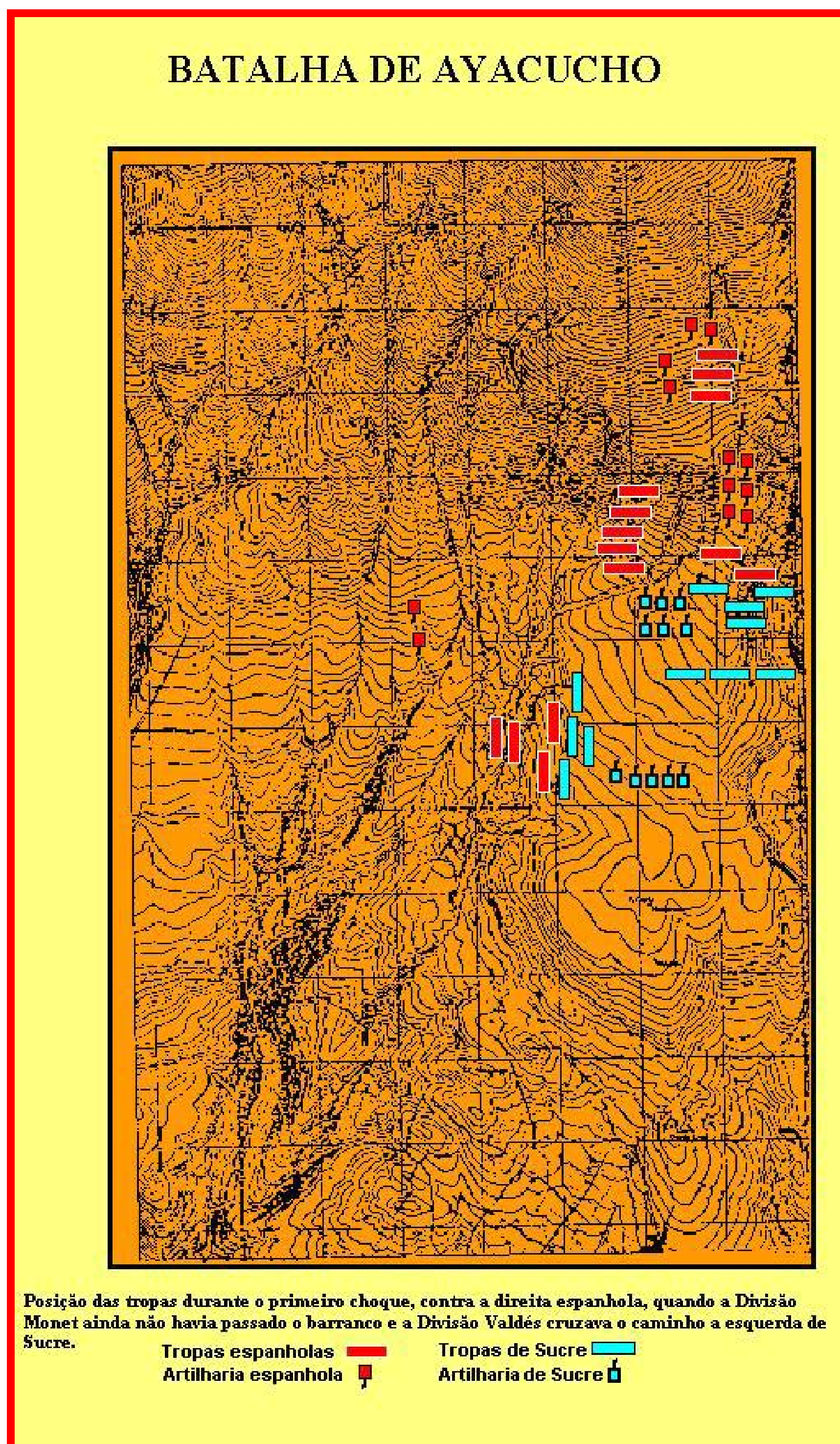
Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 210a.

A divisão realista do marechal Villalobos atacou a direita patriota, composta pelos colombianos do general José Maria Córdoba. Os realistas são refugados com pesadas baixas. No centro, os realistas do general Monet avançam, mas encontram os *húsares* (a cavalaria pesada) e recuam em desordem. Na esquerda, o general realista Valdés foge da divisão peruana do general La Mar. A luta continua. Os colombianos montam uma carga de baioneta

[93] Vamireh CHACON. **Abreu e Lima, General de Bolívar.** Pp. 104 e 112.

contra a divisão de Monet (centro) e a cavalaria patriota (general Miller) dispersa a dos realistas, que veio em socorro de Monet.

Mapa 49 - A Batalha de Ayacucho.



Fonte: Adaptado de Vicente LECUNA. **Bolívar y el Arte Militar.** P. 212a.

As reservas realistas avançam, mas são derrotadas e o próprio vice-rei é capturado. Canterac procede a retirada em desordem. Baixas: Patriotas com novecentas e dezesseis, sendo trezentos e nove mortos e seiscentos e sete feridos. Os realistas tiveram quatro mil e seiscentas, com mil e quatrocentos mortos, setecentos feridos e dois mil e quinhentos prisioneiros (ou dois mil, duzentos e sessenta e três, sendo mil, quinhentos e doze americanos, principalmente peruanos e bolivianos, e setecentos e cinqüenta e um espanhóis). Prisioneiros importantes: o vice-rei, quinze generais, dezesseis coronéis, e sessenta e oito tenente-coronéis.

Depois de tantas batalhas resta somente a reflexão de San Martín (Manifesto de Pisco, treze de outubro de 1820):

"Não busco o campo de batalha senão quando é preciso passar por ele para chegar ao templo da paz".

CAPÍTULO 3 - *A SERPENTE DA GUERRA*

"A História não se repete – mas ela rima".
Atribuído a Mark Twain.

Introdução

A proposição central deste trabalho consiste, sobretudo, em demonstrar a existência da relação direta e proporcional entre o potencial econômico e a capacidade militar que os países latino-americanos, apresentaram ao longo de sua história independente. Este ponto, embora pareça óbvio, exige comprovação, e nisto incide o foco central deste trabalho, ou seja, a intenção é justamente provar, de forma cabal, esta relação, através do levantamento quantitativo e diacrônico destas duas variáveis.

O ponto acima considerado detém a preocupação geral de toda a tese desenvolvida, contudo, neste capítulo analisou-se um aspecto particular e bastante significativo desta relação: a de que há uma estreita e sincrônica conexão entre a conjuntura econômica e o desenrolar das guerras na América Latina. Para tanto, uma extensa pesquisa de todos os confrontos, ocorridos, no subcontinente, desde o início do século XIX até a atualidade foi realizada. Tal pesquisa pretende ser a mais ampla e completa já efetivada, tornando-se ainda mais abrangente, na medida em que inclui os mais importantes movimentos, revoltas e revoluções internas de cada um dos vinte países considerados neste trabalho. [94]

Ademais, esta análise também relaciona o número de mortos (e/ou baixas) e a duração dos conflitos com as mudanças econômicas; focando, principalmente, as oscilações e flutuações verificadas de forma cíclica. Para finalizar o capítulo, elaborou-se uma amostragem comparativa e co-relacional dos ciclos e crises econômicas com as grandes mudanças políticas dos países latino-americanos. Estas modificações, no que se refere ao século XIX, foram exemplificadas, pela observação, tanto da ocorrência, do processo de substituição de partidos dominantes (conservadores e liberais, basicamente) quanto pela instauração de ditaduras (ou o oposto disto, a ausência de um governo que controle o país, ou seja, o caos político). No desenrolar do século XX estas transformações foram aqui caracterizadas pela mudança de regime político ou pela implantação de governos dominados pelos militares (ou,

[94] Todos os dados sobre estes conflitos encontram-se no Anexo 1 deste capítulo. Quando este levantamento estava pronto o autor encontrou um artigo descritivo bastante semelhante. Mesmo assim este não foi utilizado porque o autor considerou os seus dados mais precisos e completos. De qualquer forma, uma comparação pode ser feita acessando o endereço eletrônico (www.fasoc.ch) da excelente revista chilena **FASOC (Forças Armadas e Sociedade).** O artigo, assinado por Sabrine KURTENBACH, foi publicado no número 3, ano 12 (1997) do citado periódico.

ainda, de ditaduras). As mudanças constitucionais serviram igualmente de parâmetros para marcar os grandes momentos de inflexão política no subcontinente.

Desta forma, devido à amplitude de considerações a serem abordadas, este capítulo foi dividido em três partes: a primeira delas contém a apresentação das teorias acadêmicas relativas ao estudo dos ciclos econômicos. A apreciação sumária sobre os ciclos de guerras em geral também foi discutida, devido a sua relevância para as conclusões buscadas neste capítulo e na tese como um todo. A segunda parte estabelece a relação prática e direta entre as fases dos ciclos econômicos e as guerras ocorridas na América Latina, sejam elas inter-Estados ou intra-Estados. A última parte encarregou-se de investigar, também as oscilações econômicas, mas agora, percebendo a inter-relação delas com as transformações políticas.

Parte I

Os Ciclos Econômicos

"Na vida dos mortais há sempre um fato que é símbolo dos tempos decorridos. Observando-o, podemos ser profetas, quase sem erro, do volver das coisas não nascidas que ainda se acham entesouradas nas fracas sementes dos começos." [95]

William Shakespeare.

Os ciclos ou flutuações econômicas deixaram de ser, a muito tempo, uma novidade para os economistas. Muitos dos grandes nomes e estudiosos da ciência econômica já realizaram obras relevantes e amplamente divulgadas sobre o assunto. Contudo, parece que muitos historiadores (talvez a maioria deles, principalmente aqueles não associados à história econômica) não dão a devida importância ao seu estudo, não percebendo a força explicativa desta questão para apoiar as suas considerações, nas inúmeras áreas dos trabalhos históricos.

Entretanto, esta posição parece ser indefensável depois da publicação dos espetaculares estudos de Ernest Labrousse sobre o assunto. [96] Como se não bastasse esta citação para valorizar o estudo do tema, ainda podemos arrolar nomes de grandes historiadores da Historia Nova francesa como Marc Bloch e Fernand Braudel para agregar valor às considerações aqui levantadas acerca da relevância da reflexão relacional entre as modificações periódicas da economia e as transformações sociais, políticas e no, caso presente, militares.

---

[95] William SHAKESPEARE, **Henrique IV, Segunda Parte.** Ato III, Cena I, fala de Warwick, p. 111.

[96] Principalmente a obra, *Três fechas en la Historia de la Francia moderna.* In: **Fluctuaciones Econômicas e Historia Social.** Madrid: Tecnos, 1962.

"De todos os dispositivos gravados que podem revelar a um historiador os movimentos fundamentais dos fenômenos econômicos e monetários estes são sem dúvida os mais sensíveis, mas reconhecer a sua importância somente como sintomas não os fariam justiça completa. Eles foram e são, por seu turno, causas. Eles são algo como um sismógrafo que não só mede os movimentos da terra, mas às vezes os provoca". [97]

A referência a March Bloch não apenas destaca a importância dos ciclos econômicos para o estudo histórico, como também, evidencia a capacidade causal dos mesmos, o que, por sua vez, possibilita alguma dosagem de previsibilidade; por estas razões a citação foi selecionada e aqui introduzida. Afinal, pode-se ter uma idéia razoável do porvir, estruturalmente falando, quando se sabe de antemão que a fase de prosperidade (ou de recessão) de um novo ciclo está se iniciando. São estes aspectos que favorecem uma análise ex-ante, que normalmente em História é muito complicada. Porém, neste caso a tarefa pode ser um pouco mais fácil, uma vez que os ciclos de guerras e os ciclos econômicos também podem ser associados, de forma segura, devido à existência de excelentes e numerosos trabalhos que trataram e verificaram esta conexão e as suas derivações, conforme veremos adiante.

Todavia, antes de alçar vôos ainda maiores é necessário conceituar os pontos básicos deste tópico, iniciando pelo mais primário e importante deles: o Ciclo Econômico. O ciclo econômico pode ser definido, simplesmente, como um período flutuante e alternado de expansão e retração da atividade econômica como um todo, de um país ou de um conjunto de países. No caso deste trabalho são considerados os períodos cíclicos que afetaram de forma sincrônica a economia mundial. Não se deve confundir este conceito de ciclo econômico com aquele, normalmente, usado nos manuais de História do Brasil para definir o período de predomínio de um produto da economia monocultura como o ciclo da cana-de-açúcar, o ciclo do ouro ou o ciclo do café.

Um ciclo completo apresenta seis fases distintas: a primeira é a depressão absoluta, na qual os preços, salários e juros estão no seu ponto mais baixo e estão estáveis. A segunda fase é caracterizada pela recuperação econômica com o conseqüente aumento de todos os índices. A terceira fase representa o auge da atividade econômica, com os índices atingindo o seu ponto mais elevado. Estagnação e equilíbrio aparente e breve marcam a quarta fase. A fase

[97] Marc BLOCH, *Le problème de l'or au Moyen Age*. In : **Annales d'Histoire Économique et Sociales**. 5, I (1935).

seguinte já é de crise, seguida, logo depois, pela contração da economia que é a sexta fase, a da depressão. Alguns estudiosos consideram apenas quatro momentos: Depressão, Recuperação, Prosperidade e Recessão (crise e início da depressão).

De qualquer forma, para simplificar a apresentação de resultados, muitos teóricos simplificam estas seis ou quatro fases em apenas duas: **fase A, de expansão e crescimento; e fase B, de crise e depressão.** Muitas vezes essa formatação será utilizada neste capítulo, pela evidente facilidade de compreensão e amostragem dos dados e das relações.

Basicamente, existem dois tipos de ciclos econômicos: os de curta duração e os de longa duração. Os de curta duração, também conhecidos como Movimentos Breves possuem, basicamente, três dimensões temporais. A menor, de quarenta meses (entre três e quatro anos), conhecida como Ciclo dos Estoques ou Kitchin (do economista Joseph Kitchin. Os ciclos levam o nome do economista que o estudou primeiro ou o fez de forma mais detalhada); a segunda, com uma duração maior, em torno dos oito ou nove anos, chamada de Ciclo Juglar. De Clément Juglar, o economista francês (médico de profissão) que fez fortuna na Bolsa de Valores ao aplicar os seus conhecimentos no mercado de ações (análise ex-ante!). E, por fim, o Ciclo Labrousse, com média de onze anos.

Três também são os ciclos de longa duração: o Kuznets (de Simon Smith Kuznets, economista norte-americano, de origem russa), um duplo Juglar, isto é, uns vinte anos; o Kondratieff (Nikolai Dmitrievitch Kondratieff, 1892-1930, economista e estatístico russo), em torno de meio século, e o Ciclo Secular ou Tendência Secular (***Trend***, em inglês). Esta *Trend* representa a inclinação dos índices econômicos, ao longo de um século, para cima ou para baixo. As Tendências dos últimos cinco séculos são bastante conhecidas: altas nos séculos pares (XVI, XVIII e XX) e baixas nos séculos ímpares (XVII e XIX). Caso a alternância de séculos seja mantida, e tudo indica que sim, está se iniciando um período secular de baixa, com todas as conseqüências, positivas e negativas, que isto significa. Sendo um ponto essencial a esta tese, ainda, neste capítulo, se retornará a discuti-lo.

Rondo Cameron, defende a existência de um ciclo ainda mais longo que o *Trend.* Este ciclo, de 150 a 350 anos, recebeu o nome de Ciclo Logístico. [98]

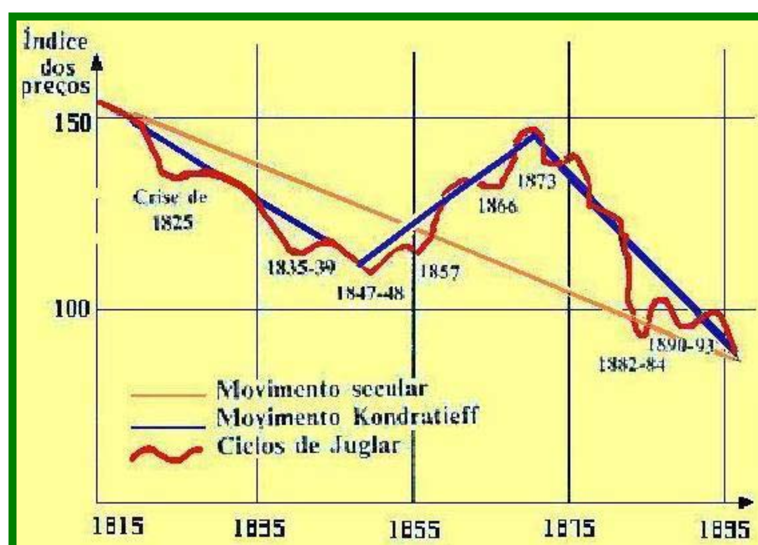
Além da Tendência Secular, são igualmente importantes para este trabalho o ciclo curto **Juglar** e o ciclo longo **Kondratieff**. Ambos são mais facilmente identificados pelos

---

[98] Rondo CAMERON, *Economic History, Pure and Applied,* In: **Journal of Economic History,** março de 1976, pp. 3-27.

estudiosos e percebidos pela maioria das pessoas comuns (não especialistas), em decorrência de suas conseqüências sociais, principalmente nos seus períodos de crise. O Ciclo Kondratieff, neste trabalho, passará a ser chamado daqui em diante de **Onda K,** como também é conhecido. A Onda K é o elemento fundamental do *constructo* analítico deste capítulo. Estes três movimentos (Juglar, Kondratieff e Secular), centrais neste trabalho, estão ilustrados bem detalhadamente na figura 1, referente ao século XIX.

Figura 1 – Ciclos Juglar, Kondratieff e Secular (Século XIX).



Fonte: Adaptado de H. P. BRIGNOLI & C. F. CARDOSO, **Os Métodos da História,** p. 273.

Mais uma citação vem para apoiar a opção por esta conexão Kondratieff-Trend Secular:

*"(...) Mas, para o nosso objetivo, limitar-nos-emos a introduzir apenas os respeitáveis Kondratieff que, também eles, têm fôlego, uma vez que a cada um corresponde, **grosso modo**, um bom meio século, o tempo de duas gerações, uma em boa, outra em má conjuntura. Se juntarmos esses dois movimentos, o **Trend** secular e o Kondratieff, disporemos de uma música conjuntural longa, em duas vozes. Isso complica nossa primeira observação, mas também a reforça, porquanto os Kondratieff, contrariamente ao que se costuma dizer, não surgem no teatro europeu em 1791, mas séculos antes.*

*Acrescentando os seus movimentos à subida ou à descida do **trend** secular, os Kondratieff ou o reforça ou o atenua. Uma em cada duas vezes, o pico de um Kondratieff coincide com um pico do **trend.** É o que acontece em 1817. É o que acontece (se não me*

engano) em 1973-74; talvez em 1650. Entre 1817 e 1971, teria havido dois picos independentes de Kondratieff: 1873, 1929." [99]

Com poucas palavras Braudel consegue configurar, pelo menos, três pontos de destaque. O primeiro refere-se à questão das duas gerações do Kondratieff, isto é, uma geração de seres humanos nasce e vivencia boa parte de seu tempo, de existência na fase A e uma outra geração na fase B. O segundo destaque atenta para a existência dos Kondratieff para além dos períodos já bem consagrados e estudados, referentes ao período industrial do capitalismo, (logo, do final do século XVIII aos dias de hoje), configurando quatro grandes Ondas K.

Devido ao recorte temporal deste trabalho são estas Ondas K que realmente interessam, mas é oportuno realçar a longevidade deste fenômeno e a sua abrangência para períodos não industriais e, sequer, capitalistas. Eles também alcançam sociedades e civilizações que são, na sua essência, muito diferentes da sociedade européia dos últimos quinhentos anos e mais ainda daquela Europa surgida da Revolução Industrial. Isto talvez coloque as Ondas K como um fenômeno universal e, portanto, um instrumento aplicável para diversos tipos societários e períodos históricos variados como, por exemplo, a América Latina nos séculos XIX e XX.

Gaston Imbert, um dos mais importantes e conceituados pesquisadores dos ciclos longos, identificou cinco ondas longas (Ondas K) entre 1268 e 1510 (em: **Des Mouvements de Longue Durée Kondratieff** - 1959); anteriores, portanto, ao início do sistema do mundo capitalista moderno no décimo sexto século.

"(...) os ciclos rítmicos e as tendências seculares fundamentais do sistema mundial devem ser reconhecidos como existentes há uns 5 mil anos, em vez dos quinhentos que tem sido convencionados nas abordagens do sistema mundial e das ondas longas." [100]

Embora não houvesse necessidade de retroceder tão longe, no tempo e no espaço para confirmar a validade da aplicação das Ondas K no recorte espaço-temporal definido nesta tese. Vários trabalhos já registraram a sincronia dos índices econômicos da América Latina

---

[99] Fernand BRAUDEL. **Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII: o Tempo do Mundo.** Volume III, p. 68. Os grifos são do autor.

[100] André Gunder FRANK & Barry GILLS, *World System Cycles, Crises and Hegemonic Shifts, 1700BC to 1700AD.* In: **Review,** 15, 4, 1992, pp. 621-22.

com o centro do sistema, seja ele europeu ou norte-americano, tanto no século XIX quanto no XX. [101]

Retornando a discussão da citação de Braudel e ao seu terceiro ponto de destaque, os anos de 1973-74 aparecem como duplo pico, Braudel não estava enganado a este respeito. Em outras palavras, estes dois anos abriram um período de crise reforçado por duas tendências de baixa, a da Onda K correspondente e a da virada da tendência do século também para baixo. Esta dupla inversão para baixo potencializa os efeitos da crise e a torna mais profunda e, sobretudo, mais longa. Razão pela qual este período de crise durou vinte e sete anos, oito a mais que aquele referente ao *Crack de 1929*, muito mais famoso.

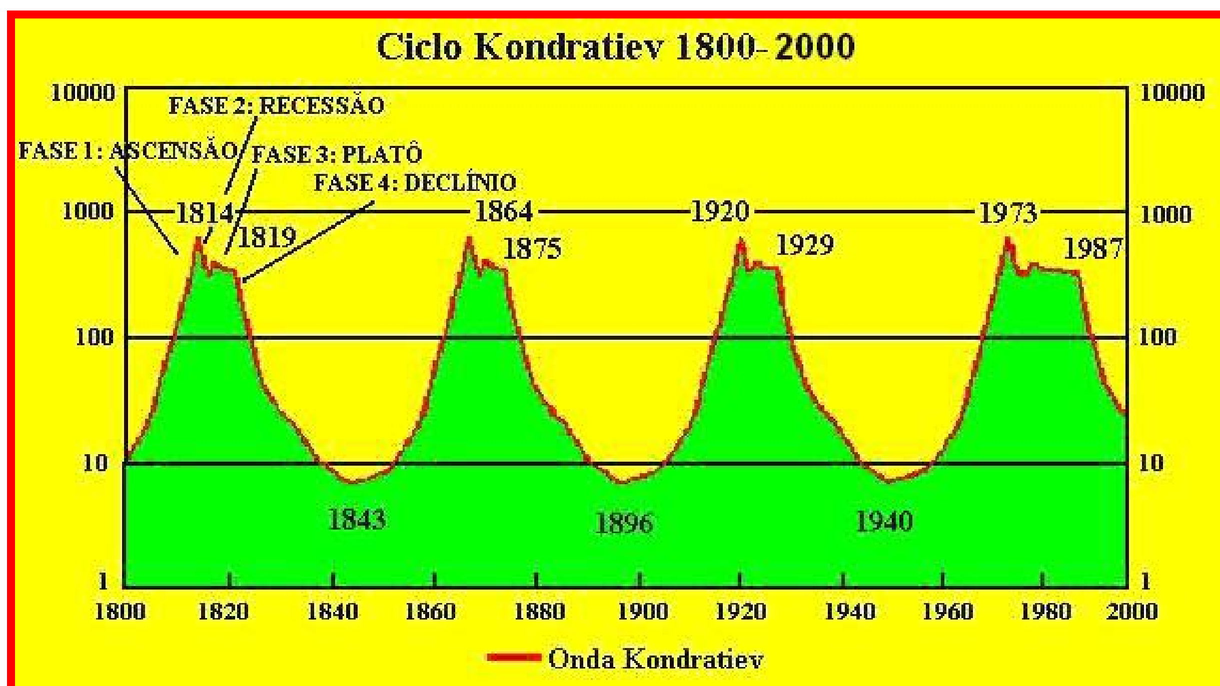
Também foi mencionado por Braudel, o período de dupla crise com o pico em 1817, tal período é fundamental para entender a história das nações latino-americanas. Elas não somente nasceram de um doloroso parto de sangrentas e custosas guerras de independência (vide o capítulo *Nascimento Doloroso*) como também tiveram de viver a sua "infância" em um período longo (de 1814 até 1843) e penoso de dupla crise. As nações africanas, em sua maior parte, "nasceram" um pouco antes do período de crise do final do século XX, mas tiveram também a sua "infância" vivenciada na fase de dupla crise pós 1973. Será apenas coincidência o fato das duas áreas assistirem as mesmas cenas de miséria e lutas fratricidas no início de sua história independente?

A figura 2 possibilita uma melhor visualização dos períodos e fases das quatro Ondas K clássicas.

---

[101] Vide a correlação de preços na América e na Europa em: Fernand BRAUDEL, **Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII: o Tempo do Mundo,** Volume III, p. 63. A integração América Latina com o Centro do Sistema Mundial foi tema de vários trabalhos, mas um que colocou este ponto a serviço de uma periodização sincrônica foi o de Eulália Maria Lahmeyer LOBO, **América Latina Contemporânea**, pp. 11-14.

Figura 2 – As Quatro Ondas K do Ciclo Kondratieff (Séculos XIX e XX).



Fonte: Adaptado de Natham H. MAGER, **The Kondratieff Waves,** p. 23.

Hobsbawm, em uma citação, apresenta quase um resumo explicativo da figura. Ele afirma que essa *"... sucessão de 'ondas longas', de cerca de meio século de extensão, formou o ritmo básico da história econômica do capitalismo desde fins do século XVIII. Como vimos (capítulo 2), a Era da Catástrofe chamara a atenção para esse padrão de flutuações seculares, cuja natureza permanece obscura. São conhecidas em geral pelo nome do economista russo Kondratiev. Numa perspectiva longa, a Era de Ouro foi mais uma reviravolta ascendente na curva de Kondratiev, como o grande* ***boom*** *vitoriano de 1850-73 – curiosamente, as datas quase coincidem, com o intervalo de um século – e a* ***belle époque*** *dos vitorianos tardios e eduardianos. Como outras viradas ascendentes anteriores, foi precedida e seguida por 'curvas descendentes."* [102]

Contudo, mais relevante para este capítulo do que a descrição dos ciclos econômicos são as teorias e as explicações sobre eles, principalmente aquelas relativas às causas destes movimentos. Algumas destas teorias sobre os ciclos econômicos ajudaram a compor o mosaico de explicações que este capítulo incorporou para dar conta dos objetivos propostos inicialmente. As relações são complexas e requerem uma explanação ponto a ponto mesmo que isto provoque uma sensação de interminável seqüência de descrições.

---

[102] Eric HOBSBAWM, **Era dos Extremos: o Breve Século XX, 1914-1991,** p. 263.

Descrevendo de forma simplificada, do final do século XIX até o início da Segunda Guerra Mundial, a discussão do tema esteve polarizada nos grupos *Exógenos* e *Endógenos*, sendo que estes representavam a maioria dos pesquisadores e dos trabalhos realizados, incluindo o próprio Kondratieff.

Depois da Segunda Guerra Mundial surgiu um terceiro grupo de teorias, que, atualmente, é a mais difundida e detém o maior número de teóricos, sobretudo porque reúne estudiosos que preferem uma visão mais eclética das causas. Incorporando várias delas em suas explanações, muitas vezes, compõem, conjuntamente, o leque de fatores exógenos e endógenos. Alguns dos mais relevantes nomes deste grupo são Brian Berry, Christopher Freeman, Joshua Goldstein, Natham Mager e George Modelski.

Grande parte destes teóricos converge para o seguinte conjunto causal: inovações administrativas e tecnológicas, taxa de juros e corpo institucional que assegura a acumulação do capital. Os aspectos institucionais (e isto interessa aos historiadores) são os elementos centrais das obras de Johan Akerman, Wesley Mitchell e Walt Rostow. Entretanto, ainda existem muitos estudiosos que continuam ligados aos grupos endógenos e exógenos.

Os *Endógenos* vinculavam a explicação dos ciclos a causas meramente econômicas, ou mais restritivamente, a fatores monetários, tais como: a quantidade de papel-meda; a quantidade de metais preciosos em circulação, posições defendidas por Juglar; capital básico e investimento/re-investimento; a disponibilidade de gêneros alimentícios e de matéria-prima; a disparidade entre a taxa natural do juro e a taxa de mercado (esta, muito comum no Brasil de hoje, foi estudada pelo sueco Knut Wicksell); a diferença entre a expectativa de investimento e a realização do mesmo (vista por Michal Kalecki na Polônia).

O outro grupo procurava as causas dos ciclos econômicos em fatores fora do campo da economia ou não ligados diretamente em termos econômicos, como, por exemplo, a alternância das manchas solares e a influência da atividade solar nas colheitas (tese levantada, originalmente, pelo inglês William Jevons) além de fatores naturais mais graves como inundações, terremotos e secas prolongadas. Um exemplo interessante de ciclo de secas foi montado observando-se a superposição da atividade máxima das manchas solares com a maior derivação lunar na amplitude das marés. O resultado foi um período médio de 56 anos e as grandes secas da história mundial recente ocorreram em 1766, 1822, 1878, 1934 e 1989, mantendo precisamente a seqüência.

Isto pode parecer mera coincidência ou algo sem muita importância, mas para povos agrícolas que dependiam dos fatores climáticos para garantir condições mínimas de vida isto não é nada desprezível. Talvez não seja tão sem sentido o ciclo sagrado, profético e cósmico dos maias, que girava em 52 anos. A média das ondas K é de 54 anos.

"*A correlação entre a fase de ondas longas e o ciclo de seca está longe de ser perfeito, contudo, e eu não sou persuadido por determinismo climático, ciclos climáticos possam ter sido a causa de ondas longas de produção agrícola e preços em sociedades da era pré-industrial. Relembrando que Lorde Beveridge sugeriu que tinha havido ondas longas de 50 anos pelo menos em preços de grãos ingleses desde o décimo quinto século.* ***Joshua Goldstein*** *diz que um ciclo de tempo de 50 anos no período pré-industrial pode ter afetado colheitas, conseqüentemente excesso econômico, e conseqüentemente também* ***a capacidade para empreender guerra****.*" [103]

Outras causas exógenas foram relacionadas às mudanças demográficas (Losch) ou psicológicas (defendida por Pareto, um dos ideólogos do fascismo). Um defensor moderno da psicologia de massas como causa dos ciclos econômicos foi, na década de 1980, Robert Beckman (em dois livros: **Downwave** e **Into the Upwave**). Levantou a hipótese de que otimismo e pessimismo são fenômenos contagiantes e de massa e estes sentidos dominantes criam condições psicológicas para iniciar um ciclo de ascensão e um de depressão, respectivamente. Também afirmou que uma fase ascendente favorece a ampliação de um pensamento liberal, em todos os sentidos do termo, ocorrendo o contrário em um ambiente econômico depressivo, este gera mentes mais conservadoras.

Talvez a teoria de mais influência sobre outros estudiosos e de maior divulgação tenha sido a de Joseph Schumpeter, que trata das inovações tecnológicas e o surgimento de novas indústrias. O austríaco Schumpeter, precursor da teoria do desenvolvimento capitalista, considerou como estímulo primordial dos ciclos econômicos um grande número de inovações tecnológicas, concentradas em determinados períodos. Para ele este fato se devia à atuação de empresários audaciosos e empreendedores.

Na primeira Onda K tivemos, sob a liderança da Inglaterra, as invenções ligadas à máquina a vapor e a indústria têxtil, características da Primeira Revolução Industrial; na segunda houve a expansão ferroviária e siderúrgica, típica da Segunda Revolução Industrial,

---

[103] Brian J. L. BERRY, **Long Wave Rhythms in Economic Development and Political Behavior,** pp. 171-72. Os grifos em negrito são nossos.

que promoveu a incorporação da Europa Ocidental e dos EUA no processo de desenvolvimento econômico acelerado. O uso do petróleo e da energia elétrica em larga escala, em associação com as indústrias ligadas ao motor a explosão, deram a liderança aos EUA na terceira onda. Estes continuaram liderando na quarta onda, mas perderam espaço para Alemanha e Japão, nos novos ramos econômicos como microeletrônica, química fina e biotecnologia.

Com a instalação de novas formas de energia e transporte, a demanda ultrapassou a oferta provocando a alta dos preços e, conseqüentemente, o aumento do lucro e das taxas de investimento, acarretando uma fase de expansão. Daí a importância destas inovações.

O mais interessante é que Schumpeter não considerava como inovação tecnológica apenas a invenção de um novo produto. Ele inclui outras quatro categorias neste mesmo nível: a introdução de um novo método de produção; o estabelecimento de uma nova organização econômica (monopólio, oligopólio, *trustes*); a abertura de um novo mercado e a conquista de uma nova fonte de matéria-prima.

Os dois últimos pontos são muito enfatizados pelos seguidores desta corrente teórica Estes dois pontos também são frequentemente associados à ação da guerra. E tanto o fenômeno da guerra, como a abertura de um novo mercado e a conquista de uma nova fonte de matéria-prima coincidem com os períodos de alta na economia. Ocorre um grande aumento da atividade bélica nos períodos iniciais de ascensão econômica, e antes deste movimento ascendente atingir o seu clímax, há uma explosão na intensidade dos conflitos ou um embate militar de grande proporção, geralmente chamado de Guerra Global, Sistêmica ou de choque das Grandes Potências.

Muitos autores do velho grupo de exógenos (Wagemann 1931, Hansen 1932, Von Ciriacy-Wantrup 1938, Bernstein, 1940) colocaram a guerra como o elemento central na teoria dos ciclos de longa duração. Eles definiram as guerras, motivadas pela procura de novos mercados ou para aliviar tensões políticas, como a ponta de ascensão de uma onda longa. O já citado Joshua Goldstein, em uma obra mais recente (1988), defende a idéia de que as grandes guerras foram, isoladamente, o mais importante fator a alimentar as tendências inflacionárias na história da economia mundial. Goldstein confirmou, em uma análise estatisticamente exaustiva, que as ondas longas de preços e de produção são basicamente definidas pelo grande potencial bélico envolvido nas guerras das grandes potências. [104]

[104] Joshua S. GOLDSTEIN, **Long Cycles: Prosperity and War in the Modern Age,** pp. 258-86.

Esta questão caminhou para a criação da idéia de ciclos de guerras, que está diretamente relacionado ao ciclo Kondratieff ou a outros ciclos. Esta nova posição teórica atraiu um grande número de pesquisadores e aumentou a importância da idéia de ciclos de guerra. Emergiram em conseqüência disso, duas “escolas” concorrentes, ambas, fundamentais tanto para a compreensão do estudo da guerra, como fenômeno, quanto para a apreensão sistêmica das relações internacionais.

No capítulo teórico desta tese (*O Pássaro da Sabedoria*) destacou-se muito o trabalho fundante de Quincy Wright, *Um Estudo da Guerra (1942),* porém não foi mencionada a sua participação, igualmente pioneira, na construção de uma teoria cíclica das grandes guerras. A obra de Wright já apresenta a vinculação dos ciclos de guerras com as Ondas K. Wright também identificou as principais concentrações de guerras internacionais de alta intensidade em 1701-1714 (Guerra de Sucessão Espanhola), 1756-1763 (Guerra dos Sete Anos), 1795-1815 (Guerras Napoleônicas), 1853-1856 (Guerra da Criméia) e 1914-1918 (Primeira Guerra Mundial), definindo, desta forma, uma periodicidade igual e sincronizada às Ondas K.

O ciclo de guerras no padrão Kondratieff também recebeu confirmação cabal, daquele que neste trabalho, foi repetidamente referenciado, Goldstein. Ele concluiu que para cada fase de ascensão existe uma grande guerra correspondente. Constatou também que há aumento de preços no início da fase de ascensão precedendo a grande guerra. Esta última acaba potencializando este processo, gerando, por fim, uma onda inflacionária ainda maior.

No meio tempo entre Wright e Goldstein uma outra teoria, ainda mais audaciosa, foi proposta pelo historiador Arnold J. Toynbee em sua obra que dispensa apresentações, *O Estudo da História (1954*). Ele concorda com a idéia de que grandes guerras ocorrem no início de cada fase A da Onda K, mas afirma igualmente que mesmo entre estas grandes guerras existem diferenças de intensidade e tal mudança de gradação também é cíclica. Portanto, a cada 55 anos ocorre uma grande guerra, mas um período deste é mais grave que o outro e assim segue sucessivamente, montando um ciclo de 110-115 anos com uma grande guerra ainda mais devastadora que a do período intermediário.

Resumindo: a cada onda K corresponde uma grande guerra, mas em duas Ondas K consecutivas ocorrem uma grande guerra e uma super guerra (este termo não foi empregado por Toynbee, ele aparece aqui apenas para deixar mais claro o que este autor quis afirmar). Assim sendo, este ciclo de guerra de Toynbee equivale a duas Ondas K. O historiador inglês vai ainda mais longe ao afirmar que este ciclo centenário foi repetido cinco vezes desde 1494.

Neste momento é necessário fazer uma digressão mais longa para explicar, enfim, os conceitos de guerra que estão sendo associando as Ondas K. Assim os conceitos de guerra são divididos em dois grupos típicos: um de guerras na fase de ascensão (fase A), denominadas de guerras de pico (ou cume) e associadas às lutas de grandes países e potências. Aquilo que acabou sendo definido aqui como "super-guerra" é o exemplo máximo dessa ação bélica, que é caracterizada pela alta economia e intensidade.

O outro grupo refere-se às guerras de baixas na economia (fase B), caracterizadas como conflitos de baixa intensidade ou de curta duração. Estas guerras de baixa normalmente são menos custosas que as de alta, pois os preços estão em baixa também. As guerras de fase B contribuem para a saída da depressão, pois, exigem investimentos para serem implementadas.

Quando este trabalho ainda se encontrava, na fase de projeto o professor de História Econômica Wilson do Nascimento Barbosa escreveu no projeto o seguinte comentário sobre as guerras de baixa: *"Só os conflitos 'controlados' são desencadeados como bode expiatório de crises, como as guerras de conquista local, guerras regionais etc. Exemplos: Guerras do Chaco, da Coréia, do Congo, do Vietnã, do Camboja etc."* Como as guerras de baixa são características das áreas periféricas elas devem ser significativas na América Latina e isto é um dos pontos a ser verificado.

Por outro lado, grandes conflitos não ocorrem depois de prolongadas crises porque as nações não possuem a devida capacidade material para efetuar um conflito mais custoso ou de maiores proporções. Para fechar o parêntese, resta apenas acrescentar que é somente na fase A, com o aumento do lucro, dos investimentos, da produção e da riqueza, que as nações podem ter melhores condições para armar, montar e equipar grandes e poderosas forças militares.

Retornando à questão teórica, é preciso relembrar que as considerações sobre, ciclos longos de economia e ciclo de guerras originaram as duas "escolas", anteriormente mencionadas. Constituídas entre o final dos anos setenta e primórdios da década seguinte do século vinte elas tentaram explicar a história do capitalismo e dos Estados-Nações mais importantes neste período de cinco séculos. Enquadrados naqueles ciclos, a competição militar e a rivalidade econômica dos grandes países representavam o centro dos seus estudos, enquanto que os conceitos de liderança mundial e hegemonia global acabaram por marcar nitidamente as concepções epistemológicas que engrendavam cada uma das "escolas".

Desta diferença terminológica, inclusive, é que surgiu o nome das duas "escolas": a Fases de Hegemonia Global, de Immanuel Wallerstein, e a de Liderança Mundial, de George Modelski. A visão de Wallerstein, baseada no seu conceito de Economia-Mundo – referncciada por Braudel, pode ser sintetizada, para os fins a que aqui interessa, na tabela 1.

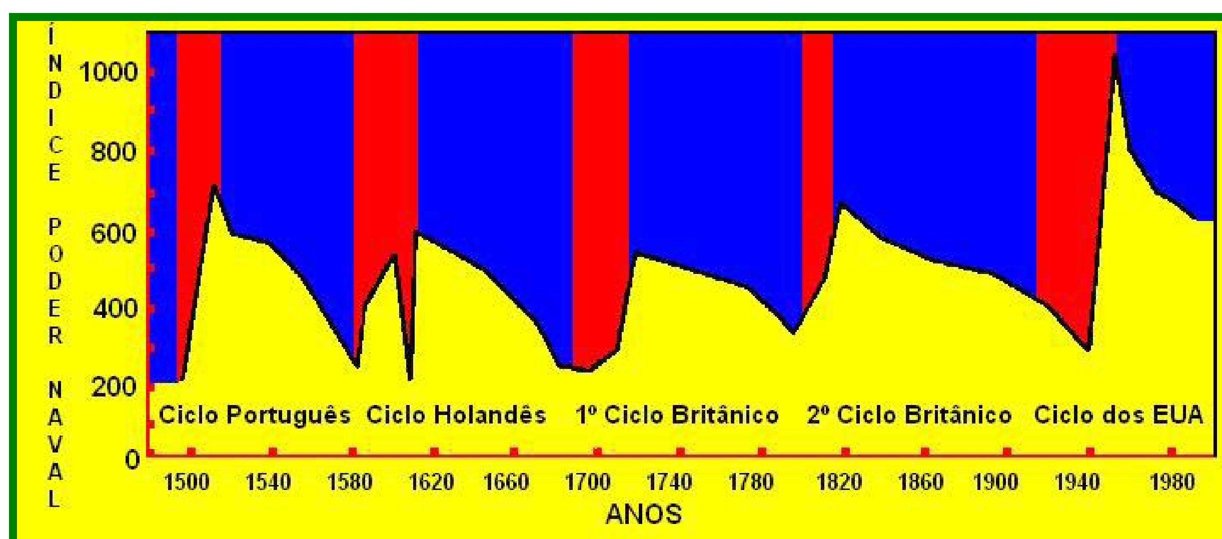
Tabela 1 – Ciclos de Hegemonia Global (Immanuel Wallerstein).

Potência Hegemônica	Período
Império Habsburgo	1450-1575
Países Baixos (Holanda)	1575-1672
Grã-Bretanha	1798-1897
Estados Unidos da América	1897-...

Fonte: Adaptado de Terence HOPKINS & Immanuel WALLERSTEIN, **Cyclical Rhythms and Secular Trends in the Capitalist World-Economy,** p. 23.

A defasagem entre 1672 e 1798 desperta atenção, mas deve ser lembrado que o conceito utilizado é o de Hegemonia, muito mais restritivo quando comparado ao de Liderança. Modelski que utiliza esta última noção, considera o período como o primeiro ciclo britânico de liderança mundial, como pode ser visualizado na figura 3.

Figura 3 – Ciclos de Liderança Mundial (George Modelski).



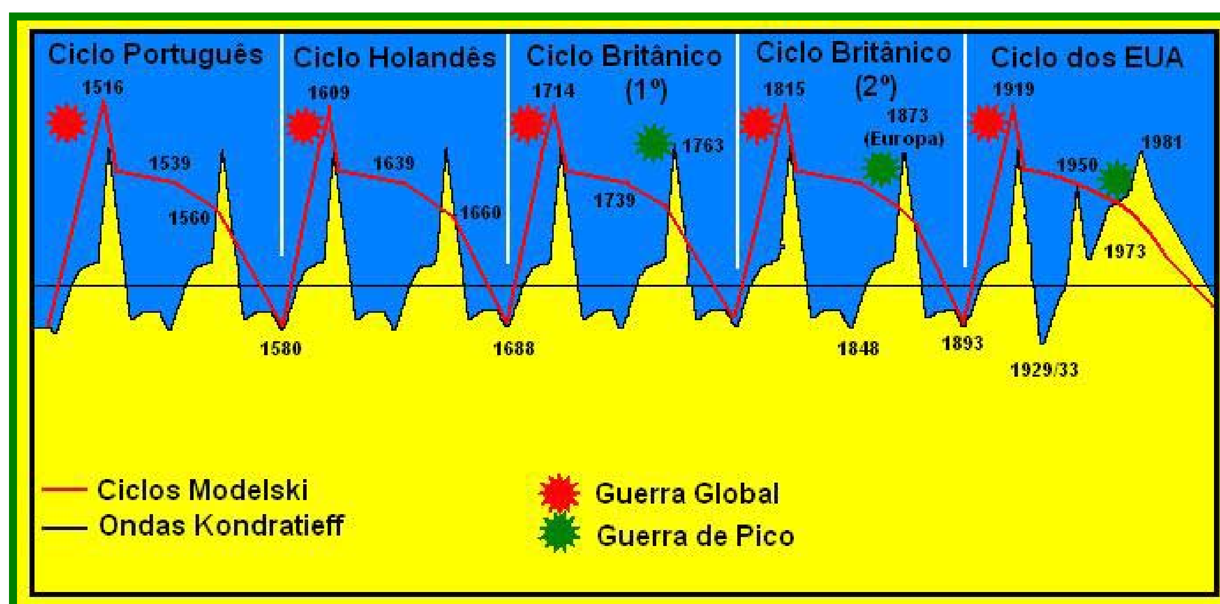
Fonte: Adaptado de Brian J. L. BERRY, **Long Wave Rhythms in Economic Development and Political Behavior,** p. 160.

As cinco faixas verticais vermelhas da figura representam o período das guerras sistêmicas e, como está bastante claro, inauguram um novo ciclo com uma nova potência

líder. Somente a Grã-Bretanha conseguiu repetir o ciclo. Será que os EUA conseguirão o mesmo feito? Esta é a razão pela qual, muitos têm estudado estes ciclos. Aliás, foi para responder algumas das questões levantadas pelo debate entre as duas "escolas", inclusive a dos EUA, que levou Paul Kennedy a escrever seu livro, *Ascensão e Queda das Grandes Potências*, em 1986-87. A periodização de Kennedy lembra muito a definida por Wallerstein.

Agora está completa a longa genealogia do livro de Kennedy que, por sua vez, é a *célula-mater* desta tese. Paul Kennedy disse que não faria uma análise das grandes guerras (sistêmicas) sob a luz dos ciclos de Kondratieff. Contudo, não há nenhum inconveniente em realizá-la, conforme exposto nesta introdução teórica de a *Serpente da Guerra.* Mesmo porque, referenciando Toynbee novamente e utilizando mais uma figura (4) de Modelski, pode-se perceber como as Ondas K estão em sintonia com as grandes guerras e os períodos de liderança (ou hegemonia) mundial.

Figura 4 – Ciclos de Liderança Mundial e Ondas K.



Fonte: Adaptado de Brian J. L. BERRY, **Long Wave Rhythms in Economic Development and Political Behavior,** p. 161.

As Guerras Globais são aquelas aqui denominadas de super guerras, pois, como se pode observar são conflitos da fase A como a guerras de pico, porém são mais importantes e devastadoras, uma vez que se situam em pontos mais altos da fase e abrem caminho para um novo ciclo de país-potência. As Guerras Globais, segundo Modelski, são: As guerras na Itália e no Oceano Índico durante o período de 1491 e 1516; a guerra entre a Espanha e a Holanda,

em 1580-1609; as guerras de Luís XIV, entre 1688 e 1713; as guerras da França Revolucionária e de Napoleão; e as duas guerras mundiais, de 1914 até 1945. O autor deste trabalho acrescentaria ainda a Guerra dos Trinta Anos (1618-48) e a Grande Guerra do Norte (1700-1721). Estes períodos de guerra são mais bem visualizados na figura 3, uma vez que na figura 4 eles estão estilizados para facilitar a sobreposição dos ciclos Kondratieff. Denota atenção o fato das guerras globais, as super-guerras, terem ocorrido sempre no começo de cada um dos últimos cinco séculos...

Esta parte do capítulo não poderia ser finalizado sem que houvesse a lembrança da existência de muitos estudiosos e teóricos, de várias correntes, que negam a validade das Ondas K como elemento de análise, seja por conta da absoluta precisão na datação das fases ou da negação de muitas relações que foram estabelecidas com elas. Alguns mais radicais chegam, mesmo, a negar a existência das mesmas. O mais contundente e atual representante deste ultimo grupo é o economista finlandês Angus Maddison. Famoso por fazer levantamentos detalhados e muito precisos da capacidade econômica dos países ao longo da história, coroou sua trajetória com um trabalho-teoria que, dizem alguns, acabou com a idéia de ciclos longos na economia mundial, pelo menos durante o tempo do capitalismo industrial.

Ele propõe a substituição destes ciclos ou ondas por *Fases do Desenvolvimento Capitalista* (que é o nome do seu livro, publicado em 1982), visto que os índices por ele estudados não confirmam a ondulação tão acentuada ao ponto de caracterizar claramente grandes momentos de alta ou de baixa na economia mundial e, muito menos, a sua repetição cíclica.

As quatro fases definidas por Maddison, e os seus períodos históricos correspondentes, são: 1**) A Fase Liberal (1820-1913); 2) O Mendigo – seu Vizinho (1913-1950); 3)A Era Dourada (1950-1973) e 4) A Fase dos Objetivos Confusos (1973-...).**[105] Bem, estas fases podem não ter grandes oscilações para Maddison, mas que são uma sucessão de fase A e fase B isto parece evidente, até mesmo pelos nomes que ele escolheu para cada etapa. As três do século XX são muito próximas das fases das Ondas K do período correspondente, sendo duas em baixa e uma em alta; inclusive, o nome desta é o mesmo nas duas teorias, "Era Dourada".

Finalizando esta parte do capítulo, e para responder melhor a questão Maddidson, deve-se recorrer ao economista José Eli da Veiga, que escreveu um artigo analisando a posição de Maddison e o debate que a sua postura redundou. A título de conclusão Veiga escreveu que

---

[105] Angus MADDISON, **Phases of Capitalist Development,** tabela na p. 92.

de *"(...) todos os trabalhos examinados, apenas um (Salomou, 1987) tende a corroborar a avaliação negativa de Maddison (1982). Mas as restrições metodológicas que fazem, tanto aos "pioneiros," quanto a Schumpeter, foram superadas pelo trabalho de Kleinknecht (1987) e, principalmente, pela análise de Reijnders (1990). Usando técnicas estatísticas avançadas, ambos confirmaram o fenômeno conhecido como 'ondas de Kondratiev.'*

Em termos empíricos, a contestação de Maddison (1982) baseia-se essencialmente na insignificância das mudanças econômicas até a Ia. Guerra Mundial. Todo o período 1820-1913 seria, segundo ele, apenas a 'primeira fase do capitalismo industrial'. Isso se deve exclusivamente à opção de examinar a evolução do PIB agregado das 16 nações mais industrializadas, como se pudesse haver tanta sincronização entre essas economias. Se tivesse optado pelo exame das nações líderes - o que seria, aliás, muito mais coerente com a primeira parte do livro - não teria deixado de discutir as alterações na cadência do crescimento nas décadas de 1840 e 1890, como mostram os gráficos I e II. Não teria passado a borracha sobre as segunda e terceira ondas, a 'vitoriana' e a da ***'belle époque'.*** *"* [106]

Parte II

Ondas K e as Guerras na América Latina.

> *"Incomodava-o o povo que o aclamava nas aldeias vencidas, e que lhe parecia o mesmo que aclamava o inimigo. (...) Cansou-se da incerteza, do círculo vicioso daquela guerra eterna que sempre o encontrava no mesmo lugar, só que cada vez mais velho, mais acabado, mais sem saber por que, nem como, nem até quando. (...) E a normalidade era precisamente o mais terrível daquela guerra infinita: não acontecia nada."* [107]
>
> Gabriel García Márquez.

A Vinculação dos dados do **Anexo 1** deste capítulo com as fases e períodos históricos definidos na parte teórica dos ciclos econômicos resultou em um grande conjunto de tabelas que serão apresentadas a seguir. A vinculação da guerra ao período ou fase levou em consideração a maior parte do tempo de duração do conflito ou, em casos duvidosos, o ano do início da atividade bélica. Nessa altura do capítulo a proposta é analisar cada uma das tabelas,

---

[106] José Eli da VEIGA, *As Ondas Longas do Capitalismo Industrial.* In: **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, número 3, Dezembro de 1998, p. 73.

[107] Gabriel García MÁRQUEZ, **Cem Anos de Solidão,** p. 158.

para tecer as relações possíveis em cada caso e montar uma estrutura final que permita elucidar os pontos levantados no tópico anterior, bem como, definir posições no que tange a ocorrência do fenômeno da guerra, na América Latina.

Para iniciar a análise foram selecionados os maiores conflitos da América Latina (em número de mortos), devido a sua grande importância na história dos povos do subcontinente e pelo impacto sócio-econômico e político que imputaram. Também deve ser considerado o fato de que estes poucos conflitos representam a maior parte do número de mortes ocorridas na região ao longo do período estudado.

Convém explicar, que a opção de partir da análise de alguns casos particulares mais relevantes antes da totalidade dos dados, foi decidida por se entender que, no presente caso, o método indutivo é mais favorável para a amostragem racional e faseada das conclusões teóricas pretendidas. Portanto, os principais conflitos são apresentados, por ordem cronológica de ocorrência, na tabela 2. A noção de Guerra Externa refere-se ao fato de ser um conflito inter-Estados, enquanto que o conceito de Guerra Interna está relacionado aos conflitos tipo intra-Estados.

TABELA 2 - Os treze maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina por períodos e número de mortos (em ordem cronológica).

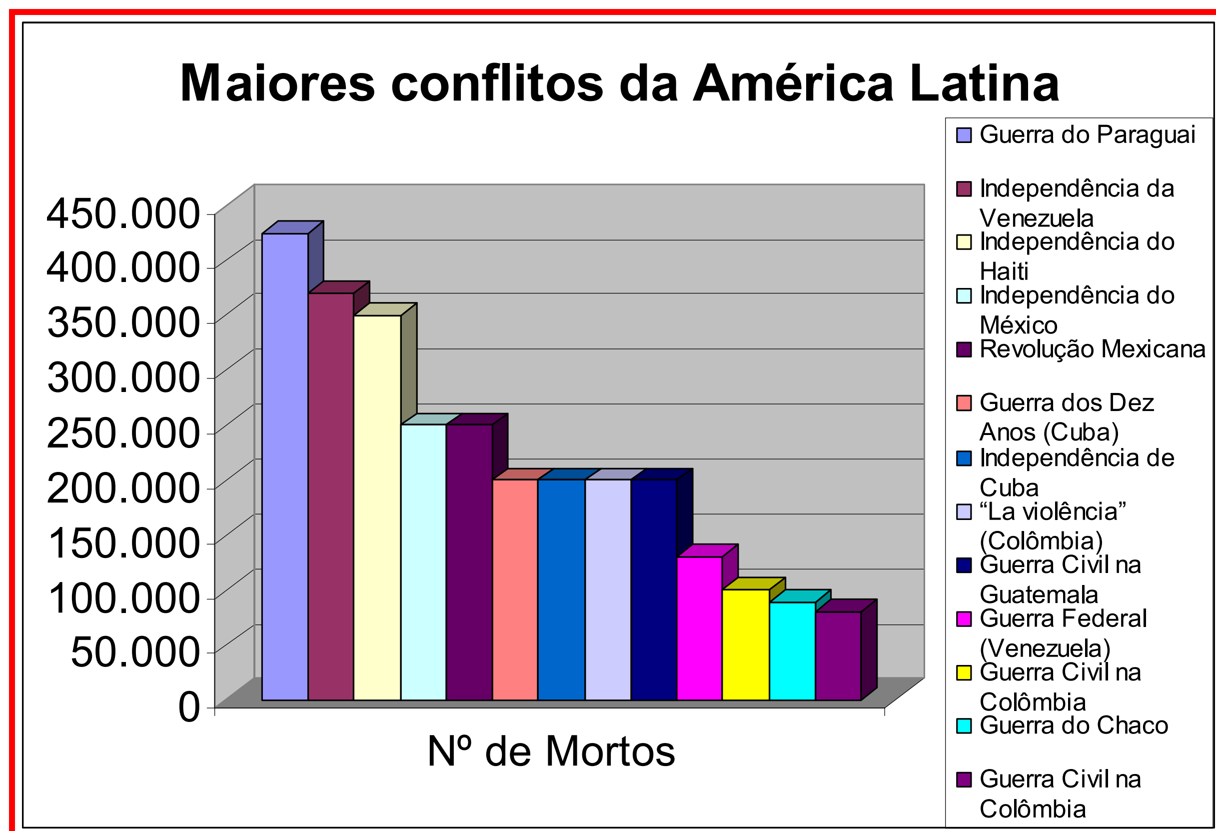
Conflito	Tipo	Período	Nº de Mortos
Independência do Haiti	Externo, E1	1791-1804	350.000
Independência do México	Externo, E2	1810-29	250.000
Independência da Venezuela	Externo, E3	1810-23	370.000
Guerra Federal (Venezuela)	Interno, I1	1858-61	130.000
Guerra do Paraguai	Externo, E4	1864-70	424.000
Guerra dos Dez Anos (Cuba)	Externo, E5	1868-78	200.000
Guerra Civil na Colômbia	Interno, I2	1879	80.000
Independência de Cuba	Externo, E6	1894-98	200.000
Guerra Civil na Colômbia	Interno, I3	1898-1902	100.000
Revolução Mexicana	Interno, I4	1910-20	250.000
Guerra do Chaco	Externo, E7	1932-35	89.000
"La violência" (Colômbia)	Interno, I5	1948-57	200.000
Guerra Civil na Guatemala	Interno, I6	1961-66	200.000

A tabela 2, sob observação inicial, realça alguns pontos que já permitem levantar certas proposições: primeiro que os conflitos estão bem distribuídos ao longo de quase todo o período abordado, isto é, nos duzentos anos da América Latina independente, segundo, que a Colômbia aparece três vezes (em 13 conflitos), sendo todos eles movimentos internos. O terceiro, e evidentemente o ponto mais importante, refere-se ao número de mortos. Devido a sua relevância a tabela 2 foi remanejada como tabela 3 (e gráfico 1), focando a ordem decrescente do número de mortos, para melhor avaliação deste quesito.

TABELA 3 - Os treze maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina por períodos e número de mortos (em ordem decrescente do número de mortos).

Posição	Conflito	Tipo	Período	Nº de Mortos
01	**Guerra do Paraguai**	Externo	1864-70	424.000
02	**Independência da Venezuela**	Externo	1810-23	370.000
03	**Independência do Haiti**	Externo	1791-1804	350.000
04	**Independência do México**	Externo	1810-29	250.000
05	**Revolução Mexicana**	Interno	1910-20	250.000
06	**Guerra dos Dez Anos (Cuba)**	Externo	1868-78	200.000
07	**Independência de Cuba**	Externo	1894-98	200.000
08	**"La violência" (Colômbia)**	Interno	1948-57	200.000
09	**Guerra Civil na Guatemala**	Interno	1961-66	200.000
10	**Guerra Federal (Venezuela)**	Interno	1858-61	130.000
11	**Guerra Civil na Colômbia**	Interno	1898-1902	100.000
12	**Guerra do Chaco**	Externo	1932-35	89.000
13	**Guerra Civil na Colômbia**	Interno	1879	80.000

GRÁFICO 1 - Os treze maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina por número de mortos (em ordem decrescente).



O destaque maior fica por conta dos quatro primeiros conflitos que possuem em comum o fato de terem ocorrido no século XIX e de serem conflitos externos.

Ratificando a afirmação inicial, estes treze conflitos (9,42% de um total gral de 138) perfazem 2.843 mil mortos (76,5% do total geral de 3.718 mil mortos). Em outros termos, menos de dez por cento dos conflitos latino-americanos é responsável por mais de três quartos do número de mortos provocados por guerras no subcontinente.

Isolando-se apenas os conflitos inter-Estados chega-se a tabela 4 (e no gráfico 2) onde seis, (que são os seis primeiros em números de mortos), dos sete conflitos ocorreram no século XIX. Além do mais, os sete conflitos totalizam 1.883 mil mortos (66,24% do total dos treze). Isto é, eles representam a maior parte do número de mortos, mesmo em relação ao total geral, no qual representam um pouco mais da metade (50,64%) do montante final. Isto é muito significativo, pois estes sete conflitos representam, estatisticamente, mais que todas as outras 131 guerras ocorridas na região durante o período estudado. Fato que perfaz, em temos médios, uma mortalidade quase dezenove vezes maior.

GRÁFICO 2 - Os sete maiores Conflitos Externos da América Latina por número de mortos (em ordem decrescente).

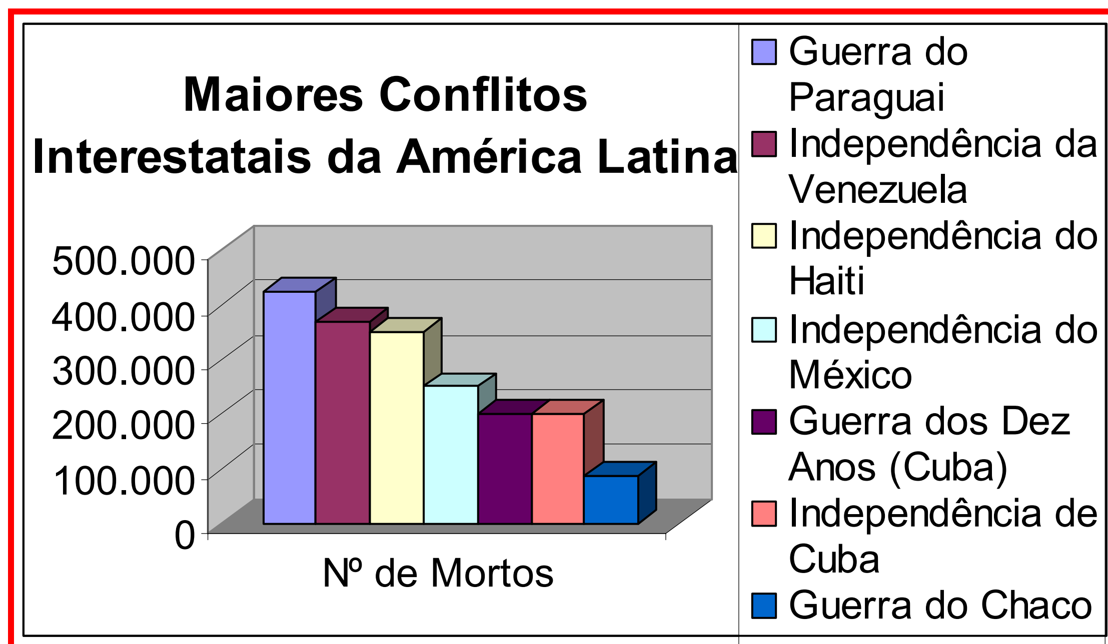


TABELA 4 - Os sete maiores Conflitos Externos da América Latina por períodos e número de mortos (em ordem decrescente do número de mortos).

Posição	Conflito	Período	Nº de Mortos
01	**Guerra do Paraguai**	1864-70	424.000
02	**Independência da Venezuela**	1810-23	370.000
03	**Independência do Haiti**	1791-1804	350.000
04	**Independência do México**	1810-29	250.000
05	**Guerra dos Dez Anos (Cuba)**	1868-78	200.000
06	**Independência de Cuba**	1894-98	200.000
07	**Guerra do Chaco**	1932-35	89.000

Então, será que estes são conflitos ligados a fase de ascensão econômica (de pico)? Depois da comparação dos períodos com as fases Kondratieff apenas um conflito pode ser enquadrado como de fase A (Independência do Haiti), sendo que dois, estão parcialmente, uma vez que, embora eles tenham início na fase A, passam a maior parte na fase B (Independência do México e da Venezuela), e os outros quatro são tipicamente de fase B. Em suma, no subcontinente os grandes conflitos externos são guerras de baixa.

No tocante aos grandes conflitos intra-Estados, a tabela 5 (e o gráfico 3) mostra a relação de mortos para os seis movimentos deste tipo, resultando 960 mil mortos (33,76% do

total dos treze); somatório que equivale a um pouco mais de um quarto (25,82%) do total geral.

GRÁFICO 3 - Os seis maiores Conflitos Internos da América Latina por número de mortos (em ordem decrescente).

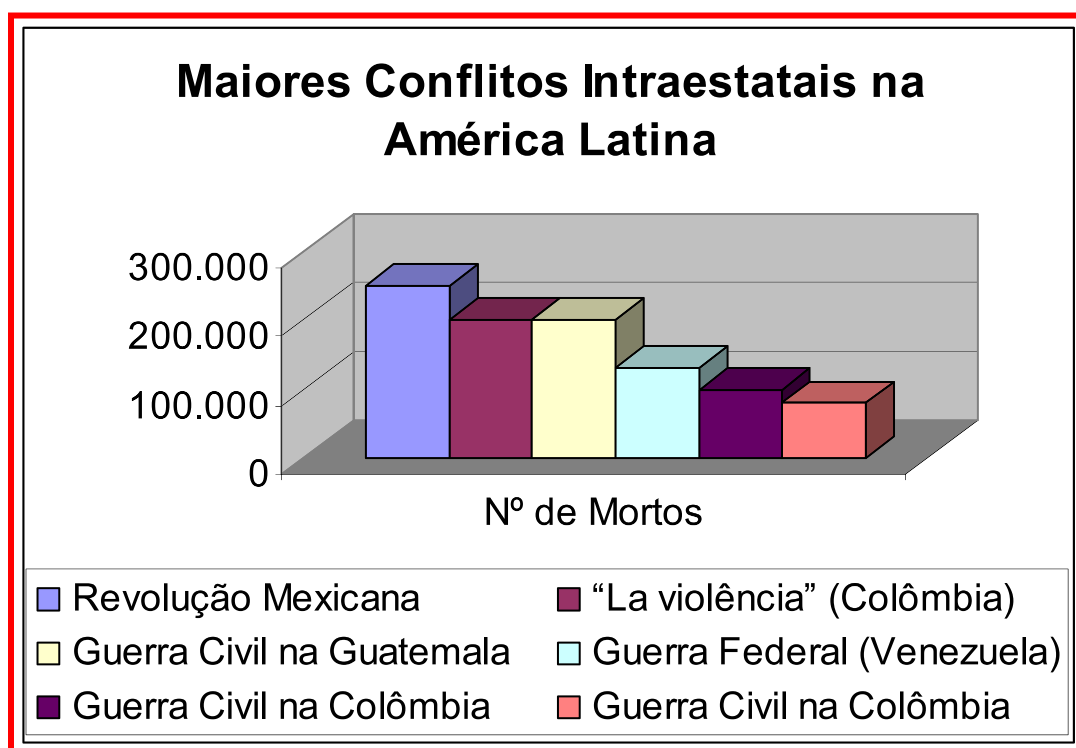


TABELA 5 - Os seis maiores Conflitos Internos da América Latina por períodos e número de mortos (em ordem decrescente do número de mortos).

Posição	Conflito	Período	Nº de Mortos
01	**Revolução Mexicana**	1910-20	250.000
02	**"La violência" (Colômbia)**	1948-57	200.000
03	**Guerra Civil na Guatemala**	1961-66	200.000
04	**Guerra Federal (Venezuela)**	1858-61	130.000
05	**Guerra Civil na Colômbia**	1898-1902	100.000
06	**Guerra Civil na Colômbia**	1879	80.000

Com exceção do sexto e último movimento todos os demais são conflitos de alta, típicos da fase A. Desta forma, pode-se desenhar uma primeira e parcial conclusão: os grandes conflitos latino-americanos são divididos em dois grupos que, predominantemente, compõem

as guerras externas, de fase B e as guerras internas, de fase A. Estes treze grandes conflitos podem indicar uma tendência, visto que, eles representam a maioria do índice de mortalidade bélica na América Latina.

A tabela 6 cria a noção de magnitude, na qual se pode perceber claramente que os grandes conflitos externos são mais mortíferos que os internos, pois na Primeira Magnitude, com mais de 300 mil mortos, só aparecem três conflitos e todos são externos. Na segunda Magnitude, com mais de 150 mil mortos (logo, metade da magnitude anterior, o que representa uma grande diferença), há um equilíbrio, com três conflitos externos e internos. Somente na terceira e última magnitude, com mais de 80 mil mortos (também quase a metade da anterior), é que os conflitos internos passam a ter maioria: três conflitos internos contra apenas um externo.

TABELA 6 - Os treze maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina em número de mortos (e por Magnitude).

Conflitos	+ de 300 mil	+ de 150 mil	+ de 80 mil
13 (07 E e 06 I)	03 (03 E)	06 (03 E e 03 I)	04 (01 E e 03 I)

A tabela 7 sintetiza todos os dados sobre os treze maiores conflitos e ainda permite uma visualização mais apurada da divisão em fases do ciclo econômico. Para facilitar ainda mais a curva de alta, da fase A, foi destacada na cor azul, sendo que a curva de baixa, de fase B, ficou na cor vermelha. Aliás, este padrão de cores será muito utilizado daqui em diante.

TABELA 7 - Os treze maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina por fase de ciclos e por número de mortos (em milhares).

Fase	Nº de Conflitos		Nº de Mortos		Nº de Mortos
A (Expansão)	**E = 01**	**I = 05**	**E = 350**	**I = 880**	**1230**
B (Crise)	**E = 06**	**I = 01**	**E = 1533**	**I = 80**	**1613**
Total	E = 07	I = 06	E = 1883	I = 960	2843

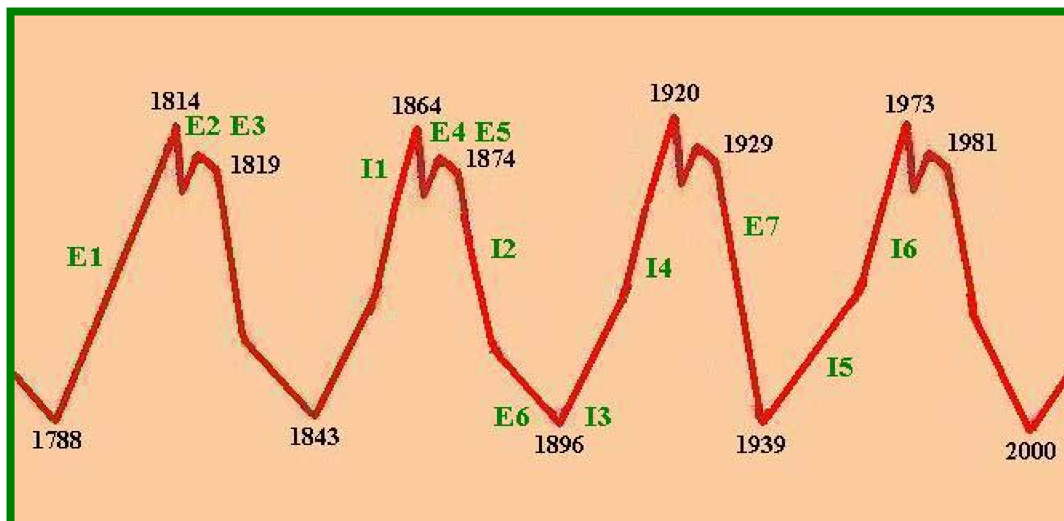
O número de conflitos, entre externos e internos, é quase o mesmo, mas a taxa de mortalidade geral dos grandes conflitos externos é mais de duas vezes a dos internos. Contudo, nas fases a situação muda de forma bastante significativa: os externos detêm uma

esmagadora superioridade na fase B (de quase vinte vezes!), enquanto que os internos perfazem um total aproximadamente duas vezes e meia maior na fase A.

A tendência de externo maior na fase B e interno maior na fase A já havia sido registrada no parágrafo que analisa a tabela 5, entretanto, uma outra tendência pode ser estabelecida; a de que os conflitos externos são mais mortíferos que os internos. As duas tendências podem ser dominantes também na análise dos dados gerais, isto porque que a magnitude dos números destes grandes conflitos e as defasagens entre neles, nas comparações feitas não parecem ser apenas casuais.

A figura 5 foi montada com a intenção de reforçar a percepção da acoplagem destes grandes conflitos nas fases das Ondas K.

Figura 5 – As Quatro Ondas K e os Treze Maiores Conflitos da América Latina.



Fonte: gráfico montado pelo autor.

A combinação alfa-numérica adotada é muito simples, sendo que **E1** indica o primeiro grande conflito Externo em número de mortos, enquanto que **I6** representa o sexto grande conflito Interno em número de mortos. A ordem dos conflitos e os seus nomes podem ser conferidos na **tabela 2**, já estudadas acima.

O que, talvez, mais desperte a atenção no gráfico, são os conflitos que aparecem nos pontos mais elevados da linha do índice de preços. Estes conflitos são: I1, Guerra Federal na Venezuela, 1858-61; E2, Independência do México, 1810-29; E3, Independência da Venezuela, 1810-23; E4, Guerra do Paraguai, 1864-70; e E5, Guerra dos Dez Anos em Cuba, 1868-78. Os quatro conflitos externos já estão no início da fase descendente, enquanto que o

I1 está no final da fase ascendente. Por outro lado, duas guerras estão situadas nos pontos mais baixos da tabela, E6 (Independência de Cuba, 1894-98) e I3 (Guerra Civil na Colômbia, 1898-1902) e aqui também ocorre a repetição de conflito externo na fase descendente (agora no final) e interno na ascendente (desta vez na parte inicial da fase A).

Para os que preferem valores mais "redondos" foram montadas duas tabelas (8 e 9), apenas com os dez maiores conflitos da América Latina.

TABELA 8 - Os dez maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina em número de mortos.

Conflitos	+ de 300 mil	+ de 150 mil	+ de 100 mil
10 (06 E e 04 I)	03 (03 E)	06 (03 E e 03 I)	01 (01 I)

TABELA 9 - Os dez maiores conflitos (Externos e Internos) da América Latina por fase de ciclos e por número de mortos (em milhares).

Fase	Nº de Conflitos		Nº de Mortos		Nº de Mortos
A (Expansão)	E = 01	I = 04	E = 350	I = 780	1130
B (Crise)	E = 05	I = 00	E = 1444	I = 00	1444
Total	E = 06	I = 04	E = 1794	I = 750	2574

Como se pode ver os resultados gerais não são muito diferentes daqueles alocados para os treze conflitos já vistos.

Agora, finalmente, os resultados gerais já podem ser apresentados. Inicialmente com uma tabela (de número 10) que mostra todos os resultados e possui divisões que abrangem quase todos os pontos aqui analisados, exceto pela separação de conflitos externos e conflitos internos, que será tratada na tabela subseqüente (11).

A lógica de análise aplicada à totalidade dos conflitos será a do método dedutivo, partindo do todo para as partes, inversamente aos grandes conflitos da região, que foram aqui estudados indutivamente.

TABELA 10 - Conflitos da América Latina por fase de ciclos, períodos históricos, número de anos, número de guerras e número de mortos (em milhares).

Fase	Período	nº de Anos	nº de Guerras	nº de Mortos
Ascenso do 1º	1801-1814	14	01	350

Descenso do 1º	1814-1843	29	20	694,7
Ascenso do 2º	1843-1864	21	19	240,5
Descenso do 2º	1864-1896	32	23	955,7
Ascenso do 3º	1896-1920	24	18	415,5
Descenso do 3º	1920-1939	19	11	176,3
Ascenso do 4º	1939-1973	34	27	526,1
Descenso do 4º	1973-2000	27	23	361,2
Total	1801- 2000	**200**	**142**	**3.720**

Para os recortes geográfico (vinte países) e histórico (200 anos) deste trabalho o resultado geral mostrou que a América Latina sofreu 142 conflitos no período, com saldo de quase quatro milhões de mortos.

TABELA 11 – Conflitos da América Latina (Externos e Internos) por fase de ciclos, períodos históricos, números de anos, de guerras e de mortos (em milhares).

Fase	Período	nº de Anos	nº de Guerras		nº de Mortos	
			Externas	Internas	Externas	Internas
Ascenso do 1º	1801-1814	14	01	- x -	350	- x -
Descenso do 1º	1814-1843	29	12	08	660,8	33,9
Ascenso do 2º	1843-1864	21	09	10	69	171,5
Descenso do 2º	1864-1896	32	08	15	841,7	114
Ascenso do 3º	1896-1920	24	12	06	26,5	389
Descenso do 3º	1920-1939	19	04	07	106,5	69,8
Ascenso do 4º	1939-1973	34	07	20	7,8	518,3
Descenso do 4º	1973-2000	27	07	16	9,9	351,3
Total	1801- 2000	**200**	**60**	**82**	**2.072,2**	**1.647,8**

A primeira tendência geral já pode ser confirmada. De fato, apesar de ter um menor número de guerras (60) o tópico dos conflitos externos teve um maior índice de mortalidade, superando os dois milhões de mortos, enquanto que os conflitos internos, em número de 81, perfizeram um pouco mais de um milhão e meio de mortes. Colocou-se esta questão de forma percentual (na tabela 12) em termos médios (na tabela 13).

TABELA 12 – Conflitos da América Latina (Externos e Internos) por número de guerras e de mortos (em milhares), com os respectivos percentuais.

Guerra	nº de Guerras	%	Nº de Mortos	%
Externa	60	**42,3**	2.072,2	**55,7**
Interna	82	**57,7**	1.647,8	**44,3**
Total	142	**100**	3.720	**100**

Na forma percentual tem-se a impressão que a diferença não é tão grande assim, mas o número de mortos nas Guerras Externas é 1,26 vezes maior que nas Guerras Internas, enquanto que o número de guerras é 1,36 vezes favorável as Guerras Internas. As médias, da tabela seguinte, tornam a abrangência dos dados mais clara.

TABELA 13 – Média de Mortos (em milhares) por Guerra e por Ano para os Conflitos da América Latina (Externos e Internos).

Guerra	nº de Mortos/Guerra	nº de Mortos/Ano
Externa	**34,54**	**10,36**
Interna	**20,09**	**8,24**
Média Geral	**26,20**	**18,60**

Quatorze mil mortos a mais por conflito e mais de duas mil mortes por ano são médias consideráveis e marcam uma diferença que não pode ser tratada como desprezível.

A tabela 6a, por sua vez pode ser decomposta em várias sub-tabelas com o intuito de valorizar uma das variáveis e analisá-la em separado como foi executado nas tabelas abaixo.

Nas tabelas 14 e 15 as variáveis foram as fases da Onda K, começando pela fase A e depois pela B.

TABELA 14 – Conflitos da América Latina (Externos e Internos) por etapas da fase A e em número de guerras e de mortos (em milhares).

Fase	Nº de Anos	nº de Guerras		nº de Mortos	
		Externas	Internas	Externas	Internas
Ascenso do 1º	14	01	- x -	350	- x -
Ascenso do 2º	21	09	10	69	171,5
Ascenso do 3º	24	12	06	26,5	389
Ascenso do 4º	34	07	20	7,8	518,3
Total	**93**	**29**	**36**	**453,3**	**1.078,8**

Nas etapas da fase A ocorreram mais guerras internas que externas e estas foram também responsáveis por um maior índice de mortalidade. Veja a forte tendência decrescente do número de mortos para as guerras externas. Isto indica claramente que houve uma diminuição na violência inter-Estados nos momentos de ascensão econômica na América Latina. E não deve ser esquecido o fato de que os exércitos e a letalidade das armas de combate em massa cresceram enormemente nestes períodos.

No que concerne aos conflitos internos, pode-se perceber um aumento continuado, etapa a etapa, do número de guerras e de mortes, o que talvez demonstre um crescimento da instabilidade em momentos de ascensão, ou será uma luta interna pelo poder devido ao aumento da riqueza?

O total de guerras nas etapas da fase A, somando-se as guerras externas e as internas, aparece na tabela a seguir.

TABELA 15 – Conflitos da América Latina por etapas da fase A e em número de anos, guerras e de mortos (em milhares).

Fase	nº de Anos	nº de Guerras	nº de Mortos
Ascenso do 1º	14	01	350
Ascenso do 2º	21	19	240,5
Ascenso do 3º	24	18	415,5
Ascenso do 4º	34	27	526,1
Total	**93**	**65**	**1.532,1**

Considerando o número de anos, a quantidade de guerras não é assim tão elevada, nas etapas da fase A. Todavia, existe uma tendência sempre crescente em todas as variáveis e para todas as etapas.

TABELA 16 – Conflitos da América Latina (Externos e Internos) por etapas da fase B e em número de guerras e de mortos (em milhares).

Fase	Nº de Anos	nº de Guerras		nº de Mortos	
		Externas	Internas	Externas	Internas
Descenso do 1º	29	12	08	660,8	33,9
Descenso do 2º	32	08	15	841,7	114
Descenso do 3º	19	04	07	106,5	69,8
Descenso do 4º	27	07	16	9,9	351,3
Total	**107**	**31**	**46**	**1.618,9**	**569**

Ao contrário do que aconteceu com a fase A, nas etapas da fase B ocorreram mais mortes nas guerras externas que nas internas, se bem que na quantidade de guerras o índice é mais favorável para as internas.

Aqui não ocorreu nenhuma grande tendência geral, porém a segunda etapa sobressai pelo elevado número de mortos nas guerras externas enquanto que o maior índice nas guerras externas ocorreu na quarta e ultima etapa. Como já foi indicado não há nenhuma tendência geral na fase B, mas esta mudança de maior número de mortos das guerras externas para as

internas pode ser o indício de uma nova tendência. Somente o acompanhamento das fases ou dos ciclos futuros poderá confirmar esta hipótese.

Como também foi feito para a fase A, a tabela abaixo indica o resultado geral das guerras externas e as internas da fase B.

TABELA 17 – Conflitos da América Latina por etapas da fase B e em número de anos, guerras e de mortos (em milhares).

Fase	nº de Anos	nº de Guerras	nº de Mortos
Descenso do 1º	29	20	694,7
Descenso do 2º	32	23	955,7
Descenso do 3º	19	11	176,3
Descenso do 4º	27	23	361,2
Total	**107**	**77**	**2.182,2**

A tabela mostra uma ondulação interessante. Os índices sobem da primeira para a segunda etapa, descem da segunda para a terceira e tornam a subir no último estágio. Um comportamento curioso, mas natural porque a duração em anos das etapas também segue este padrão.

A análise das tendências parciais é necessária e útil, mas a investigação busca, sobretudo, as grandes tendências, isto é, aquelas que possam indicar movimentos mais longos, capazes de revelar as estruturas mais profundas, cujos objetos não são facilmente detectados por uma observação direta e curta dos eventos.

Ou como disse Braudel:

"A explicação conjuntural, mesmo repetida nos seus diferentes escalões, não pode ser completa, nem inapelável. É, todavia, ***uma*** *das explicações necessárias, e uma espera útil.*

Por outro lado, temos de classificar as conjunturas econômicas, por outro, as conjunturas não econômicas. Estas são para avaliar, para situar segundo a sua própria duração; dignas de se juntarem ao ***trend*** *secular: os movimentos demográficos em profundidade, o tamanho dos Estados e dos Impérios (em suma, a sua conjuntura geográfica), a sociedade com ou sem mobilidade social, a força dos avanços industriais; dignas de ocuparem a fileira das conjunturas longas: as industrializações, ainda elas, as finanças dos Estados, as guerras ... A classificação conjuntural ajuda-nos a construir melhor o edifício da História."* [108]

---

[108] Fernand BRAUDEL. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II.** Volume II, p. 268. Os grifos são do autor.

Talvez as tabelas sintéticas e gerais que serão apresentadas a seguir possam de alguma forma contribuir neste sentido.

TABELA 18 – Conflitos da América Latina (Fases A e B) por número de anos, de guerras e de mortos (em milhares), com os respectivos percentuais.

Fase	nº de Anos	%	nº de Guerras	%	nº de Mortos	%
Ascenso	93	**46,5**	65	**45,8**	1.532,1	**41,2**
Descenso	107	**53,5**	77	**54,2**	2.187,9	**58,8**
Total	200	**100**	142	**100**	3.720	**100**

A grande questão é que o número de mortos na Fase B é 1,43 vezes maior que o da Fase A. Em termos percentuais isto representa cinco pontos acima da média de anos e de guerras. Este ponto reforça a consideração levantada na parte teórica deste capítulo de que nas áreas periféricas do sistema, e a América Latina foi e continua sendo uma delas, é maior a ocorrência de guerras (ou mortes) nos períodos de baixa. Também foi confirmada aqui a tendência manifestada quando da análise dos grandes conflitos latino-americanos.

Quando se olha para as médias, como pode ser visto na tabela 19, a relação fica mais clara.

TABELA 19 – Média de Mortos (em milhares) por Guerra e por Ano para os Conflitos da América Latina (Fases A e B).

Fase	nº de Mortos/Guerra	nº de Anos/Guerra	nº de Mortos/Ano
Ascenso	**23,57**	**1,47**	**16,47**
Descenso	**28,41**	**1,43**	**20,45**
Média Geral	**26,20**	**1,45**	**18,60**

Mesmo tendo uma média inferior na razão anos por guerra, os conflitos da fase B possuem uma boa diferença média em relação ao número de mortos por guerra e por ano. O que acaba por confirmar definitivamente as tendências afloradas na tabela 10.

Fazendo o mesmo exercício geral da tabela 18, mas agora somente para os conflitos internos, as resultantes são as mostradas na tabela 20.

TABELA 20 – Conflitos Internos na América Latina (Fases A e B) por número de anos, de guerras e de mortos (em milhares), com os respectivos percentuais.

Fase	nº de Anos	%	nº de Guerras	%	nº de Mortos	%
Ascenso	93	**46,5**	36	**43,9**	1.078,8	**65,5**
Descenso	107	**53,5**	46	**56,1**	569	**34,5**
Total	200	**100**	82	**100**	1.647,8	**100**

O número de mortos na Fase A é 1,89 vezes maior que o da Fase B. Isto fica ainda mais evidente quando se olha para os valores percentuais. Em outras palavras, os conflitos internos latino-americanos matam mais pessoas no período de ascensão econômica do que nos momentos de crise, o que não parece lógico em uma primeira percepção reflexiva sobre a questão. Mas a análise da tabela 21, agora focando apenas os períodos de descenso, ao completar o conjunto guerras externas e internas talvez possa ajudar a compreender melhor o quadro geral.

TABELA 21 – Conflitos Externos na América Latina (Fases A e B) por número de anos, de guerras e de mortos (em milhares), com os respectivos percentuais.

Fase	nº de Anos	**%**	nº de Guerras	**%**	nº de Mortos	**%**
Ascenso	93	**46,5**	29	**48,3**	453,3	**22**
Descenso	107	**53,5**	31	**51,7**	1.618,9	**78**
Total	200	**100**	60	**100**	2.072,2	**100**

A diferença aqui, para os conflitos externos, é ainda maior que a dos internos e apresenta-se invertida, isto quer dizer que o número de mortos na Fase B é 3,6 vezes maior que o da Fase A. Colocando, igualmente, em termos mais simples, isto significa que as guerras inter-Estados na região provocaram muito mais mortes nos momentos de crise que nos de ascensão econômica. A idéia de Wilson Barbosa sobre os "bodes expiatórios" vem logo à tona. Quantos dramas, quantas mortes e quantos conflitos eclodiram, a guisa de válvula de escape das pressões econômicas e político-sociais na América Latina?

Bem, Braudel explica ainda de forma mais perfeita esta aparente distorção entre mais guerras internas no período de crescimento econômico e mais conflitos externos nos momentos de crise:

"Estas coincidências tem o seu preço. Com bom tempo, a querela de família; com mau tempo a querela contra os infiéis. A regra também é válida para o Islão. Depois de Lepanto, até à retomada da guerra contra a Alemanha em 1593, a Turquia, preocupada com a Ásia, atirou-se para uma guerra perdida contra a Pérsia ... Toda uma psicologia, toda uma psicanálise das grandes guerras se iniciaram a partir destas observações.

No âmbito da Cristandade, acrescentemos que todos os movimentos anti-semitas obedecem à conjuntura da guerra contra o exterior. É nos períodos de refluxo que o Judeu é perseguido, onde quer que se encontre na Cristandade." [109]

---

[109] Fernand BRAUDEL. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II.** Volume II, p. 268.

Na crise, o mais comum a se fazer é canalizar as tensões para fora, contra o estrangeiro, atacando o inimigo da nação e exorcizando o "demônio externo". Com a riqueza aumentando e os "cofres cheios", a luta pelo poder interno é maior porque a recompensa é grande, os grupos internos (mormente os das elites) querem se apropriar das estruturas políticas que lhes garantirão um ganho muito compensador. Tão tipicamente latino-americano, mas não somente latino-americano como demonstrou Braudel na citação acima e também como Frank C. Spooner, acerca do que ficou conhecido como a "Lei de Spooner".

"Com as quedas prolongadas e insistentes, a paisagem muda: as economias saudáveis só se encontram no centro da economia-mundo. Há recuo, concentração em benefício de um único pólo; os Estados tornam-se briguentos, agressivos. Daí a lei de Frank C. Spooner, no que concerne à França que a economia em alta tende a dispersar, a dividir contra si mesma (veja-se durante as guerras religiosas), enquanto a conjuntura adversa aproximaria suas diversas partes em benefício de um governo aparentemente forte. Mas valerá esta lei para toda a França ao longo de todo o seu passado e valerá para os outros Estados?" [110]

As duas importantes citações de Braudel em obras distintas e igualmente fundamentais levantam, com base na "Lei de Spooner", uma indagação preciosa. Espera-se que ela tenha sido respondida, pelo menos, no que diz respeito aos Estados da América Latina Independente.

Parte III

Ondas K e Mudanças Políticas na América Latina.

> *"O fato de boas previsões se haverem mostrado possíveis com base nas 'ondas longas' de Kondratiev - o que não é muito comum em economia - convenceu muitos historiadores e mesmo alguns economistas de que elas contêm alguma verdade, embora não saibamos qual".* [111]
>
> Eric Hobsbawm.

Para conseguir estabelecer as relações possíveis entre as ondas longas do ciclo econômico e as mudanças políticas na América Latina foi necessário definir quais seriam os pontos a serem confrontados. Se as fases A e B das Ondas K já estavam, desde o início deste trabalho, bem configuradas como elemento de comparação, os correspondentes políticos não

---

[110] Fernand BRAUDEL. **Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII: o Tempo do Mundo.** Volume III, p. 73.

[111] Eric HOBSBAWM, **Era dos Extremos,** p. 92 (nota).

se entravam na mesma situação. Esta indefinição é fruto da dificuldade em se estabelecer elementos confiáveis e claramente definidos, de preferência bastante objetivos e diretos para evitar sofisticadas elaborações teóricas e metodológicas que, no final do processo, poderiam se mostrar operacionalmente impraticáveis.

Logo, a idéia mais simples pareceu ser a de realizar um levantamento das Constituições produzidas pelos Estados latino-americanos ao longo de sua história. A escolha constitucional apresenta várias vantagens: são objetos materiais facilmente enquadráveis no tempo e no espaço, é muito simples saber que países elaboraram quais Constituições, e quando isto ocorreu. Este levantamento já havia sido praticamente feito por Jacques Lambert [112]; além disso, a mais importante de todas as vantagens refere-se ao fato de que as Constituições podem ser consideradas a "ponta do iceberg" das mudanças sócio-econômicas e políticas. Um novo re-ordenamento jurídico geral indica, que as "leis" estão sendo reacomodadas às mudanças em curso, o que pode significar, no mínimo, uma substituição do grupo político dominante.

O último quarto do século XX, período não coberto pela pesquisa de Lambert, demandou algum trabalho e implicou em algumas dificuldades, principalmente, em se definir o que era um texto constitucional de fato, e o que era apenas um texto complementar uma grande revisão ou uma ementa constitucional mais profunda. Exemplificando, temos que até mesmo na obra de Lambert isto ocorreu. Ele considerou o Ato Adicional de 1834 como uma nova Constituição do Brasil, no entanto nenhum historiador brasileiro o concebe desta forma; então, neste caso, o Ato Adicional não foi contado como mais uma Constituição brasileira.

Um outro ponto problemático da lista de Lambert, pelo menos para quem pretende contabilizar constituições, associa-se ao fato de que o autor considerou as Constituições do período anterior à independência, sobretudo as elaboradas na área setentrional da América do Sul. Além disso, elas foram contabilizadas repetidamente para os países dessa região. Exemplo marcante disto: a Constituição de 1821 da República da Grã-Colômbia, então formada pela Cundinamarca (atual Colômbia), por Quito (Equador hoje) e pela Venezuela, acabou sendo listada para os três países como se fossem constituições diferentes.

Bem, de qualquer forma, a resultado final pode ser visualizado na tabela a seguir.

---

[112] Jacques LAMBERT, **América Latina,** pp. 305 e 306. Quase completo e com dados até 1974.

TABELA 22 – Constituições de Vinte Países da América Latina (por datas e quantidade total para cada país). [113]

Países	Total	Anos das Constituições
Haiti	**25**	1801, 1805, 1806, 1807, 1811, 1820, 1843, 1846, 1849, 1859, 1860, 1867, 1874, 1888, 1889, 1918, 1919, 1932, 1935, 1939, 1944, 1946, 1950, 1957, 1964 e 1987.
Venezuela	**21**	1830, 1858, 1864, 1874, 1881, 1891, 1893, 1901, 1904, 1909, 1914, 1922, 1925, 1928, 1929, 1936, 1947, 1953, 1958, 1961 e 1999.
Bolívia	**20**	1826, 1831, 1836, 1839, 1843, 1848, 1851, 1861, 1868, 1871, 1878, 1880, 1931, 1937, 1938, 1946, 1947, 1952, 1961 e 1967.
Rep. Dom.	**16**	1821, 1844, 1854, 1858, 1866, 1887, 1896, 1907, 1908, 1924, 1942, 1947, 1960, 1962, 1966 e 1994.
Nicarágua	**14**	1825, 1838, 1848, 1854, 1858, 1893, 1896, 1905, 1911, 1913, 1931, 1950, 1974 e 1987.
Peru	**14**	1823, 1826, 1828, 1834, 1837, 1839, 1856, 1860, 1867, 1868, 1919, 1933, 1980 e 1993.
Equador	**13**	1830, 1843, 1846, 1878, 1884, 1897, 1906, 1929, 1943, 1946, 1972, 1979 e 1998.
Colômbia	**12**	1811, 1819, 1821, 1830, 1832, 1834, 1843, 1853, 1858, 1863, 1886 e 1991.
El Salvador	**12**	1824, 1841, 1859, 1871, 1872, 1880, 1883, 1886, 1939, 1950, 1962 e 1983.
Uruguai	**09**	1830, 1917, 1934, 1942, 1952, 1966, 1967, 1986 e 1995.
Honduras	**08**	1825, 1839, 1904, 1908, 1924, 1936, 1957 e 1982.
Argentina	**07**	1819, 1826, 1853, 1949, 1957, 1966 e 1994.
Brasil	**07**	1824, 1891, 1934, 1937, 1946, 1967 e 1988.
Chile	**07**	1818, 1823, 1828, 1833, 1891, 1925 e 1981.
Costa Rica	**07**	1825, 1839, 1848, 1859, 1861, 1871 e 1949.
Guatemala	**07**	1824, 1851, 1879, 1945, 1956, 1965 e 1986.
México	**06**	1824, 1836, 1841, 1846, 1857 e 1917.
Paraguai	**06**	1813, 1844, 1870, 1940, 1967 e 1992.
Panamá	**05**	1904, 1940, 1946, 1972 e 1978.
Cuba	**03**	1901, 1940 e 1976.
Total	**219**	**Médias: 10,9 constituições por país e 1,1 constituição por ano**

As médias são drásticas: mais de uma constituição por ano e, praticamente, onze para cada país. São índices que dificilmente admitem contestações e oferecem uma nítida evidência da instabilidade reinante no subcontinente. Eles igualmente asseguram a correção de uma assertiva no sentido de que as mudanças ocorrem muito rapidamente e, quase

[113] Além do Lambert (veja citação da nota anterior), as seguintes fontes foram utilizadas: http://pdba.georgetown.edu/constituitions, e as edições mais recentes do anuário inglês **Statesmen Year's Book.**

certamente, antes mesmo daquelas, introduzidas anteriormente produzirem algum efeito prático.

Se um elevado número de constituições pode ser um bom índice de instabilidade dos países, então Haiti, Venezuela, Bolívia e a República Dominicana podem ser considerados países historicamente instáveis, o que, de qualquer maneira, um pequeno conhecimento da história destes países já confirmaria.

Por outro lado, um pequeno número de constituições provavelmente assegura que a história do país correspondente foi marcada pela estabilidade. Isto também parece ser verdade, mas não se deve confundir estabilidade com desenvolvimento (vide o caso do Paraguai - com somente seis constituições, contudo não apresenta um potencial econômico para isto e, neste caso, os dados nem são necessários) de ou democracia, liberalismo ou um sistema político mais flexível, como indica a posição de Cuba.

O país–ilha apresentou, apenas, três constituições, e é um país politicamente estável, mas a sua história foi marcada por longos governos personificados (para não falar em ditaduras) em três governantes: Gerardo Machado (1925-33), Fulgêncio Batista (1933-59) e Fidel Castro Ruiz (1959-2006). È bem verdade que tanto Cuba, quanto Panamá tem uma história independente que representa, aproximadamente, a metade da dos outros países latino-americanos, mas mesmo se duplicarmos o número de constituições destes dois países ainda assim eles teriam um número pequeno.

Bem, a mera análise dos dados da tabela, mesmo associando com uma descrição política factual, parece não conduzir para caminhos muitos proveitosos. Razão pela qual se buscou a confrontação dos dados da tabela 22 com as fases das Ondas K. Os resultados são mostrados na tabela abaixo.

TABELA 23 – Distribuição das Constituições da América Latina por fases (A e B) das Ondas Kondratieff.

Fase	Período	Constituições
Ascenso do 1º	1801-1814	07
Descenso do 1º	1814-1843	44
Ascenso do 2º	1843-1864	30
Descenso do 2º	1864-1896	32
Ascenso do 3º	1896-1920	19
Descenso do 3º	1920-1939	22
Ascenso do 4º	1939-1973	45
Descenso do 4º	1973-2000	20

Total	1801- 2000	**219**

As etapas com um maior número de constituições são, curiosamente, a primeira de baixa e a quarta de alta. Já vimos que no período de 1814 até 1843 houve o processo de montagem das estruturas independentes na maior parte dos países da região e isto em um contexto econômico bastante desfavorável, portanto parece lógico concluir que as mudanças foram muitas e repetidas. Com relação ao período de 1939 até 1973, momento de ascensão, o que se pode assegurar é que A Segunda Guerra Mundial e os efeitos dela resultante na América Latina como a industrialização, a urbanidade e o enorme aumento da influência dos EUA como super-potência na região exigiram muitas e constantes adaptações políticas e jurídico-normativas.

Na tabela 24, os resultados da tabela anterior foram condensados com a finalidade, uma vez mais, de facilitar a percepção de tendências dominantes.

TABELA 24 – Distribuição das Constituições da América Latina por fases (A e B) e por números de anos, com os seus respectivos percentuais.

Fase	Constituições	%	nº de Anos	%
Ascenso	101	**46,1**	93	**46,5**
Descenso	118	**53,9**	107	**53,5**
Total	**219**	100	**200**	100

O número de constituições é maior nas fases de descenso da economia, mas o número de anos destas fases também é maior e, de acordo com os percentuais, na mesma proporção o que torna a distribuição de constituições por fase praticamente igual. Assim sendo, nenhuma tendência dominante pode ser inferida destes dados.

Decerto esta era uma hipótese a ser verificada que, no entanto, não se confirmou como previsto, mas o papel da pesquisa é exatamente este, testar empiricamente uma hipótese teórica para verificar sua validação, ou não. Esta situação, de não confirmação de alguma hipótese previamente levantada, já havia sido apresentada no primeiro capítulo (*O Pássaro da Sabedoria*). Este último mostrou que qualquer resultado deve ser aceito com normalidade, afinal a não confirmação também passa a ser um conhecimento acadêmico com igual valor ao da confirmação.

Não obstante o resultado final desviar do esperado neste ponto, qual seja, o de que uma das fases (e a previsão inicial era de que seria a fase B) tivesse um percentual muito maior de

constituições não ter sido comprovada, não anula o trabalho feito. A tabela de constituições está completa e pode ser usada para outros fins e também foi feito um levantamento do número de constituições por ano. Este quadro não será apresentado porque não parece contribuir muito para o avanço do estudo deste ponto, mas os anos com o maior número de constituições na história da América Latina são: 1946 (com seis constituições) e sete anos com quatro constituições cada um; 1821, 1824, 1830, 1839, 1843, 1858 e 1967.

Destes oito anos, três são de fase A (1857, 1946 e 1967) e os demais de fase B. Como os cinco anos da fase B estão contidos na primeira etapa de baixa e dois dos da fase A na quarta de alta, aquelas considerações feitas na análise da tabela 12 podem ser confirmadas, inclusive com o ano recordista sendo aquele imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial. O ano de 1843 também merece ser lembrado, pois, ele representa o ponto mais baixo na curva de preços daquele primeiro período de crise. Por isso ele tornará a aparecer, com destaque, nesta pesquisa.

As constituições não eram os únicos elementos políticos de comparação que haviam sido selecionados para a pesquisa, um segundo grupo ainda precisa ser apresentado. A elaboração deste instrumento de análise comparativa exigiu ainda mais trabalho de pesquisa, inclusive de pesquisa factual, para que pudesse ser consubstanciado.

A montagem deste grupo de elementos também exige uma explicação mais elaborada porque novos conceitos tiveram de ser criados e escolhas a serem bem definidas, com o intuito de se ter um quadro também objetivo, direto e passível de ser demonstrado e em todo o processo de sua elaboração. Bem isto não se constitui como mais do que um pesquisador deve fazer, mas estas palavras são necessárias para que se possa entender o quão importante é, para esta obra, o que acabou sendo o **Anexo 2** deste capítulo.

Ele é composto por oito diagramas, que representam um quarto de século cada um. Portanto, cobrem, exatamente, todo o recorte temporal desta pesquisa. Os diagramas incorporam, igualmente, os vinte países escolhidos para a pesquisa (apenas dezoito no século XIX). As linhas cartesianas de países e anos são, por sua vez, cruzadas formando um quadro com quinhentos pontos a serem preenchidos. Como são oitos os diagramas, tem-se um total de quatro mil pontos a serem preenchidos. Como veremos, nem todos o serão, mas estes pontos vazios representam um ínfima minoria.

Mas preenchidos com o que? Bem, agora é o momento que dois conceitos devem ficar bem claros. Cada ponto representa a situação política de um dos vinte países latino-

americanos em um determinado ano. A representação é binária, uma vez que uma abertura para um maior número de considerações ou conceituações tornaria a construção do quadro geral e depois a operacionalização da comparação totalmente inoperante. Este binarismo é visualizado com as cores azul e vermelho, mas que nos diagramas NÃO representam as fases do ciclo longo de economia. Eles representam os dois conceitos políticos já citados.

O primeiro deles, simbolizado pela letra Azul, está relacionado com a noção de um sistema politicamente aberto ou mais flexível. Evidentemente, o conceito de cor vermelha é o sistema politicamente mais fechado ou menos flexível. Deve ficar claro que estas são posições idealizadas e extremas, na verdade, existe um universo de possibilidades entre uma e outra (como é, aliás, em todo e qualquer sistema binário) e que precisaram ser colocadas em um lado ou em outro. Todavia, a definição não foi aleatória ou arbitrária. Levou-se em consideração o contexto histórico para cada diagrama ou, ainda, para períodos menores de tempo, com objetivo de definir como ficaria cada um dos pontos.

A falta de contextualização ou uma escolha ideologicamente premeditada deve ter levado Samuel Huntington, no começo da década de noventa, a montar a sua estrutura de ondas democráticas no mundo, desde 1828. [114] Ele definiu o período entre este ano e o de 1926, como sendo o da Primeira Onda, longa, de Democracia. Esta fase foi seguida por uma Onda Reversa, entre 1922 até 1942. A Segunda Onda de Democracia foi denominada de curta devido ao fato cobrir apenas duas décadas (1943 e 1962). Mais uma Onda Reversa apareceu nos anos de 1958 até 1975, chegando, finalmente, a Terceira Onda de Democracia, que se iniciou em 1974. Deve-se observar que os períodos sobrepõem-se e que a divisão temporal lembra o formato das *Etapas do Desenvolvimento Capitalista*, feita por Maddison (veja a discussão em torno da nota 12).

Esta percepção de Huntington não corresponde à deste trabalho e a conceituação de democracia adotada por ele também não se conforma à configuração da proposta aqui apresentada. Logo, a grosso modo, a definição macro ficou posta da seguinte forma: No século XIX a América Latina apresentava-se fortemente dividida entre partidários de um governo conservador ou adeptos de um sistema liberal. Ocorriam lutas ferrenhas, tanto entre países com sistemas diferentes (Conservadores x Liberais) quanto com estes grupos disputando internamente o poder. Inclusive, muito da conduta dos EUA e da Inglaterra na América Latina, neste século, foi pautada, de forma quase invariável, por esta divisão, com a

[114] Samuel P. HUNTINGTON, **A Terceira Onda. A Democratização no Final do Século XX,** p. 25.

Inglaterra tendendo a apoiar grupos ou regimes conservadores e os EUA a apoiarem os liberais. Coerentemente então para todo o século XIX os liberais foram representados pela cor azul e os conservadores ficaram com a cor vermelha.

As situações definidas neste parágrafo e no seguinte são válidas para os séculos XIX e XX. Governos ditatoriais ou o caos político, ou, ainda, a ausência de um poder central, minimamente constituído, também foram representados pela cor vermelha (isto ocorreu nos dois séculos, entretanto, no século XX estes eventos foram bem menos expressivos).

Longos períodos com o mesmo governante, geralmente acima de dez ou doze anos, sem que as regras de transição de poder fossem claras e mais ou menos livres (dentro do seu devido contexto histórico) também ficaram com a cor vermelha. Até governos que tendo sido inicialmente liberais e que sofreram um fechamento ao ponto de uma só pessoa exercer o poder por um longo tempo, também ficou com a cor vermelha. Este foi, por exemplo, o caso do México com Porfírio Dias. Liberal, ele subiu ao poder em 1876 e até 1883 não havia se afastado muito da linha liberal, ocorrendo inclusive troca legítima de governante. Mas depois deste ano até a Revolução de 1910, Porfírio governou ditatorialmente, e mesmo quando não estava no cargo máximo, do ponto de vista do direto, era notório que ele controlava, de fato, os mecanismos do governo e do poder no país.

Para o século XX a situação de definição é um pouco mais complexa do que foi para o XIX. A idéia de democracia como se entende hoje não pode ser aplicada para a primeira metade sob pena de não ter muitos pontos para colocar a cor azul. Então, a regra, até 1945, será a de que governos com transição regular de poder e de governantes, por meio de eleições, com partidos políticos constituídos legalmente, mesmo oligárquicos, como os da República Velha no Brasil, serão considerados da cor azul.

Isto não significa que são democracias, longe disso; mas que representam o sistema mais aberto que o contexto permitia para a região naquelas condições comparativas. Em outras palavras, o governo de Rodrigues Alves no Brasil (1902-06) tinha um grau de abertura política e flexibilidade sócio-econômica muito maior que o de Cipriano Castro na Venezuela (1899-1909).

Depois de 1945, o conceito de democracia como definido pela lógica da burguesia liberal passa a ser o padrão para a cor azul. Também aqui não há momentos para hipocrisia, não adianta dizer que o sistema de partido único no México era revolucionário, popular e favorecia as massas e que o mesmo ocorreu em Cuba, depois da Revolução Socialista de

1959, impondo um sistema monopartidário. Sistemas monopartidários terão cor vermelha. O contexto na região era, e continua sendo liberal burguês.

E não há juízo de valor aqui. Não há a avaliação de que, atualmente, Cuba seja melhor ou pior que qualquer país capitalista do subcontinente, apenas que Cuba possui politicamente um sistema mais fechado que, por exemplo, o Brasil atual. Se o México do PRI e a Cuba do PC passassem a ser definidos neste trabalho como azuis, então todos os outros seriam azuis também? Ou vermelhos?

Contudo, a flexibilidade desta classificação é maior do que pode parecer. O caso mexicano é, mais uma vez, exemplar: o sistema originado em 1910-20 foi adaptando-se e depois da Segunda Guerra Mundial, sem deixar de ser o governo de um partido original e ligado aos princípios da revolução realizada, ganhou uma flexibilidade e um grau progressivo de abertura. Por conta disto, a partir de 1948 já foi considerado azul e assim seguiu até 2007, sendo que hoje o México é uma democracia multipartidária bastante amadurecida. Antes de 1948, o México da primeira metade do século XX foi classificado sempre como vermelho. Este foi o México de Porfírio, das primeiras décadas da Revolução e do populismo de Cárdenas.

Foram considerados pontos vermelhos as intervenções estrangeiras que chegaram a tomar o governo nacional, como ocorreu nas inúmeras ações dos EUA no Caribe e na América Central, ou períodos de ocupação militar como ocorreu na República Dominicana de 1822 até 1844, quando foi ocupada pelo Haiti.

Também foram considerados vermelhos os anos dos Governos Militares típicos da América Latina nas décadas de sessenta e setenta, do século passado.

Depois da devida explanação das definições conceituais e considerações teóricas, a dinâmica neste fim de capítulo será, novamente, a de análise dos dados obtidos com os diagramas do Anexo 2. Todas as tabelas inseridas daqui até o final do capítulo foram compostas com os dados deste anexo.

TABELA 25 – Número de Anos com Abertura ou Fechamento Político (e seus respectivos percentuais) na América Latina do Século XIX.

Países	Número de Anos e Percentual					Posição na Sub-Região
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Total	
1) El Salvador	**55**	***68,8***	25	*31,2*	80	01 Am. Central
2) Costa Rica	**50**	***62,5***	30	*37,5*	80	02 Am. Central

3) Colômbia	**49**	***61,3***	31	*38,7*	80	01 Am. do Sul
4) Honduras	**49**	***61,3***	31	*38,7*	80	03 Am. Central
5) Uruguai	**42**	***58,3***	30	*41,7*	72	02 Am. do Sul
6) Guatemala	**46**	***57,5***	34	*42,5*	80	04 Am. Central
7) Venezuela	**44**	***55***	36	*45*	80	03 Am. do Sul
8) Chile	**44**	***53***	39	*47*	83	04 Am. do Sul
9) Argentina	**41**	***48,2***	44	*51,8*	85	05 Am. do Sul
10) Equador	**37**	***46,3***	43	*53,7*	80	06 Am. do Sul
11) Peru	**36**	***45,6***	43	*54,4*	79	07 Am. do Sul
12) Brasil	**32**	***40,5***	47	*59,5*	79	08 Am. do Sul
13) México	**29**	***36,3***	51	*63,7*	80	01 Caribe/Méx
14) Haiti	**34**	***35***	63	*65*	80	02 Caribe/Méx
15) Nicarágua	**26**	***32,5***	54	*67,5*	80	05 Am. Central
16) Bolívia	**16**	***21***	60	*79*	76	09 Am. do Sul
17) Rep. Dom.	**14**	***17,5***	66	*82,5*	80	03 Caribe/Méx
18) Paraguai	**02**	***2,2***	88	*97,8*	90	10 Am. do Sul

Antes de iniciar a análise, um detalhe importante precisa ser registrado, que a posição dos países na classificação política foi definida pelo percentual de Abertura, isto porque o número de anos de governo não é igual para todos os países analisados.

El Salvador ficou na primeira colocação, o que não deveria ser motivo para estranheza, pois, nos Oitocentos, ele foi o grande líder do liberalismo na América Central, seguido de perto pela Costa Rica e por Honduras. Esta situação provocou, inclusive, vários conflitos com os vizinhos mais conservadores, mormente Guatemala e Nicarágua. Costa Rica pouco participou destas estripulias guerreiras devido ao seu distanciamento geográfico do campo de lutas e por conta do salutar hábito de suas elites evitarem as ilações com os liberais (ou conservadores) dos outros países da área, fato tão comum na América Central de então.

A Colômbia ficou com o terceiro lugar geral e em primeiro lugar na América do Sul, apesar da ferocidade e da constância das lutas entre as duas facções clássicas do período. De qualquer forma, a tabela indica que os liberais foram mais eficientes nestas lutas pelo poder.

O mesmo pode ser dito sobre o Uruguai, divido entre "Blancos" e "Colorados". A posição mais liberal do Uruguai não surpreende, mesmo na situação de Estado-Tampão, pois os Colorados, favoráveis a uma maior abertura econômica, receberam geralmente as simpatias do Brasil e da Inglaterra, os grandes interessados na estabilidade e o livre trânsito da área platina.

Uma posição baixa na tabela não significa, forçosamente, uma situação de grande instabilidade política e estagnação econômica. O Brasil, não tão bem colocado na tabela, era

um país estável politicamente, sem ser extremamente fechado, e possuía um desenvolvimento econômico bem acentuado. A situação de instabilidade é mais característica dos países do final da tabela como o Haiti, a Bolívia e a República Dominicana. O Paraguai, último colocado, é um caso à parte: três longas ditaduras, uma grande guerra e ocupação militar posterior definiram o século.

TABELA 26 – Número de Anos com Abertura ou Fechamento Político (e seus respectivos percentuais) na América Latina do Século XX.

Países	**Número de Anos e Percentual**					**Posição na Sub-Região**
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Total	
1) Costa Rica	**95**	***95***	05	*05*	100	01 Am. Central
2) Uruguai	**88**	***88***	12	*12*	100	01 Am. do Sul
3) Panamá	**78**	***79,5***	20	*20,5*	98	02 Am. Central
4) Chile	**78**	***78***	22	*22*	100	02 Am. do Sul
5) Argentina	**70**	***70***	30	*30*	100	03 Am. do Sul
6) Brasil	**65**	***65***	35	*35*	100	04 Am. do Sul
7) El Salvador	**65**	***65***	35	*35*	100	03 Am. Central
8) Colômbia	**62**	***62***	38	*38*	100	05 Am. do Sul
9) Bolívia	**61**	***61***	39	*39*	100	06 Am. do Sul
10) Equador	**59**	***59***	41	*41*	100	07 Am. do Sul
11) México	**53**	***53***	47	*47*	100	01 Caribe/Méx
12) Venezuela	**52**	***52***	48	*48*	100	08 Am. do Sul
13) Peru	**45**	***45***	55	*55*	100	09 Am. do Sul
14) Rep. Dom.	**44**	***44***	56	*56*	100	02 Caribe/Méx
15) Honduras	**41**	***41***	59	*59*	100	04 Am. Central
16) Paraguai	**41**	***41***	59	*59*	100	10 Am. do Sul
17) Haiti	**38**	***38***	62	*62*	100	03 Caribe/Méx
18) Guatemala	**33**	***33***	67	*67*	100	05 Am. Central
19) Cuba	**27**	***27,3***	72	*72,7*	99	04 Caribe/Méx
20) Nicarágua	**24**	***24***	76	*76*	100	06 Am. Central

Os três primeiros do século vinte não chegam a surpreender, talvez o índice elevado cause algum espanto, mas a história de Costa Rica e do Uruguai, principalmente, confirma a coerência dos números. No caso do Panamá, acredita-se que as rendas do Canal ajudaram a criar e a manter esta estabilidade, além disso, os EUA têm interesse redobrado neste país centro-americano, esperando assim que o mesmo se mantenha em boas e estáveis condições políticas e sócio-econômicas. Caso contrário afetaria a principal artéria econômica e militar dos EUA, aquela via que permite o rápido deslocamento do potencial bélico e comercial da maior potencia do mundo para os oceanos Atlântico e Pacífico.

Surpresa mesmo parece ser a Bolívia, com 61% de anos com abertura, haja vista a fama boliviana já na década de oitenta, de ser o país com mais de duzentos golpes de Estado na História. O Chile, também é de certa forma uma surpresa, principalmente para aqueles que conviveram com a longa ditadura de Augusto Pinochet (1973-1988). Contudo, exceto por este período e pela ditadura do general Carlos Ibáñez del Campo (1925-31), todos os outros anos do século foram de abertura política.

Natural e coerente com o retrospecto histórico, também é a colocação dos sete últimos países da tabela. A inclusão dos países centro-americanos (como Honduras e Guatemala), bem colocadas, no século XIX, não causa estranheza para quem acompanhou o processo de fechamento político e militarização governamental de ambos o países; tendo a Guatemala, inclusive sido responsável pelo maior e mais longo período de repressão militar na América Latina durante os anos de 1968 até 1996, com 150 mil mortos, no mínimo. [115]

TABELA 27 – Número de Anos com Abertura ou Fechamento Político (e seus respectivos percentuais) na América Latina dos Séculos XIX e XX.

Países	**Número de Anos e Percentual**					**Posição na Sub-Região**
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Total	
1) Costa Rica	**145**	***80,6***	35	*19,4*	180	01 Am. Central
2) Panamá	**78**	***79,5***	20	*20,5*	98	02 Am. Central
3) Uruguai	**130**	***75,6***	42	*24,4*	172	01 Am. do Sul
4) Chile	**122**	***66,7***	61	*33,3*	180	02 Am. do Sul
5) El Salvador	**120**	***66,7***	60	*33,3*	180	03 Am. Central
6) Colômbia	**111**	***61,7***	69	*38,3*	180	03 Am. do Sul
7) Argentina	**111**	***60***	74	*40*	185	04 Am. do Sul
8) Brasil	**97**	***54,2***	82	*45,8*	179	05 Am. do Sul
9) Equador	**96**	***53,3***	84	*46,7*	180	06 Am. do Sul
10) Venezuela	**96**	***53,3***	84	*46,7*	180	07 Am. do Sul
11) Honduras	**90**	***50***	90	*50*	180	04 Am. Central
12) México	**82**	***45,6***	98	*54,4*	180	01 Caribe/Méx
13) Peru	**81**	***45,3***	98	*54,7*	179	08 Am. do Sul
14) Guatemala	**79**	***43,9***	101	*56,1*	180	05 Am. Central
15) Bolívia	**77**	***43,8***	79	*56,2*	176	09 Am. do Sul
16) Haiti	**72**	***36,5***	125	*63,5*	197	02 Caribe/Méx
17) Rep. Dom.	**58**	***32,2***	122	*67,8*	180	03 Caribe/Méx
18) Nicarágua	**50**	***27,8***	130	*72,2*	180	06 Am. Central
19) Cuba	**27**	***27,3***	72	*72,7*	99	04 Caribe/Méx

[115] Christopher LANGTON (Ed.), **Military Balance: 2003-2004.** Encarte com tabelas de conflitos armadas em 2003.

20) Paraguai	**43**	***22,6***	147	*77,4*	190	10 Am. do Sul

A consolidação das tabelas dos séculos XIX e XX em apenas uma, não provocou grandes mudanças das tendências já verificadas. Os três primeiros (Costa Rica, Panamá e Uruguai) estão, em termos percentuais, bem acima dos demais. Os quatro seguintes também possuem um bom índice, com 60% ou mais, enquanto que os sete últimos consolidam as suas posições já bem vincadas no século XX. Neste grupo, a única exceção ocorreu por conta da Bolívia, que entrou no lugar de Honduras, devido ao superior desempenho hondurenho no século XIX.

TABELA 28 – Número de Anos com Abertura ou Fechamento Político (e os seus respectivos percentuais) em Áreas da América Latina no Século XIX.

Áreas	**Número de Anos e Percentual**				
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Total
1) América Central	**226**	***56,5***	174	*43,5*	400
2) América do Sul	**343**	***42,7***	461	*57,3*	804
3) Caribe e México	**77**	***30***	180	*70*	257
Total	**646**	***44,2***	815	*55,8*	1461

Com uma maior influência liberal a América Central ficou como a primeira área em número de anos favoráveis à Abertura Política, sendo a única das três áreas do subcontinente a ter um índice de abertura superior aos 50%. A posição vencedora da América Central surpreendeu, e o índice geral de 44,2%, apesar de baixo, mostrou-se superior ao esperado para países recém-independentes, que ainda estavam montando suas estruturas, tudo isso, conforme visto anteriormente, em fase inicial de crise e em um século cuja tendência dominante foi de baixa.

TABELA 29 – Número de Anos com Abertura ou Fechamento Político (e seus respectivos percentuais) em Áreas da América Latina no Século XX.

Áreas	**Número de Anos e Percentual**				
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Total
1) América do Sul	**621**	***62,1***	379	*37,9*	1000
2) América Central	**336**	***56,2***	262	*43,8*	598
3) Caribe e México	**162**	***40,6***	237	*59,4*	399
Total	**1119**	***56***	878	*44*	1997

A América Central manteve o seu índice, mas o resultado geral melhorou devido ao aumento do número de anos com abertura política na região do México/Caribe (um acréscimo

de 33%) e, sobretudo, na América do Sul, que registrou um melhora de 50%. Esta tendência favorável inverteu os índices do século XIX, que eram de, aproximadamente, 44% a 56% pró-abertura e passaram para 56% a 44% na centúria seguinte.

TABELA 30 – Número de Anos com Abertura ou Fechamento Político (e os seus respectivos percentuais) em Áreas da América Latina nos Séculos XIX e XX.

Áreas	Número de Anos e Percentual				
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Total
1) América do Sul	**964**	***53,4***	840	*46,6*	1804
2) América Central	**562**	***56,3***	436	*43,7*	998
3) Caribe e México	**239**	***36,5***	417	*63,5*	656
Total	**1765**	***51***	1693	*49*	3458

Somente a área do México-Caribe continuou abaixo dos 50%, ficando a média final um pouco acima disto, criando a sensação de empate técnico. Por outro lado 51% são, ainda e sempre, melhores que 49%.

TABELA 31 – Número de Anos com Abertura, Fechamento ou Empate (e os seus respectivos percentuais) por Fases (A e B) na América Latina Independente.

Fases	Número de Anos e Percentual						
	Abertura	*%*	Fechamento	*%*	Empate	*%*	Total
Ascensão (A)	**41**	***43,4***	35	*36*	20	*20,6*	96
Depressão (B)	**46**	***43***	52	*48,6*	9	*8,4*	107
Total	**87**	***42,8***	87	*42,8*	29	*14,4*	203

Para a montagem da tabela acima, na qual a acareação dos anos de Abertura-Fechamento com as fases A e B das Ondas K foi necessário criar um resultado final para cada ano e, a partir das resultantes, fazer uma análise linear, verificando os anos sujo sistema de abertura política foi vencedor ou perdedor. Houve até a ocorrência de vinte e nove anos com empate entre o número de países com sistema político aberto ou fechado.

Esta análise mostrou-se bastante produtiva, porque o número de anos com abertura foi, exatamente, o mesmo que o número de anos de fechamento, isto é oitenta e sete. Isto favoreceu uma amostragem equânime quanto à colocação destes anos nas fases A e B. Desta colocação pode-se observar, claramente, duas tendências, já que os índices possuem mais de 5% de diferença para cada fase. Uma tendência de Abertura Política nos anos de Crescimento Econômico (fase A) e outra tendência, de Fechamento Político nos anos de crise (fase B).

Portanto, a hipótese levantada para as Constituições pôde ser verificada com estes novos indicadores.

Um outro produto resultante dessa análise linear dos anos, e que já havia sido percebida intuitivamente, durante a pesquisa factual e na montagem dos diagramas, foi a visualização de seqüências de um tipo ou de outro (abertura ou fechamento), inclusive com anos de empate entre um tipo e outro, caracterizando claramente uma fase de transição. Para efeito de contagem de anos a seqüência esses anos de empate contíguos foram computados para a seqüência menor.

Desta forma, as seqüências de anos com a tendência dominante para sistemas politicamente mais abertos (em azul) ou mais fechados (em vermelho) ficaram assim constituídas: 1830 –(40 anos)- 1869; 1870 –(14 anos)- 1883; 1884 –(10 anos)- 1893; 1893 –(31 anos)- 1924; 1925 –(19 anos)- 1943; 1944 –(5 anos)- 1948; 1949 –(07 anos)- 1955; 1956 –(12 anos)- 1967; 1968 –(15 anos)- 1982; 1983 –(25 anos)- 2007... Em 177 anos ocorreram 10 seqüências (cinco para cada tipo de sistemas) com uma média de 17,7 anos. As cinco seqüências em azul correspondem a 87 anos (média de 17,4 anos por seqüência), enquanto que as cinco seqüências em vermelho correspondem a 90 anos (média de 18 anos por seqüência).

O período 1944-48 (azul) merece um comentário a parte. Leslie Bethell, um dos grandes especialistas ingleses da América Latina, escreveu uma obra exatamente sobre esta fase. No capítulo de introdução ele tentou *" (...) indicar a variedade de fatores, nacionais e internacionais, que explicam tanto a emergência quanto a contenção final e a derrota das forças e aspirações democráticas e reformistas na América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria."* [116] No capítulo de conclusão, depois de falar da necessidade de mais trabalhos de pesquisa sobre o período, a idéia retorna com mais exatidão factual:

"Se uma janela de oportunidades para as mudanças políticas e sociais na América Latina fora aberta ao fim da Segunda Guerra Mundial, ela foi violentamente fechada no final de 1948."[117]

[116] Leslie BETHELL & Ian ROXBOROUGH, **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria,** p. 55.

[117] Ibidem, p. 311.

No tocante às seqüências, de uma forma geral, seria muita ousadia chamá-las de ciclos? Talvez sim, já que os períodos não são tão regulares assim. Portanto, o termo seqüências alternadas é bastante adequado para o fenômeno detectado.

Como consideração final observou-se também que os anos com maiores vantagens para uma das tendências foram: o ano de 1843 (sistema politicamente mais fechado) com dezesseis países contra dois (Bolívia e Nicarágua) e o ano de 1990 (sistema politicamente mais abertos) com dezenove países contra um (Cuba). O ano de 1990 já foi comentado na análise das Constituições.

Curiosamente, no ano de 1843, os dois países da Abertura foram dois dos países com menor número de anos em abertura e que aqui, estão contrariando tanto a lógica do período na região quanto, suas próprias tendências para o fechamento. Este ano de 1843 já apareceu como um dos que possuía um maior número de Constituições no século XIX, ressurgindo agora, como o ano com maior número de países com sistema político fechado para os dois séculos.

Será que existe algo de significativamente singular nesta conjuntura? Além do fato de representar o "fundo do poço" da crise econômica do início da montagem dos países latino-americanos?

Conclusões

> *"Falamos, às vezes, do curso da história como uma 'procissão em movimento'. A metáfora é bastante razoável contanto que não incite o historiador a se considerar como uma águia observando a cena de penhasco solitário como um VIP no palanque. Nada disso!"*
>
> *Edward H. CARR.*

"O historiador nada mais é ..." continuando a citação de Carr, *"... do que um figurante caminhando com dificuldade no meio da procissão. E à medida que a procissão serpenteia, desviando-se ora para a direita e ora para a esquerda, algumas vezes dobrando-se sobre si mesma, as posições relativas das diferentes partes da procissão estão constantemente*

mudando, de maneira que pode perfeitamente fazer sentido coerente dizer, por exemplo, que nós estamos mais próximos hoje da Idade Média do que nossos bisavós estavam há cem anos atrás ou que a época de César está mais próxima do nós do que a época de Dante. Novas perspectivas, novos ângulos de visão constantemente aparecem à medida que a procissão – e o historiador com ela – se desloca. O historiador é parte da história. O ponto da procissão em que ele se encontra determina seu ângulo de visão sobre o passado." [118]

Consequentemente, a análise das tendências longas precisa ser cotizada com a conjuntura de quem está fazendo a análise para vislumbrar o que se pode esperar. A análise prospectiva? Por que não? Não se deve temer a elaboração de projeções para tempos futuros, de tendências observadas no passado, que ainda são percebidas com força e mesma direção no presente. Evidentemente que o acerto não deve ser a preocupação principal nestes casos.

Indicar projeções baseadas em tendências NÃO significa, necessariamente, que elas possuam grandes chances de se realizar. Não existe nada que seja inevitável ou determinado anteriormente. Acredita-se que os homens atuam sob fortes condicionantes históricos, mas nada que não possa ser alterado quando as energias e as consciências das pessoas são colocadas a favor da mudança das tendências. E não se está falando somente daquelas pessoas que detêm os mecanismos tradicionais de tomada de decisões.

Como foi demonstrado por Joseph Nye [119], até os grandes conflitos da história poderiam ter sido evitados; a diferença entre a eclosão ou não destes eventos cataclísmicos dependeu de pequenos fatores que não estavam ancorados na estrutura geral.

O estudo deste capítulo possibilitou a verificação, resumidamente falando de algumas tendências de longuíssima duração na América Latina Independente. A primeira delas refere-se aos conflitos e as suas taxas de mortalidade, demonstrando que existe uma lógica favorável a ter mais guerras internas no período de crescimento econômico e mais conflitos externos nos momentos de crise.

Igualmente, no campo político foram constatadas algumas situações dominantes, em suma, existe uma tendência para sistemas com maior abertura que fechamento, fato que representa um ponto de esperança, afinal, mesmo nos piores momentos da história do

---

[118] Edward H. CARR, **Que é História?** Pp. 34-35.

[119] Joseph S. NYE, **Understanding International Relations,** passim.

subcontinente, ainda existiram condições para a manutenção do processo de abertura; a luta por este movimento deve ser contínua.

Também foi verificada a existência de um processo paralelo, no qual momentos de abertura política associam-se a períodos de crescimento econômico, enquanto que períodos de fechamento político estão mais relacionados às fases de crises econômicas.

Considerando que a análise de Níkolai Kondratieff da periodicidade das flutuações do capital industrial - os famosos "ciclos longos" de 50-60 anos - também pode ser aplicada para a economia latino-americana (ligada e dependente ao Capitalismo internacional), bem como as considerações daí derivadas, temos que os grandes conflitos e revoluções devem ocorrer nas fases ascendentes das grandes oscilações. E conforme demonstrado, já teve início uma dessas fases! Logo... (a análise ex-post é sempre mais segura que a ex-ante).

Portanto, agora é o momento para se fazer a amarração geral desses dados e tendências, não somente na integração com os acontecimentos e processos mundiais, mas também na relação dialética tempo longo-tempo curto, comentada por Michel Vovelle no capítulo teórico (*O Pássaro da Sabedoria*) e recolocada por Braudel em mais uma de suas citações:

"Não cabe tomar partido em tal discussão, uma discussão falsa, pois a conjuntura deve ser estudada em toda a sua espessura e seria lamentável não procurar os seus limites, de um lado no factual e no curto prazo, do outro no longo prazo e no secular. Curto prazo e longo prazo coexistem e são inseparáveis." [120]

O longo prazo, em termos mundiais, e para o que interessa neste trabalho, refere-se ao movimento levantado por Arnold Toynbee, George Moldeski e Immanuel Wallerstein na discussão sobre ciclos de guerras, e de grandes guerras sistêmicas. Aquelas "Super-Guerras" que estão no início de uma fase A e que a cada duas Ondas K abrem espaço para a disputa pela Liderança/Hegemonia mundial. Se estas teorias estiverem certas e se o ciclo continuar repetindo com a mesma regularidade dos últimos quinhentos anos, então estas primeiras décadas do século XXI podem presenciar mais um destes grandes conflitos.

E isto interessa à América Latina diretamente porque o atual Líder (ou Hegemonia) está no continente americano e sempre procurou, nos grandes conflitos, manter o continente definido ao seu lado, ou pelo menos, neutro. Assim foi nas duas guerras mundiais e durante a Guerra Fria. As concepções estratégicas de Defesa Hemisférica (das guerras mundiais até

---

[120] Fernand BRAUDEL. **Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII: o Tempo do Mundo.** Volume III, p. 70.

hoje) e de Lei de Segurança Nacional contra o Comunismo, criadas nos EUA, incorporam-se às políticas militares de todo o continente. Atualmente, as preocupações estratégicas dos EUA para o subcontinente estão focadas no combate ao Narcotráfico e ao Terrorismo.

Os EUA nestes conflitos montaram bases em vários países do continente e algumas destas nações ajudaram os norte-americanos nos combates chegando, inclusive, a mandar tropas para fora do continente. O Brasil enviou uma divisão Naval para o Teatro Europeu na Primeira Guerra Mundial e uma Divisão de Exército e um Grupo de Aviação para a Itália no conflito mundial seguinte. Um Grupo de Aviação do México também foi enviando para as Filipinas neste mesmo conflito.

Na Guerra da Coréia foi a vez da Colômbia, que enviou um batalhão de infantaria para combater pelas tropas da ONU contra as forças da Coréia do Norte e da China. A Argentina fez parte da Coalizão contra o Iraque na Guerra do Golfo, em 1991, também com um batalhão de infantaria e uma fragata. Por fim, na recente invasão e ocupação do Iraque, trezentos e setenta soldados de Honduras compuseram as tropas aliadas aos EUA. É bem verdade que, quando da saída das tropas espanholas desta coalizão, fruto das eleições de 2004, as tropas hondurenhas também deixaram o Iraque, onde ficaram por quase um ano.

Os conflitos que caracterizaram o século de liderança/hegemonia dos EUA foram muitos e terríveis, ao ponto de poder denominá-los de "Pax Americana", ao contrário da "Pax Britânica" do século XIX, de "Bellum Americana". Durante os momentos mais graves e perigosos destes conflitos, os EUA, preocupados com a segurança do continente, não tiveram nenhum problema em apoiar regimes duros e ditaduras, mesmo durante as lutas contras as ditaduras fascistas e os regimes anti-liberais da Guerra Fria. Uma aparente contradição ideológica do "Defensor e Líder das Democracias" no mundo, mas que se mostrou bastante eficiente quando aplicada.

Apenas para exemplificar como a pressão dos interesses pode embaçar a visão da realidade, será inserida uma citação feita em 1941, por um acadêmico dos EUA, John Gunther, certamente um verdadeiro patriota, que decidiu escreveu um livro sobre a América Latina para que todos no Continente, tantos norte-americanos como latino-americanos, pudessem se conhecer melhor. Uma obra no mesmo estilo do coevo trabalho, muito mais famoso, de Hubert Herring sobre a "Política de Boa-Vizinhança" (aliás, este é o nome da obra) adotado pelo presidente Franklin Roosevelt para a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial.

Gunther faz muitas observações importantes como: de que as ilhas Galápagos, do Equador, dariam uma excelente base para proteger o sul da Zona do Canal do Panamá e a cidade de Natal é o ponto do continente americano mais próximo da África e da Europa. Não foi por acaso que antes da Segunda Guerra Mundial terminar aviões dos EUA já decolavam de bases em Natal e nas Galápagos. Quanto à Nicarágua foi definida como *"um brilhante país, dominado por um homem brilhante, o general Somoza."* [121] Tanto o "general Somoza", o original, quanto à citação parecem dispensar maiores comentários.

Não se trata de apoiar estas medidas, apenas é a intenção deste trabalho mostrar que o pragmatismo estratégico dos EUA chegou até este ponto e poderá voltar a fazê-lo no futuro, se considerar isto necessário. As inúmeras medidas restritivas e unilaterais adotadas pelo governo dos EUA neste início de milênio demonstram que esta tendência não é irreal. O "Onze de Setembro" é o pretexto, mas o que pode acontecer se, além de grupos terroristas, um inimigo mais robusto e mais definido começar a ameaçar a presença dos EUA no topo do mundo como uma verdadeira guerra?

Que inimigo será este? Cabe aqui, novamente, uma análise das tendências atuais para tentar responder esta questão e, de maneira igual, alinhavar aspectos do tempo curto para com esta combinação clarear um pouco a problemática vislumbrada para o planeta neste começo de milênio. Somente uma potência econômica e militar pode tentar ameaçar o domínio dos EUA sobre o mundo na atualidade e os grupos terroristas islâmicos não possuem esta força. Talvez mesmo com a união de todo o mundo muçulmano, algo quase impossível de ocorrer na atual conjuntura, isto não pudesse ser feito.

O mundo muçulmano não é monolítico e dificilmente poderá ser unido. Existem os países muçulmanos não-árabes mais fortes como o Irã, o Paquistão e a Turquia. Contudo, os árabes não aceitariam, uma liderança não-árabe. O Paquistão depende da ajuda econômica dos EUA e, principalmente, do apoio contra a Índia. A Turquia está mais interessada, na Europa e na OTAN, que no mundo muçulmano e, como está conseguido grandes ganhos e avanços com esta política, não deve mudar de rumo tão breve. O Irã já faz parte do "Eixo do Mal" e está mais preocupado em sair do centro das atenções do que encarar as conseqüências de um enfrentamento mais aberto; os acontecimentos recentes, com a prisão e entrega dos militares britânicos, demonstraram claramente esta disposição.

---

[121] John GUNTHER, **El Drama de América Latina,** p.16, encarte.

Os países árabes são, em sua maioria, governados por uma elite conservadora ligada ao Ocidente pela força dos petrodólares. Porém, o tempo do petróleo está acabando e não pelo esgotamento deste recurso energético, mas porque a vida humana no planeta pode ser extinta, antes dele, devido ao aquecimento global. De qualquer forma, sem a força do petróleo como esta minoria "ocidentalizada" irá controlar a massa de empobrecidos e, provavelmente, extremados fundamentalistas? O resultado pouco importa, porque qualquer que seja não haverá potencial econômico para montar uma *Jihad* contra o Ocidente.

A União Européia tem potencial econômico para desbancar os EUA, mas ainda não apresenta uma capacidade militar unida para fazê-lo. E devido as recentes divergências sobre a Constituição Européia, o processo de consolidação da unificação deverá ser mais demorado do que vinha ocorrendo até então. Além do que, as relações comerciais, políticas, militares, ideológicas e até históricas não indicam uma rota de colisão Europa-EUA, muito pelo contrário.

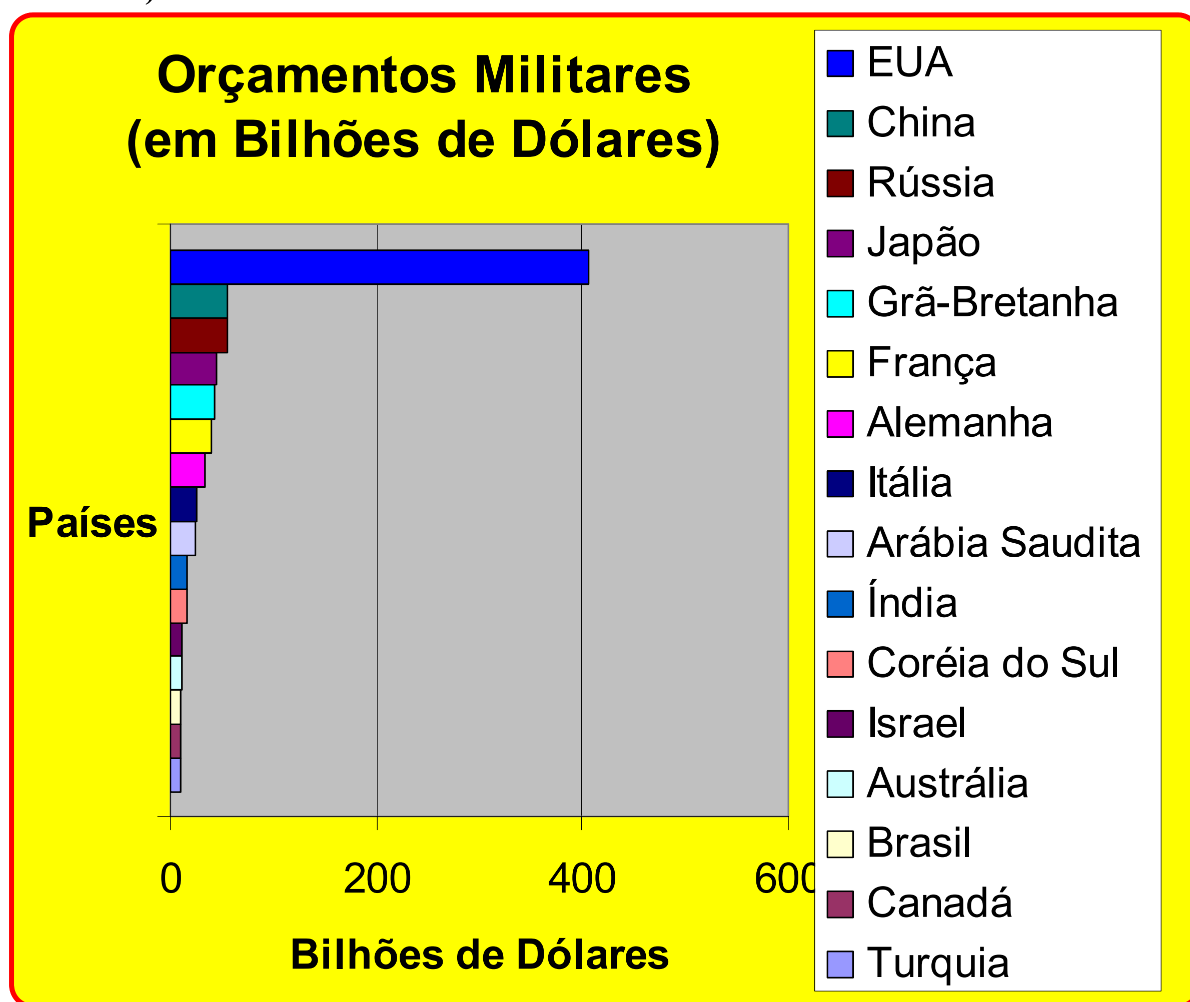
O Urso Russo, derrotado na Guerra Fria, e vendo a sua capacidade econômica diminuída, o que vem corroendo lentamente o seu poderio militar, não parece ser o perigo de outrora. Inclusive, vários de seus aliados na Guerra Fria agora estão fortemente alinhados na OTAN, onde a Rússia também tem um papel de parceiro prioritário. Mas porque a OTAN continua existindo se o motivo principal de sua criação, o "militarista" Estado Soviético, não mais existe? E porque esta forte expansão da OTAN nos últimos anos? E porque uma expansão claramente direcionada para o Leste?

Talvez o "perigo" venha do Oriente, e do Extremo Oriente. O Japão? Bem que ele tentou no século passado e não parece ter o vigor necessário para voltar a repetir o fato. É a segunda economia do mundo e possui uma capacidade militar bastante respeitável, mas o processo de crescimento econômico está bastante comprometido e a falta, de capacidade militar nuclear, não poderia ser resolvida em tão curto espaço de tempo, a fim de diminuir a diferença para os EUA.

Além disso, os militaristas, mais radicais, não têm o mesmo espaço que sempre tiveram no país e as relações com os EUA ainda são muito favoráveis ao país do "Sol Nascente", dificultando a quebrar desta relação. No entanto, existem aqueles que pregam esta posição, e eles existem dos dois lados do oceano. Uma destas posições, se bem que desatualizada, pode ser vista em *EUA x Japão, Guerra à Vista,* escrito, em 1991, por George Friedman e Meredith Lebard.

Todavia mesmo sozinho o Japão não poderia derrotar os EUA. Mas uma federação asiática poderia. Japão e a China, reunidos formariam uma potência imbatível, desde que as diferenças étnicas, ideológicas e históricas não impedissem esta união, como parecem impedir. E a China sozinha poderia ameaçar o poderio dos EUA? Parece que o atual governo dos EUA pensa que sim, tanto que continuamente reclamando dos aumentos dos orçamentos militares da China. Uma postura bastante hipócrita para um país que, sozinho, representa quase metade dos orçamentos militares do mundo, como pode ser visto no gráfico a seguir.

GRÁFICO 5 – Dezesseis Países com os Maiores Gastos Militares do Mundo (em Bilhões de Dólares).



Fonte: The International Institute for Strategic Studies.

Em 2003, o orçamento militar dos EUA chegou a 404,9 bilhões de dólares, enquanto que o mundo gastou 890 bilhões de dólares neste mesmo ano. [122] Os outros países estão bem abaixo disto. A Rússia e China estão empatadas tecnicamente em segundo lugar,

[122] Os dados militares para esta análise das potências foram retirados de: Dan SMITH, **The Penguin Atlas of War and Peace,** pp, 18 e 24-27; e Christopher LANGTON (Ed.), **Military Balance: 2003-2004,** pp. 333-336.

com gastos em torno de 56 bilhões de dólares, ou seja, sete vezes menor. Contudo, a China tem um Produto Interno Bruto (PIB) maior e em crescimento contínuo. Em poucos anos isoladamente, será a segunda potência militar do planeta. Apesar de estar reduzindo os efetivos de suas forças armadas, com o intento de modernizar os meios de guerra, apresenta os maiores efetivos militares do mundo: dois milhões e duzentos e cinqüenta mil militares contra um milhão e quatrocentos e vinte e sete mil dos EUA e novecentos e setenta mil da Rússia.

Em termos de ogivas nucleares, a China ocupa a terceira posição, com 410 cabeças armadas, ficando atrás somente das, até então superpotências nucleares; Rússia (com 9.196 ogivas) e EUA (8.876). O grande país possui, atualmente, a segunda marinha do mundo com sessenta e três navios de primeira linha e sessenta e nove submarinos, o que representa 11% dos navios militares do globo. A Rússia tem trinta e dois grandes navios e cinqüenta e três submarinos (7%), enquanto que os EUA possuem cento e dezoito navios de grande classe e setenta e dois submarinos (18%).

A tendência é a mesma no tocante aos modernos aviões de combate: China, com 2800 aparelhos (10% do total mundial), Rússia com 2520 (9%) e os EUA com 6120 (22%). No número de Tanques a Rússia ainda leva vantagem, com quatorze mil unidades (13% do total planetário) contra oito mil e quinhentos para a China (8%) e um número muito próximo disto para os EUA (também com 8%).

Está claro que o material dos EUA é tecnologicamente mais avançado, muito mais moderno, e, sobretudo, com uma manutenção muito melhor. Contudo, esta diferença deve cair nas próximas décadas, uma vez que as projeções para os PIBs, se forem mantidas as atuais taxas de crescimento, indicam que a superação dos EUA pela China, poderá ocorrer entre os anos de 2025 e 2040. Nos últimos dois anos a China superou os PIBs da França e da Grã-Bretanha e já está em quarto lugar como pode ser visto na tabela 32. Talvez supere a Alemanha e o Japão antes de 2020, quando teria, aproximadamente a metade do PIB dos EUA.[123]

TABELA 32 – Os Dez Maiores PIBs (Produto Interno Bruto) do Mundo, em 2005 (em Bilhões de Dólares).

Lugar	País	PIB
1	EUA	12.455,1

[123] Dados e projeções em: BANCO MUNDIAL, **World Development Report (2005).** Passim.

2	Japão	4.505,9
3	Alemanha	2.781,9
4	**China**	**2.228,9**
5	Grã-Bretanha	2.192,6
6	França	2.110,2
7	Itália	1.723,0
8	Espanha	1.123,7
9	Canadá	1.115,2
10	Brasil	794,1

Fonte: BANCO MUNDIAL, **World Development Report (2005).**

A Rússia, com um PIB de seiscentos bilhões de dólares em 2005, não figura entre os dez países mais ricos do mundo, enquanto que o Brasil é o único país latino-americano a aparecer tanto nesta tabela quanto no gráfico 5, referente aos dezesseis maiores gastos militares do planeta. Por enquanto, a China possui um PIB cinco vezes menor que o dos EUA. E entre os "Falcões Republicanos" dos EUA existem aqueles que defendem a ação quando o inimigo encontra-se mais fraco, ou seja, antes que ele traga inúmeros problemas. É claro que uma atitude dos EUA neste sentido, atualmente, seria um absurdo, mas ...

Se este grupo conseguir realizar o seu intento e todas as outras tendências forem confirmadas, o grande conflito EUA x China deve ocorrer antes de 2020. E isto não é novidade, desde o fim da Guerra Fria que existem especulações a respeito de quem seria o próximo inimigo dos norte-americanos. Vários livros, romances, jogos e estudos de simulação estratégica foram realizados neste sentido.[124]

Logo, o que se evidencia aqui, não é o ineditismo da idéia, mas as possíveis (ou prováveis) implicações que um conflito desta magnitude poderá trazer para a América Latina. Um alinhamento forçado em uma guerra que não interessa aos povos latino-americanos, podendo até provocar um fechamento político interno para que isto possa ser feito. A colocação destes pontos não diz respeito aos interesses, idéias e desejos do autor deste trabalho, mas para possam servir de alerta contra estas tendências, afinal guerras externas e fechamento político interno não podem entrar na agenda latino-americana, uma vez que os graves problemas sócio-econômicos do subcontinente ainda não foram resolvidos.

[124] Os *Wargames* mais famosos são: **People's General** e **Dragon Strike**. Os livros mais relevantes são: Richard BERSTEIN & Ross MUNRO, **The Coming War With China,** 1997; com o mesmo título a obra de John L. PERRY (2001); o artigo (no *The Atlantic,* em 2005) de Robert D. Kaplan, **How We Would Fight China?** e a recente obra (2006) de Jed BABBIN & Edward TIMPERLAKE, **Showdown – Why China Wants War with United States.** A idéia também está em: Samuel P. HUNTINGTON**, Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** Original de 1996.

Além do mais, a proposta teórica desta tese está ancorada em uma postura positiva com relação ao futuro da região e propõe sempre uma posição mediadora quanto às relações internacionais, por acreditar que a luta pelo poder internacional não se constitui em um "jogo de soma zero", no qual o ganho de um implica, necessariamente, na perda do outro. Existe a possibilidade de uma cooperação concreta e responsável na qual, todos ganham como na proposição de um "jogo de soma positiva". Não há razão para a defesa da idéia, de guerra entre os Estados Unidos e a China, mas devido a tantos comentários, sobre essa possibilidade, a China terá que se defender, e em decorrência disso poderá desencadear uma corrida armamentista que desemboque no conflito.

E até lá os EUA, perseguindo a linha neo-realista e belicosa das relações internacionais, deverão aprofundar o seu movimento de integração total do continente americano. A Área de Livre Comércio das Américas (ALCA ou FTAA, em inglês) ainda não foi estabelecida e a resistência do Brasil neste sentido foi fundamental. Todavia, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA, em inglês) já é uma realidade desde 1995 e os EUA conseguiram, em 2006, uma outra vitória importante com a criação do Acordo de Livre Comércio da América Central (CAFTA, em inglês), integrando a economia dos países centro-americanos a sua. E desde 2001 o dólar é a segunda moeda oficial de El Salvador.

Acordos econômicos bilaterais foram estabelecidos com o Chile (de Livre Comércio, em 2003), país já bastante integrado na política dita "neoliberal" graças aos "Chigaco's Boys", governantes e empresários favoráveis a uma maior aproximação com os EUA; com o Equador, que dolarizou a sua economia em 2000; e com o Uruguai. Estes acordos não só aumentam a penetração econômica e política dos EUA na América do Sul, como também ameaçam a integridade do Mercado Comum do Cone Sul (MERCOSUL).

A Colômbia, em guerra civil contra grupos armados de esquerda e suspeitos de ligação com o narcotráfico, precisa e deseja o apoio dos EUA, na maior medida possível. Os EUA percebendo a oportunidade, e preocupados com a crescente ameaça que as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Exército de Libertação Nacional (ELN) possam representar, estão oferecendo este apoio, sobretudo depois do Plano Colômbia, em 2000.

Um acordo militar firmado entre os EUA e o Paraguai , em julho de 2005, permitiu a permanência de um batalhão do exército dos EUA na região do *Gran Chaco.* Eles lá ficaram até o fim do ano passado. O autor teve a oportunidade de conversar com oficiais paraguaios a respeito disto. Eles, mais que prontamente, negaram qualquer ação maior dos EUA no país,

dizendo apenas que era um grupo de engenharia militar. Não foram convincentes, as forçadas evasivas criaram, inclusive, uma sensação de que, realmente, havia algo que não poderia ser revelado. Afinal, o que um batalhão de engenharia do exército dos EUA iria querer no *Chaco* paraguaio?

Do ponto de vista militar ou estratégico pode-se dizer que o Golfo do México e o Mar do Caribe são o "Mare Nostrum" dos EUA, faltando estabilizar a situação no Haiti, que se encontra sob a alçada das tropas da ONU, lideradas pelo Brasil. Acredita-se que o país entrou nesta missão procurando obter pontos na disputa por uma vaga em um novo e reformulado Conselho Permanente de Segurança das Nações Unidas, mas parece que essa aspiração não sairá do papel tão cedo, ou pelo menos, não favoravelmente ao Brasil.

Cuba ainda representa um problema para os EUA na região. A doença e o afastamento de Fidel Castro não favoreceram os EUA, porque o poder foi assumido pelo seu irmão, Raul, mais novo e, ao que tudo indica, mais radical que Fidel. Além disso, o abandono em que os EUA deixaram a América Latina na última década do século passado, sob a luz da vitória na Guerra Fria, provocou um sentimento pouco favorável a política dos EUA.

Com o espaço aberto surgiram, mais uma vez, movimentos e governantes que adotam uma postura contrária aos EUA, como o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que vem apoiando Cuba nos últimos anos, principalmente com petróleo e dinheiro, em troca de médicos e vagas para estudantes venezuelanos nas universidades cubanas.

Além disso, as eleições mais recentes aumentaram o número de governos latino-americanos mais esquerdizantes, o que pode provocar um afastamento político e econômico destes países com os EUA. Na Nicarágua os Sandinistas estão de volta com a vitória de Daniel Ortega nas eleições presidenciais de 2006, na qual os EUA, claramente, tomaram partido realizando campanha contra Ortega. A eleição de Rafael Corrêa no Equador, apoiado por Chávez, pode comprometer a concessão que os governos equatorianos anteriores deram aos EUA para o uso da base aérea de Manta, onde os militares norte-americanos investiram muito dinheiro. Além do mais, ele pretende renegociar a dívida externa e os contratos de exploração de petróleo no país.

Evo Morales foi outro eleito, na Bolívia em 2005, que contou com apoio de Chávez. Coerente com as aspirações populares que o elegeram, e para evitar a queda, como os dois presidentes, desde 2003, Morales nacionalizou as jazidas de gás natural e as refinarias. Medidas desta natureza são a tônica do presidente argentino Nestor Kirchner, eleito em 2003,

e que ao renegociar a dívida argentina, sem concessões, conseguiu implementar um acelerado crescimento econômico.

Podendo ser considerados também como de "esquerda" aparecem, ainda, o presidente do Brasil, Luís Inácio "Lula" da Silva (eleito em 2002 e reeleito em 2006); Tabaré Vasquez (Uruguai, 2004) e Michelle Bacheret (Chile, 2006). Adotando posturas moderadas não tem provocado reações externas, mas como se posicionarão frente à mais uma idéia de Chávez, como a de se compor uma Comunidade Sul-Americana de Nações, se esta for lançada? E qual seria a posição dos EUA?

Paraguai e Peru, outros dois países da América do Sul vivem um processo de instabilidade, que já atinge, pelo menos, dez anos. Os golpes de 1996 e 2000 no Paraguai malograram, provavelmente, pela existência da cláusula democrática do acordo do MercoSul e por pressão dos EUA. O Peru deste o começo do século tem enfrentado revoltas populares, manifestações dos *cocaleros* (plantadores de coca, como na Bolívia) e, até, o ressurgimento do terrorismo do *Sendero Luminoso* e do *Sendero Vermelho.* Nas eleições de 2006, o apoio de Chávez ao candidato da oposição Ollanta Humala provocou uma crise diplomática com a Venezuela, quando o presidente do Peru, Alejandro Toledo, acusou o embaixador venezuelano de interferir nas eleições. O ex-presidente e membro da APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana), Alan García, venceu o pleito.

Hugo Chávez, na Venezuela, parece propenso ao fechamento político e talvez a implementar intervenções mais abertas nos países vizinhos, afinal o que é a República Bolivariana? Um retorno à união da Grã-Colômbia? Até que ponto a corrida armamentista de que o acusam é séria e realmente forte?

Estes eventos conjunturais desfavoráveis, de tempo curto, são reforçados por estruturas políticas com altas taxas de corrupção e de ineficiência dos serviços públicos, principalmente no ensino, na saúde e na qualificação de mão-de-obra. O resultado parece indicar uma volta às propostas populistas ou, ainda, mais autoritárias. E, o que pode ser pior, as tendências verificadas anteriormente, neste estudo, mostram que nos períodos de crescimento econômico, apesar de favorecerem a abertura política, levam a uma acirrada e violenta luta interna pelo do poder.

Com muitos governos mais para a "esquerda", com posturas nacionalistas e populares (ou populistas) em uma região tradicionalmente dominada por elites ligadas aos interesses externos, este cenário não parece assim tão difícil de ocorrer. Além do que, a seqüência de

abertura política atual tem um período de vinte e cinco anos, superando, assim a média histórica em anos, ficando atrás apenas da seqüência “azul” de 1894 até 1924 (31 anos) e da seqüência “vermelha” de 1830 até 1869 (40 anos). Esta última mostrou-se mais extensa que o normal porque combinou três fatores desfavoráveis: século de baixa, fase B e início da vida nacional independente. Logo, em termos numéricos, existe apenas um intervalo de seis anos (isto é, em 2013) para se atingir o limite até agora alcançado. Os países latino-americanos poderão, na atual conjuntura, manter a seqüência de abertura política e o movimento de crescimento econômico?

Espera-se, que estas tendências estejam equivocadas, caso contrário, poderá surgir, nos anos finais da segunda década, um cenário, por demais, sombrio para o subcontinente. Envolvido em uma grande guerra, que não lhe diz respeito, ou dilacerado por violentos movimentos internos de disputa política. Pode ocorrer ainda o envolvimento da América Latina em uma, por enquanto, suposta guerra dos líderes mundiais; isto porque a potência dominante na região já obteve o apoio das elites locais, estas últimas, seguramente colocadas no poder, através de sistemas bastante fechados politicamente.

A não configuração do cenário acima descrito depende da atuação ativa e corajosa daqueles que não querem este destino para a América Latina. A omissão, a falta de confiança ou, ainda, a descrença de que aquele caminho infernal não é possível, apenas agregam força e valor aos fatores que estão conduzindo a “Barca da Perdição”.

CAPÍTULO 4 -

TUDO EM UM ÚNICO PONTO

"Quase tão triste quanto uma batalha perdida, só mesmo uma batalha ganha".
Arthur Wellesley (Duque de WELLINGTON, depois da batalha de Waterloo).

A batalha é, ou foi, a alma da guerra.[125] Não se pode entender uma sem a compreensão da outra. E como a guerra figura entre um dos acontecimentos mais importantes e recorrentes da História, assim a preocupação em situar, de forma diacrônica, no território latino-americano as mais importantes guerras e batalhas aqui travadas foi a preocupação central deste capítulo.

Mais uma vez a obra de Quincy Wright foi essencial e serviu de modelo para a montagem desta estrutura. Porém, neste caso as "sugestões" de Carl Von Clausewitz e de Moses Finley, alinhadas com o apurado trabalho de Trevor Dupuy[126] foram ainda mais relevantes e fecundos para o que se tentou realizar neste capítulo.

Clausewitz, o Filósofo (ou teórico) da Guerra, preconizando a idéia de estratégia direta - de decisão rápida em um único e crucial momento, que foi configurada como o da batalha decisiva – acabou sendo alçado ao papel de mentor da forma ocidental de combate. Como ele exerceu grande e forte influência no pensamento militar dos séculos XIX e XX, por isso existem aqueles que creditam a vitória da Coligação contra o Iraque, em 1991, como sendo ainda uma operação clausewitziana.

A percepção de Clausewitz sobre a importância da batalha pode ser vislumbrada na citação abaixo:

"A batalha principal é a solução mais sangrenta. Na verdade, ela não é um puro e simples assassínio recíproco, e o seu efeito reaparece mais para matar a coragem do que para matar guerreiros inimigos, conforme iremos ver no capítulo seguinte; o que não impede que ela tenha sempre o sangue por preço, e é pelo facto de abater que ela mantém o seu

[125] Uma bem elaborada discussão sobre a historiografia das batalhas e sobre o seu futuro pode ser vista em: John KEEGAN, **O Rosto da Batalha.** Sobretudo nos capítulos Um e Cinco, respectivamente.

[126] Trevor DUPUY, **The Evolution of Weapons and Warfare,** passim. Veja comentários mais amplos sobre Dupuy, Wright e Clausewitz nos capítulos **Nascimento Doloroso** (Dupuy) e o **Pássaro da Sabedoria.**

carácter assim como o seu nome; é perante isso que o lado humano do general recua estremecendo.

Mas o espírito humano irrita-se muito mais ainda com a idéia duma decisão alcançada duma só vez. ***Toda a acção se concentra então num único ponto do espaço e do tempo****".*[127]

Este ponto onde tudo acontece deu mote para a construção deste capítulo assim como o seu nome. Todavia, a verdadeira motivação intelectual para a montagem deste capítulo tal tac se configurou não foi fruto de um escritor militar ou de um acadêmico positivista obcecado por narrativas de batalhas, mas de um especialista em História Antiga, Moses Finley.

"Vamos supor, ao contrário, que seja possível construir alguns modelos de guerras antigas. De início, teríamos de distinguir entre pequenos e grandes Estados. Um estudo de mais de 2.500 batalhas modernas 'importantes' na Europa, entre 1480 e 1940, concluiu que a freqüência de participação dos Estados variou de 47% (França) a 2% (Dinamarca); que 'as grandes potências foram, sem dúvida, as que mais freqüentemente combateram', ao passo que os pequenos Estados comumente preferiam aceitar as conseqüências a 'entrar numa guerra que provavelmente tornaria pior a sua situação e para cujos resultados pouco poderiam contribuir'. (...)

Tudo isso poderia ser quantificado. A hipótese que acabei de sugerir poderia ser verificada por um mapeamento sistemático, nos termos simples, de pequenas e grandes cidades-estados, de todas as guerras ou batalhas conhecidas na Grécia arcaica, clássica ou helenística, até os romanos acabarem com a independência grega. Tal mapa jamais atingiria a validade estatística da análise de Quincy Wright sobre as guerras modernas na Europa – simplesmente faltam os testemunhos -, mas poderia avançar nossa compreensão mais do que fez qualquer estudo até agora."[128]

Por que, então, não realizar o mesmo levantamento e mapeamento para a América Latina Independente? Inclusive, as mesmas ressalvas feitas para a Grécia Antiga são válidas para o recorte temporal e geográfico deste estudo. Como o período e o número de Estados a serem estudados são menores que os do trabalho de Wright (um projeto multidisciplinar que envolveu vários pesquisadores e muita verba para pesquisa) a quantidade de guerras e batalhas a serem pesquisadas também é menor. Portanto, estas características é que viabilizam

[127] Carl Von CLAUSEWITZ, **Da Guerra,** p. 308. Os grifos são nossos.

[128] Moses I. FINLEY, História Antiga: **Testemunhos e Modelos**, pp.103-104.

a execução da idéia com as condições disponíveis neste estudo, ou seja, uma pesquisa individual, sem financiamento e com tempo limitado.

De qualquer maneira, ainda que seja um trabalho incipiente, simples e sem grandes pretensões, espera-se que este capítulo possa trazer avanços ao conhecimento sobre o assunto, para a região, como também realçou Finley. Acredita-se ainda que, juntamente com os outros capítulos desta pesquisa, venha facilitar a montagem de um quadro geral do estudo bélico na América Latina. Mesmo que a contribuição seja modesta e que o avanço alcançado tenha apenas uma envergadura algo limitada, qualquer brecha nas linhas do desconhecimento, colocando em termos militares, já pode ser vista como uma vitória.

Para efetivar a análise foram levantadas cento e oitenta batalhas envolvendo tropas dos países latino-americanos em conflitos externos. As batalhas escolhidas representam as mais significativas da história independente da região e a definição das mesmas seguiu critérios de abrangência geográfica e importância político-militar para o desenrolar histórico dos países latino-americanos.

Falando em outros termos, de nada adiantava colocar duzentas batalhas da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e nenhuma batalha das várias guerras centro-americanas, por mais que o número de mortos nas batalhas contra o Paraguai tenha sido superior ao das batalhas na América Central. Mesmo assim, as guerras com um número superior de mortos foram contempladas com um maior número de batalhas.

A distribuição, no entanto, não é proporcional e nem poderia ser, devido ao fato de que a representatividade das várias sub-regiões ficaria distorcida. Pode-se dizer que, esta forma, também provoca uma distorção desfavorável aos grandes conflitos ou às regiões mais significativas. Bem, alguma distorção sempre haverá, e como a opção foi pela maior abrangência geográfica, a seleção das batalhas seguiu, prioritariamente, este princípio.

Os resultados desta seleção podem ser visualizados nos anexos 3, 4 e 5. O Anexo 3 foi estruturado a partir do Anexo 1, que apresenta os conflitos na América Latina e o número de mortos. Ao anexo 1 foram acrescentadas as batalhas nos seus conflitos correspondentes. As batalhas do Anexo 3 foram pormenorizadas no Anexo 4 listando alguns pontos, como local, ano, vencedor e perdedor.

Com a finalidade de se montar as tabelas de vitórias em guerras e em batalhas foram considerados os seguintes procedimentos: quando uma guerra de coligação foi vencida, a vitória foi computada para todos os países do bloco vencedor, com uma vitória para cada país.

No caso de uma batalha desta mesma guerra, ou seja, com mais de dois participantes em campo, foi considerado vencedor o país com maior efetivo entre as tropas vitoriosas, sem considerar tropas do mesmo país que lutaram em ambos os lados, como foi o caso da Batalha de Monte Caseros (1852). Argentinos lutaram nos dois grupos, mas no grupo vencedor o país com maior efetivo contra as tropas "legalistas" argentinas foi o Brasil e a vitória foi computado para ele.

Quando a montagem das tabelas deste capítulo estava sendo realizada algumas observações provocaram a confecção do anexo 5, fazendo a relação ente os sistemas políticos e os resultados das guerras na América Latina. Aliás, estas observações pertinentes ao Anexo 5, que não estavam previstas e nem tinham sido levantadas previamente, podem ser consideradas as grandes contribuições deste capítulo para a tese de uma forma geral.

Ainda antes de partir para a análise dos dados destes três anexos é necessário apresentar algumas considerações de ordem prática. A definição do vencedor de uma guerra ou de uma batalha seguiu uma mesma lógica de raciocínio, que teve como ponto principal os objetivos que os participantes queriam atingir com a ação bélica.

Exemplificando: alguns comentaristas brasileiros, movidos certamente por uma atitude nacionalista, evitam falar que o Brasil perdeu a Guerra da Cisplatina ou chegam a firmar, até, o contrário. Alguns falam de empate. O que parece ainda mais absurdo, visto que sempre, em qualquer ação militar, um dos lados deixou de conseguir aquilo que pretendia com o início do movimento. Em casos mais duvidosos quanto a verificação de quem conseguiu atingir os seus objetivos iniciais ainda pode-se fazer a averiguação de quem perdeu mais em termos de homens, equipamentos, dinheiro e território. Ou seja, não há como se falar em empate, exceto nas situações em que se queira esconder a derrota.

Mas voltando ao exemplo, selecionado proposital: esta é uma pesquisa brasileira definindo uma guerra como derrota brasileira. E por que derrota? Porque a maioria das batalhas terrestres terminou com a derrota brasileira e o fato de no mar a situação ter sido inversa não muda em nada a visão geral do conflito. O Brasil entrou na guerra para impedir a independência do Uruguai ou a sua incorporação ao que hoje é a Argentina. Conseguiu evitar o segundo ponto, mas não o primeiro. O Uruguai conseguiu a sua independência e a Argentina, apesar de não ter conseguido a Cisplatina para si, não perdeu nada, visto que a Cisplatina estava, inicialmente, em mãos brasileiras.

Não há porque negar as evidências. Nenhum discurso que pretenda valorizar, genuinamente, os feitos de um país consegue se sustentar apenas no ufanismo vazio e chauvinista. Negar os fatos ruins não faz como que eles deixem de existir, se bem que vários países, regimes ideológicos e historiadores fazem isto diuturnamente. Apontar os erros e derrotas é mais importante que apenas vangloriar os êxitos porque as derrotas provocam reflexões maiores e a História Militar está repletade exemplos de quão valioso é o estudo destas situações adversas. Além do mais, não é descrédito nenhum falar que o país foi derrotado em tal e qual batalha ou guerra; a Alemanha perdeu duas guerras mundiais e a maioria dos especialistas de História Militar considera as forças armadas alemães, nos dois conflitos mundiais, como as melhores máquinas de combate que a Humanidade já produziu.

Também não há valorização ideológica nesta afirmação. Dizer que as divisões blindadas, os "Panzers" de Hitler, foram as melhores da história não faz de ninguém um nazista, muito menos se pode afirmar que alguém seja comunista porque afirmou que o avião soviético Mig-15 era, tecnicamente, superior a qualquer avião dos EUA em 1948.

Em síntese, a vitória em uma guerra não qualifica um país (ou sistema político e, mesmo, estruturas militares) como melhor que o perdedor. Há fatores demais em jogo e a vitória, muitas vezes, pode ter sido apenas a exposição de um peso quantitativamente avassalador da maioria destes pontos. Contudo, estes aspectos não desqualificam uma comparação numérica de vitórias entre várias guerras e países, como é feita neste capítulo, porque em um ambiente estatístico mais amplo estas questões tornam-se relativas e a capacidade econômico-militar de longa duração, que é almejada, aparece com mais fidelidade.

Dito isto, resta apenas acrescentar que neste capítulo, devido às sugestões da "Banca de Qualificação" para diminuir a quantidade de capítulos a serem ainda produzidos, também foram incorporadas algumas questões que seriam aprofundadas em um outro capítulo desta pesquisa. Trata-se do capítulo **"Si vis Pacem, depone Arma"** sobre as comparações entre os séculos XIX e XX.

A proposta original era efetuar um levantamento aprofundado da diferenciação de níveis de belicosidade na região entre o século XIX e o XX, sugerindo a salutar existência de uma macro-tendência da transição de uma América Latina mais belicosa para uma mais pacífica, não somente em si mesma, mas em termos de comparação mundial. E isto foi realizado, mas de forma mais superficial que o pretendido inicialmente.

Para, apenas, iniciar esta abordagem faremos uma comparação entre os dois séculos utilizando um conceito do capítulo **A Serpente da Guerra,** relativo ao grau de magnitude dos conflitos latino-americanos em função da sua letalidade. Para tanto serão utilizadas as três tabelas a seguir, derivadas do anexo 1.

TABELA 1 – Níveis de Mortalidade durante o Século XIX das Guerras da América Latina por Número e Percentual.

Nível	Vit	%
Grandes Guerras *(com mais de 80 mil mortos)*	6	18,8
Guerras Médias *(de 10 até 80 mil mortos)*	6	18,8
Guerras Pequenas *(de 3 até 10 mil mortos)*	2	6,3
Mini Guerras *(até 3 mil mortos)*	18	56,3
Total	32	100,0

O total de mortos nas trinta e duas guerras externas dos anos oitocentos ficou em torno de um milhão e novecentos e trinta mil, perfazendo uma média de 64.533 mortos para as guerras latino-americanas do século XIX. A média mundial foi de 118 mil mortos por guerra no mesmo período. [129]

No Século XIX o Mundo teve noventa e nove guerras com mais de três mil mortos, enquanto que a América Latina teve quatorze conflitos com esta dimensão de mortos, o que representa 14,2 % do total planetário. [130]

As Guerras de Independência na América Latina de origem espanhola, no começo do século XIX, foram conflitos de alta intensidade e com um elevado número de mortos e de batalhas significativas. Uma das mais decisivas batalhas deste contexto foi a de *Ayacucho*, ocorrida no Peru em 09 de dezembro de 1824 (veja descrição detalhada no capítulo **O Nascimento Doloroso**).

A figura 1 retrata este campo de batalha. Algumas figuras de batalhas serão inseridas no texto deste capítulo com o propósito de mostrar alguns aspectos do que se esta descrevendo, para que o leitor não familiarizado com as questões militares possa ter uma pequena visualização do que deve ter sido uma batalha ou mesmo uma guerra ocorrida na América Latina no século XIX ou no XX. Os comentários sobre as figuras tentaram traçar uma idéia das características de combate empregadas no período e a forma pela qual evoluíram.

---

[129] W. ECKHARDT, **War-related Deaths since 3000 BC**, tabela na p. 438.

[130] **http://users.erols.com/white29. Na parte de Matthew WHITE**, Historical Atlas of the Twentieth Century**.**

FIGURA 1 – Batalha de Ayacucho.



Fonte: Victor CIVITA (ed). **História das Civilizações.** Vol V, p. 17.

A parte esquerda da figura mostra as tropas patriotas de infantaria em linha com três fileiras de tiro, formação típica do período. A cavalaria promove avanço pelos dois flancos da linha, situação igualmente comum para a época. No centro da figura temos um grupo de soldados formando quadrado. No caso um quadrado de marcha e não um de batalha ou tático como deveria ser para o momento apresentado. John Keegan tece alguns comentários a respeito destas formações do período que merecem ser citadas devido ao caráter educativo e esclarecedor das mesmas.

"De facto, a própria formação do quadrado, por mais táctica que possa parecer, encerrava um processo fortemente coercivo. A infantaria em linha, em particular se formava a uma profundidade de quatro filas, oferecia praticamente tanto fogo como o quadrado, em confronto com a cavalaria. Em linha, contudo, a proporção dos oficiais face à 'extensão atacada' era mais baixa do que no quadrado, porque no quadrado, todos os oficiais estavam agrupados no centro e podiam virar-se num instante para tratarem de consolidar qualquer face do quadrado que fosse atacada; além disso, as armas que eles e os sargentos empunhavam, espadas e alabardas, apesar de terem pouco valor ofensivo era precisamente o bastante para impedir os soldados de fugirem, individualmente ou em grupo.

Porém, ver o quadrado unicamente como um aparelho disciplinador equivale a minimizar a sua importância global, e ignorar dois elementos, talvez os mais importantes, que fundamentavam o "impulso de combate" britânico: solidariedade de grupo e a chefia individual." [131]

TABELA 2 – Níveis de Mortalidade durante o Século XX das Guerras da América Latina por Número e Percentual.

Nível	Nº	%
Grandes Guerras *(com mais de 80 mil mortos)*	1	3,6
Guerras Médias *(de 10 até 80 mil mortos)*	1	3,6
Guerras Pequenas *(de 3 até 10 mil mortos)*	1	3,6
Mini Guerras *(até 3 mil mortos)*	25	89,2
Total	28	100,0

Uma média de 5.440 mortos por guerra foi a resultante, para o século XX, dos 147 mil óbitos ocorridos nos vinte e oito conflitos daquele período. Em termos globais a média foi bem maior, ficando com 924 mil mortos![132] No tocante ao número de guerras, a América Latina contribuiu com apenas 1,8 % dos conflitos no mundo com mais de três mil mortos: três em um total de cento e sessenta e oito.[133]

Os números, por mais inseguros que possam ser os métodos de aferição e de amostragem dos mesmos, neste caso, não deixam margem para dúvidas: a América Latina "navega" contra a correnteza mundial no que diz respeito aos conflitos e ao número de mortos em ações bélicas. O número de guerras e a média mundial de mortos por conflito no século XX são maiores que os dados correspondentes do século XIX, mas na América Latina ocorre o inverso e em proporções ainda maiores que em termos globais.

TABELA 3 – Níveis de Mortalidade das Guerras da América Latina Independente por Número e Percentual.

Nível	Vit	%
Grandes Guerras *(com mais de 80 mil mortos)*	07	11,7
Guerras Médias *(de 10 até 80 mil mortos)*	07	11,7
Guerras Pequenas *(de 3 até 10 mil mortos)*	03	5,0
Mini Guerras *(até 3 mil mortos)*	43	71,6
Total	60	100,0

131 John KEEGAN, **O Rosto da Batalha**, p. 14 0.

132 W. ECKHARDT, **War-related Deaths since 3000 BC**, tabela na p. 438.

133 http://users.erols.com/white29**.** Na parte de Matthew WHITE, **Historical Atlas of the Twentieth Century.**

As sessenta guerras externas provocaram mais de dois milhões de mortos (2.077 mil) no período de tempo deste estudo. A média para os duzentos anos foi de 36.400 mortos.

As três primeiras magnitudes de guerras ocorreram quase que apenas no século XIX, na América Latina, tendo o século passado apresentado somente um conflito em cada uma destas três classes de guerras. O número absoluto de mortos também se reduziu de forma vertiginosa, corroborando as colocações feitas a respeito no capítulo **A Serpente da Guerra,** inclusive no tocante à comparação com o contexto africano.

O aparato levantando de dados permite que se faça uma abordagem mais particularizada da questão dos conflitos inter-Estados na América Latina Independente. As tabelas continuarão a seguir o padrão comparativo entre os dois séculos, apresentando, logo a seguir, um quadro que consolida os dados para todo o período de estudo.

TABELA 4 - Participação dos Países nas Guerras da América Latina durante o Século XIX (por Número de Guerras e Percentual sobre o Total).

Países	Núm	% do Total	Número das Guerras (Anexo 3)
Peru	7	21,9	04, 09, 10, 11, 18, 23 e 28.
Equador	6	18,8	03, 04, 09, 18, 22 e 23.
Argentina	5	15,6	02, 08, 10, 13 e 24.
Bolívia	5	15,6	04, 10, 11, 23 e 28.
El Salvador	5	15,6	16, 20, 26, 27 e 29.
Guatemala	5	15,6	16, 20, 26, 27 e 29.
Honduras	5	15,6	16, 20, 26, 27 e 29.
Brasil	4	12,5	06, 08, 13 e 24.
Chile	4	12,5	02, 10, 23 e 28.
Colômbia	4	12,5	03, 04, 09 e 22.
Haiti	4	12,5	01, 07, 14 e 17.
México	4	12,5	05, 12, 15 e 21.
Nicarágua	4	12,5	16, 20, 29 e 31.
Rep. Dom.	4	12,5	07, 14, 17 e 19.
Costa Rica	3	9,4	16, 29 e 31.
Cuba	3	9,4	25, 30 e 32.
Uruguai	3	9,4	08, 13 e 24.
Venezuela	3	9,4	03, 04 e 09.
Paraguai	2	6,3	02 e 24.
Panamá	0	0,0	
Espanha	9	28,1	02, 03, 04, 05, 19, 23, 25, 30 e 32.
França	4	12,5	01, 12, 13 e 21.
EUA	2	6,3	15 e 32.
Inglaterra	1	3,1	13.

Portugal	1	3,1	06.

São, no total, 97 participações em 32 guerras (média 3,03 países por guerra) com vinte e cinco países. De cada cinco guerras do século na região, o Peru participou em, pelo menos, uma. Contudo, a Espanha superou esta marca com mais de uma participação, em quatro guerras. Haiti e República Dominicana participaram em quatro guerras, sendo que em três delas a ação foi um contra o outro, indicando uma convivência difícil de dois Estados em uma mesma ilha, sobretudo quando eles são muito diferentes entre si sob os pontos de vista étnicos e culturais.

Na América Central dos cinco países então existentes (o Panamá ainda fazia parte da Colômbia) três estão empatados com cinco conflitos e os outros dois estão logo atrás, configurando um cenário de lutas em conjunto.

Uma visão geral pode ser obtida com o Mapa 1, onde os conflitos aparecem divididos por taxas de mortalidade (apresentada na tabela 1) e a configuração política dos territórios dos Estados é a de 1863, difícil de se encontrar nos livros que tratam do assunto do período. O México já havia perdido metade do seu território para os EUA e a Argentina e o Chile ainda não tinham ganhado as guerras indígenas no sul do continente.

Os territórios que a Bolívia iria perder ao longo do período (conforme demonstrado no capítulo **O Fogo do Dragão)** aparecem como bolivianos, o Equador fazia fronteira com o Brasil, cuja Amazônia era menor que a atual e o Paraguai refletia um território isento das modificações que duas grandes guerras iriam provocar.

Ironicamente, o Paraguai teve o menor índice de participação em guerras do século XIX, devido ao longo isolamento assegurado por Francia; mas quando o isolamento foi rompido, o equilíbrio de forças na região platina foi quebrado de forma desestabilizadora e o preço pago pelo Paraguai foi alto demais para uma só guerra, pois ele perdeu a mais devastadora das guerras latino-americanas de todos os tempos.

Tragicamente, o Paraguai também seria o protagonista do mais mortífero conflito latino-americano do século XX, a Guerra do Chaco contra a Bolívia, quando conseguiu a vitória.

MAPA 1 - Guerras da América Latina no Século XIX (por Níveis de Mortalidade).



Fonte: Mapa do autor.

TABELA 5 - Participação dos Países nas Guerras da América Latina durante o Século XX (por Número de Guerras e Percentual sobre o Total).

Países	**Núm**	**% do Total**	**Número das Guerras (Anexo 3)**
Nicarágua	7	25,0	04, 06, 08, 11, 15, 18 e 19.
Cuba	6	21,4	08, 15, 20, 22, 23 e 24.
Honduras	6	21,4	04, 07, 08, 15, 19 e 21.
Peru	5	17,9	12, 15, 16, 25 e 28.
Colômbia	4	14,3	03, 12, 15 e 17.
Equador	4	14,3	15, 16, 25 e 28.
Haiti	4	14,3	08, 09, 14 e 15.
Panamá	4	14,3	03, 08, 15 e 27.
Bolívia	3	10,7	01, 13 e 15.

Brasil	3	10,7	01, 08 e 15.
Costa Rica	3	10,7	08, 15 e 18.
El Salvador	3	10,7	04, 15 e 21.
Guatemala	3	10,7	04, 08 e 15.
Rep. Dom.	3	10,7	10, 14 e 15.
Venezuela	3	10,7	02, 05 e 15.
Argentina	2	7,1	15 e 26.
Paraguai	2	7,1	13 e 15.
Chile	1	3,6	15.
México	1	3,6	15.
Uruguai	1	3,6	15.
EUA	7	25,0	06, 07, 09, 10, 11, 20 e 27.
Alemanha	3	10,7	02, 08 e 15.
África do Sul	2	7,1	22 e 24.
Inglaterra	2	7,1	02 e 26.
Itália	2	7,1	02 e 15.
China	1	3,6	17.
Coréia do Norte	1	3,6	17.
Holanda	1	3,6	05.
Japão	1	3,6	15
Somália	1	3,6	23.

São, no total, 89 participações em 28 guerras (média 3,18 países por guerra) com trinta países. Os três primeiros países do século XX são do Caribe e da América Central em substituição aos três sul-americanos no século XIX, o que demonstra uma guinada para o norte no número de conflitos. O mapa 2 mostra claramente esta mudança e comparando com o mapa anterior também ficam bastante evidentes as grandes mudanças territoriais ocorridas e a diminuição, quase absoluta, das guerras de alta intensidade, que possuem um maior número de mortos.

Outro aspecto relevante diz respeito à "mundialização" dos conflitos, a participação de países latino-americanos em conflitos fora da região, como na África, na Ásia e na Europa. No século XIX apenas países de fora do continente (e somente europeus) é que interferiam nos conflitos locais.

Desperta a atenção o fato das duas guerras mundiais serem classificadas como mini-guerras, mas devido ao pequeno número de mortos que os países latino-americanos tiveram nesses conflitos, presumivelmente assim se configurariam. Isto não minimiza os seus efeitos, como guerras de primeira magnitude em nível global, para a região. O impacto sócio-

econômico das guerras mundiais na América Latina foi enorme, provocando inclusive, como já relatado neste trabalho, grandes modificações políticas.

MAPA 2 - Guerras da América Latina no Século XX (por Níveis de Mortalidade).



Fonte: Mapa do autor.

Outro aspecto a ser considerado é que a Espanha não apareceu no século XX, mas os EUA têm uma participação igual a da Nicarágua, maior índice dos latino-americanos, tomando parte em 25% dos conflitos da época. A substituição da Espanha pelos EUA reflete a mudança de potência dominante na região. A velha Metrópole Colonial cede espaço para o

novo centro dominante, com a Guerra Hispano-Americana de 1898 marcando o ponto de virada deste movimento e, não coincidentemente, no final do século do XIX.

A substituição de pólo dominante também explica, pelo menos em parte, a guindada dos conflitos para o norte, espelhando a preocupação da nova potência em assegurar e pacificar os territórios mais próximos de si, criando o "Mare Nostrum" no Golfo do México e no Mar do Caribe, principalmente depois que o Canal do Panamá começou a ser construído (1904) e passou a funcionar (1914). Em 15 de agosto de 1914 o primeiro navio cruzou o canal, enquanto que na Europa os combates da Primeira Guerra Mundial se iniciavam. Outra coincidência?

TABELA 6 - Participação dos Países Nativos nas Guerras da América Latina durante os Séculos XIX e XX (por Número de Guerras e Percentual sobre o Total).

Lugar	Países	Núm	% do Total
1	Peru	12	20
2	Honduras	11	18,3
3	Nicarágua	11	18,3
4	Equador	10	16,7
5	Cuba	9	15
6	Bolívia	8	13,3
7	Colômbia	8	13,3
8	El Salvador	8	13,3
9	Guatemala	8	13,3
10	Haiti	8	13,3
11	Argentina	7	11,7
12	Brasil	7	11,7
13	Rep. Dom.	7	11,7
14	Costa Rica	6	10
15	Venezuela	6	10
16	Chile	5	8,3
17	México	5	8,3
18	Panamá	4	6,7
19	Paraguai	4	6,7
20	Uruguai	4	6,7

São, no total, 186 participações em 60 guerras (média 3,10 países por guerra) com trinta e três países. A posição do Peru impressiona – doze participações em sessenta guerras, um índice considerável. Honduras e Nicarágua também possuem um número grande de participações. Cuba, liderando a área do Caribe, tem nove participações, o que parece muito

para um país pequeno que não deveria ter muitos problemas militares devido a sua posição insular, uma vez que um grande número de conflitos na América Latina está relacionado aos problemas de fronteiras, e de fronteiras terrestres.

Com o Equador fecha-se o grupo dos cinco primeiros e, contrariamente ao que se viu na Europa no estudo de Wright, nenhum dos considerados “grandes” (Argentina, Brasil, Chile e México) estão no topo. Qual seria a razão desta pequena participação dos “grandes” da região no número de conflitos?

Uma das possíveis respostas refere-se, justamente, ao fato de serem “grandes”, o que por si só já criaria uma espécie de proteção dissuasória, sendo menos atacado, portanto, do que um país com menores condições. Outra explicação está ligada ao fato destes países somente se envolverem em guerras decisivas, de controle da região ou sub-região, como foi, por exemplo, a “Grande Guerra do Prata” contra o Paraguai ou a Guerra do Pacífico.

FIGURA 2 – Batalha de Arica.



Fonte: Gustavo Pons MUZZO. **Compendio de Historia del Peru.** Capa.

Épicas batalhas compõem essas guerras, tornando-se eventos que figuram como elementos marcantes da definição nacional de vários países latino-americanos. Foram, da

mesma maneira, e possivelmente por conta disto, embates muito sangrentos e devastadores, por vezes desumanamente cruéis. Neste caso, talvez nem se considerar tanto o contexto, mas sim o espírito de "luta sem quartel", que foi a tônica em muitas ações do período no subcontinente. Um dos exemplos, visto na Figura 2, foi a Batalha de Arica, em 07 de junho de 1880.

O morro que aparece na figura domina a cidade e o porto de Arica e se os chilenos o controlassem teriam comandamento de fogo da sua artilharia, muito mais moderna que a peruana, sobre a área. Com o domínio da região, o litoral sul do Peru e o litoral da Bolívia ficariam, definitivamente, sob controle do Chile. O que, de fato, acabou acontecendo, fazendo da Bolívia um país sem saída para o mar no final da Guerra do Pacífico (1879-83).

Os chilenos lançaram-se ao ataque com o brado de *"hoy no hay prisioneros"* e assim foi feito. O último defensor peruano, coronel Alfonso Ugarte, comandante da Oitava Divisão, pulou ao mar para que a bandeira nacional do Peru, que ele, então carregava, não fosse capturada pelo inimigo. Confrontos deste tipo ocorreram às dezenas também na "Guerra do Paraguai" e nas outras guerras que envolveram, em geral, as grandes nações do sub-continente.

TABELA 7 - Participação dos Países Estrangeiros nas Guerras da América Latina durante os Séculos XIX e XX (por Número de Guerras e Percentual sobre o Total).

Lugar	Países	Núm	% do Total
1	Espanha	9	15,0
2	EUA	9	15,0
3	França	4	6,7
4	Alemanha	3	5,0
5	Inglaterra	3	5,0
6	África do Sul	2	3,3
7	Itália	2	3,3
8	China	1	1,7
9	Coréia do Norte	1	1,7
10	Holanda	1	1,7
11	Japão	1	1,7
12	Portugal	1	1,7
13	Somália	1	1,7

Quanto à Espanha e aos EUA a única coisa a acrescentar, além do que já foi dito, refere-se ao elevado número de participações destes países nos conflitos da América Latina; eles

ficam atrás apenas de quatro países do sub-continente. A França também tem um número razoável de participações, mas restritas ao século XIX. Aliás, os dois únicos países estrangeiros que participaram de conflitos latino-americanos nos dois séculos foram os EUA e a Inglaterra, confirmando as suas posições de potências dominantes na região, se bem que a postura britânica revelou-se mais indireta que a dos EUA.

A média geral de participantes por conflitos na América Latina ficou em, torno de três países por guerra, porém a média, neste caso, não retrata com fidelidade o que aconteceu, de fato, nos conflitos da região.

Portanto, a tabela 8 define a questão ao mostrar a tipificação pelo número de participantes nos dois séculos contemplados neste estudo.

TABELA 8 – Tipologia das Guerras da América Latina em função do Número de Participantes (por Número de Guerras nos Séculos XIX e XX).

Tipo de Guerra	Número de Guerras		Total
	Século XIX	Século XX	
Com Dois Participantes	16	23	39
Com Três Participantes	5	1	6
Com Mais de Três Participantes	11	4	15
Total	32	28	60

Os embates simples, entre dois países, são mais da metade das guerras da região, enquanto que os conflitos com três países representam apenas 10%. As guerras de coligação também possuem um número elevado, perfazendo um quarto dos conflitos estudados. E isto explica a distorção que provocou a média de três países por conflito. Se há um grande número de guerras com dois participantes, por outro lado, tem-se um índice considerável de conflitos com vários participantes, como foi o caso da Segunda Guerra Mundial, quando todos os países do continente declararam guerra a, pelo menos, um membro do Eixo.

Os percentuais citados podem ser vistos no Gráfico 1. E as parciais para cada século nos dois gráficos seguintes.

Gráfico 01 – Tipologia das Guerras dos Séculos XIX e XX na América Latina em função do Número de Participantes (Percentuais).

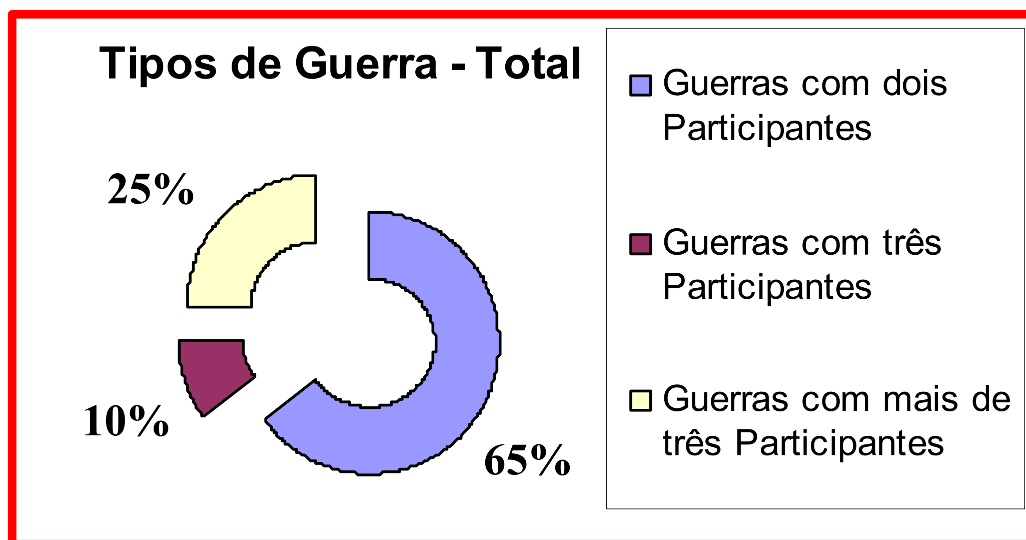
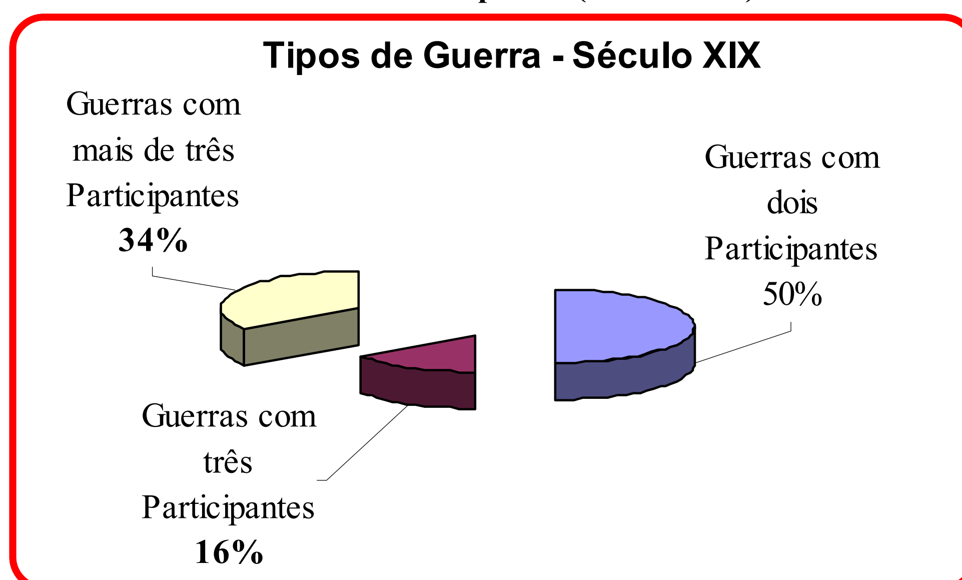
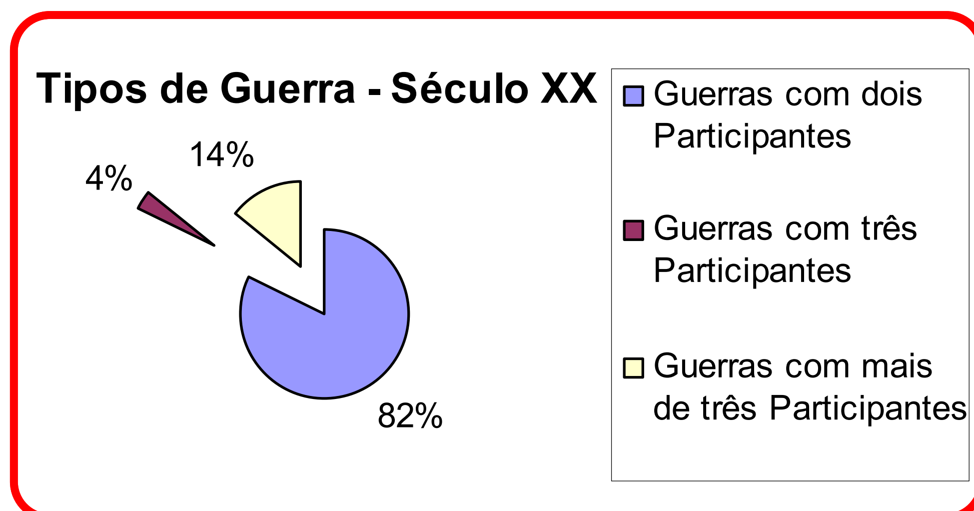


Gráfico 02 – Tipologia das Guerras do Século XIX na América Latina em função do Número de Participantes (Percentuais).



Nos anos oitocentos as guerras de coligação foram mais significativas que na média geral, fato que, provavelmente, explica a maior intensidade e letalidade dos conflitos do período em relação ao século seguinte, já que as guerras de coligação colocam mais recursos a disposição dos combatentes, tornando as guerras mais longas e destrutivas.

Gráfico 03 – Tipologia das Guerras do Século XX na América Latina em função do Número de Participantes (Percentuais).



Aqui observa-se o inverso da explicação do parágrafo anterior. O século XX foi, praticamente, um período de embates simples e isto explica tanto a baixa média de mortos por conflito como também a pequena taxa absoluta de mortos em toda a centúria.

Ainda mais relevante que a análise da participação nos conflitos é o estudo do desempenho destes participantes. Desempenho simbolizado pelo número de vitórias obtidas nas guerras em que cada país participou. Como o número de participações não é o mesmo, o critério escolhido para comparar e classificar os países foi o percentual de vitória obtido sobre o número de participações para cada um dos países estudados.

Esta parte da análise terá início com os países estrangeiros e depois fará a comparação dos vinte países latino-americanos. Como sempre, segue o padrão de três tabelas. Um para cada século e uma terceira consolidando os dados para todo o tempo do estudo.

TABELA 9 - Países Estrangeiros nas Guerras da América Latina durante o Século XIX (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Países	Vit	%	Der	%	Total
EUA	2	**100,0**	0	0,0	2
Inglaterra	1	**100,0**	0	0,0	1
França	2	**50,0**	2	50,0	4
Espanha	1	**11,1**	8	88,9	9
Portugal	0	**0,0**	1	100,0	1
Total	6	**35,3**	11	64,7	17

Os dados não surpreendem, confirmando o que foi afirmado. Todavia, deve-se destacar o percentual final, o que quer dizer que os países latino-americanos ganharam mais guerras que os países estrangeiros no século XIX, fruto das lutas de emancipação nacional.

TABELA 10 - Países Estrangeiros nas Guerras da América Latina durante o Século XX (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Países	Vit	%	Der	%	Total
EUA	7	**100,0**	0	0,0	7
Inglaterra	2	**100,0**	0	0,0	2
Holanda	1	**100,0**	0	0,0	1
África do Sul	1	**50,0**	1	50,0	2
Itália	1	**50,0**	1	50,0	2
Alemanha	1	**33,3**	2	66,7	3
China	0	**0,0**	1	100,0	1
Coréia do Norte	0	**0,0**	1	100,0	1
Japão	0	**0,0**	1	100,0	1
Somália	0	**0,0**	1	100,0	1
Total	13	**61,9**	8	38,1	21

Total do século XX já evidencia uma situação oposta a verificada no século anterior, e neste caso, a imposição vitoriosa dos EUA foi o fator determinante. É mais uma prova de que a política do "Big Stick" de Theodore Roosevelt foi amplamente utilizada pela nova potência para consolidar o seu controle na região.

TABELA 11 - Países Estrangeiros nas Guerras da América Latina durante os Séculos XIX e XX (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Países	Vit	%	Der	%	Total
EUA	9	**100,0**	0	0,0	9
Inglaterra	3	**100,0**	0	0,0	3
Holanda	1	**100,0**	0	0,0	1
França	2	**50,0**	2	50,0	4
África do Sul	1	**50,0**	1	50,0	2
Itália	1	**50,0**	1	50,0	2
Alemanha	1	**33,3**	2	66,7	3
Espanha	1	**11,1**	8	88,9	9
China	0	**0,0**	1	100,0	1
Coréia do Norte	0	**0,0**	1	100,0	1
Japão	0	**0,0**	1	100,0	1
Portugal	0	**0,0**	1	100,0	1

Somália	0	**0,0**	1	100,0	1
Total	19	**50,0**	19	50,0	38

A consolidação dos dados para os dois séculos reforça, meramente, o que foi dito para cada século em particular, mas o total apresenta um dado curioso. Metade dos conflitos em que países estrangeiros estiveram envolvidos foi vencida por eles, enquanto que a outra metade, evidentemente, foi ganha pelos países latino-americanos. Isto representa um bom desempenho dos países da região o que, de certa forma, pode ser considerado um dado inesperado.

TABELA 12 - Desempenho dos Países nas Guerras da América Latina durante o Século XIX (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Lugar	Países	Vit	%	Der	%	Total
1	Chile	4	**100,0**	0	0,0	4
2	Colômbia	4	**100,0**	0	0,0	4
3	Costa Rica	3	**100,0**	0	0,0	3
4	Uruguai	3	**100,0**	0	0,0	3
5	Venezuela	3	**100,0**	0	0,0	3
6	Argentina	4	**80,0**	1	20,0	5
7	Guatemala	4	**80,0**	1	20,0	5
8	Brasil	3	**75,0**	1	25,0	4
9	Rep. Dom.	3	**75,0**	1	25,0	4
10	Equador	4	**66,7**	2	33,3	6
11	Cuba	2	**66,7**	1	33,3	3
12	Bolívia	3	**60,0**	2	40,0	5
13	Haiti	2	**50,0**	2	50,0	4
14	México	2	**50,0**	2	50,0	4
15	Nicarágua	2	**50,0**	2	50,0	4
16	Paraguai	1	**50,0**	1	50,0	2
17	Peru	3	**42,9**	4	57,1	7
18	El Salvador	2	**40,0**	3	60,0	5
19	Honduras	1	**20,0**	4	80,0	5
20	Panamá	0	**0,0**	0	0,0	0
TOTAL		53	**66,3**	27	33,8	80

Foi o resultado dos cinco primeiros países desta tabela que motivou a criação do Anexo 5 e suscitou a realização de uma comparação entre o desempenho militar e o sistema político, relação que não estava nos planos originais. A razão pela qual o número de vitórias total é

maior que o de derrotas pode ser explicada pelo simples fato de que nas guerras com mais de dois participantes a vitória ficou, quase que infalivelmente, com o bloco de maior número de membros. Fato que parece óbvio, mas a comprovação quantitativa sempre é mais segura que apenas uma consideração de lógica reflexiva.

TABELA 13 - Desempenho dos Países nas Guerras da América Latina durante o Século XX (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Lugar	Países	Vit	%	Der	%	Total
1	Brasil	3	**100,0**	0	0,0	3
2	Costa Rica	3	**100,0**	0	0,0	3
3	Guatemala	3	**100,0**	0	0,0	3
4	Paraguai	2	**100,0**	0	0,0	2
5	Chile	1	**100,0**	0	0,0	1
6	México	1	**100,0**	0	0,0	1
7	Uruguai	1	**100,0**	0	0,0	1
8	Colômbia	3	**75,0**	1	25,0	4
9	Haiti	3	**75,0**	1	25,0	4
10	Panamá	3	**75,0**	1	25,0	4
11	Cuba	4	**66,7**	2	33,3	6
12	El Salvador	2	**66,7**	1	33,3	3
13	Peru	3	**60,0**	2	40,0	5
14	Nicarágua	4	**57,1**	3	42,9	7
15	Equador	2	**50,0**	2	50,0	4
16	Argentina	1	**50,0**	1	50,0	2
17	Honduras	2	**33,3**	4	66,7	6
18	Bolívia	1	**33,3**	2	66,7	3
19	Rep. Dom.	1	**33,3**	2	66,7	3
20	Venezuela	1	**33,3**	2	66,7	3
TOTAL		45	**65,2**	24	34,8	69

Da mesma forma que no século XIX o número de países com um percentual menor que 50 % foi de, somente, quatro países, corroborando as afirmações anteriores de que os países da região ganharam mais guerras do que perderam.

TABELA 14 - Desempenho dos Países nas Guerras da América Latina durante os Séculos XIX e XX (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Lugar	Países	Vit	%	Der	%	Total
1	Costa Rica	6	**100,0**	0	0,0	6

2	Chile	5	**100,0**	0	0,0	5
3	Uruguai	4	**100,0**	0	0,0	4
4	Colômbia	7	**87,5**	1	12,5	8
5	Guatemala	7	**87,5**	1	12,5	8
6	Brasil	6	**85,7**	1	14,3	7
7	Panamá	3	**75,0**	1	25,0	4
8	Paraguai	3	**75,0**	1	25,0	4
9	Argentina	5	**71,4**	2	28,6	7
10	Cuba	6	**66,7**	3	33,3	9
11	Venezuela	4	**66,7**	2	33,3	6
12	Haiti	5	**62,5**	3	37,5	8
13	Equador	6	**60,0**	4	40,0	10
14	México	3	**60,0**	2	40,0	5
15	Rep. Dom.	4	**57,1**	3	42,9	7
16	Nicarágua	6	**54,5**	5	45,5	11
17	Peru	6	**50,0**	6	50,0	12
18	Bolívia	4	**50,0**	4	50,0	8
19	El Salvador	4	**50,0**	4	50,0	8
20	Honduras	3	**27,3**	8	72,7	11
TOTAL		98	**65,8**	51	34,2	149

Fixação pela repetição: apenas um país dos vinte da região perdeu mais guerras do que ganhou. Além disso, existe um dado ainda mais relevador das condições bélicas na América Latina: os três países com maior número de participação em conflitos estão colocados entre as cinco últimas posições da tabela de desempenho, isto é, quanto mais belicoso o país, menor o seu aproveitamento nas guerras. Será que isto já é suficiente para a substituição do *"Si vis Pacem, para Bellum"* para **"Si vis Pacem, dopene Arma"?**

Complementando e, ao mesmo tempo, ampliando a idéia: os quatro países com melhor desempenho bélico em toda a História Independente da América Latina estão entre os seis primeiros lugares com sistemas políticos abertos (veja a tabela 27 do capítulo **A Serpente da Guerra**). Somente esta constatação não poderia ser conclusiva a respeito, mas este ponto ainda será retomado neste capítulo.

As tabelas 15 e 16 retratam a incidência dos conflitos por sub-regiões e permitem uma apreciação mais precisa do que foi analisado nos mapas do capítulo. Além do aspecto geográfico, a tabela 16, em especial, permite o acompanhamento da evolução quantitativa em blocos de cinqüenta anos, tornando a percepção mais refinada.

TABELA 15 – Regiões e Períodos (Séculos XIX e XX) de Ocorrência das Guerras da América Latina, com os seus percentuais correspondentes.

Região/Período	XIX	%	XX	%	Total	%
América Central	06	18,8	09	32,2	15	25,0
América do Sul	14	43,8	09	32,2	23	38,3
Caribe e México	12	37,4	04	14,2	16	26,7
Fora da Área	0	0,0	06	21,4	06	10,0
Total	32	100,0	28	100,0	60	100,0

O movimento para o norte, percebido nos mapas, ficou agora mais claro. Trata-se de um deslocamento bélico da América do Sul e do Caribe/México para a América Central. Não obstante esta concentração no século XX, a região do Grande Istmo Americano ainda é a porção do sub-continente com o menor número de guerras no cômputo geral.

TABELA 16 – Regiões e Períodos (as duas metades dos Séculos XIX e XX) de Ocorrência das Guerras da América Latina.

Região/Período	1/XIX	2/XIX	1/XX	2/XX	Total
América Central	01	05	05	04	15
América do Sul	09	05	06	03	23
Caribe e México	06	06	03	01	16
Fora da Área	0	0	02	04	06
Total	16	16	16	12	60

Os períodos de cinqüenta anos apresentam-se, no geral, bastante homogêneos. O número de conflitos permanece estável e somente vem a cair no último bloco. A tendência geral para as regiões também é a de queda. O único segmento da tabela que apresenta evolução é o das guerras extracontinentais e, neste caso, somente no século XX, mais fortemente na segunda metade dos novecentos.

Na Primeira Guerra Mundial oito países latino-americanos declararam guerra as Potências Centrais, mas apenas o Brasil participou das ações de combate ao enviar, no último ano do conflito, um grupamento naval (a Divisão Naval de Operações de Guerra – DNOG) para patrulhar o Atlântico Norte, nas costas da África e na Europa. Na guerra mundial seguinte, mais países Aliados viram ação real. A Marinha Cubana, apoiada por aviões norte-americanos, afundou um submarino alemão, o U-176. Feito também conseguido pela Aviação do Brasil com o ataque ao U-199.

Além disso, quase todos os países da região cederam bases aos EUA, devido a política destes de trocar bases por material bélico. Contudo, unidades de combate fora do subcontinente somente foram enviadas pelo Brasil e pelo México. O Brasil participou, de forma destacada, da Campanha da Itália com uma Divisão de Infantaria e com um Grupo de Avião de Caças. O *"Senta a Pua"* estava equipado com o avião *Republic P-47 Thunderbolt*, de fabricação norte-americana.

FIGURA 3 – Avião P-47 Mexicano nas Filipinas em 1945.



Fonte: http://www.sedena.gob.mx/FAM/mat_aere.html

Em princípios de 1944, o Governo do México decidiu organizar uma unidade aérea para ser empregada em combate no ultramar, representando as Forças Armadas Mexicanas formando o Esquadrão Aéreo 201, também equipado com os aviões P-47, que aparece na figura abaixo, onde uma formação deles ataca uma base japonesa nas Filipinas.

De junho a agosto de 1945, o Esquadrão Aéreo 201, *"os Astekas"* conduziu missões de combate em Luzón, apoiando as forças terrestres aliadas, com excelente desempenho. A maioria das missões foi de apoio e se realizaram algumas missões de cobertura aérea, de interdição e de escolta de comboios marítimos. A unidade também executou missões de adestramento e transporte de aeronaves em zona de combate.

O vetor aéreo acrescentou uma dimensão ao combate, tornando a ação militar ainda mais complexa. A adaptação dos latino-americanos ao novo elemento de combate foi rápida e incipiente. O avião foi utilizado em combate na Revolução Mexicana e em Contestado, no Brasil, ainda na década de dez. as intervenções dos EUA ampliaram a utilização e o contato

dos povos da região com a aviação militar. Os anos trinta presenciaram verdadeiros combates aéreos na região com a Guerra do Chaco, o Conflito de Letícia e vários movimentos internos, como, por exemplo, a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo.

Ainda antes de qualquer país dos Aliados o Peru, graças a Missão Militar Italiana que havia treinado e fornecido equipamento, realizou o primeiro lançamento em massa de pára-quedistas, e isto ainda no ano de 1940. A Figura 4 mostra o início de uma destas operações.

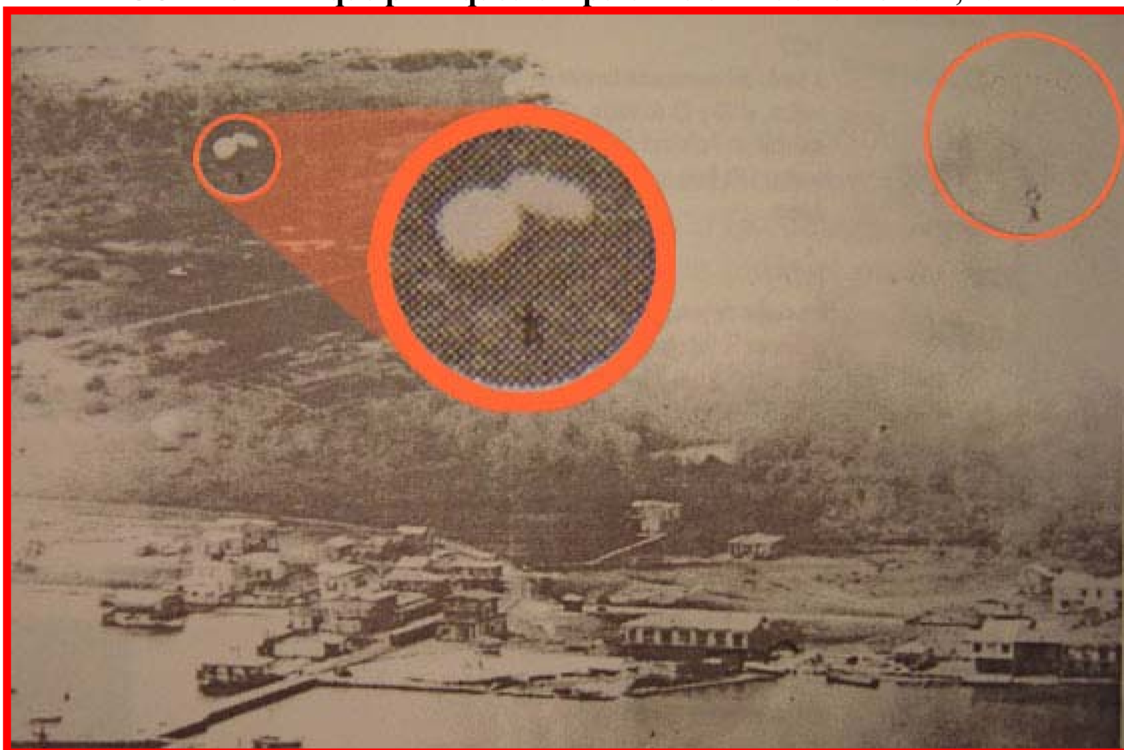
FIGURA 4 – Pára-quedistas peruanos embarcando nos aviões Caproni CA-111.



Fonte: http://www.elgrancapitan.org

Durante a breve guerra com o Equador, em meados de 1941, que custou a este a perda de quase todo o território disputado entre os dois países, os peruanos fizeram o primeiro ataque de pára-quedistas do continente americano. As cidades chaves de Machala, entroncamento rodo-ferroviário, e de Puerto Bolívar, área de abastecimento naval, foram tomadas por um veloz avanço terrestre, com apoio de infantaria transportada e desembarcada por aviões em aeroportos e de unidades de pára-quedistas. Como resultado a frente equatoriana cedeu e abriu caminho para a ocupação peruana na região da selva amazônica, com pouca oposição militar.

FIGURA 5 – Ataque pára-quedista peruano em Puerto Bolívar, 1941.



Fonte: http://www.elgrancapitan.org

Na América Latina ocorreu, em 1982, a mais ativa guerra aeronaval desde a Segunda Guerra Mundial e um dos maiores encontros bélicos de navios e aviões do planeta. No entanto, pouca importância é dada ao conflito que ficou conhecido como a Guerra das Falklands-Malvinas. As perdas aeronavais, de ambos os lados, alcançou a expressiva marca de doze navios, oitenta e seis aviões e cinqüenta helicópteros. A guerra cobrou também duas mil vidas. [134]

Em terra os argentinos foram batidos pelos britânicos, mais em função da falta de treinamento de suas tropas que devido a uma grande inferioridade tecnológica. Afinal, os argentinos mandaram para as ilhas recrutas, de serviço militar obrigatório, que nem haviam terminado o período de instrução, enquanto que os britânicos não só dispunham de tropas profissionais e voluntárias em perfeitas condições de combate, como eram os melhores batalhões disponíveis. Outra lição que ficou esquecida.

A Figura 6 mostra um grupo de helicópteros argentinos preparando-se para a ação nas cercanias dos montes que protegem a capital das ilhas, Puerto Argentino ou Port Stanley. Eles

[134] Heloisa Feres de Faria TAVARES (Ed), **Guerra na Paz,** Vol. V, p. 1141.

são, basicamente, de dois tipos. O primeiro deles é o de apoio ao combate, como por exemplo, a unidade em primeiro plano, com casulos de foguetes (ogivas brancas) nas laterais inferiores da carenagem. Estes foguetes possuem uma grande potência de fogo e representam uma bateria aérea de artilharia ou uma salva de canhões de uma unidade naval. O de segundo tipo refere-se a capacidade de transportar homens e equipamentos, pousando e decolando em áreas não previamente preparadas, como a da figura. Neste caso, eles não carregam os casulos de foguetes.

FIGURA 6 – Helicópteros argentinos nas Malvinas.



Fonte: http://www.faa.mil.arg/malvinas.html.

O vetor aéreo introduziu o deslocamento vertical como conceito de transporte militar. O deslocamento vertical proporciona muito mais rapidez e opções de deslocamento que os outros meios, sendo os helicópteros ainda mais práticos e flexíveis do que os aviões ou os pára-quedistas, que exigem bases com um mínimo de infra-estrutura e áreas boas para o assalto aero-terrestre, que são poucas.

Como os britânicos tinham, nesta altura dos acontecimentos, menos helicópteros que os argentinos, a luta pelos montes foi reduzida a simples encontros de unidades de infantaria, situação na qual a tropa com melhor treinamento leva nítida vantagem, exceto se o número de

combatentes for muito desproporcional. Todos os helicópteros britânicos de transporte estavam em um mesmo navio-carga, que ao ser afundado deixou os britânicos com apenas um, este que estava voando no momento do ataque. Outra lição que deve ser ensinada sobre este ponto: nunca transporte todos os elementos da mesma espécie em um só veículo.

Finalmente, pode-se afirmar que tudo o que se poderia extrair dos números relativos aos conflitos na região foi mostrado e, agora, resta utilizar os mesmos procedimentos para o conjunto das cento e oitenta batalhas selecionadas, iniciando com a ocorrência das mesmas nas regiões que constam nas tabelas 15 e 16 com o intuito de favorecer uma comparação entre guerras e batalhas. Para tanto as tabelas 17 e 18 seguiram o mesmo padrão temporal das duas tabelas anteriores.

TABELA 17 – Regiões e Períodos (Séculos XIX e XX) de Ocorrência das Batalhas da América Latina, com os seus percentuais correspondentes.

Região/Período	XIX	%	XX	%	Total	%
América Central	10	7,4	11	24,4	21	11,7
América do Sul	76	56,3	20	44,4	96	53,3
Caribe e México	49	36,3	04	8,9	53	29,4
Fora da Área	0	0,0	10	22,3	10	5,6
Total	135	100,0	45	100,0	180	100

A América do Sul possui, em termos percentuais, mais batalhas do que guerras, contudo para todos os outros pontos a formatação geral de guerras e batalhas é semelhante.

Das cento e oitenta batalhas analisadas, 75% ocorreram durante o século XIX e somente um quarto delas eclodiu no século passado. Os anos com maior número de batalhas, seis batalhas para cada um, foram: 1823, 1863 e 1866. As seis batalhas de 1823 e 1866 ocorreram em duas guerras, enquanto que em 1863 as seis batalhas representavam quatro guerras que estavam ocorrendo simultaneamente, o que faz de 1863 o ano com um maior número de batalhas e de guerras.

Uma das guerras deste ano foi a da Intervenção Francesa, de Napoleão III, no México. Foram seis longos anos (1861-67) de luta entre as forças imperiais francesas e seus aliados, os conservadores mexicanos, contra os liberais nativos. Antes da derrota final, em Querétaro, os franceses foram batidos em duas batalhas, que se tornaram clássicas. A de 1863 – Camerone – criou, ironicamente, uma legenda para os perdedores. Uma unidade de sessenta e cinco combatentes da Legião Estrangeira, lutando pela França, foi resgatada por outra coluna

francesa depois resistirem dez horas de luta contra dois mil e quatrocentos mexicanos. No momento do resgate o grupo contabilizava trinta mortos e trinta e dois feridos graves.

FIGURA 7 – Primeira Batalha de Puebla.



Fonte: Victor CIVITA (ed). **História das Civilizações.** Vol V, p. 130.

No ano anterior as coisas foram ainda piores para a França. Logo depois do desembarque os franceses tentaram tomar a capital mexicana e no meio da rota até lá, tinham que tomar a cidade de Puebla, a cavaleiro da estrada que conduzia à capital. A ação teve repercussão mundial e Napoleão II ficou tão humilhado que enviou as melhores tropas do Segundo Império para combater no México. Mais de vinte e seis mil soldados, com muitos veteranos da Guerra da Criméia e das campanhas italianas. Assim Puebla (na segunda batalha com o mesmo nome e no mesmo ano) e a capital foram tomadas.

A Primeira Batalha de Puebla, 05 de maio de 1862 (data nacional no México, o "Cinco de Mayo"), também merece ser destacada porque, como a de Tampico (1829, contra os espanhóis) em relação à Santa Anna, ela criou um "herói". A Figura 7 mostra o momento crucial da batalha. Os franceses estão escalando o *Cerro* de Guadalupe, em terreno agreste, e forçando a flanco direito dos liberais, que ameaça ceder. Contudo, os franceses (com detalhes

em vermelho no uniforme da pintura) são atacados na retaguarda pela Segunda Brigada, comandada pelo então general Porfírio Díaz.

Vale registrar que o ano de 1863 representa o ápice de uma curva ascendente das Ondas K, e, portanto, representa o momento em que os Estados possuem uma maior capacidade para gastos. Este aspecto vem reforçar a idéia de que o potencial econômico favorece uma melhoria das condições militares para desencadear conflitos, concepção esta já desenvolvida no capítulo **A Serpente da Guerra.**

Na seqüência aparecem os anos com cinco batalhas cada um. São eles: 1811 (três guerras), 1813 (três guerras), 1847 (uma guerra) e o ano de 1868 (duas guerras). O destaque aqui fica para os anos iniciais da centúria, os da época das guerras de independência. A década de sessenta aparece mais uma vez, sendo também uma das maiores em número de batalhas. Com quatro batalhas figuram os anos de 1810, 1818, 1895, 1896 e 1903, sendo este o ano com maior número de batalhas no século XX. As quatro batalhas do ano de 1903 estão enquadradas em duas guerras: a Questão do Acre, entre a Bolívia e o Brasil, e o confronto da Venezuela com as potências européias, que, ainda no século XX, vinham cobrar as dívidas com a "Política das Canhoneiras".

No total, os doze anos com maior número de batalhas representam, apenas, 6% dos anos do período, mas correspondem a quase um terço (cinqüenta e oito batalhas, 32,2% do total) do número final de batalhas. Este dado parece significar uma concentração desproporcional na incidência de batalhas ao longo do tempo estudado, sendo o período das Guerras de Independência e o terceiro quarto do século XIX os momentos de pico desta concentração.

A Guerra de Secessão dos EUA (1861-65) parece ser parte da explicação para este aumento de conflitos na América Latina no terceiro quarto do século XIX. Com o idealizador da "Doutrina Monroe" lutando feroz e longamente dentro da própria casa dividida, as nações européias, mormente Espanha e França, sentiram que poderia ter chegado seu momento de agir.

A Espanha não perdeu tempo e duas guerras na década de sessenta formam o marco desta tentativa castelhana de recolonização; uma contra os países andinos, em 1865-66, e outra na anexação de Santo Domingo, de 1861 até o término da guerra nos EUA. A França invadiu o México, também em 1861. Possivelmente, a Guerra dos Dez Anos em Cuba (1868-

78) poderia ser acrescentada a lista. A Guerra do Paraguai, iniciada em dezembro de 1864, está enquadrada nos mesmos ditames desta lógica?

As Guerras de Independência tiveram muitas batalhas significativas. Os movimentos de emancipação nacional na região são considerados tão importantes que acabaram compondo um capítulo deste trabalho (**O Nascimento Doloroso**). E, pelo caráter fundante que essas batalhas apresentam, elas foram profusamente retratadas e glorificadas. A representação iconográfica de uma delas chamou tanto a atenção que se tornou a página de rosto desta pesquisa. A imagem, da mesma forma, consegue integrar-se com o título que o trabalho recebeu, **Soldados Nus, Filhos do Acaso ou Filhos da Glória?**

Contudo, não foi devido a isso que ela foi aqui inserida. O ataque frontal que Bolívar realizou na ponte de Boyacá em 07 de agosto de 1819, conforme mostrado na Figura 8, é composto por elementos de infantaria, com arma de fogo de porte individual. Os soldados estão, na sua grande maioria, descalços, trajando roupas brancas de algodão e chapéus. Logo, não utilizam uniforme; este item é exclusivo dos oficiais, que estão a cavalo.

FIGURA 8 – Batalha de Boyacá.



Fonte: Victor CIVITA (ed). História das Civilizações. Vol V, p. 14.

FIGURA 9 – Exército da Nicarágua em Marcha.



Fonte: Robert L. SCHEIMA. **Latin America's Wars.** Vol II, p. 58.

A Figura 9, uma foto do Exército da Nicarágua em marcha no ano 1927, quando ocorreu mais uma das intervenções dos EUA no país. Um vetusto adágio chinês diz que *"uma imagem vale mais que mil palavras."* Logo, não se precisa relatar o que se vê na foto. O armamento, a linha férrea e o poste de telégrafo estão a uma eternidade tecnológica do que é mostrado na figura da ação de Boyacá; o espaço físico também é outro, deslocou-se do centro da Colômbia para o meio da América Central. Mais de um século se interpõe as duas imagens.

Contudo, a sensação que se tem ao olhar para as duas imagens é a de que o tempo foi suspenso. De que se trata do mesmo grupo de pessoas e que os homens que marcham na figura 9 estão se dirigindo para o ataque da figura 8. E, o mais impressionante: isso não ocorre porque são dois grupamentos táticos idênticos de fuzileiros a pé, para usar o jargão militar, mas pela mera razão de que na América Latina, a tão procurada, pelos historiadores, dicotomia entre a permanência e a transitoriedade está, inexplicavelmente, sempre presente.

Talvez seja esta a magia da história, e da literatura, latino-americana, um encanto por demais fascinante que acaba se tornando fantasmagórico, atando o pesquisador em espaços e momentos que não são o que parecem ser. Aí está a razão dos refúgios pedregosos e,

aparentemente, sólidos da lógica cartesiana, igualmente tão recorrentes na cultura, e na política, da América Latina. O motivo pelo qual se deva ir para a tabela 18.

TABELA 18 – Regiões e Períodos (as duas metades dos Séculos XIX e XX) de Ocorrência das Batalhas da América Latina.

Região/Período	1/XIX	2/XIX	1/XX	2/XX	Total
América Central	0	10	06	05	21
América do Sul	49	27	16	04	96
Caribe e México	22	27	03	01	53
Fora da Área	0	0	02	08	10
Total	71	64	27	18	180

Ao contrário do observado na tabela 16 os períodos de cinqüenta anos não se apresentam homogêneos, mas com uma acentuada inclinação para baixo, o que pode indicar a existência de guerras com menos embates militares ou com eventos bélicos de menor importância. A taxa de mortalidade, também declinante para os mesmos períodos, já prenunciava este fenômeno. Nos outros quesitos existe uma similaridade comportamental entre as tabelas 16 e 18, com uma exceção: o aumento de batalhas na região do Caribe/México entre as duas metades do século XIX.

A questão da incidência de batalhas pode ficar ainda mais precisa se a análise sair do nível sub-região e descer aos Estados. A tabela 19 apresenta, exatamente, esta situação.

TABELA 19 – Localização das Batalhas da América Latina durante os Séculos XIX e XX (por Número de Batalhas e Percentual sobre o Total).

Países	Núm	% do Total
Paraguai	16	8,9
Peru	15	8,3
Bolívia	14	7,8
Equador	11	6,1
Argentina	9	5,0
Brasil	7	3,9
Colômbia	7	3,9
Chile	6	3,3
Venezuela	6	3,3
Uruguai	5	2,8
México	19	10,6
Cuba	17	9,4
Rep. Dom.	10	5,6

Haiti	7	3,9
El Salvador	7	3,9
Nicarágua	5	2,8
Honduras	4	2,2
Costa Rica	2	1,1
Guatemala	2	1,1
Panamá	1	0,6
Angola	3	1,7
Coréia do Norte	2	1,1
Etiópia	2	1,1
Itália	2	1,1
Moçambique	1	0,6
Total	180	100,0

Uma das utilidades da tabela 19 é mostrar, de forma direta, os países que mais foram invadidos na história da região, uma vez que batalhas travadas em seu próprio território são, geralmente, defensivas. Será que este ponto também não pode relevar o grau de vulnerabilidade (ou, mesmo, fraqueza) militar dos países estudados. É tentador, porém leviano, devido ao simples fato de que um indicador apenas não garante a validade da afirmação. De qualquer forma, as conclusões parciais tiradas daqui podem ser acopladas com as tantas outras que já foram analisadas, e que ainda serão neste capítulo, para montar um quadro geral mais confiável.

O parágrafo anterior fez considerações de ordem qualitativa, mais interessantes que as puramente numéricas, mas que também são muito mais difíceis de serem levantadas e mais ainda de se conseguir comprovação. Por isso quase todas as considerações deste capítulo são de ordem quantitativa. Talvez ainda seja prematuro levantar grandes e variadas explicações qualitativas para dados que acabaram de ser levantados.

Portanto, sob a proteção quantitativa, pode-se afirmar que uma média de nove batalhas por país latino-americano é o padrão para o recorte temporal desta pesquisa. No tocante aos locais de ocorrência de batalhas no subcontinente, as médias são bastante variáveis para as regiões destacadas na tabela. A média mais alta é a da região do Caribe/México com 13,3 batalhas/país, enquanto que a menor fica com a América Central (3,5). A taxa da América do Sul com 9,6 batalhas/país praticamente segue a média geral, mesmo porque, com dez países, ou seja, a metade do número estudado, e com o maior número de batalhas disputadas na

região (96), todas as médias do subcontinente tendem a acompanhar os índices sul-americanos.

TABELA 20 – Países Perdedores das Batalhas da América Latina durante os Séculos XIX e XX (por Número de Batalhas e Percentual sobre o Total).

Países	Núm	% do Total
Peru	17	9,4
Argentina	13	7,2
Paraguai	13	7,2
Bolívia	7	3,9
Brasil	7	3,9
Equador	6	3,3
Chile	4	2,2
Colômbia	3	1,7
Venezuela	3	1,7
Uruguai	2	1,1
México	14	7,8
Haiti	9	5,0
Cuba	8	4,4
Rep. Dom.	3	1,7
El Salvador	6	3,3
Nicarágua	6	3,3
Honduras	4	2,2
Guatemala	3	1,7
Costa Rica	1	0,6
Panamá	1	0,6
Espanha	34	18,9
França	6	3,3
Alemanha	3	1,7
Portugal	2	1,1
Somália	2	1,1
África do Sul	1	0,6
China	1	0,6
EUA	1	0,6
Total	180	100,0

As médias, neste caso, estão mais próximas como se pode ver a seguir: Caribe/México com 8,5 batalhas/país; América do Sul com 7,5; América Central (3,5) e 6,5 para os países estrangeiros. Parece surpreendente, neste último grupo, o elevado número de derrotas da

Espanha; contudo deve-se lembrar que a mesma participou de nove guerras de Independência das suas colônias e perdeu oito delas. É evidente que ela ganhou também muitas batalhas nestas guerras perdidas, mas o resultado geral é desfavorável pela própria lógica de um conflito em que se é derrotado.

TABELA 21 – Países Vencedores das Batalhas da América Latina durante os Séculos XIX e XX (por Número de Batalhas e Percentual sobre o Total).

Países	Núm	% do Total
Brasil	16	8,9
Chile	10	5,6
Colômbia	10	5,6
Paraguai	10	5,6
Bolívia	9	5,0
Peru	9	5,0
Argentina	7	3,9
Equador	4	2,2
Uruguai	4	2,2
Venezuela	3	1,7
Cuba	15	8,3
Rep. Dom.	7	3,9
México	5	2,8
Haiti	3	1,7
El Salvador	6	3,3
Guatemala	6	3,3
Costa Rica	2	1,1
Nicarágua	2	1,1
Honduras	1	0,6
Panamá	0	0,0
Espanha	23	12,8
EUA	15	8,3
França	4	2,2
África do Sul	3	1,7
Inglaterra	3	1,7
Portugal	2	1,1
China	1	0,6
Total	180	100,0

A distância entre as médias retornou a aumentar. A América do Sul tem a maior média com 8,2. A região do Caribe/México aparece em segundo com 7,5 devido ao bom

desempenho de Cuba, fazendo com que a região fique à frente dos países estrangeiros (7,3) que aparecem logo depois. Novamente os números da Espanha são expressivos, porém o dado mais significativo não é o simples número de vitórias ou de derrotas, mas é a relação entre estes dois valores, como será visto na tabela 22. A média mais baixa ficou por conta da América Central (2,8), devido as freqüentes e vitoriosas intervenções dos Estados Unidos da América no grande istmo.

As tabelas 20 e 21 provocaram poucos comentários sobre os países porque isoladamente elas não permitem muitas comparações fidedignas. Entretanto, a fusão das duas na tabela 22 gerou um percentual de vitórias sobre o número de batalhas que cada país participou, possibilitando uma comparação com um nível de compatibilidade maior, da mesma maneira como foi efetuado para o caso do desempenho nas guerras.

TABELA 22 - Desempenho dos Países nas Batalhas da América Latina Independente (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Lugar	Países	Vit.	%	Der.	%	Total
1	Colômbia	10	**76,9**	3	23,1	13
2	Chile	10	**71,4**	4	28,6	14
3	Brasil	16	**69,6**	7	30,4	23
4	Uruguai	4	**66,7**	2	33,3	6
5	Bolívia	9	**56,3**	7	43,8	16
6	Venezuela	3	**50,0**	3	50,0	6
7	Paraguai	10	**43,5**	13	56,5	23
8	Equador	4	**40,0**	6	60,0	10
9	Argentina	7	**35,0**	13	65,0	20
10	Peru	9	**34,6**	17	65,4	26
1	Guatemala	6	**66,7**	3	33,3	9
2	Costa Rica	2	**66,7**	1	33,3	3
3	El Salvador	6	**50,0**	6	50,0	12
4	Nicarágua	2	**25,0**	6	75,0	8
5	Honduras	1	**20,0**	4	80,0	5
6	Panamá	0	**0,0**	1	100,0	1
1	Rep. Dom.	7	**70,0**	3	30,0	10
2	Cuba	15	**65,2**	8	34,8	23
3	México	5	**26,3**	14	73,7	19
4	Haiti	3	**25,0**	9	75,0	12
TOTAL		**129**	**49,8**	**130**	**50,2**	**259**

Os percentuais dos primeiros lugares e dos últimos estão mais próximos entre si que os percentuais correspondentes no caso das guerras, demonstrando que o resultado geral dos conflitos nem sempre garante o mesmo desempenho nas batalhas. Em outras palavras, pode ganhar muitas batalhas em uma guerra e acabar perdendo a mesma.

Uma melhor capacidade militar, alicerçada no estofo econômico, é responsável, quase que infalivelmente, pelo resultado favorável em guerras de maior vulto e duração, mas não garante a vitória em todas as batalhas ou em guerras de menor duração ou intensidade. Ocorre que nestes casos, às vezes, simplesmente não houve tempo suficiente para que a estrutura sócio-econômica superior pudesse ser alocada com eficiência ou em grau significativo para mudar o resultado.

Um outro fator, além da capacidade militar e econômica, também pode ajudar a compor o quadro final de uma guerra; as observações levantadas por Paul Kennedy no livro base desta tese, **Ascensão e Queda das Grandes Potências,** e que serão discutidas no capítulo **O Fogo do Dragão,** são das mais relevantes sobre este fator, o geográfico.

TABELA 23 - Desempenho dos Países Estrangeiros nas Batalhas da América Latina Independente (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Países	Vit.	%	Der.	%	Total
Inglaterra	3	**100,0**	0	0,0	3
EUA	15	**93,8**	1	6,3	16
África do Sul	3	**75,0**	1	25,0	4
Portugal	2	**50,0**	2	50,0	4
China	1	**50,0**	1	50,0	2
Espanha	23	**40,4**	34	59,6	57
França	4	**40,0**	6	60,0	10
Alemanha	0	**0,0**	3	100,0	3
Somália	0	**0,0**	2	100,0	2
Total	**51**	**50,5**	**50**	**49,5**	**101**

O desempenho dos países estrangeiros nas batalhas com latino-americanos, em um primeiro momento, pode parecer melhor do que foi o desempenho nas guerras, mas um retorno à tabela 11 elimina esta impressão aparente. Eles perderam, percentualmente falando, mais batalhas do que guerras, dado que confirma as idéias escritas nos parágrafos da tabela 22.

Para consolidar a discussão, os dados da tabela 23 foram agrupados em sub-regiões.

TABELA 24 – Desempenho das Regiões nas Batalhas da América Latina Independente (com o Número de Vitórias e Derrotas e os Percentuais Correspondentes).

Região	Vit.	%	Der.	%	Total
América do Sul	82	**52,2**	75	47,8	157
América Central	17	**44,7**	21	55,3	38
Caribe/México	30	**46,9**	34	53,1	64
América Latina	129	**49,8**	130	50,2	259
Resto do Mundo	51	**50,5**	50	49,5	101
TOTAL	180	**50,0**	180	50,0	360

Os percentuais de vitória estão muito próximos da média e entre si, mas mesmo assim os países estrangeiros e a América do Sul, que em condições gerais, possuem a melhor capacidade militar e econômica dos grupos analisados ficaram com os melhores percentuais, sendo o dos sul-americanos ainda melhor que o dos países estrangeiros. Em suma, pode-se concluir que nem sempre um melhor potencial econômico garante a vitória em batalhas, mas geralmente sim.

Por fim, chegou o momento de se tratar as questões que, apesar de terem sido levantadas como relevantes, foram até agora escamoteadas. Bem, este processo foi intencional, porque as suas conclusões parecem ser tão mais significativas e importantes que o conjunto do capítulo e, assim, merecem figurar como ponto final do mesmo.

Em conformidade com os comentários da tabela 14, trata-se de verificar se países latino-americanos com sistemas politicamente abertos, como definido no capítulo **A Serpente da Guerra,** conseguiram um desempenho militar superior a países com sistemas politicamente fechados.

TABELA 25 – Comparação entre o Sistema Político e o Desempenho nas Trinta e Duas Guerras na América Latina no Século XIX (com o Número de Vitórias e Derrotas, e os Percentuais Correspondentes).

Sistemas Políticos	Início	Final	Vit. A	%	Vit. F	%
Diferentes	15	16	14	87,5	02	12,5
Semelhantes	17	16	06	37,5	10	62,5
TOTAL	**32**	**32**	**20**	**62,5**	**12**	**37,5**

A resposta é verdadeira para os trinta e dois conflitos do século XIX e se considerar apenas os dezesseis confrontos nos quais os dois sistemas tiveram choque direto, que é o

ponto mais significativo, a superioridade dos sistemas abertos é ainda maior, sete vezes maior, para ser exato.

Os outros dezesseis confrontos, nos quais países com sistemas semelhantes lutaram entre si, respondem afirmativamente a pergunta levantada no final dos comentários da tabela 17. Em contrapartida, pode ser levantado o argumento de que os resultados mostrados na tabela 25 não refletem a verdadeira situação dos países latino-americanos porque ela incorpora guerras com países não integrantes da região, distorcendo assim as conclusões.

Para dar conta deste caso foi montada a tabela abaixo.

TABELA 26 – Comparação entre o Desempenho nas Dezessete Guerras Exclusivamente Latino-Americanas e o Sistema Político no Século XIX (com o Número de Vitórias e Derrotas, e os Percentuais Correspondentes).

Sistemas Políticos	Início	Final	Vit. A	%	Vit. F	%
Diferentes	07	08	07	87,5	01	12,5
Semelhantes	10	09	06	66,7	03	33,3
TOTAL	**17**	**17**	**13**	76,5	**04**	23,5

A situação agora, manteve-se ainda mais favorável aos países de sistemas politicamente abertos. A posição ficou precisamente a mesma nos conflitos entre sistemas diferentes, mas melhorou muito entre os semelhantes, somando um total mais positivo que o da tabela anterior.

TABELA 27 – Comparação entre o Sistema Político e o Desempenho nas Vinte e Oito Guerras na América Latina no Século XX (com o Número de Vitórias e Derrotas, e os Percentuais Correspondentes).

Sistemas Políticos	Início	Final	Vit. A	%	Vit. F	%
Diferentes	19	20	16	80,0	04	20,0
Semelhantes	09	08	04	50,0	04	50,0
TOTAL	**28**	**28**	**20**	71,4	**08**	28,6

O século passado foi, igualmente, favorável para os países de sistemas politicamente abertos. O total ficou melhor que o do século XIX, mas nos confrontos diretos a vantagem decaiu de, sete vezes maior, para quatro vezes, o que ainda é uma vantagem bastante confortável. Repetindo a mesma operação da tabela 26 foi elaborada a de número 28 para dar conta da questão exclusivamente latino-americana no século XX.

TABELA 28 - Comparação entre o Desempenho nas Doze Guerras Exclusivamente Latino-Americanas e o Sistema Político no Século XX (com o Número de Vitórias e Derrotas, e os Percentuais Correspondentes).

Sistemas Políticos	Início	Final	Vit. A	%	Vit. F	%
Diferentes	08	09	07	77,8	02	22,2
Semelhantes	04	03	02	66,7	01	33,3
TOTAL	**12**	**12**	**09**	75,0	**03**	25,0

Igualmente similar foi o resultado. O percentual nos conflitos entre sistemas diferentes caiu, porém o total geral aumentou devido ao acréscimo nos semelhantes.

A soma dos dados dos dois séculos originou as duas tabelas a seguir.

TABELA 29 – Comparação entre o Sistema Político e o Desempenho nas Sessenta Guerras na América Latina Independente (com o Número de Vitórias e Derrotas, e os Percentuais Correspondentes).

Sistemas Políticos	Início	Final	Vit. A	%	Vit. F	%
Diferentes	34	36	30	83,3	06	16,7
Semelhantes	26	24	10	41,7	14	58,3
TOTAL	**60**	**60**	**40**	66,7	**20**	33,3

Para as sessenta guerras da América Latina Independente a vantagem dos países de sistemas politicamente abertos foi de dois para um. E no confronto direto (trinta e seis guerras) a proporção de superioridade foi de cinco vezes!

TABELA 30 – Comparação entre o Desempenho nas Vinte e Nove Guerras Exclusivamente Latino-Americanas e o Sistema Político nos Séculos XIX e XX (com o Número de Vitórias e Derrotas, e os Percentuais Correspondentes).

Sistemas Políticos	Início	Final	Vit. A	%	Vit. F	%
Diferentes	15	17	14	82,4	03	17,6
Semelhantes	14	12	08	66,7	04	33,3
TOTAL	**29**	**29**	**22**	75,9	**07**	24,1

A vantagem dos países de sistemas politicamente abertos continua se reproduzindo e, provavelmente, permite que se façam as conclusões definitivas do capítulo.

Países que se envolveram pouco em guerras tiveram um bom aproveitamento em termos de vitórias e o inverso também pode ser confirmado, o de que países mais belicosos tiveram um resultado pouco favorável.

Tanto no estudo individualizado dos países como no total geral, aqueles Estados que possuíam sistemas mais abertos politicamente foram muito mais vitoriosos que os de sistemas politicamente fechados, ou mais fechados.

Então, mais do que substituir o *"Si vis Pacem, para Bellum"* pelo **"Si vis Pacem, depone Arma"** o melhor seria, ainda, acrescentar a este um mais novo axioma: **"Si vis Victoria, para Demokrateia".**

CAPÍTULO 5 - *TOQUES DA ETERNIDADE*

"... o instante é este equívoco em que o tempo e a eternidade se tocam, e é este contato que põe o conceito de ***temporal.****"*

Soren Aabyd KIERKEGAARD [135]

Apresentação

Este capítulo visa estabelecer os elementos possíveis de comparação do poder bélico e da capacidade militar potencial, real ou presumida dos principais países da América Latina ao longo do período considerado no trabalho, como um todo. Logo, o capítulo reveste-se de uma forma especial, pois a comparação sugerida é um dos elementos centrais da proposta de estudo aqui pretendida.

A idéia é mostrar os dados referentes a dois momentos da história do subcontinente: os anos iniciais dos séculos XX e XXI. Estes instantes foram escolhidos porque os dados do início do século XXI compõem uma visão do que se poderia chamar de uma balança de poder militar na América Latina na atualidade, enquanto que os do século XX são os mais confiáveis a que este trabalho pôde levantar do vasto material quantitativo anterior ao período da Segunda Guerra Mundial.

Outra vantagem da escolha destes momentos é a oportunidade de relacionar estes dados com os levantados no capítulo **O Nascimento Doloroso.** Como os dados do capítulo citado estão vinculados ao começo do século XIX, pode-se estabelecer uma seqüência com intervalos centenários para todo o recorte temporal abarcado pela tese.

Além disso, a análise aprofundada destes três momentos distintos no "continuum", em associação com uma comparação relacional destes mesmos dados em série, possibilita a construção, mais uma vez, da tão propagada dialética do tempo do evento conjuntural e do tempo do tecido estrutural; da dinâmica entre a curta e a longa duração.

Portanto, ao fazer a pretendida relação entre os instantes selecionados e a seqüência sugerida, o capítulo justifica o seu título e estabelece a ligação sugerida por Kierkegaard.

Exórdio Teórico

---

[135] Soren Aabyd KIERKEGAARD, **O Conceito de Angústia,** p. 92. O Grifo é do autor.

Como este capítulo pretende definir a posição das nações latino-americanas no tocante ao potencial militar convencional, a pesquisa utilizou-se de indicadores gerais sobre os países em foco no que diz respeito aos fatores econômicos, populacionais e territoriais. Evidentemente que os dados estritamente militares compõem o esteio maior da proposta deste trabalho. Estes elementos estão relacionados aos três vetores regulares do poder militar, quais sejam o terrestre, o aéreo e o marítimo. Da mesma forma, essa apresentação visa uma atualização dos conhecimentos disponíveis sobre o assunto, preocupando-se em mostrar uma visão abrangente e comparativa entre os mais importantes países da América Latina.

Assim sendo, o que foi feito aqui se trata de uma análise comparativa da capacidade militar seguindo, neste sentido, uma abordagem tradicional, ou seja, aquela que leva em conta os dados objetivos do poder militar, aqueles que podem ser contabilizados e de uma forma padronizada. Estes elementos tendem a ser os efetivos e gastos militares, bem como a quantificação do material militar similar ou correspondente. Também se pretende fazer uma abordagem menos tradicional e mais subjetiva (logo menos mensurável) a guisa de conclusão. Esta abordagem visa uma classificação qualitativa do potencial militar. Contudo, esta segunda apresentação é mais reduzida que a primeira pelo simples motivo de que o “vôo qualitativo” é sempre mais difícil e perigoso de se realizado.

A matéria-prima deste capítulo, portanto, foi retirada de obras e publicações de cunho militar, principalmente aquelas referentes à descrição do material bélico e da composição dos efetivos e dos gastos militares. Dentre estas se destacam pela sua importância e confiabilidade institucional, bem como pela complexidade e atualidade dos seus dados, os anuários “**The Military Balance”** do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres e do, também britânico, “**The Statesman's Year-Book”,** vinculado à Royal Geographical Society**.**

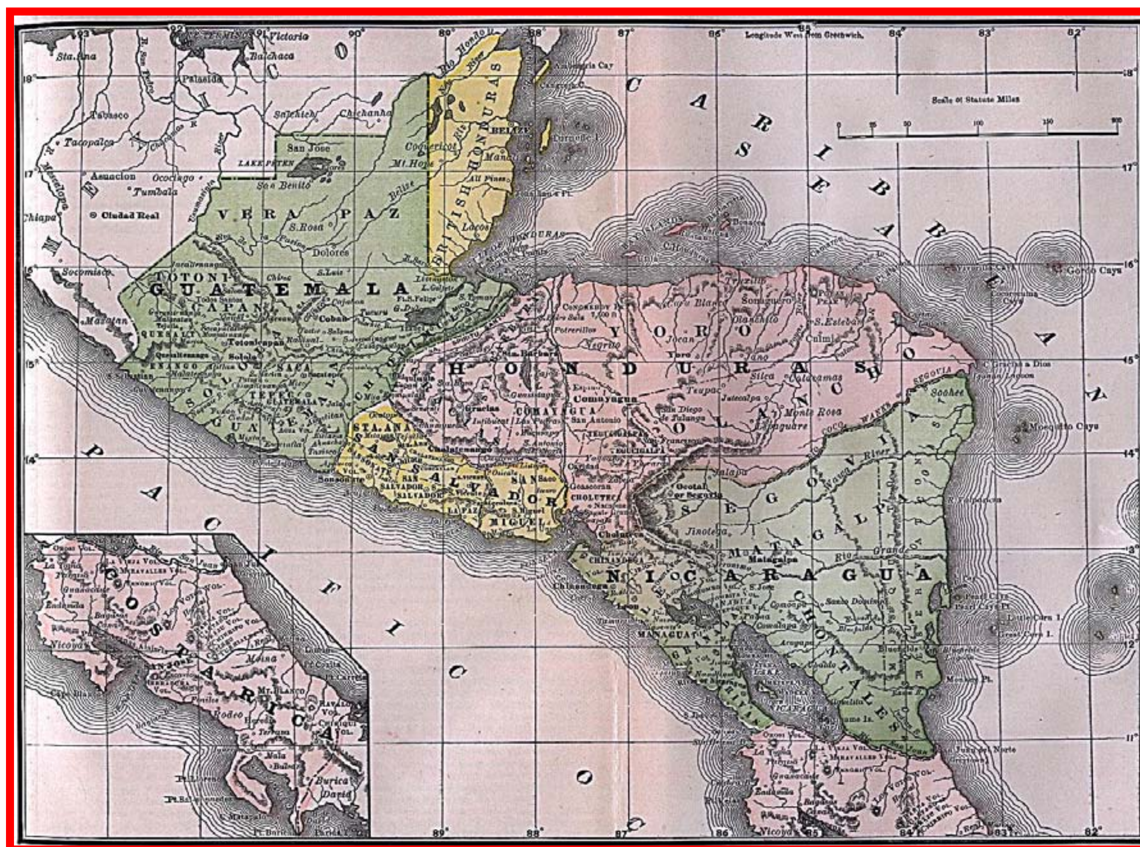
Este trabalho, em suma, pretende fazer uma análise, de forma diacrônica, que mostre as transformações ocorridas na balança do poder militar latino-americano ao longo dos séculos XIX, XX e início do XXI. Esta tarefa, no seu sentido mais amplo, pode ser traduzida como uma tentativa mais ousada com o propósito de oferecer um outro instrumental, ainda que parcial e incipiente, para as dimensões mensuráveis do poder militar além daqueles propostos por Ray Cline, Wayne Ferris e, mais recentemente, David Singer.[136]

[136] Ray S. CLINE. **World Assessment – A Calculus of Strategic Drift.** Washington: Georgetown University Press, 1975. Wayne FERRIS. **The Power Capabilities of Nation-States.** Lexington: Lexington Books, 1973. Paul DIEHL & David J. SINGER. **Measuring the Correlates of War.** Michigan: University of Michigan Press, 1990. Em www.militarypower.com encontra-se uma variável da aplicação do trabalho de Cline, inclusive para a América Latina (na versão brasileira, .br).

No início do século XX

Os Mapas 1 e 2, de 1892, dão uma idéia da configuração político-territorial dos países que serem tratados no tópico. Além do demais, juntamente com os outros mapas distribuídos pela tese eles compõem um esforço de se estabelecer ligações diacrônicas das mudanças ocorridas no espaço latino-americano nos duzentos anos deste estudo.

MAPA 1 – A América Central em 1892.



Fonte: http://lanic.utexas.edu/la/region/map

MAPA 2 – A América do Sul em 1892.



Fonte: http://lanic.utexas.edu/la/region/map

Para os anos iniciais do século XIX foram analisados dezoito paises, uma vez que Cuba ainda era colônia da Espanha e o Panamá uma província da Colômbia. Como o montante de dados disponível é muito menor que o conjunto do começo do século XXI, foram construídas apenas quatro tabelas com um leque de conjunto de dados igualmente menor, somente cinco colunas de itens puderam ser encontrados.

A montagem das cinco colunas, com os seus valores, na forma absoluta, resultou na Tabela 1, sendo que as Tabelas 2, 3 e 4 são derivações dos dados da tabela 1. Quatro colunas foram levantadas pelo "**Statesman's",** ficando apenas os itens de população com Albornoz.[137] Isto foi feito porque os dados do anuário não tinham incorporado, ainda, os censos de 1900, principalmente os dados do Paraguai, da República Dominicana e da Venezuela.

Da mesma maneira, fez-se necessária a conversão dos itens relativos à área nacional de milhas quadradas para quilômetros quadrados. Os dados monetários já estavam em dólares norte-americanos (ou em pesos, cujo valor era igual ao do dólar), com exceção do Brasil, cujos números, cotados em mil-réis, precisaram ser convertidos.

TABELA 1 – Dados Gerais para a América Latina no início do Século XX.

Países	Área	População	Efetivo	Orçamento	Gastos
Argentina	2.726.016	4.744.149	29.513	93.904.795	24.192.921
Bolívia	2.361.557	1.696.000	2.560	9.274.152	3.242.710
Brasil	7.723.512	17.318.000	23.800	138.400.000	29.080.000
Chile	671.762	2.904.000	17.385	82.602.426	22.714.583
Colômbia	1.211.455	3.825.000	13.825	40.427.575	13.317.088
Costa Rica	44.160	285.000	600	9.319.192	978.515
El Salvador	17.340	932.000	4.000	7.640.891	1.719.852
Equador	278.400	1.400.000	3.469	13.319.764	3.691.502
Guatemala	115.896	1.425.000	10.000	16.015.398	3.469.123
Haiti	24.490	1.270.000	6.828	4.422.816	884.563
Honduras	111.000	443.000	500	2.629.050	953.473
México	1.840.812	13.607.000	32.733	64.738.816	14.283.950
Nicarágua	118.080	448.000	2.000	5.335.059	1.361.935
Paraguai	376.800	440.000	1.582	8.122.179	645.852
Peru	1.669.759	3.791.000	4.000	15.767.540	3.853.230
Rep. Dom.	43.308	700.000	900	2.142.084	428.416
Uruguai	173.304	915.000	3.688	16.160.996	1.750.852
Venezuela	1.425.463	2.344.000	9.000	37.000.000	10.246.042
TOTAL	20.933.114	58.487.149	166.383	567.222.733	136.814.607

[137] J. Scott KELTIE (ed), **The Statesman's Year-Book**, edições de 1889 e 1903, passim. E Nicolás SÁNCHEZ-ALBORNOZ, **La Población de América Latina,** p. 183.

Legenda: Área=Km²; População=número de habitantes; Efetivo= número de militares; Orçamento (Nacional) e Gastos (Militares) =em US$ dólares.

Na Tabela 2, a visualização dos dados acima ficou mais simples, devido a aplicação do procedimento utilizado em capítulos anteriores, que considera o maior valor de cada coluna como sendo correspondente a vinte pontos e depois recalcula todos os outros dados em função deste ponto máximo. Por fim, foi acrescentada uma sexta coluna com a somatória dos pontos, permitindo uma comparação final na base dos Cem Pontos.

TABELA 2 – Dados Gerais Por Pontos
(maior índice de cada coluna = 20, Total no máximo =100).

Países	Área	População	Efetivo	Orçamento	Gastos	Total
Brasil	**20,00**	**20,00**	14,54	**20,00**	**20,00**	**94,54**
Argentina	7,06	5,48	18,03	13,57	16,64	**60,78**
México	4,77	15,71	**20,00**	9,36	9,82	**59,66**
Chile	1,74	3,35	10,62	11,94	15,62	**43,27**
Colômbia	3,14	4,42	8,45	5,84	9,16	**31,01**
Venezuela	3,69	2,71	5,5	5,35	7,05	**24,30**
Peru	4,32	4,38	2,44	2,28	2,65	**16,07**
Bolívia	6,12	1,96	1,56	1,34	2,23	**13,21**
Guatemala	0,3	1,65	6,11	2,31	2,39	**12,76**
Equador	0,72	1,62	2,12	1,92	2,54	**8,92**
Uruguai	0,45	1,06	2,25	2,34	1,2	**7,30**
Haiti	0,06	1,47	4,17	0,64	0,61	**6,95**
El Salvador	0,04	1,08	2,44	1,1	1,18	**5,84**
Paraguai	0,98	0,51	0,97	1,17	0,44	**4,07**
Nicarágua	0,31	0,52	1,22	0,77	0,94	**3,76**
Costa Rica	0,11	0,33	0,37	1,35	0,67	**2,83**
Honduras	0,29	0,51	0,31	0,38	0,66	**2,15**
Rep. Dom.	0,11	0,81	0,55	0,31	0,29	**2,07**

O Brasil conseguiu o primeiro lugar, vencendo quatro das cinco colunas, somente sendo superado pela Argentina e pelo México no quesito, significativo, dos efetivos militares. Estes são, não coincidentemente, os países a seguir na pontuação geral, mas estão muito distantes do montante brasileiro, demonstrando uma maciça superioridade do Brasil. Cabe registrar que

apenas estes países estão acima da metade dos pontos máximos possíveis, modelando uma balança de poder bastante assimétrica para a região.

Por outro lado, no contexto dos países da América Central e do Caribe, a Guatemala e o Haiti são os destaques, inclusive superando alguns países sul-americanos. Dentre estes o último lugar ficou com o Paraguai. Será o resultado, mesmo depois de trinta anos, da "Grande Guerra do Prata" ?

Talvez as Tabelas 3 e 4, com os dados relativos e a sua pontuação correspondente, possam iluminar melhor o ambiente estratégico na aurora dos Novecentos.

TABELA 3 – Dados Relativos para a América Latina no início do Século XX.

Países	Densidade	O/P	E/P	E/A	G %
Argentina	1,74	19,79	6,22	10,83	26
Bolívia	0,72	5,47	1,51	1,08	35
Brasil	2,24	7,99	1,37	3,08	21
Chile	4,32	28,44	5,99	25,88	27
Colômbia	3,16	10,57	3,61	11,41	33
Costa Rica	6,45	32,70	2,11	13,59	10
El Salvador	53,75	8,20	4,29	230,68	23
Equador	5,03	9,51	2,48	12,46	28
Guatemala	12,30	11,24	7,02	86,28	22
Haiti	51,86	3,48	5,38	278,81	20
Honduras	3,99	5,93	1,13	4,50	36
México	7,39	4,76	2,41	17,78	22
Nicarágua	3,79	11,91	4,46	16,94	26
Paraguai	1,17	18,46	3,60	4,20	08
Peru	2,27	4,16	1,06	2,40	24
Rep. Dom.	16,16	3,06	1,29	20,78	20
Uruguai	5,28	17,66	4,03	21,28	11
Venezuela	1,64	15,78	3,84	6,31	28
TOTAL	2,79	9,70	2,84	7,95	24

Legenda: Densidade=hab/Km²; O/P=Orçamento/População; E/P=Efetivo militar/1000 habitantes; E/T=Efetivo militar/1000 Km²; G %= Percentual dos Gastos Militares no Orçamento.

TABELA 4 – Dados Relativos por Pontos.

(maior índice de cada coluna = 20, total no máximo = 100).

Países	Densidade	Orç/Pop	E/P	E/A	Gastos	Total
Haiti	19,30	2,13	15,33	**20,00**	11,11	**67,86**
El Salvador	**20,00**	5,02	12,22	16,55	12,78	**66,56**

Chile	1,61	17,39	17,07	1,86	15,00	**52,92**
Guatemala	4,58	6,87	**20,00**	6,19	12,22	**49,86**
Argentina	0,65	12,10	17,72	0,78	14,44	**45,69**
Venezuela	0,61	9,65	10,94	0,45	15,56	**37,21**
Colômbia	1,18	6,46	10,28	0,82	18,33	**37,08**
Nicarágua	1,41	7,28	12,71	1,22	14,44	**37,06**
Costa Rica	2,40	**20,00**	6,01	0,97	5,56	**34,94**
Uruguai	1,96	10,80	11,48	1,53	6,11	**31,88**
Equador	1,87	5,82	7,07	0,89	15,56	**31,20**
Honduras	1,48	3,63	3,22	0,32	**20,00**	**28,65**
Bolívia	0,27	3,35	4,30	0,08	19,44	**27,44**
Paraguai	0,44	11,29	10,26	0,30	4,44	**26,73**
México	2,75	2,91	6,87	1,28	12,22	**26,02**
Rep. Dom.	6,01	1,87	3,68	1,49	11,11	**24,16**
Brasil	0,83	4,89	3,90	0,22	11,67	**21,51**
Peru	0,84	2,54	3,02	0,17	13,33	**19,91**

O primeiro ponto a ser destacado é que a diferença de pontuação entre os primeiros e os últimos lugares é bem menor que a da tabela 2, o que pode revelar uma boa adequação dos países “menores” aos desafios, igualmente menores, que eles devem dar conta.

Em contrapartida, o Brasil está em penúltimo lugar. O México também despencou na tabela. O argumento de que tenha, então, ocorrido uma mera inversão de pólos seria verdadeiro se a Argentina e o Chile (para ficar somente com os dois mais relevantes exemplos) não tivessem, por sua vez, garantindo praticamente os mesmos lugares no topo.

O Haiti, evidentemente, e a Guatemala continuaram bem colocados, mas El Salvador superou o desempenho guatemalteco na América Central. E, para complementar, o Paraguai não se modificou, pelo menos não de maneira significativa.

O começo do século XXI [138]

Dezenove países foram analisados neste período. Cuba e Panamá foram acrescentados à lista do início do século anterior, mas o Haiti deixou de ser considerado por conta do colapso

[138] Muito do que está escrito neste capítulo sobre o começo do século XXI é fruto de um artigo do autor, intitulado **A Balança de Poder Militar na América Latina: Uma Visão Atual,** e foi apresentado na UNICAMP, Campinas, em setembro de 2004, no *XVII Encontro Regional de História – O lugar da História* (*ANPUH/SP).*

governamental ocorrido no país durante a virada o milênio, e estava sob administração das Tropas de Paz da ONU, chefiadas pelo Brasil.

Os dados levantados, objetivando a comparação, estão divididos em dois grandes grupos: indicadores gerais e indicadores militares. Os indicadores gerais são aqueles que dizem respeito aos fatores econômicos, populacionais e territoriais. Os militares, que são a maioria e a base mais concreta para a análise comparativa, referem-se aos elementos ligados as questões de efetivos, gastos e equipamentos bélicos.

A apresentação dos dados comparativos é a mais atual possível e está disposta de forma uniforme e padronizada para os países em foco, possibilitando e ou favorecendo a tentativa de se construir uma classificação do potencial militar no subcontinente, de maneira a ordenar uma comparação da capacidade bélica entre os países estudados.

Além do mais, a comparação dos dados será feita de forma separada para cada um dos vetores do poder militar: o terrestre, o marítimo e o aéreo. Esta apresentação distinta dos dados militares para cada um dos três elementos da capacidade militar também permite um cotejamento fracionado dos vetores, da mesma maneira que possibilita a montagem da equiparação global de todos estes elementos.

Análise Geral para o Século XXI

A Tabela 5 introduz os dados para que se possa fazer a análise geral e começar o estudo aqui proposto.

TABELA 5 – Dados Gerais para a América Latina no início do Século XXI.

Legenda: Área=Km²; População=milhares de habitantes; PIB e Gastos (Militares)=milhares de US$ dólares; Litoral=Km.

Países	Área	População	PIB	Gastos	Litoral
Argentina	2.776.656	38.041	102.000	1.500	4.731
Bolívia	1.098.561	8.570	7.600	125	0
Brasil	8.547.403	174.471	436.000	10.200	7.408
Chile	756.945	15.943	66.600	2.700	5.338
Colômbia	1.138.336	44.083	82.000	3.000	2.076
Costa Rica	50.700	4.215	16.900	94	826
Cuba	114.124	11.234	28.700	1.100	3.380
El Salvador	21.383	6.521	14.200	164	304
Equador	282.561	13.096	24.300	724	2.057
Guatemala	108.899	11.883	23.400	192	330

Honduras	112.088	6.712	6.700	115	692
México	1.972.246	102.056	644.000	5.600	10.170
Nicarágua	130.000	5.364	2.600	33	824
Panamá	76.650	2.940	10.700	138	1.920
Paraguai	406.752	5.710	5.500	57	0
Peru	1.285.216	26.503	57.000	914	2.330
Rep. Dom.	48.793	8.633	23.500	161	972
Uruguai	196.928	3.436	12.400	224	966
Venezuela	912.050	25.052	130.100	1.100	2.816
TOTAL	20.036.291	514.463	1.694.300	28.141	47.140

Fonte: IISS. **The Military Balance, 2003-04.** Oxford, Oxford University Press, 2003. Pp 176-199 e 310-320. Adrian J. ENGLISH. **Armed Forces of Latin America: Their Histories, Development, Present Strength, and Military Potential**. London: Janes, 1984. Passim. (referências para todas as tabelas a partir desta).

TABELA 6 – Dados Gerais em Pontos (maior índice de cada coluna = 100).

Países	Área	População	PIB	Gastos	Litoral	Total
Argentina	32,5	21,8	15,8	14,7	46,51	26,26
Bolívia	12,9	4,91	1,18	1,22	0	4,03
Brasil	**100**	**100**	67,7	**100**	72,84	**88,11**
Chile	8,85	9,13	10,3	26,47	52,48	21,45
Colômbia	13,3	25,26	12,7	29,41	20,41	20,22
Costa Rica	0,59	2,41	2,62	0,92	8,12	2,93
Cuba	1,33	6,43	4,45	10,78	33,23	11,24
El Salvador	0,25	3,73	2,2	1,6	2,98	2,15
Equador	3,3	7,5	3,77	7,09	20,22	8,38
Guatemala	1,27	6,81	3,63	1,88	3,24	3,37
Honduras	1,31	3,84	1,04	1,12	6,8	2,82
México	23,1	58,49	**100**	54,9	**100**	**67,29**
Nicarágua	1,52	3,07	0,4	0,32	8,1	2,68
Panamá	0,89	1,68	1,66	1,35	18,87	4,89
Paraguai	4,75	3,27	8,55	0,55	0	3,42
Peru	15	15,19	8,85	8,96	22,91	14,19
Rep.Dom	0,57	4,94	3,64	1,57	9,55	4,05
Uruguai	2,3	1,96	1,92	2,19	9,49	3,57
Venezuela	10,7	14,35	20,2	10,78	27,68	16,74

Antes de a análise ser iniciada cabe ressaltar que esta tabela, em relação a tabela similar para o começo do século XX introduziu a coluna com a extensão do litoral e retirou a dos

efetivos Militares. Como já foi explicado este fato diz respeito a um maior número de dados para o momento atual, permitindo uma ampliação das propostas de análises.

Os efetivos serão considerados para cada força armada singular e irão compor o total de pontos de cada arma, para que se possa depois montar um quadro geral como todos os elementos e para todos os países. O quesito do Litoral será usado para verificar, obviamente, o grau de compatibilidade do potencial mensurável da marinha de cada país com a extensão do seu litoral.

A Base Cem foi adotado em algumas tabelas, no lugar da Base Vinte, devido ao valor absoluto dos dados ser mais elevado e para, consequentemente, permitir uma maior amplitude na comparação dos dados relativos.

No tocante as Tabelas 5 e 6, Cuba (em três tópicos), Guatemala e Nicarágua encontram-se na liderança dos países "menores" (América Central e Caribe). Sendo que os dois últimos, acima citados, lideram em apenas um tópico. Contudo, eles não são, por sua parte, os países com mais pontos na América Central, cabendo a posição ao Panamá. Com o passar do tempo, a diferença panamenha deve aumentar, agora que o país possui o controle sob o Canal e sob as rendas do mesmo.

Mas, o que fica mais evidenciado pelos dados da tabela é que existem somente dois gigantes na América Latina: o Brasil e o México. Eles dividem, de forma alternada, a liderança e a vice-liderança em nove das dez posições. O México somente perde a segunda posição para a Argentina no tocante ao território. Contudo, a grandeza de um país pode simplesmente significar a enormidade de seus problemas e isto também é muito válido em termos militares e estratégicos. Possuir mais riquezas e mais poder pode representar, e geralmente é o caso, uma maior vulnerabilidade e uma ainda mais crescente necessidade de investimentos e esforços para manter e defender os seus bens e interesses.

Bem, aqui se procura fazer uma tentativa de descer aos pormenores militares específicos para verificar se este panorama geral é mantido; principalmente levando-se em conta as questões levantadas no parágrafo anterior.

Poder Terrestre

A guisa de ilustração do que se está comparando foram acrescentadas as Figuras 1 e 2. Na primeira aparece um canhão Krupp de 80 mm, um dos defensores do Forte de San Carlos, na Venezuela, na época do ataque de nações européias em 1903, o famoso "Incidente da

Canhoneira *Panther*". O navio alemão foi atingido várias vezes pelos *Krupps* venezuelanos (ironicamente de origem germânica) e ficou seriamente avariado.

Por sua parte, a Figura 2 mostra um sistema de foguetes de artilharia para saturação de área. Trata-se do "ASTROS", um veículo brasileiro, tipo lançador de foguetes de 127 mm, com dois casulos de 16 artefatos cada um. Apesar de ser do início da década de oitenta, ainda é um dos instrumentos de artilharia mais eficientes na América Latina.

FIGURA 1 – Canhão Krupp de 80 mm, Venezuela (1903).



Fonte: www.favcub.org

FIGURA 2 – Sistema de Foguetes "ASTROS", do Exército Brasileiro (1983).



Fonte: www.defesabr.com/eb.htm

A Tabela 7 serve de ponto de partida para a análise dos exércitos latino-americanos. Quatro de suas colunas são uma mera reprodução numérica dos itens indicados, sendo que a aviação está restrita ao número de helicópteros. A coluna sobre o ***Poder de Salva*** é qualitativa e representa uma sugestão do autor para se medir o poder de fogo das armas terrestres. O cômputo deste item foi conseguido da seguinte forma: foram listados os canhões pesados e os dos tanques pelos seus calibres respectivos; multiplicou-se o número de canhões pelos calibres, e depois foram somados os números parciais de canhões/calibres diferentes.

TABELA 7 – Dados Absolutos sobre os Exércitos.

Países	Ef	T	C	PS	Av
Argentina	41.000	350	241	67.349	59
Bolívia	25.000	36	48	9.126	0
Brasil	189.000	464	521	101.631	78
Chile	48.000	260	175	48.425	50
Colômbia	178.000	0	86	903	100
Costa Rica	2.000	0	0	0	0
Cuba	35.000	900	300	122.220	0
El Salvador	13.850	0	50	525	0
Equador	50.000	140	144	28.222	32
Guatemala	29.200	0	76	798	0
Honduras	8.300	12	28	4.052	0
México	144.000	0	176	1.848	0
Nicarágua	12.000	65	81	16.427	0
Panamá	11.000	0	0	0	0
Paraguai	14.900	12	21	3.387	0
Peru	60.000	105	302	46.312	110
Rep. Dom.	15.000	12	28	3.852	0
Uruguai	15.200	54	61	11.315	0
Venezuela	34.000	272	102	3.792	26
TOTAL	925.450	2.682	2.440	470.184	455

Legenda: Ef=Efetivo, T=Tanques (Carros de Combate), C=Canhões Pesados, PS=Poder de Salva, AN=Aviação do Exército.

Fazendo-se a conversão dos dados da tabela acima para pontos com Base Vinte para cada coluna, conseguiu-se montar a tabela 8 que facilita a comparação entre os tópicos.

TABELA 8 - Dados sobre os Exércitos em Pontos

(maior índice de cada coluna = 20, Total = 100).

Países	Ef	T	C	PS	Av	Total
Argentina	4,33	7,77	9,25	11,02	10,72	**43,11**
Bolívia	2,64	0,80	1,84	1,49	- x -	**6,78**
Brasil	20,00	10,31	20,00	16,63	14,18	***81,12***
Chile	5,07	5,77	6,71	7,92	9,09	**34,59**
Colômbia	18,83	- x -	3,30	0,14	18,18	**40,46**
Costa Rica	0,21	- x -	- x -	- x -	- x -	**0,21**
Cuba	3,70	20,00	11,51	20,00	- x -	***55,22***
El Salvador	1,46	- x -	1,91	0,08	- x -	**3,47**
Equador	5,29	3,11	5,52	4,61	5,81	**24,36**
Guatemala	3,08	- x -	2,91	0,13	- x -	**6,13**
Honduras	0,87	0,26	1,07	0,66	- x -	**2,88**
México	15,23	- x -	6,75	0,30	- x -	**22,29**
Nicarágua	1,26	1,44	3,10	2,68	- x -	**8,51**
Panamá	1,16	- x -	- x -	- x -	- x -	**1,16**
Paraguai	1,57	0,26	0,80	0,55	- x -	**3,20**
Peru	6,34	2,33	11,59	7,57	20,00	**47,85**
Rep. Dom.	1,58	0,26	1,07	0,63	- x -	**3,55**
Uruguai	1,60	1,20	2,34	1,85	- x -	**7,00**
Venezuela	3,59	6,04	3,91	0,62	4,72	**18,90**

O Brasil lidera duas das colunas, consegue a segunda posição em duas e a terceira em uma delas. O Peru consegue a primeira posição em uma das colunas e Cuba lidera em duas, sendo que ela é absoluta na região da América Central e do Caribe. A Colômbia tem duas segundas colocações em dois pontos importantes: efetivos e avião do exército. São importantes, inclusive ou sobretudo, para a luta anti-guerrilha. Considerando-se apenas a América Central, aparecem, novamente, Guatemala (três colunas) e Nicarágua (uma coluna).

Poder Aéreo

A Tabela 9 mostra o poder "bruto" das forças aéreas latino-americanas, mas exige uma explicação mais detalhada que a Tabela 7 (poder terrestre) devido a maior complexidade em se analisar o vetor aéreo. As colunas de efetivos e bases representam os números puros e simplesmente. A coluna sobre o número de bases foi acrescentada porque, assim como na marinha, a dependência e vulnerabilidade dos mais sofisticados equipamentos aéreos e navais é maior que no exército.

A coluna sobre o ***Poder de Combate*** tem o mesmo significado e destaque que o ***Poder de Salva*** para o vetor terrestre e possui relação com o número, qualidade e geração dos jatos de combate utilizados. Na coluna de aviões de combate somente foram considerados os aviões à jato. Cada tipo de jato recebeu uma pontuação conforme demonstrado na tabela 10 e depois se procedeu a multiplicação do número de aviões pelos seus pontos correspondentes; os números parciais resultantes foram, por fim, somados.

TABELA 9 – Dados Absolutos sobre as Forças Aéreas.

Países	Ef	AC	PC	Ba	%
Argentina	13.000	105	200	15	18
Bolívia	3.000	16	16	7	9,5
Brasil	50.000	183	308,5	16	18
Chile	10.000	46	74	9	13
Colômbia	7.000	52	91,5	8	3,5
Costa Rica	300	0	0	0	11,5
Cuba	8.000	253	479,5	10	17,5
El Salvador	950	8	12	5	6
Equador	4.000	57	104,5	4	7
Guatemala	700	8	12	5	2
Honduras	2.300	24	47	3	19
México	12.000	25	40	9	6
Nicarágua	1.200	0	0	2	8,5
Panamá	400	0	0	1	3,5
Paraguai	1.700	9	9	1	9
Peru	15.000	109	244	8	15
Rep. Dom.	5.500	7	10,5	6	22,5
Uruguai	3.100	12	18	6	13
Venezuela	7.000	58	146,5	4	12
TOTAL	145.500	972	1.813	119	214,5

Legenda: Ef=Efetivo, AC=Aviões de Combate (Jatos), PC=Poder de Combate, Ba=Bases, %=Porcentual das Forças Armadas.

TABELA 10 – Geração dos Tipos de Jatos de Combate na América Latina.

Tipos	Pontos
F-16, MiG-29, Mirage 2000 e Super Etendard.	3,0
Dagger, F-5, MiG-23, Mirage F1 e Su-25.	2,5
A-4, Kfir, Mirage V, Mirage 50 e Su-22.	2,0
A-37, AMX, Jaguar, MiG-21 e Mirage III.	1,5
Halcon, Pampa, Strikemaster, T-33 e Xavante.	1,0

Como já foi feito no vetor de terra, pode-se converter os dados da tabela 9 para pontos com Base Vinte para cada coluna.

TABELA 11 – Dados sobre as Forças Aéreas em Pontos (maior índice de cada coluna = 20, Total = 100).

Países	Ef	AC	PC	Ba	%	Total
Argentina	5,20	8,30	8,34	18,75	16,00	**56,59**
Bolívia	1,20	1,26	0,66	8,75	8,44	**20,32**
Brasil	20,00	14,46	12,86	20,00	16,00	***83,33***
Chile	4,00	3,63	3,08	11,25	11,55	**33,52**
Colômbia	2,80	4,11	3,81	10,00	3,11	**23,83**
Costa Rica	0,12	- x -	- x -	- x -	10,22	**10,34**
Cuba	3,20	20,00	20,00	12,50	15,55	***71,25***
El Salvador	0,38	0,63	0,50	6,25	5,33	**13,09**
Equador	1,60	4,50	4,35	5,00	6,22	**21,68**
Guatemala	0,28	0,63	0,50	6,25	1,77	**9,44**
Honduras	0,92	1,89	1,96	3,75	16,88	**25,41**
México	4,80	1,97	1,66	11,25	5,33	**25,02**
Nicarágua	0,48	- x -	- x -	2,50	7,55	**10,53**
Panamá	0,16	- x -	- x -	1,25	3,11	**4,52**
Paraguai	0,68	0,71	0,37	1,25	8,00	**11,01**
Peru	6,00	8,61	10,17	10,00	13,33	**48,12**
Rep. Dom.	2,20	0,55	0,43	7,50	20,00	**30,69**
Uruguai	1,24	0,94	0,75	7,50	11,55	**21,99**
Venezuela	2,80	4,58	6,11	5,00	10,66	**29,16**

Coincidentemente, Brasil e Cuba tiveram o mesmo desempenho que o obtido no tocante as forças de terra. Uma surpresa aparente foi a República Dominicana obter o melhor índice latino-americano para o percentual dos efetivos da força aérea. Na América Central, a Guatemala garantiu uma coluna e Honduras três, configurando-se como a melhor força aérea da região.

Como ocorreu com as figuras anteriores, a comparação visual dos instrumentos bélicos é muito útil e, desta feita, dois deles estão em uma mesma Figura (número 3), que retrata, de forma muito direta e plástica a imagem dos tempos. Os aviões da figura, da Força Aérea Venezuelana (FAV), são o caça F-16, de fabricação norte-americana, que é um dos mais modernos aviões em ação na América Latina e o Caudron G-3, de projeto francês, o primeiro modelo de avião da FAV, quando ela foi formada em 1920.

FIGURA 3 – Aviões F-16 e Caudron G-3 da Força Aérea Venezuelana.



Fonte: www.favcub.org

Para finalizar a parte aérea resta um comentário quanto a coluna do percentual. Esta se refere ao número de efetivo da força aérea em relação ao total das forças armadas do país. A idéia neste último ponto é a de que quanto maior o percentual da marinha e da força aérea no efetivo total, mais sofisticada, poderosa e diversificada é a potência militar do país referido.

Para que esta colocação pode ser considerada também em termos comparativos basta utilizar os dados da Tabela 12. Nela, Inclusive, foram incluídos cinco dos países com maior capacidade militar do planeta, para que a relação possa ser feita igualmente com os padrões mundiais.

TABELA 12 – Efetivos Militares da América Latina e das Cinco Potências Mundiais (em milhares de militares e com os seus percentuais correspondentes).

Países	**Exército**	**%**	**Marinha**	**%**	**Força Aérea**	**%**	**Total**
Argentina	41	**58**	17	**24**	13	**18**	71
Bolívia	25	**79,5**	3,5	**11**	3	**9,5**	31,5
Brasil	189	**65**	48	**17**	50	**18**	287
Chile	48	**62**	19	**25**	10	**13**	77
Colômbia	178	**89**	15	**7,5**	7	**3,5**	200
Costa Rica	2	**77**	0,3	**11,5**	0,3	**11,5**	2,6
Cuba	35	**76**	3	**6,5**	8	**17,5**	46
El Salvador	13,85	**89**	0,7	**5**	0,95	**6**	15,5
Equador	50	**84**	5,5	**9**	4	**7**	59,5
Guatemala	29,2	**93**	1,5	**5**	0,7	**2**	31,4
Honduras	8,3	**69**	1,4	**12**	2,3	**19**	12
México	144	**75**	37	**19**	12	**6**	193
Nicarágua	12	**86**	0,8	**5,5**	1,2	**8,5**	14
Panamá	11	**93**	0,4	**3,5**	0,4	**3,5**	11,8

Paraguai	14,9	**80**	2	**11**	1,7	**9**	18,6
Peru	60	**60**	25	**25**	15	**15**	100
Rep. Dom.	15	**61**	4	**16,5**	5,5	**22,5**	24,5
Uruguai	15,2	**63**	5,7	**24**	3,1	**13**	24
Venezuela	34	**57,5**	18	**30,5**	7	**12**	59
China	1700	**76**	250	**11**	300	**13**	2250
EUA	485	**34**	574	**40**	368	**26**	1427
França	137	**56**	45	**18**	64	**26**	246
Reino Unido	117	**55**	42	**20**	53	**25**	212
Rússia	321	**48**	155	**24**	184	**28**	660

Iniciando os comentários pelos países estrangeiros fica evidente que, com exceção da China, o percentual do efetivo do exército sobre o total geral fica bem abaixo dos 60%, sendo a força aérea a segunda arma em percentual em quatro dos países. As diferenças ficam por conta do grande, mesmo percentualmente, exército chinês e da marinha dos EUA. Isto é, o velho confronto do poder marítimo com o poder terrestre.

Entrementes, a posição chinesa, mercê do seu processo de modernização, deve mudar e rapidamente, passando a ser uma potência híbrida, logo, com percentuais mais equilibrados; fatos comentados no **A Serpente da Guerra.** A marinha dos EUA, por sua parte, é em si mesma um universo de forças armadas. Ela controla navios, aviões e soldados com grande potencial nos três vetores.

Se for fixado o limite de 60% como o padrão para um excelente índice de equilíbrio entre os efetivos do exército e das duas outras forças, então, na América latina, somente três países, Argentina, Peru e Venezuela, estariam neste nível. Com um patamar um pouco mais elevado, 65%, mais quatro países (Brasil, Chile, República Dominicana e Uruguai) ingressariam no seleto grupo dos mais equilibrados efetivos militares da região. E o simples constatar dos nomes dos países já garante a veracidade da afirmação de que quanto mais equilibrada e diversificada for a composição dos efetivos militares de um país, maior é o seu potencial combativo.

Honduras, com 69%, é o destaque na América Central, mas curiosa mesmo é a posição da República Dominicana, que mesmo sem ser uma potência militar devido aos valores baixos dos números em estado bruto, o balanço dos efetivos é interessante. A força aérea responde por quase um quarto do efetivo geral, o melhor percentual da América Latina!

Como sempre, há uma explicação bastante precisa para o fato. No final da década de quarenta o governo ditatorial de Trujillo sofreu vários ataques, conhecidos como “Conflitos

da Ilha Cayo" e "Incidente Luperón". As ações eram executadas pela "Legião do Caribe", um movimento que se considerava anti-caudilhista, anti-ditatorial e idealista (ou oportunista). Amparada pelos governos da Guatemala, de Cuba, de Honduras e da Costa Rica, a "Legião" era bem treinada e equipada, contando com consideráveis elementos aéreos e navais. Os Somozas na Nicarágua foram, igualmente, alvo deste grupo.

Trujillo viu que o único meio de se proteger desta oposição era dotar a sua porção da Ilha de Hispaníola com uma poderosa força aérea; a expansão foi realizada e a Força Aérea Dominicana conheceu uma verdadeira "era de ouro" nos anos cinqüenta. Com a morte do ditador, em 1961, e a guerra civil que se seguiu, a força aérea quebrou. Decerto que, com a tradição criada e com a crença da idéia de que uma força aérea robusta e independente era o melhor para a defesa do país, os governos democráticos subseqüentes têm mantido esta linha.

Poder Naval

É o mais difícil vetor para ser quantificado, analisado e avaliado, devido a maior complexidade e diversidade dos sistemas de armas envolvidos no combate nos mares, uma vez que o poder naval pode e deve ter a capacidade de atuar nos três espaços da guerra. As grandes e belicosas marinhas do planeta possuem, como acabou de ser apresentado, um enorme potencial de projeção de poder devido aos mísseis, submarinos, navios principais de superfície, porta-aviões e suas alas aéreas. A tudo isto deve ser acrescentado um poderoso e bem armado corpo de fuzileiros navais.

De forma semelhante ao procedido com o poder terrestre e o aéreo, aqui também são apresentadas figuras comparativas de unidades navais dos períodos estudados. A Figura 4 retrata uma maquete do couraçado (tipo *Dreadnought*) chileno *"Almirante Lattore",* adquirido na Inglaterra, para responder a aquisição de modelos semelhantes pelas marinhas do Brasil e da Argentina.

FIGURA 4 – Couraçado *"Almirante Lattore"* da Marinha do Chile (1921).



Fonte: www.armada.cl

Estes eventos promoveram a "Corrida Naval" latino-americana, no começo do século XX. E foi o Brasil quem deu início ao processo encomendando, em 1906, no mesmo ano em que surgiu o revolucionário *Dreadnought,* duas unidades na Inglaterra. Estas unidades (*"Minas Gerais" e "São Paulo"*) foram entregues em 1910 e eram os maiores e mais potentes encouraçados monocalibre do mundo!

Em 1908 foi a vez da Argentina fazer a encomenda de duas unidades e adquirir modelos dos EUA. Os navios foram entregues em 1914 (*"Rivadavia")* e 1915 (*"Moreno").* O Chile fez o pedido de dois navios em 1911, mas foi atrasado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial e recebeu apenas um deles, em 1921. Poucos países do mundo tiveram unidades similares. Os *Dreadnoughts* eram navios poderosíssimos na época e, por isso mesmo, muito caros. A manutenção e as condições de operação também exigiam muito investimento e muito pessoal qualificado. [139]

Este conjunto de características, vantajosas e desvantajosas, é típico, do mesmo jeito, dos mais moderno e eficiente elemento naval da atualidade, o porta-aviões. A Argentina e o Brasil foram os únicos países latino-americanos a ostentarem navios desta classe nos seus ativos.

[139] Dados extraídos de Robert l. SCHEINA, **Latin América: A Naval History, 1810-1987,** pp. 321-2 e de ORTEGA, Virgílio (Ed.). **Navios e Veleiros,** Volumes V, pp. 1379 e 1418. Para uma comparação mais técnica ver Augustin CHALLAMEL (Ed.), **Les Flottes de Combat em 1914,** pp. 154-5, 212-3 e 234-5.

FIGURA 5 – Porta-Aviões *"São Paulo"* da Marinha do Brasil (2001).



Fonte: www.mar.mil.br

Com o fim da vida útil do *"25 de Mayo",* a Argentina desistiu de continuar tendo este caro instrumento de projeção de força naval, enquanto que o Brasil substituiu o velho porta-aviões *"Minas Gerais"* pelo re-potencializado *"São Paulo"* , inclusive com a aquisição de aviões A-4 *Skyhawk* como ala aérea. A Figura 5 inclui essa dupla.

A Tabela 13 registra o poder básico das marinhas e somente a coluna sobre o ***Poder de Salva*** parece exigir uma explanação mais elaborada. Semelhante aos seus congêneres nos vetores de terra e do ar, este item também é uma tentativa do autor para tornar mais precisa a mensuração do poder militar. Neste caso, os diversos tipos de armas utilizados pelo poder naval foram avaliados em relação ao seu alcance, velocidade e carga explosiva, tendo o resultado, sido aferido em pontos, na tabela 14. De posse destes pontos, bastou multiplicá-los pelo número de armas correspondentes e somar os resultados parciais.

TABELA 13 – Dados Absolutos sobre as Marinhas.

Países	Ef	NP	TN	PS	E/N	Ba	%	Su
Argentina	17.500	13	44	644,05	295	7	24	3

Bolívia	3.500	0	18	0	100	11	11	0
Brasil	48.600	20	105	705,55	313	6	17	4
Chile	19.000	6	50	177,6	298	6	25	2
Colômbia	15.000	4	42	287,6	117	9	7,5	4
Costa Rica	300	0	8	0	37	6	11,5	0
Cuba	3.000	0	12	0	200	7	6,5	0
El Salvador	700	0	5	0	120	5	5	0
Equador	5.500	8	23	200,8	152	3	9	2
Guatemala	1.500	0	9	0	89	2	5	0
Honduras	1.400	0	17	0	35	3	12	0
México	37.000	11	124	335,8	219	20	19	0
Nicarágua	800	0	7	0	114	3	5,5	0
Panamá	400	0	14	0	28	3	3,5	0
Paraguai	2.000	0	15	0	66	7	11	0
Peru	25.000	5	33	531,2	612	7	25	6
Rep. Dom.	4.000	0	19	0	210	2	16,5	0
Uruguai	5.700	3	20	126,6	245	4	24	0
Venezuela	18.300	6	26	418,8	385	10	30,5	2
TOTAL	209.200	76	591	3.428	3.635	121	268,5	23

Legenda: Ef=Efetivo, NP=Navios Principais, TN=Total de Navios, PS=Poder de Salva, E/N=Efetivo por Navio, Ba=Bases, %=Porcentual das Forças Armadas, Su=Submarinos.

Apenas sete marinhas possuem mais de dez mil homens (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela). Menos da metade dos países estudados, nove, ostenta navios principais (os sete acima mais o Equador e o Uruguai). A Força Submarina existe somente em sete países (os nove citados acima, exceto o México e o Uruguai).

Dos atuais vinte e três submarinos latino-americanos apenas quatro não são do tipo Ge T-209, de fabricação alemã. As exceções são: dois modelos italianos (mais antigos) da Armada da Colômbia e duas unidades alemãs (de uma versão melhorada) da Marinha Argentina. A aquisição quase que simultânea do mesmo modelo pode sugerir que, no início da década de oitenta, houve uma outra corrida naval na região, e desta feita, concernente à posse de submarinos.

FIGURA 6 – Submarino *"Abtao"* da Marinha do Peru (1980).



Fonte: www.marina.mil.pe

O Tipo 209 é um submarino de 1.000 toneladas de deslocamento, com propulsão e armamento convencionais, que exige um mínimo de pessoal altamente qualificado, mas possui equipamentos eletrônicos e sensores aperfeiçoados, exatamente o que as marinhas da América Latina estavam precisando. A Figura 6 mostra um destes barcos. Ele é um dos seis navios da flotilha de submarinos do Peru, a maior do subcontinente.

TABELA 14 – Tipos de Armas Navais.

Arma	Tipo	Pontos
Otomat	Míssil	8,4
Exocet	Míssil	6,3
Asroc	Míssil	5,4
Mark 48	Torpedo	4,5
Tigerfish	Torpedo	4,4
152 mm	Canhão	4,6
127 mm	Canhão	4,4

114 mm	Canhão	4,25
100 mm	Canhão	4,1
76 mm	Canhão	3,9

Foi necessário montar mais uma tabela para dar conta dos "braços" aéreo e terrestre do poder naval antes que todos os dados fossem consolidados na tabela final (a de número 16). A Tabela 16 por ter dez colunas passou a ser uma tabela com Base Dez, única forma de se obter o total com Base Cem. O poder de salva dos fuzileiros navais foi calculado como o dos exércitos e o da aviação naval expressa o número de helicópteros.

TABELA 15 – Dados Absolutos e Relativos sobre os Fuzileiros Navais e a Aviação Naval (em pontos com maior índice de cada coluna = 5).

Países	EFN	Pontos	PSFN	Pontos	EAN	Pontos	PSAN	Pontos
Argentina	2500	**0,8562**	6480	**3,2079**	2000	**5**	21	**1,9444**
Bolívia	1700	**0,5822**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Brasil	14600	**5**	6513	**3,2243**	1150	**2,875**	54	**5**
Chile	3500	**1,1986**	10100	**5**	600	**1,5**	11	**1,0185**
Colômbia	10000	**3,4247**	0	**0**	100	**0,25**	4	**0,3704**
Costa Rica	0	**0**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Cuba	600	**0,2055**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
El Salvador	100	**0,0342**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Equador	1700	**0,5822**	0	**0**	330	**0,825**	2	**0,1852**
Guatemala	700	**0,2397**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Honduras	800	**0,274**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
México	8700	**2,9795**	0	**0**	1100	**2,75**	4	**0,3704**
Nicarágua	0	**0**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Panamá	0	**0**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Paraguai	900	**0,3082**	0	**0**	100	**0,25**	0	**0**
Peru	4000	**1,3699**	4950	**2,4505**	800	**2**	9	**0,8333**
Rep. Dom.	0	**0**	0	**0**	0	**0**	0	**0**
Uruguai	500	**0,1712**	0	**0**	300	**0,75**	0	**0**
Venezuela	7800	**2,6712**	1890	**0,9356**	500	**1,25**	9	**0,8333**

Legenda: EFN=Efetivos dos Fuzileiros Navais, PSFN=Poder de Salva dos Fuzileiros Navais, EFN=Efetivo da Aviação Naval, AN=Poder da Aviação Naval.

Da soma das duas primeiras colunas de pontos surgiu o montante do **Poder dos Fuzileiros Navais**, ficando as duas últimas para compor o **Poder da Aviação Naval.**

TABELA 16 – Dados sobre as Marinhas em Pontos

(maior índice de cada coluna = 10, Total = 100).

Países	Ef	NP	TN	PS	E/N	Ba	FN	AN	%	Su	Total
Argentina	3,60	6,50	3,50	9,12	4,80	3,50	4,10	6,90	7,87	5,00	**54,97**
Bolívia	0,72	- x -	1,50	- x -	1,60	5,50	0,60	- x -	3,61	- x -	**13,49**
Brasil	10,00	10,00	8,50	10,00	5,10	3,00	8,20	7,90	5,57	6,66	***74,92***
Chile	3,90	3,00	4,00	2,51	4,90	3,00	6,20	2,50	8,20	3,33	**41,57**
Colômbia	3,08	2,00	3,40	4,07	1,90	4,50	3,40	0,60	2,46	6,66	**32,13**
Costa Rica	0,06	- x -	0,60	- x -	0,60	3,00	- x -	- x -	3,77	- x -	**8,08**
Cuba	0,61	- x -	1,00	- x -	3,30	3,50	0,20	- x -	2,13	- x -	**10,68**
El Salvador	0,14	- x -	0,40	- x -	2,00	2,50	- x -	- x -	1,64	- x -	**6,68**
Equador	1,13	4,00	1,90	2,84	2,50	1,50	0,60	1,00	2,95	3,33	**21,69**
Guatemala	0,30	- x -	0,70	- x -	1,50	1,00	0,20	- x -	1,64	- x -	**5,36**
Honduras	0,28	- x -	1,40	- x -	0,60	1,50	0,30	- x -	3,93	- x -	**7,93**
México	7,61	5,50	10,00	4,75	3,60	10,00	3,00	3,10	6,23	- x -	**53,78**
Nicarágua	0,16	- x -	0,60	- x -	1,90	1,50	- x -	- x -	1,80	- x -	**5,89**
Panamá	0,08	- x -	1,10	- x -	0,50	1,50	- x -	- x -	1,15	- x -	**4,31**
Paraguai	0,41	- x -	1,20	- x -	1,10	3,50	0,30	0,30	3,61	- x -	**10,36**
Peru	5,14	2,50	2,70	7,52	10,00	3,50	3,80	2,80	8,20	10,00	***56,18***
Rep. Dom.	0,82	- x -	1,50	- x -	3,40	1,00	- x -	- x -	5,41	- x -	**12,19**
Uruguai	1,17	1,50	1,60	1,79	4,00	2,00	0,20	0,80	7,87	- x -	**20,87**
Venezuela	3,76	3,00	2,10	5,93	6,30	5,00	3,60	2,10	10,00	3,33	**45,11**

Legenda: Ef=Efetivo, NP=Navios Principais, TN=Total de Navios, PS=Poder de Salva, E/N=Efetivo por Navio, Ba=Bases, FN=Poder dos Fuzileiros Navais, AN=Poder da Aviação Naval, %=Porcentual das Forças Armadas, Su=Submarinos.

Mais uma vez o Brasil lidera, sendo o primeiro em cinco das dez colunas. México e Peru lideram em duas colunas e a Venezuela em apenas uma. A República Dominicana é dominante em quatro colunas no tocante a região da América Central e do Caribe, ficando Honduras com três colunas para a América Central. Entretanto, a melhor pontuação centro-americana é, surpreendentemente, de Costa Rica, que não possui Forças Armadas, mas apenas forças de segurança interna, guardas de fronteiras e polícia marítima.

Conclusões Parciais

Colocando os pontos para cada uma das forças armadas e montando um total baseado na média aritmética teríamos uma coluna com a pontuação militar de cada país latino-americano (em Cem Pontos possíveis), podendo assim fazer uma comparação clara e direta entre eles, como aparece na tabela abaixo.

TABELA 17 – Total de Pontos para cada uma das Forças Armadas e o Total Geral para cada País.

Países	Total T	Total A	Total M	TOTAL G
Argentina	43,11	56,59	54,97	***51,56***
Bolívia	6,78	20,32	13,49	**13,53**
Brasil	81,12	83,33	74,92	***79,79***
Chile	34,59	33,52	41,57	**36,56**
Colômbia	40,46	23,83	32,13	**32,14**
Costa Rica	0,21	10,34	8,08	**6,21**
Cuba	55,22	71,25	10,68	**45,72**
El Salvador	3,47	13,09	6,68	**7,74**
Equador	24,36	21,68	21,69	**22,58**
Guatemala	6,13	9,44	5,36	**6,98**
Honduras	2,88	25,41	7,93	**12,07**
México	22,29	25,02	53,78	**33,70**
Nicarágua	8,51	10,53	5,89	**8,31**
Panamá	1,16	4,52	4,31	**3,33**
Paraguai	3,20	11,01	10,36	**8,19**
Peru	47,85	48,12	56,18	**50,72**
Rep. Dom.	3,55	30,69	12,19	**15,48**
Uruguai	7,00	21,99	20,87	**16,62**
Venezuela	18,90	29,16	45,11	**31,06**

Novamente o óbvio: o Brasil ganha nas quatro colunas. Logo, o Brasil tem as melhores forças armadas da América Latina. Parece ufanismo pretensioso, ainda mais que a Argentina ficou em segundo no total (quase trinta pontos atrás), seguida bem de perto pelo Peru. Cuba é o quarto e o primeiro da região do Caribe. O gigantismo inicial do México ficou reduzido à sexta posição, enquanto que Honduras é a potência dominante na América Central, mas sendo apenas a 13ª colocada geral.

Entretanto, o que aconteceria se a questão fosse colocada em termos ainda mais relativos?

Depois de tantas tabelas e números será que ainda podemos lembrar a proposição original: Estão as forças armadas compatíveis com as mais variadas dimensões do poder e das necessidades nacionais? Talvez uma última tabela possa apontar a trilha a ser seguida.

TABELA 18 – Relação entre o Total Geral de Pontos Militares de cada País e os Dados Gerais.

Países	M/Lit	TG/Área	TG/Pop	TG/PIB	TG/Gastos
Argentina	**1,18**	**1,58**	**2,36**	**3,25**	**3,50**

Bolívia	**- x -**	**1,04**	**2,75**	**11,46**	**11,09**
Brasil	**1,02**	**0,79**	**0,79**	**1,17**	**0,79**
Chile	**0,79**	**4,11**	**4,00**	**3,53**	**1,38**
Colômbia	**1,57**	**2,40**	**1,27**	**2,52**	**1,09**
Costa Rica	**0,99**	**10,52**	**2,57**	**2,37**	**6,75**
Cuba	**0,32**	**34,11**	**7,11**	**10,27**	**4,24**
El Salvador	**2,24**	**30,96**	**2,07**	**3,51**	**4,83**
Equador	**1,07**	**6,82**	**3,01**	**5,98**	**3,18**
Guatemala	**1,65**	**5,49**	**1,02**	**1,92**	**3,71**
Honduras	**1,16**	**9,21**	**3,14**	**11,60**	**10,77**
México	**0,53**	**1,45**	**0,57**	**0,33**	**0,61**
Nicarágua	**0,72**	**5,46**	**2,70**	**20,77**	**25,96**
Panamá	**0,22**	**3,70**	**1,98**	**2,00**	**2,46**
Paraguai	**- x -**	**1,71**	**2,50**	**9,63**	**14,89**
Peru	**2,45**	**3,36**	**3,33**	**5,73**	**5,66**
Rep. Dom.	**1,27**	**27,15**	**3,13**	**4,25**	**9,85**
Uruguai	**2,19**	**7,19**	**8,47**	**8,65**	**7,58**
Venezuela	**1,62**	**2,90**	**2,16**	**1,53**	**2,88**

A Nicarágua mostra-se mais adequada em dois tópicos, ficando os outros três com Cuba, Peru e Uruguai. O Brasil, por outro lado, está muito mal situado e perde para a Argentina nos cincos itens.

Conclusões Finais

Com o intuito de se realizar uma comparação direta entre os dados do começo do século XXI, exaustivamente pormenorizados até aqui, com aqueles dos anos iniciais do século XX, tratados nas quatro primeiras tabelas do capítulo, foram criadas mais quatro tabelas com a mesma configuração das do século XX.

A análise destas quatro últimas tabelas será feita em conjunto com o cotejamento dos dados oriundos do século anterior.

Antes, porém, seria proveitoso neste final de capítulo, estabelecer, outrossim, uma ligação dos dados básicos aqui analisados com o nível mundial. Em 1900, a população da América Latina correspondia a 3,2 % do total mundial, que girava em torno de 1,6 bilhões de habitantes, mas possuía 9,4 % dos efetivos militares globais, que eram de 10 milhões e oitenta e seis mil.[140]

[140] Samuel P. HUNTINGTON, **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial,** pp. 103 e 106, respectivamente.

Em 2000, o percentual da população latino-americana em relação a mundial (6,5 bilhões) tinha aumentado para 7,9 % enquanto que a proporção de efetivos militares tinha caído para 6,4 %, o que resulta em uma grande diferença se for estabelecida a associação das duas percentagens nos dois séculos. [141] Isto demonstra o acerto das considerações levantadas no capítulo **Tudo em um Único Ponto** sobre um século XX mais pacífico e menos militarizado no subcontinente.

TABELA 19 – Dados Gerais para a América Latina no início do Século XXI (Com os Efetivos Militares no lugar da coluna do Litoral).

Países	Área	População	Efetivos	PIB	Gastos
Argentina	2.776.656	38.041.000	71.000	102.000	1.500
Bolívia	1.098.561	8.570.000	31.500	7.600	125
Brasil	8.547.403	174.471.000	287.000	436.000	10.200
Chile	756.945	15.943.000	77.000	66.600	2.700
Colômbia	1.138.336	44.083.000	200.000	82.000	3.000
Costa Rica	50.700	4.215.000	2.600	16.900	94
Cuba	114.124	11.234.000	46.000	28.700	1.100
El Salvador	21.383	6.521.000	15.500	14.200	164
Equador	282.561	13.096.000	59.500	24.300	724
Guatemala	108.899	11.883.000	31.400	23.400	192
Honduras	112.088	6.712.000	12.000	6.700	115
México	1.972.246	102.056.000	193.000	644.000	5.600
Nicarágua	130.000	5.364.000	14.000	2.600	33
Panamá	76.650	2.940.000	11.800	10.700	138
Paraguai	406.752	5.710.000	18.600	5.500	57
Peru	1.285.216	26.503.000	100.000	57.000	914
Rep. Dom.	48.793	8.633.000	24.500	23.500	161
Uruguai	196.928	3.436.000	24.000	12.400	224
Venezuela	912.050	25.052.000	59.000	130.100	1.100
TOTAL	20.036.291	514.463.000	1.278.400	1.694.200	28.141

TABELA 20 – Dados Gerais Por Pontos (maior índice de cada coluna = 20, Total no máximo =100).

Países	Área	População	Efetivos	PIB	Gastos	Total

[141] IISS. **The Military Balance, 2003-04,** p 340. O efetivo militar mundial, em 2002, era de 20.477.900.

Brasil	20	20	20	13,5	20	**93,50**
México	4,61	11,7	13,45	20	10,98	**60,70**
Colômbia	2,66	5,05	13,94	2,55	5,88	**30,10**
Argentina	6,5	4,36	4,95	3,17	2,94	**21,90**
Peru	3,01	3,04	6,97	1,77	1,79	**16,60**
Chile	1,77	1,83	5,37	2,07	5,29	**16,30**
Venezuela	2,13	2,87	4,11	4,04	2,16	**15,30**
Equador	0,66	1,5	4,15	0,75	1,42	**8,48**
Cuba	0,27	1,29	3,21	0,89	2,16	**7,82**
Bolívia	2,57	0,98	2,2	0,24	0,25	**6,24**
Guatemala	0,25	1,36	2,19	0,73	0,38	**4,91**
Paraguai	0,95	0,65	1,3	1,71	0,11	**4,72**
Rep. Dom.	0,11	0,99	1,71	0,73	0,32	**3,86**
Uruguai	0,46	0,39	1,67	0,39	0,44	**3,35**
El Salvador	0,05	0,75	1,08	0,44	0,32	**2,64**
Honduras	0,26	0,77	0,84	0,21	0,23	**2,31**
Nicarágua	0,3	0,61	0,98	0,08	0,06	**2,03**
Panamá	0,18	0,34	0,82	0,33	0,27	**1,94**
Costa Rica	0,12	0,48	0,18	0,52	0,18	**1,48**

Os dois gigantes, Brasil e México, continuam firmes no topo e repetindo, praticamente a mesma pontuação de cem anos antes, quando o Brasil tinha mais de trinta pontos sobre a Argentina, o segundo lugar na ocasião. Como a pontuação argentina despencou e o México ainda subiu um pouco ela passa a figura em segundo lugar e também com uma margem superior a trinta pontos do terceiro lugar, a Colômbia. No século passado, somente três países estavam acima do ponto médio, sendo que agora são apenas dois. Todos esses pontos se traduzem como um aumento da assimetria na balança de poder militar na América Latina.

Quanto aos países "menores", Cuba assumiu o lugar que o Haiti tinha em 1900, porém com uma pontuação e uma posição relativa aos demais países, bem melhor. Na liderança da América Central ainda aparece a Guatemala, mas a sua posição relativa caiu um pouco e a pontuação despencou. Portanto, o potencial militar absoluto reduziu-se na América Central. Se essa redução é fruto de tranqüilidade dos últimos tempos, de opção política ou apenas fraqueza conjuntural (ou estrutural), somente um trabalho específico poderia indicar a resposta.

Resta o Paraguai. Houve uma melhora na sua posição relativa e na pontuação, mas ela foi tão pequena que se pode ficar levado a afirmar, algo temerariamente, que os efeitos da "Grande Guerra do Prata" podem não ter sido tão violentos como se pensa. Ou então, paradoxalmente, eles foram tão poderosamente devastadores que os seus efeitos ainda podem ser observados centos e trintas anos depois. A resposta final para a questão, se é que se possa ou deva ter uma, ainda é um dilema ser superado.

Evidentemente que as tabelas com os dados relativos sugerem um ambiente diferente. Contudo, até que ponto diferente? E com quais mudanças em equiparação ao cenário traçado na centúria anterior?

TABELA 21 – Dados Relativos para a América Latina no início do Século XXI.

Países	Densidade	PIB/P	E/P	E/A	G %
Argentina	13,70	2.681	1,87	25,57	1,47
Bolívia	7,80	887	3,68	28,67	1,64
Brasil	20,41	2.499	1,64	33,58	2,34
Chile	21,06	4.177	4,83	101,72	4,05
Colômbia	38,73	1.860	4,54	175,70	3,66
Costa Rica	83,14	4.009	0,62	51,28	0,56
Cuba	98,44	2.555	4,09	403,07	3,83
El Salvador	304,96	2.178	2,38	724,87	1,15
Equador	46,35	1.856	4,54	210,57	2,98
Guatemala	109,12	1.969	2,64	288,34	0,82
Honduras	59,88	998	1,79	107,06	1,72
México	51,75	6.310	1,89	97,86	0,87
Nicarágua	41,26	485	2,61	107,69	1,27
Panamá	38,36	3.639	4,01	153,95	1,29
Paraguai	14,04	963	3,26	45,73	1,04
Peru	20,62	2.151	3,77	77,81	1,60
Rep. Dom.	176,93	2.722	2,84	502,12	0,69
Uruguai	17,45	3.609	6,98	121,87	1,81
Venezuela	27,47	5.193	2,36	64,69	0,85
TOTAL	25,68	3.389	2,48	63,80	1,61

TABELA 22 – Dados Relativos por Pontos.

(maior índice de cada coluna = 20, total no máximo = 100).

Países	Densidade	PIB/P	E/P	E/A	G %	Total
El Salvador	20	6,9	6,82	20	5,68	**59,40**
Cuba	6,46	8,1	11,72	11,12	18,91	**56,31**
Chile	1,38	13,24	13,84	2,81	20	**51,27**
Rep. Dom.	11,6	8,63	8,14	13,85	3,41	**45,63**
Uruguai	1,14	11,44	20	3,36	8,94	**44,88**
Colômbia	2,54	5,9	13,01	4,85	18,07	**44,37**
Equador	3,04	5,88	13,01	5,81	14,72	**42,46**
Panamá	2,52	11,53	11,49	4,25	6,37	**36,16**
México	3,39	20	5,42	2,7	4,3	**35,81**
Guatemala	7,16	6,24	7,56	7,96	4,05	**32,97**
Venezuela	1,8	16,46	6,76	1,78	4,2	**31,01**
Peru	1,35	6,82	10,8	2,15	7,9	**29,02**
Brasil	1,34	7,92	4,7	0,93	11,56	**26,44**
Costa Rica	5,45	12,71	1,78	1,41	2,77	**24,12**
Honduras	3,93	3,16	5,13	2,95	8,49	**23,67**
Bolívia	0,51	2,81	10,54	0,79	8,1	**22,76**
Argentina	0,9	8,5	5,36	0,71	7,26	**22,72**
Nicarágua	2,71	1,54	7,48	2,97	6,27	**20,96**
Paraguai	0,92	3,05	9,34	1,26	5,14	**19,71**

Da mesma maneira que nos dados absolutos, Cuba substituiu o Haiti nas primeiras posições e El Salvador repetiu o excelente desempenho do século XX. Enquanto que a Argentina e a Guatemala caíram muito em relação aos seus padrões passados.

Brasil, México e Peru (o último no começo do século XX), melhoram as suas posições e pontuações, o Brasil, todavia, menos que os outros dois. O Peru, inclusive, foi substituído no final da tabela, sintomaticamente, pelo Paraguai!

Dos cinco primeiros colocados no início do século XX restou o Chile. Que manteve, passado um século, a mesma posição relativa (terceira) e, praticamente, a mesma pontuação. Ele que é também o sexto colocado em termos absolutos (foi o quarto na seqüência anterior) Qual será a razão do sucesso chileno? As razões, no caso, são: uma boa renda per capita para os padrões latino-americanos, um alto índice na relação efetivos militares/população e, principalmente, como já havia ocorrido em tempos passados, um nível percentual alto de gastos militares.

Finalmente, para completar toda a seqüência dos três inícios de séculos falta comparar este conjunto de relações século XX-XXI com a situação apresentada no início do século

XIX. Naquela ocasião (vide as Tabelas 1, 1a, 2 e 2a do capítulo **O Nascimento Doloroso**) o México tinha a primeira colocação tanto em termos absolutos quanto relativos e o Brasil estava atrás dele e do conjunto da América Espanhola.

Absolutamente falando, o Brasil superou todos e deve continuar aumentando a diferença no futuro, sem bem que o crescimento econômico do México pode dificultar a manutenção dessa dianteira brasileira. É bem verdade que o aumento do PIB mexicano é produzido, algo artificialmente, pelas montadoras dos EUA no país, porém ainda assim é positivo para o aumento do potencial econômico e, logo, militar, do México.

Na América do Sul é evidente a superioridade brasileira, mas o futuro da Venezuela é uma incógnita que, certamente, exigirá um posicionamento melhor definido do Brasil com relação à mesma. Pode-se dizer o mesmo no tocante as relações, de todos os níveis e natureza, com os EUA.

Quanto ao potencial relativo, ocorreu uma melhora brasileira ao longo de todo o período considerado, entrementes há muito que se fazer neste campo e que, como no caso do Chile, não deva passar, necessariamente, pelo simples e improvável aumento das verbas militares.

Deve-se muito mais do que simplesmente fazer alguma coisa, por que há ainda muito a aprender com o passado da América Latina.

CAPÍTULO 6 - *O FOGO DO DRAGÃO*

"Podemos dizer, então, que a história universal é, de maneira geral, a exteriorização do espírito no ***tempo,*** *enquanto a natureza é o desenvolvimento da idéia no* ***espaço****".*

Georg Wilhelm Friedrich HEGEL.[142]

Preâmbulo Teórico

Neste capítulo a teoria de Mackinder é vista regionalmente. Existe ou existiu um *Heartland* latino-americano? Será a Bolívia, metaforicamente falando, o "buraco por onde passa o fogo do dragão"? Tem a América Central também o seu *Heartland*? E Spykman, com a sua tese de *Rimland*, dialeticamente oposta ao conceito de *Heartland*, pode ser aplicada também regionalmente?

E a questão das Fronteiras Móveis? Apenas os países com mais potencial econômico e demográfico conseguem a expansão? E as guerras? Tem-se aqui uma análise comparativa das perdas e ganhos territoriais e uma descrição das disputas e dos acordos fronteiriços ocorridos na região.

Como responder as questões levantadas nos parágrafos anteriores? Uma descrição longa, porém simples e factual, das guerras que redundaram em perdas e ganhos territoriais não seria suficientemente completa e nem teria a agudeza explicativa capaz de oferecerresoluções no mesmo nível exigido pelas problemáticas configuradas.

Uma historiografia das teorias geopolíticas elaboradas abstratamente e, posteriormente, aplicadas na região por pensadores, militares e governantes locais também não parece ser a solução para os enfrentamentos temáticos sugeridos. Portanto, não será esta a senda a ser trilhada. As questões colocadas para o **Fogo do Dragão** merecem uma explanação macro e estrutural, que por sua parte necessita de um corpo teórico mais amplo e questões práticas de procedimentos, sem os quais não será capaz de ser configurada.

Os enquadramentos epistemológicos propostos por Mackinder e Spykman são poderosamente dotados para superar as questões gerais, porém os pormenores do estudo e a condução metodológica devem ser procurados, ou modelados de próprio punho, em outras fontes e de formas distintas. Ainda mais quando se trata de uma abordagem regional que ainda não foi tentada para a América Latina, esta vista em sua totalidade. Um primeiro encaminhamento foi encontrado, uma vez mais, na livro-guia desta tese.

---

[142] Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, **Filosofia da História,** p. 67. Os grifos são do autor.

"E isso equivale a dizer, porém, que o elemento financeiro determinou sempre a sorte das nações, nessas guerras do século XVIII. Amsterdam foi, durante grande parte desse período, o maior centro financeiro do mundo, mas isso não pôde impedir o desaparecimento das Províncias Unidas como importante potência; inversamente, a Rússia era economicamente atrasada e seu governo relativamente faminto de capital, e não obstante a influência desse país e sue poderio nos assuntos europeus cresceram constantemente. Para explicar essa aparente discrepância é necessário dar a nessa atenção ao segundo, em importância, fator condicionante: ***a influência da geografia na estratégia nacional.****"* [143]

A citação de Kennedy ainda nada propõe, somente levanta a relevância do fator, dito, geopolítico, razão da incorporação deste capítulo ao corpo da tese. Como segundo fator em importância para a estratégia militar, ele não poderia deixar de ser estudado para o escopo latino-americano. O roteiro de questões a serem estudadas veio logo a seguir. À frente na mesma página, Kennedy completa a sua idéia do que seja a influência geográfica, e arrola um conjunto de indagações.

"(...) O que entendemos aqui por essa expressão não são apenas elementos como o clima de um país, as matérias-primas, a fertilidade da agricultura e o acesso as rotas comerciais – por mais importantes que sejam para a sua prosperidade geral – mas antes a questão crítica da localização estratégica durante essas guerras multilaterais. Podia determinada nação concentrar suas energias numa frente, ou tinha de lutar em várias? Partilhava fronteiras comuns com estados fracos ou poderosos? Era principalmente uma potência terrestre, marítima, ou híbrida – e que vantagens e desvantagens isso proporcionava?" [144]

Operacionalização

Três interrogações, que se desdobram em quatro, e constituem parte fundamental do esteio deste capítulo. Ele foi elaborado para responder a estas questões, que na percepção deste estudo, tornam prática e exeqüível as considerações iniciais do **Fogo do Dragão.** Além do mais, o primeiro fator, potencial econômico, vinha sendo muito mais considerado até agora.

---

[143] Paul KENNEDY, **Ascensão e Queda das Grandes Potências**, p. 91. Os grifos são nossos.

[144] *Ibidem.*

O questionamento inicial pode ser facilmente resolvido com a indicação, para cada um dos países latino-americanos, acerca do número de fronteiras nacionais compartilhadas e sobre qual era a situação das mesmas nos momentos cruciais de conflitos e disputas.

O capítulo **Toques da Eternidade** fornece os elementos necessários para responder a segunda interrogação, uma vez que nele foi listado o poder militar de cada país no começo dos dois séculos do estudo. Como a perspectiva de explanação está ancorada na longa duração, foi escolhido o ponto médio dos dados, ou seja, os do ano de 1900 para proceder as comparações e verificar os Estados "fortes e fracos".

Já a classificação dos Estados como países terrestres, marítimos ou híbridos encerra uma complexidade maior. Evidentemente, como na Europa, a questão pode ser resolvida pelo acompanhamento da evolução histórica e do papel que os exércitos e as armadas tiveram neste processo. Todavia, a solução sugerida envolveria a confecção de um trabalho como este, cujo resultado poderia nem ser assim tão conclusivo.

Talvez uma solução mais operacional e, seguramente, mais objetiva seja a sugerida por um velho geopolítico austríaco, Alexander Supan, cuja obra **Roteiro da Geografia Política Geral** [145] dá uma série de exemplos, tanto de como fazer esta classificação como em outras situações que ainda serão tema neste capítulo.

Trata-se de uma fórmula para aferir o Quociente de Maritimidade de um país. O exercício é muito simples. Basta para tanto realizar uma operação aritmética básica e ter os dados corretos e completos. Mas isto não é sempre assim tão elementar, devido à natureza mutante do que se quer medir.

Supan sugere que se faça, para cada país, a divisão dos valores da extensão da fronteira marítima pelo da fronteira terrestre. O resultado irá variar entre um valor zero, isto é, o país não possui litoral, e um valor absoluto, neste caso, o país tem um território totalmente insular. Todos os outros resultados dependem de uma série de condicionantes e características específicas para definir, conclusivamente, se o Estado em foco é um país terrestre, marítimo ou híbrido.

Utilizando dados atuais, devido a sua maior confiabilidade, precisão e disponibilidade, a operação descrita foi aplicada para os países da América Latina, obtendo-se os resultados mostrados, mais abaixo, na Tabela 1 e no Gráfico 1. Cabe ressaltar que o índice obtido é

---

[145] Alexander SUPAN **(Leitlinien der Allgemeinen Politschen Geographie)** apud Carlos de MEIRA MATTOS, **Geopolítica e Teoria de Fronteiras: Fronteiras do Brasil,** pp. 58 e 116.
.

válido apenas para o período atual, mas já é um indicador a partir do qual derivações no tempo podem ser executadas.

Explicando melhor, o Equador tem, no presente, um índice claramente marítimo de quociente de fronteiras (1,02 – sendo o maior da América do Sul). Mas é igualmente certo, que este índice foi inferior no passado. Não há necessidade de medidas precisas neste sentido, afinal tendo como baliza o índice atual e comparando com situações passadas é plenamente exeqüível a classificação também para momentos anteriores.

Assim, em 1941, antes do Equador perder para o Peru a sua profunda fronteira amazônica, (que atingia o *limes* brasileiro, inclusive) o índice equatoriano ficava abaixo da Razão Um, tornando-o um país híbrido. E como híbrido, a eterna disputa Guayaquil-Quito passa a ter um sentido mais amplo do que o compreendido até o momento.

O confronto da economia comercial e da política liberal (Guayaquil) com a agricultura do planalto e a postura conservadora (Quito) engendrava, em si mesmo, uma outra discrepância ainda mais grave para o Equador: em um país hibrido, qual a estratégia militar mais acertada para o desenvolvimento e a segurança nacional? Qual braço armado, exército ou marinha, deve ser priorizado? É possível uma política orçamentária militar equilibrada entre o poder terrestre e o marítimo?

Dilemas estes que vivem, ou vivenciaram, todas as potências híbridas da História Universal, sendo a França o caso mais paradigmático de todos eles.

Ainda sobre o caso equatoriano. Se o país era híbrido e estava divido entre Guayaquil (maritimidade) e Quito (continentalidade), então porque agora, que o Equador tem um índice positivo de maritimidade, Quito (o poder terrestre), e não Guayaquil (o poder marítimo) conseguiu a predominância?

Bem, a resposta tem duplo sentido. O primeiro deles vai à linha mais fácil, a de que apesar de Quito ser a capital política do país, a integração nacional equatoriana ainda não é uma realidade total. A segunda, mais ousada, e mais dura é a de que o atual índice não é resultado de uma natural evolução do Estado-Nação equatoriano, mas fruto de uma amarga derrota, que subtraiu quase metade da área do país. Além disso, a posição de Quito, como centro político vem do período colonial e continuou imperando assim por mais de um século, antes do conflito com o Peru, isto é, antes da sua configuração periférica de fronteira passar a ser predominantemente marítima.

TABELA 1 – Extensão das Fronteiras e Índice de Maritimidade na América Latina Atual.

Países	**FT**	**FM**	**FP**	**Maritimidade**
Argentina	9.665	4.731	14.396	0,49
Bolívia	6.473	*0*	6.473	*0*
Brasil	**15.735**	**7.408**	**23.143**	0,47
Chile	6.171	5.338	11.509	0,87
Colômbia	6.004	2.076	8.080	0,35
Equador	2.010	2.057	4.067	**1,02**
Paraguai	3.920	*0*	3.920	*0*
Peru	5.536	2.330	7.866	0,42
Uruguai	*1.564*	966	*2.530*	0,62
Venezuela	4.993	2.816	7.809	0,56
Cuba	*0*	3.380	3.380	**4**
Haiti	310	1.081	1.391	3,49
Rep. Dom.	310	*972*	*1.282*	3,14
México	**4.305**	**10.170**	**14.475**	*2,36*
Costa Rica	615	826	1.441	1,34
El Salvador	*460*	*304*	*764*	0,66
Guatemala	**1.628**	330	1.958	*0,20*
Honduras	1.381	692	2.073	0,50
Nicarágua	1.109	824	1.933	0,74
Panamá	546	**1.920**	**2.466**	**3,52**
TOTAL	72.735	48.221	120.956	0,66

Legenda: FT= Fronteira Terrestre (em Km); **FM**= Fronteira Marítima (em Km); **FP**= Fronteira Periférica (total, soma das outras duas; em Km); **Marítimidade**= divisão da segunda coluna pela primeira. Os maiores valores por sub-região estão em **negrito** e os menores estão em *itálico*. [146]

De posse dos dados acima, a classificação dos países latino-americanos em função do seu índice de maritimidade pode ser efetuada. Para o caso específico da América Latina e incorporando conjuntamente os condicionantes históricos culturais, o que é sempre uma situação de escolhas subjetivas (se bem que no caso presente as diferenças são bem claras), a tipificação ficou caracterizada como: **a) Países Marítimos (com Índice igual ou superior a 1,0):** Costa Rica, Cuba, Equador, Haiti, México, Panamá e República Dominicana; **b) Países Híbridos (com Índice entre 0,4 e 1,0):** Argentina, Brasil, Chile, El

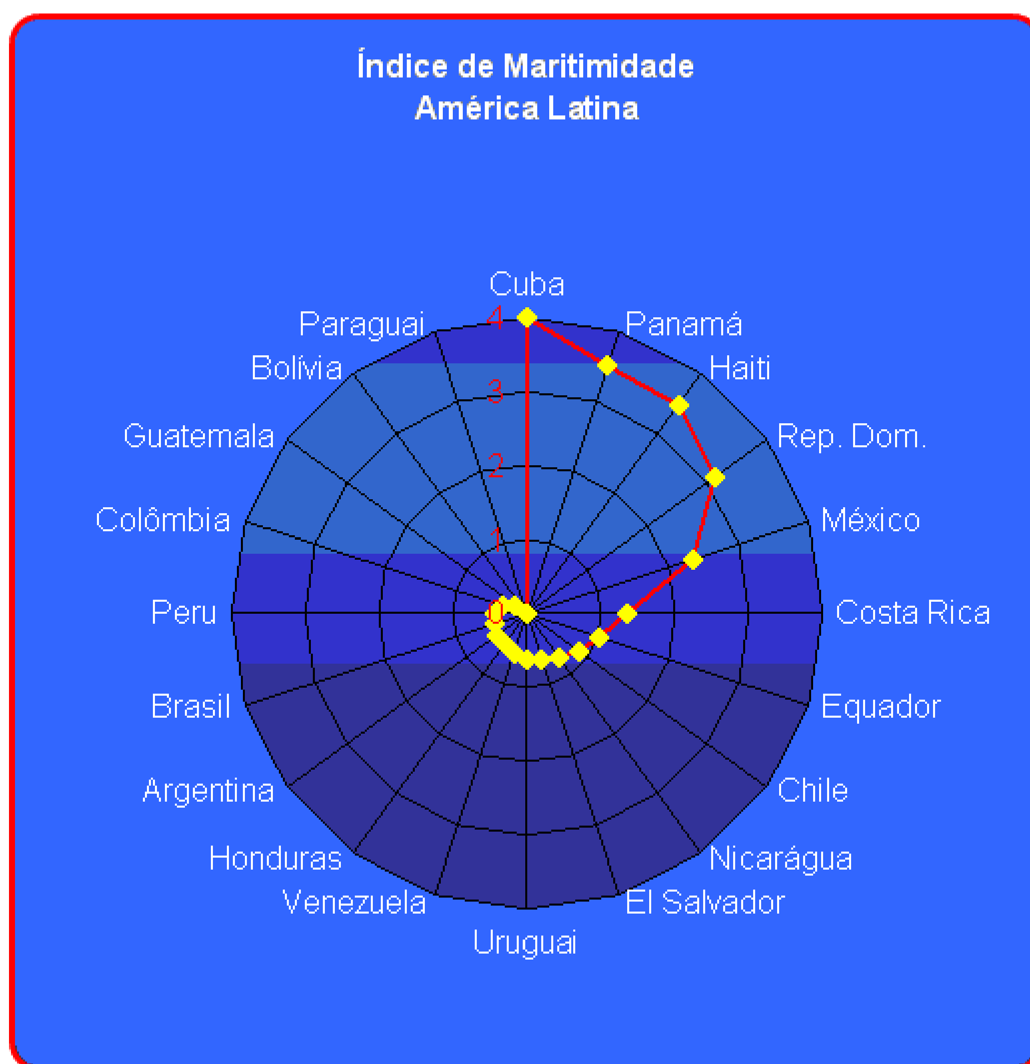
[146] Dados extraídos de Adrian J. ENGLISH, **Armed Forces of Latin America: Their Histories, Development, Present Strength, and Military Potential**, passim; e, em várias passagens, de dois livros de Gordon IRELAND, **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean;** e **Boundaries, Possessions, and Conflicts in South America.**

Salvador, Honduras, Nicarágua, Peru, Uruguai e Venezuela; e **c) Países Terrestres (com Índice inferior a 0,4 - inclusive):** Bolívia, Colômbia, Guatemala e Paraguai.

Assim sendo, se constata sete países marítimos, nove híbridos e quatro terrestres. Ao longo do processo de transformação histórica das áreas e das fronteiras latino-americanas, os países cuja mudança de índice, ocorreu a ponto de haver uma transferência de nível foram: a Colômbia era híbrida quando a província do Panamá; o Equador, comentado mais acima; e o México, que antes de perder metade do seu território para os EUA em 1848, era híbrido.

O Gráfico 1 consolida, visualmente, a tipificação de maritimidade para os tempos atuais.

Gráfico 1 - Índice Atual de Maritimidade na América Latina.



Quanto ao ponto das vantagens e desvantagens de cada tipo, a resposta para os "tipos puros" parece evidente. Aos países marítimos a opção pelo vetor militar marítimo não é somente facilitada, mas quase uma obrigação. E aí está o cerne da dubiedade marítima.

Voltado para o mar, que desde o século XV é sinônimo de expansão e de desenvolvimento econômico, parece apresentar uma situação mais favorável que os países terrestres, muitas vezes encerrados em si mesmos e sem condições de expansão econômica, ou mesmo, territorial. E a tentativa de abrir um caminho para o mar pode terminar tragicamente, da mesma forma que terminou em 1870 para o Paraguai.

Entretanto, o uso do mar exige recursos maiores, mais técnicos e mais especializados que os necessários para a terra, elemento natural do ser humano. Não seria este, precisamente (e de forma irônica), o sentido mais profundo e verdadeiro do lema da Escola de Sagres: *"Navegar é preciso, viver não é preciso"*.

Além do mais, os países insulares e os quase assim são, geralmente, limitados na quantidade e na diversidade de recursos, tendendo a depender de fornecedores alhures. Esta dependência cria uma vulnerabilidade militar muita perigosa e países, na verdade potências de calibre mundial, como a Grã-Bretanha e o Japão são exemplos deste jogo de duplo destino: dominar as rotas marítimas e, consequentemente, a economia mundial ou, no caso de serem controladas, por uma potência inimiga, acabar sofrendo asfixia economia e até a morte da nação.

Cuba representa este papel na América Latina. Com desvantagens piores do que ela no campo dos países marítimos, só estão mesmos aqueles que não são uma ilha, mas apenas parte de uma. República Dominicana e o Haiti dividem a ilha de Hispaníola, portanto com as desvantagens da posição insular e ainda tendo uma fronteira terrestre com que se preocupar. As guerras do século XIX entre os dois países retratam a preocupação haitiana por fim a mais este problema, herdado dos tempos coloniais.

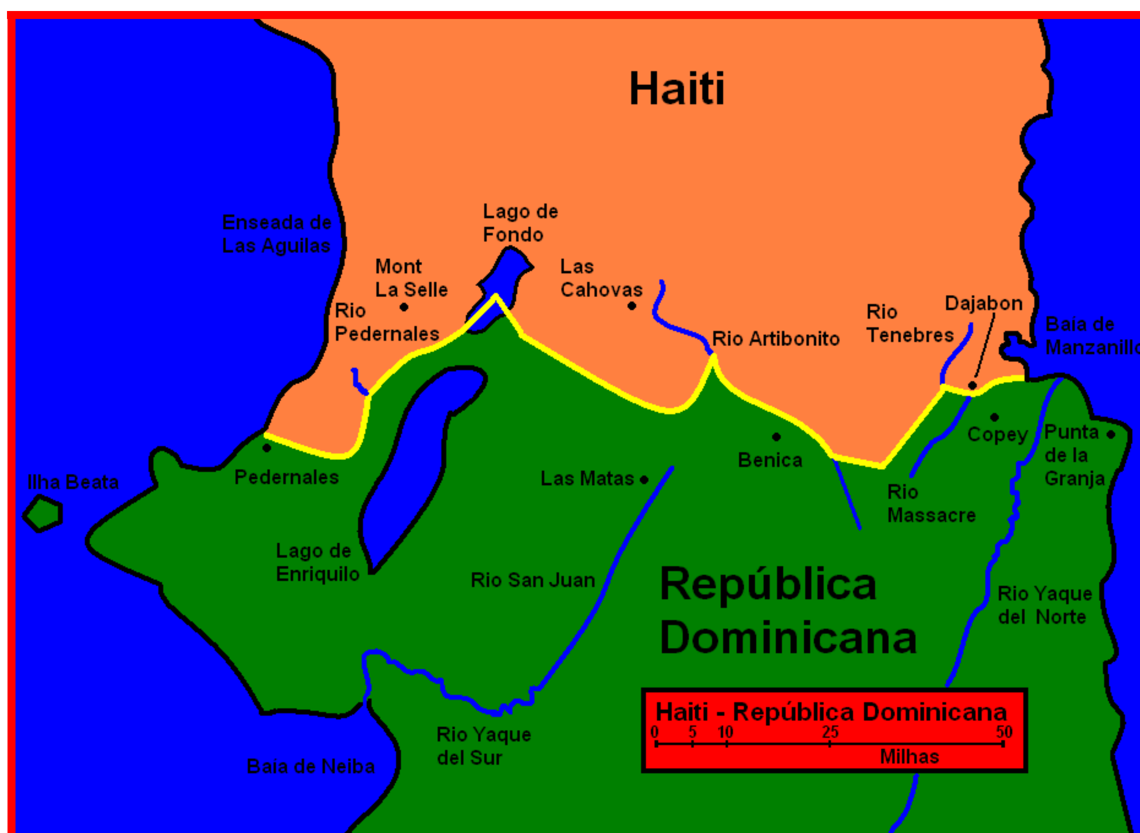
A fronteira entre os dois países caribenhos, com uma extensão de trezentos e dez quilômetros pode ser vista no Mapa 1 (conforme estabelecida pelo Tratado de 1929, vigente até hoje). [147]Com a finalidade de favorecer a percepção das nuanças da "linha" fronteiriça mudou-se a orientação do mapa, ficando o Norte no lado direito e o Oeste na parte superior.

Contudo, isto somente é válido para os países de maritimidade absoluta (ou quase). Países não-insulares, como o México, com um elevado índice de maritimidade, são bastante beneficiados, pois aproveitam muito a condição de conter um vasto litoral, sem as

[147] Os mapas desta tese priorizaram a visualização dos eventos em foco, em detrimento da configuração técnica. As linhas geodésicas, na maioria deles, foram retiradas e a preocupação cartográfica ficou em segundo plano devido à opção de por em destaque os fenômenos, usando o mapa apenas como a base simples do espaço de ocorrência dos mesmos.

desvantagens de estarem, literalmente, ilhados. Os mexicanos possuem a maior extensão litorânea da América Latina e, o que é melhor, em dois oceanos distintos e importantes como o Atlântico e o Pacífico. Panamá, em maior grau, e Costa Rica, com um índice menor, compartilham das mesmas vantagens que o México.

MAPA 1 – A Fronteira entre o Haiti e a República Dominicana.



Fonte: Adaptado de Gordon IRELAND, **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean,** p. 44.

Tudo isto, de forma invertida, pode ser dito para os representantes do outro "tipo puro", o terrestre. Apenas a título de comentário, é curiosa a situação da Colômbia. Ela tem acesso aos dois oceanos, mas a perda do Panamá reduziu tanto a costa colombiana, que de um país híbrido ela passou a ser um terrestre, com um longo arco de fronteira permeando lagos, elevados planaltos e a selva amazônica. Esta diversidade ecológica é positiva para o país, mas os problemas de atuação estratégica em ambientes tão diferenciados e com dificuldade de acesso são enormes. Será que esta diversidade ambiental nas fronteiras, seguida pela diversidade étnica não podem, de certa forma, contribuir para as tão acirradas e constantes lutas intestinas que o país assiste ao longo de toda a sua vida independente?

As desvantagens do hibridismo já foram apresentadas nos parágrafos relativos aos dilemas do Equador, e da França. As vantagens desta posição, como qualquer tipo misto, estão relacionadas com a capacidade de atuar com mais facilidade que os "tipos puros" em ambientes estratégicos diversos e, sobretudo, em cenários favoráveis a operações combinadas.

Entretanto, e estes aspectos são fundamentais, a política orçamentária voltada para os meios militares deve ser bastante equilibrada e os atores políticos e, sobretudo, os militares devem ter condições de atuarem de forma integrada. As campanhas vitoriosas do Chile contra a Bolívia e o Peru provam isto. Em duas ocasiões, nas guerras de 1836-39 e na de 1879-83, foi, em boa parte, a combinação estreita entre o exército e a marinha do Chile, e no interior destas forças, a cooperação bem ordenada das diversas armas, que garantiram as vitórias chilenas.

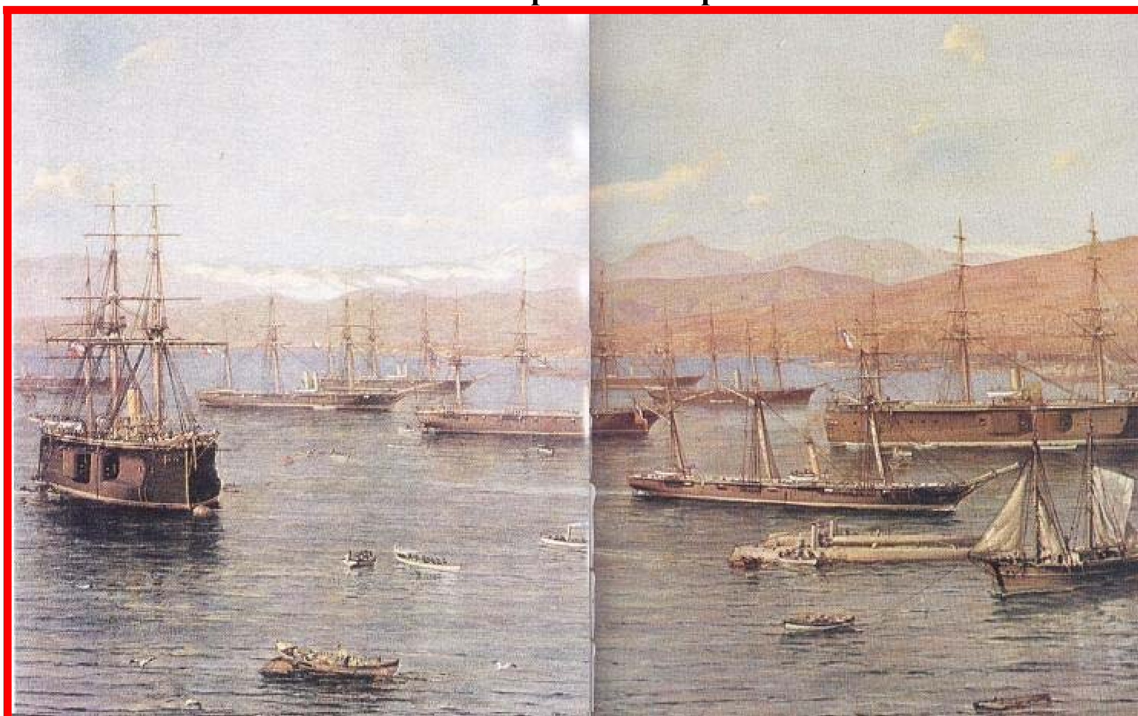
FIGURA 1 – Artilharia Montada Chilena – Guerra do Pacífico.



Fonte: Robert L. SCHEINA, **Latin America's Wars,** Volume I, p. 387.

O exército chileno apresntava uma estrutura bastante modernizada e eficiente quando começou a Guerra do Pacífico. A artilharia era móvel e tinha setenta e cinco canhões, muitos dos quais modernos modelos Krupp e Limache. O Peru tinha metade disso, sendo apenas dezesseis de fabricação moderna, igualmente os Krupp de 75 mm. A Bolívia não tinha nada parecido.

FIGURA 2 – Marinha do Chile no porto de Valparaíso – Guerra do Pacífico.



Fonte: Ministério de Educacion Pública do CHILE. **Museo Historico Nacional,** pp. 108-109.

FIGURA 3 - Couraçado *"Huáscar"* – Guerra do Pacífico.



Fonte: Foto do Autor.

No mar a situação era menos desigual. A Bolívia não tinha uma marinha de alto-mar, mas o Peru possuía quatro navios blindados a vapor contra apenas dois do Chile. É bem verdade que estes dois blindados chilenos eram mais modernos, tinham uma couraça com o dobro da peruana e um número maior de canhões. E o Chile também tinha o triplo do número de navios sem blindagens que o Peru possuía.

O navio-capitânia do Peru era o couraçado *"Huáscar"*, que pode ser visto na Figura 3 e também ao vivo, uma vez que se constitui em um dos pouquíssimos couraçados do século XIX que foram preservados. Conquistado pelo Chile durante a Guerra do Pacífico, atualmente ele opera como navio-museu na Base Naval de Talcahuano.

Com isto, as duas últimas proposições kennedyanas foram resolvidas.

Além da idéia do cálculo de maritimidade, Supan criou uma outra fórmula, chamada por ele de Quociente de Pressão (QP), na qual ele relaciona as populações dos países limítrofes. Para obter o QP de um determinado país, deve-se dividir o número de seus habitantes pela soma das populações de todos os Estados que compartilham fronteiras com ele. Se o resultado for igual a Um, existe uma situação de equilíbrio fronteiriço. Caso o resultado for menor do que Um, o coeficiente de pressão sobre o país em foco será muito grande e ele deverá perder território. Então, a expansão do país considerado somente ocorrerá quando o resultado for maior do que Um.

A criação e expansão do Estado de Israel, ocorrida décadas depois da formulação de Supan desmente a validade absoluta do QP. Mas a formulação não deve ser desconsiderada. Talvez a proposta esteja correta, faltando apenas trocar o componente (ou os componentes) a ser mensurado. Será que a densidade demográfica não seria um elemento mais definidor para a fórmula?

Isto foi executado, mas os resultados foram desanimadores e não conclusivos, razão pelas quais os cálculos não foram aqui incluídos. O problema com a fórmula de Supan pode residir no fato de se colocar todos os países fronteiriços no denominador. Talvez o mais indicado fosse tratar caso a caso, estabelecendo os cálculos somente para os países que estão em disputa. Contudo, este procedimento não cabe aqui, afinal este trabalho trata-se mais de um esforço sintético e comparativo que de uma reunião de trabalhos de estudo de caso.

No desenrolar do capítulo até será realizada uma abordagem particulariza, porém não com a profundidade necessária para resolver este ponto. Mesmo porque esta proposta de uma fórmula de densidade demográfica não é o ponto central do capítulo e, menos ainda, da tese

como um todo. De qualquer maneira, a questão demográfica (ou de densidade demográfica) como elemento de “Pressão Fronteiriça” era um dos pontos mais importantes do estudo de Supan e merece ser tratada aqui. Mas a forma como isto se realizará, será analisando o conjunto dos países e estabelecendo comparações diretas entre as densidades demográficas dos países.

Também se efetuará uma comparação diacrônica entre as áreas e as densidades dos países latino-americanos para o início dos séculos XX e XXI.

TABELA 2 – Áreas dos países Latino-Americanos (em Pontos, Base Vinte).

Países	1900	2000
Argentina	7,06	6,5
Bolívia	6,12	2,57
Brasil	20	20
Chile	1,74	1,77
Colômbia	3,14	2,66
Costa Rica	0,11	0,12
Cuba	0,29	0,27
El Salvador	0,04	0,05
Equador	0,72	0,66
Guatemala	0,31	0,25
Haiti	0,06	0,06
Honduras	0,29	0,26
México	4,77	4,61
Nicarágua	0,31	0,3
Panamá	0,19	0,18
Paraguai	0,98	0,95
Peru	4,32	3,01
Rep. Dom.	0,11	0,11
Uruguai	0,45	0,46
Venezuela	3,69	2,13

Fonte: Tabelas 2 e 20, respectivamente, do capítulo **Toques da Eternidade.**

O decréscimo relativo de área em alguns países, como no caso da Argentina, não advém de perdas territoriais, mas devido ao fato do país referência nas duas colunas, o Brasil, ter aumentado a sua área absoluta sem ter modificado o seu total de pontos (que é o máximo de vinte pontos).

Mesmo assim, houve países que perderam bastante território no período subseqüente a 1900. A Venezuela perdeu para o Brasil, Colômbia e Guiana Inglesa, pela via diplomática, porções consideráveis da sua área inicialmente pleiteada como venezuelana. A Colômbia, além da emancipação do Panamá também perdeu território para o Brasil no Acordo de 1907. A Bolívia perdeu o Acre para o Brasil e no acordo de 1909 com o Peru cedeu uma faixa de 250 mil quilômetros quadrados. O Peru também irá incorporar a área disputada com o Equador no conflito de 1941. Por outro lado, o Peru perdeu território com os acordos de 1920 (efetivado somente em 1922) com a Colômbia e de 1909 com o Brasil.

Os três gráficos seguintes, vinculados a Tabela 2, permitem visualizar a dimensão destas perdas e ganhos, principalmente o Gráfico 4, que procede a comparação entre os dois anos em foco.

Gráfico 2 – Áreas dos Países da América Latina em 1900.

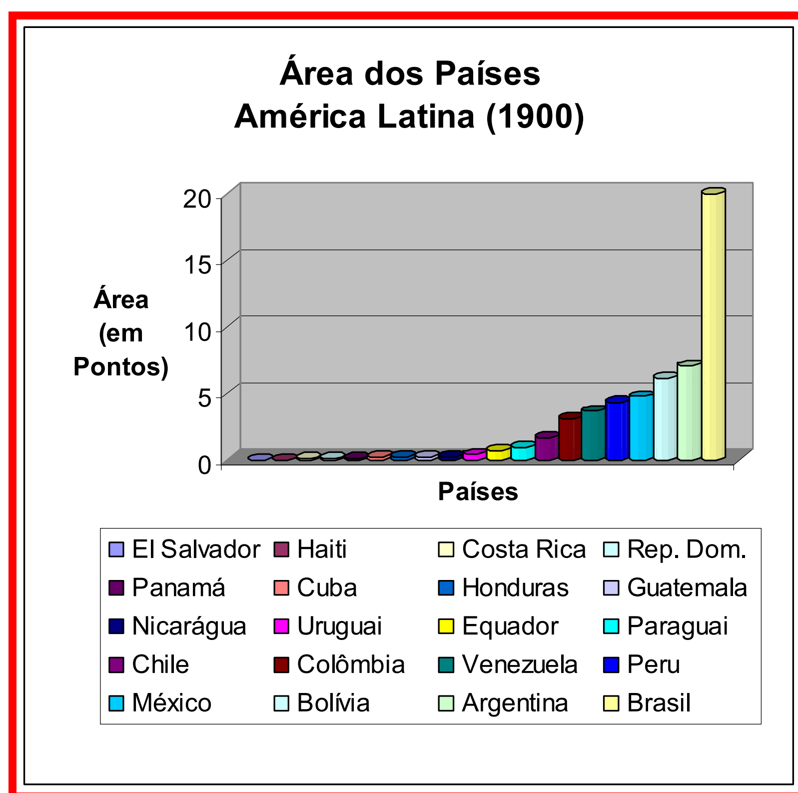


Gráfico 3 – Áreas dos Países da América Latina em 2000.

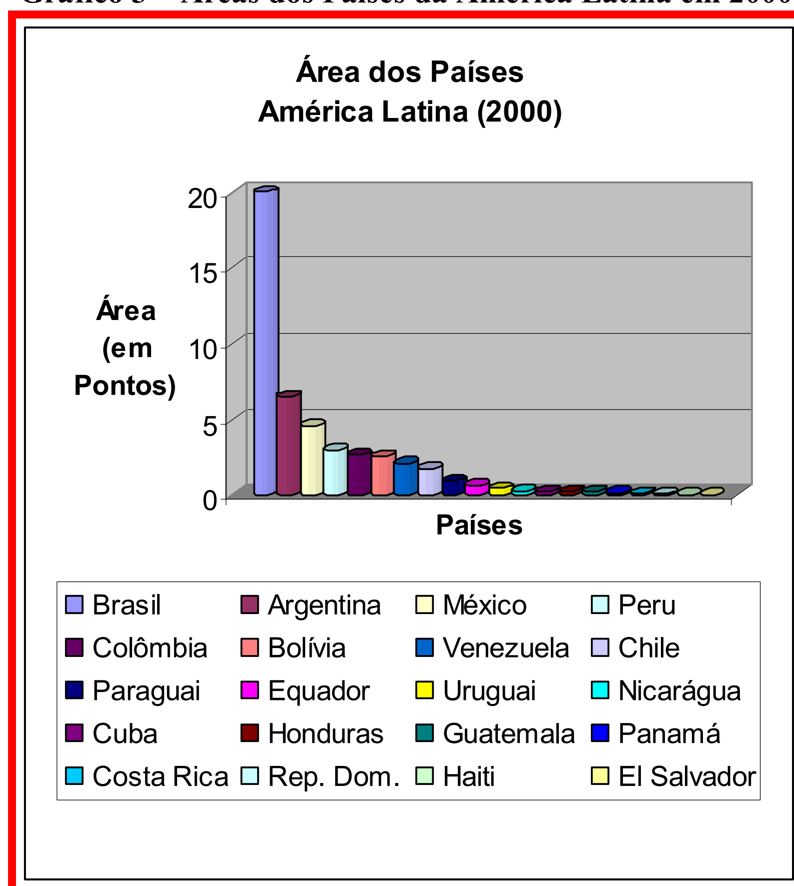
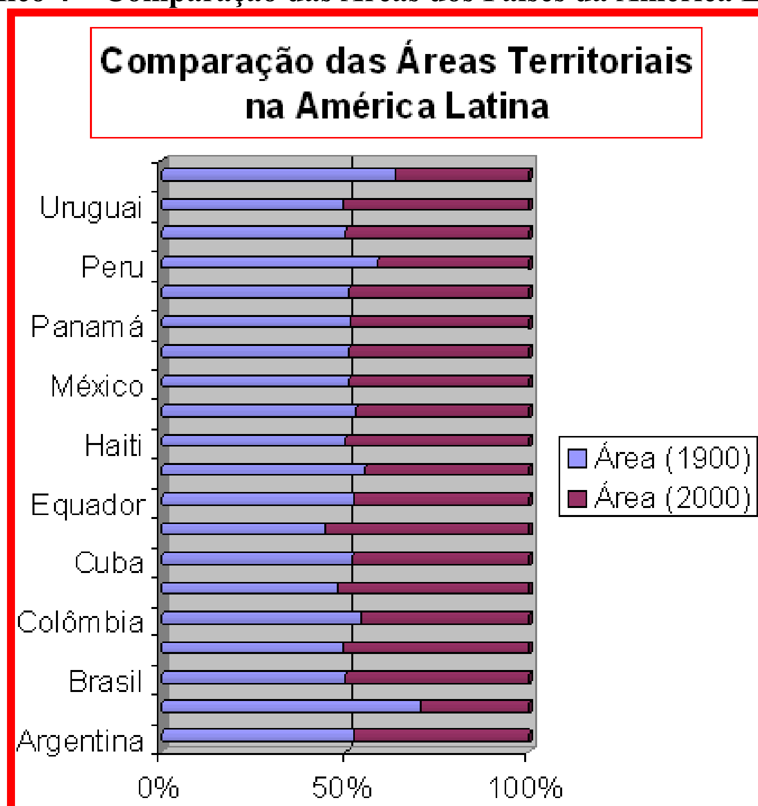


Gráfico 4 – Comparação das Áreas dos Países da América Latina.



O mesmo procedimento será adotado em relação às densidades demográficas, tratadas na Tabela 3 e nos Gráficos 5, 6 e 7, dela resultantes.

TABELA 3 – Densidades Demográficas na América Latina (em 1900 e em 2000).

	Densidades	
Países	**1900**	**2000**
Argentina	1,74	13,7
Bolívia	0,72	7,8
Brasil	2,24	20,41
Chile	4,32	21,06
Colômbia	3,16	38,73
Costa Rica	6,45	83,14
Cuba	10,39	98,44
El Salvador	53,75	304,96
Equador	5,03	46,35
Guatemala	12,30	109,12
Haiti	51,86	310,25
Honduras	3,99	59,88
México	7,39	51,75
Nicarágua	3,79	41,26
Panamá	4,69	38,36
Paraguai	1,17	14,04
Peru	2,27	20,62
Rep. Dom.	16,16	176,93
Uruguai	5,28	17,45
Venezuela	1,64	27,47

Fonte: Tabelas 3 e 21, respectivamente, do capítulo **Toques da Eternidade.**

Ao longo dos dois séculos, os países que tiveram grandes perdas de território, devido a confrontos militares, possuíam densidades demográficas menores que os países com os quais estavam disputando a área. Bolívia, Colômbia, Paraguai e México, são estes os países. A Bolívia, inclusive, apresentou em três oportunidades diferentes: na Guerra do Pacífico (1879-83) contra o Chile, na Guerra do Acre (1903) contra o Brasil e na Guerra do Chaco (1932-35) contra o Paraguai.

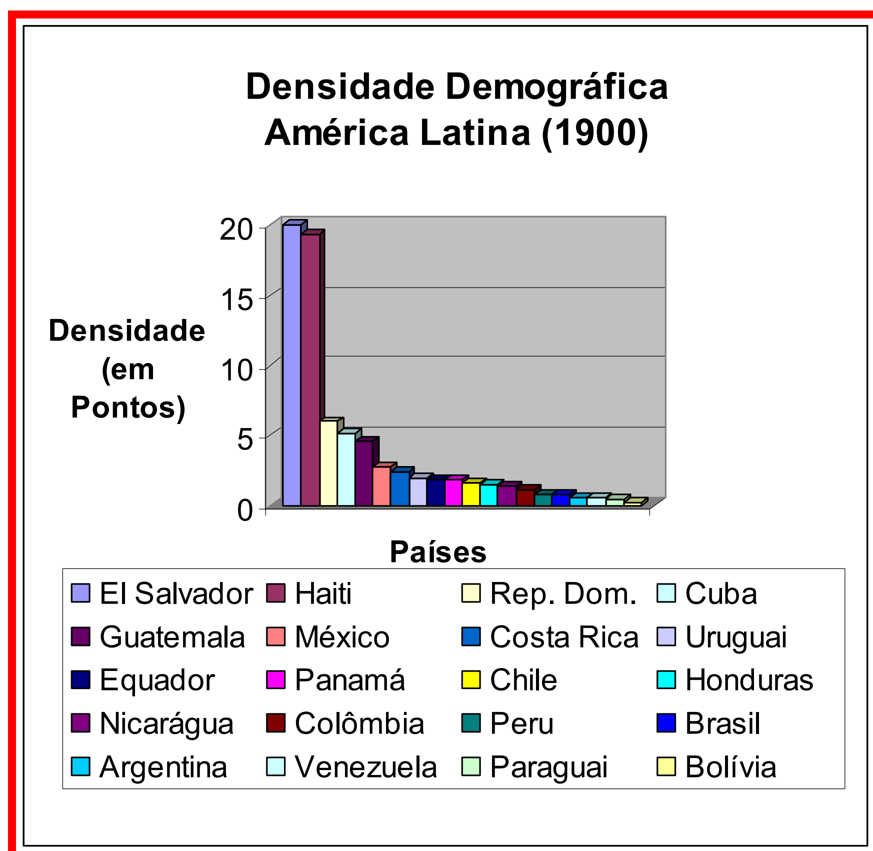
A única exceção é o Equador, que sempre teve uma densidade maior que o Peru. No entanto, na região disputada, em ambiente amazônico a densidade equatoriana era menor,

inclusive militarmente falando, pelo menos é o que afirma Robert Scheina no capítulo sobre os conflitos entre os dois países. [148]

Apenas recordando: estes mesmos países, também possuíam, no momento das disputas, índices de maritimidade menores do que Um. A exceção, neste caso, é o México. Países isolados e com baixa densidade parecem ser os mais vulneráveis a pressões fronteiriças e a perda de território, como os casos exemplares da Bolívia e do Paraguai.

As diferenças ficam mais evidentes quando se compara estes dados pelos Gráficos 2, 3 e 4. Todos os gráficos do capítulo foram montados com o sistema de pontos na Base Vinte, que facilita muito a visualização e oferece melhor distribuição por escala.

Gráfico 5 – Densidade Demográfica na América Latina em 1900.



[148] Robert l. SCHEINA, **Latin America's Wars,** Volume II, pp. 114-125.

Gráfico 6 – Densidade Demográfica na América Latina em 2000.

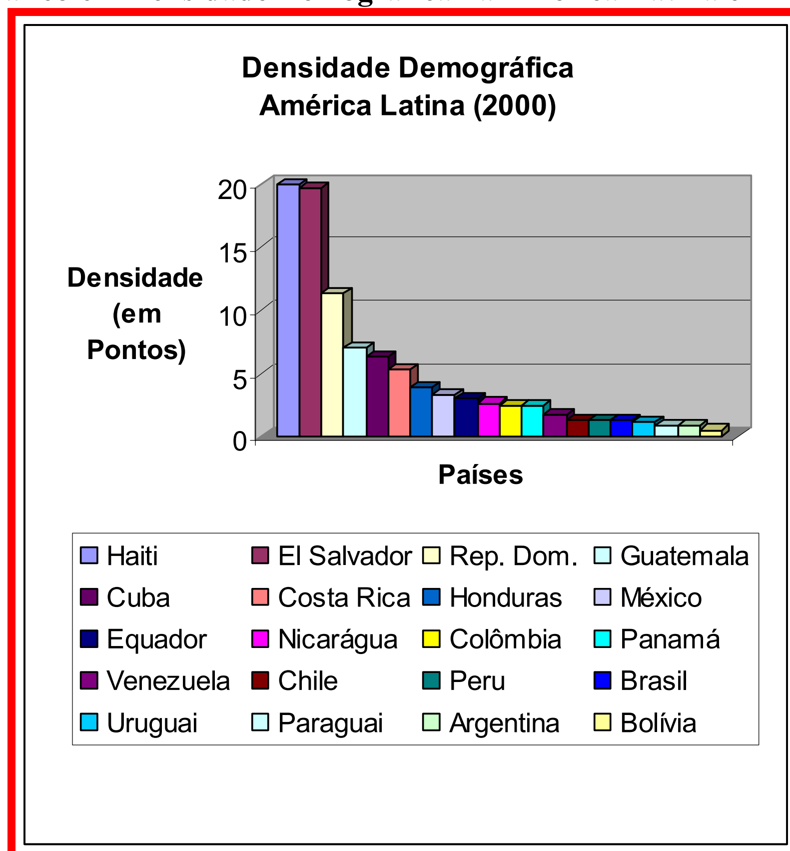
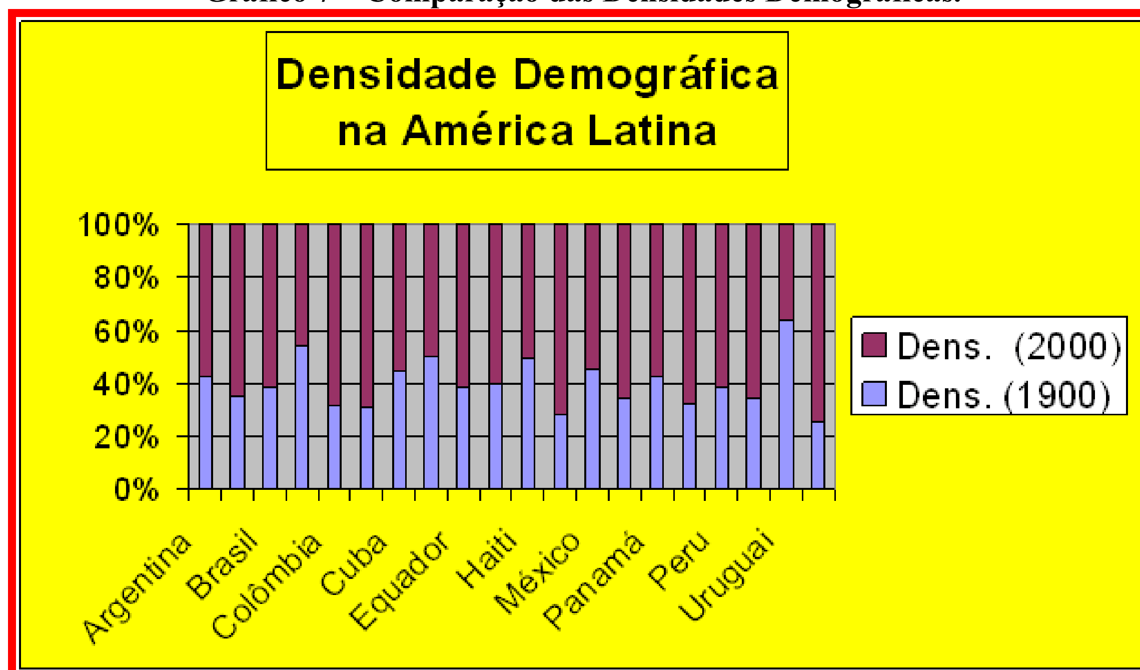


Gráfico 7 – Comparação das Densidades Demográficas.



Poder Militar e Fronteiras

Os dois questionamentos iniciais de Paul Kennedy, quantas fronteiras para cada país e a força comparada dos países fronteiriços, têm suas respostas no contexto latino-americano inseridas na Tabela 4.

Cuba e Panamá não estão presentes porque em 1900 eles não se constituíam como países independentes. Para o caso de Cuba não muda o quadro, porque sendo não apresenta fronteiras terrestres. O Panamá, com dois países fronteiriços, segundo dados do início do século seguinte, perderia em pontos para a Colômbia, mas ganharia da Costa Rica.

O Panamá conseguiu a separação da Colômbia porque contou com o apoio velado dos EUA, interessados na construção do canal que o governo colombiano não queria aceitar.

Mas talvez o motivo principal da separação tenha sido bem mais simples: o desejo dos grupos dominantes no Panamá em desligarem a província de um país devastado por uma longa e selvagem guerra civil, a Guerra dos Mil Dias. Se não tivesse ocorrido a simultaneidade destes eventos, a Colômbia talvez tivesse melhor sorte na questão do Panamá e do Canal.

Cabe lembrar que os pontos, de poder militar computados na tabela abaixo, são pontos absolutos, uma vez que se está medindo o poder dos países em um período mais longo, no qual a efetividade dos pontos absolutos é maior que os pontos de poder relativo, que são mais adequados para uma avaliação pontual ou de curta duração.

TABELA 4 – Número de Países e Classificação de Poder Militar por Fronteiras Nacionais (em 1900).

Países	**Nº**	**Estados Mais Fortes**	*Estados Mais Fracos*
Argentina	05	**Brasil**	*Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.*
Bolívia	05	**Argentina, Brasil, Chile e Peru.**	*Paraguai.*
Brasil	**11**	**As Três Colônias Européias das Guianas.**	*Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.*
Chile	03	**Argentina**	*Bolívia e Peru.*
Colômbia	05	**Brasil**	*Costa Rica, Equador, Peru e Venezuela.*
Equador	03	**Brasil, Colômbia e Peru.**	*Nenhum*
Paraguai	03	**Argentina,**	*Nenhum*

		Bolívia e Brasil.	
Peru	05	**Brasil, Chile e Colômbia.**	*Bolívia e Equador.*
Uruguai	*02*	**Argentina e Brasil.**	*Nenhum*
Venezuela	03	**Brasil, Colômbia e Guiana Inglesa.**	*Nenhum*
Haiti	01	**Nenhum**	*República Dominicana*
Rep. Dom.	01	**Haiti**	*Nenhum*
México	**03**	**EUA e Honduras Britânicas.**	*Guatemala*
Costa Rica	*02*	**Colômbia e Nicarágua.**	*Nenhum*
El Salvador	03	**Guatemala**	*Honduras e Nicarágua.*
Guatemala	**04**	**Honduras Britânicas e México.**	*El Salvador e Honduras.*
Honduras	03	**El Salvador, Guatemala e Nicarágua.**	*Nenhum*
Nicarágua	03	**El Salvador**	*Costa Rica e Honduras.*

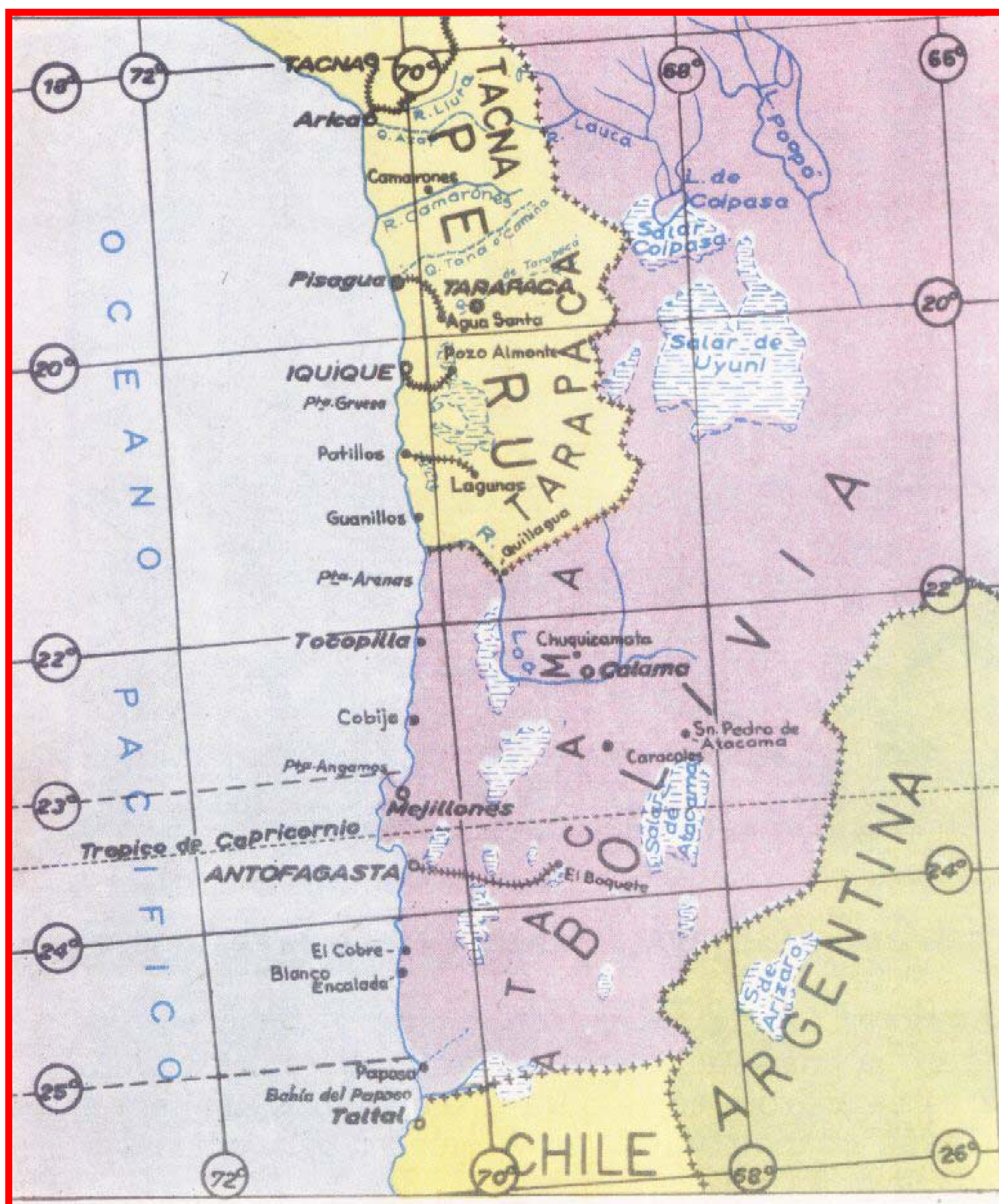
Na coluna dos números, os maiores valores por sub-região estão em **negrito** e os menores estão em *itálico.* Nas colunas dos Estados, o país com a maior extensão de fronteira com o país referência está sublinhado. As potências estrangeiras e as suas colônias foram consideradas sempre, por questões óbvias, como sendo Estados mais fortes que os latino-americanos. **Fonte:** Mapas 1 e 2 e Tabela 2 do capítulo **Toques da Eternidade.**

Ao longo de tempo ocorreram modificações territoriais que configuraram um número de países fronteiriços diferentes do apresentado acima. Como as mudanças não foram muitas vamos citá-las. No século XX: Colômbia e Costa Rica deixaram de ser fronteiriços com a emancipação da província colombiana do Panamá. O Equador deixou de fazer fronteira com o Brasil quando assinou o Acordo de 1920-22 com a Colômbia e depois que perdeu o território amazônico para o Peru, em 1941.

No século XIX: o Chile, antes da Guerra do Pacífico não era fronteiriço ao Peru, entre eles havia a faixa litorânea da Bolívia, com aproximadamente trezentos quilômetros. Este trecho, correspondente, no interior, ao deserto do Atacama, era rico em salitre e nitratos, muito valorizados na época como fertilizantes naturais para os cansados solos agrícolas europeus.

O mesmo valor fertilizante tinha o guano (estrume de aves marinhas), encontrado nas ilhas e na faixa costeira do mesmo trecho. Juntamente com o salitre, o guano foi a causa econômica da guerra. Aliás, para os mais economicistas, a Bolívia lutou e perdeu territórios na Guerra do Petróleo (Chaco, 1932-35), na Guerra da Borracha (Acre, 1903) e na guerra do Salitre (1879-83).

MAPA 2 – O Território Perdido pela Bolívia e pelo Peru na Guerra do Pacífico.



Fonte: Gustavo Pons MUZZO, **Compendio de Historia del Peru,** p. 172.

O Mapa 2 mostra o terreno perdido pelos bolivianos e peruanos na Guerra do Salitre. O Chile incorporou, além da grande riqueza dos fertilizantes, seiscentos quilômetros de litoral,

metade do Peru e metade da Bolívia, e um área com duzentos e quarenta mil quilômetros quadrados, igualmente metade peruana, metade boliviana.

Mesmo uma pequena observação dos dados da Tabela 4 faz com que venha a tona a discussão sobre os pontos de *Heartland.* A América do Sul, com uma configuração compacta, deixa claro que o ponto central, por "onde passa o fogo do dragão", é mesmo a Bolívia. Situada no encontro dos pontos médios da área total da sub-região e cercada por vizinhos mais poderosos e conscientes da teoria de que quem controla o centro domina o todo, a Bolívia não pôde resistir às variadas pressões a que foi submetida e perdeu mais da metade do território que originalmente possuía. [149]

De qualquer maneira, nem a Bolívia e nem os seus vizinhos mais poderosos puderam controlar o *Heartland* sul-americano. As mais fortes potências da região, Argentina e Brasil, tentaram exercer um controle indireto do ponto central, seja influenciando os países da área ou bloqueando as iniciativas do outro. No início da década subseqüente ao final da Guerra do Paraguai, ambos quase foram à guerra devido às disputas pela divisão do Paraguai.

Talvez o Paraguai ainda tenha sobrevivido como nação independente porque a única forma de se evitar o confronto direto foi a manutenção do Paraguai como Estado-Tampão, como já havia ocorrido com o Uruguai no final da Guerra da Cisplatina, em 1828. Neste mesmo ano também eclodiu o conflito Peru-Grã-Colômbia, que acarretou o surgimento, dois anos depois, de mais um Estado-Tampão na América do Sul, o Equador.

A tentativa de influência no ponto central foi tão intensa que a Guerra do Chaco é vislumbrada por muitos (Júlio José Chiavenato entre eles) como sendo um choque do sub-imperialismo brasileiro, controlando a Bolívia, contra o sub-imperialismo argentino, dominante no Paraguai. Já em 1942 havia aqueles que se compraziam em imaginar o Paraguai como sendo um *"país estranho e pitoresco, regido pelo imperialismo argentino e por uma camarilha de jovens oficiais do exército".* [150]

A propósito da guerra do Chaco, é útil abrir um pequeno parêntese para exemplificar que somente uma análise conjunta de fatores pode explicar situações particulares. Em outros termos, a Bolívia tinha um potencial militar maior que o Paraguai, inclusive com uma aviação melhor e mais numerosa em termos de aparelhos (até os de grande carga), mas perdeu o conflito porque as suas tropas, basicamente moradores indígenas do altiplano andino, não

[149] Foram 1.265.188 quilômetros quadrados perdidos de um total original de 2.363.769. Logo, a área atual está cotada em 1.098.581 quilômetros quadrados.

[150] John GUNTHER, **El Drama de América Latina,** p.16, encarte.

estavam nada adaptadas ao ambiente *chaquenho*, ao contrário da maioria das tropas paraguaias.

A capacidade técnica e estratégica da liderança paraguaia também era muito superior a dos bolivianos, comandados por assessores alemães, ainda presos as concepções ultrapassadas da Primeira Guerra Mundial. A Guerra do Chaco não era um confronto de trincheiras bem abastecidas como nos campos europeus, mas uma campanha, na qual a fluidez das ações e o controle dos poucos pontos de água da região foram dominantes. Os comandantes paraguaios, José Félix Estigarribia em particular, perceberam precocemente esta questão fundamental e pautaram os seus deslocamentos estratégicos na rapidez, priorizando as possibilidades logísticas do controle e uso da água.

Mesmo assim, a Bolívia poderia ter conseguido superar as dificuldades logísticas se tivesse utilizado melhor os seus aviões, mormente os de grande carga, que poderiam ter sido decisivos.

As figuras abaixo mostram o modelo utilizado pela Bolívia, o trimotor alemão Junkers Ju-52 3/m. Os bolivianos contavam com quatro destes aviões, que a Alemanha havia lançado em 1932, isto é, no mesmo ano em que foram adquiridos pela Bolívia, ainda antes do começou da Guerra do Chaco.

FIGURA 4 – Exemplar Boliviano "Huanuni" do Ju-52 – Guerra do Chaco.



Fonte: Dan HAGEDORN, **Latin Americans Air Wars**, p. 68.

FIGURA 5 – Embarque de Carga no Ju-52 – Guerra do Chaco.



Fonte: Dan HAGEDORN, **Latin Americans Air Wars,** p. 68.

O Mapa 3 retrata a divisão do *Gran Chaco* (área hachurada) depois da Guerra, em 1935. A região ganha pelo Paraguai está em amarelo, portanto, o Paraguai ficou com a maior parte do território em litigo. A porção que coube a Bolívia está em verde.

MAPA 3 – Guerra do Chaco, 1932-35.



Fonte: Antonio Luis Sapienza FRACCHIA, **Guerra Aérea Sobre o Fim do Mundo,** p. 77.

Depois do Chaco e da Segunda Guerra Mundial, a disputa ente Argentina e Brasil continuou e, desta feita, com tentativas de quebrar o domínio na esfera de influência já estabelecida pelo outro adversário. Missões de treinamento militar com várias facilidades, inclusive com farta doação (não venda) de material bélico (até aviões de combate), foram oferecidas para a Bolívia e o Paraguai.

Esta política de controle indireto parece mais próxima de uma estratégia de contenção como a sugerida por Spykman. Logo, para a América do Sul, a lógica do *Rimland* parece ter sido mais bem sucedida que a prática mackinderiana de controle do *Heartland*.

Mais cautelosa deve ser a discussão no tocante ao *Heartland* centro-americano. O ponto médio da área total na sub-região situa-se na faixa de terra que vai do Lago Manágua até a cidade portuária de *Bluefields*, na Nicarágua. Não por acaso essa era a região preferida pelos EUA e pela Grã-Bretanha para a construção do canal inter-oceânico.

Imediatamente a noroeste desta faixa ficava a área protegida pelos britânicos dos índios *Moskitos*, igualmente não-casual. Devido à permanência dos britânicos na costa atlântica da Nicarágua, chamada por eles de *Mosquitia,* e a sua penetração nas ilhas do Golfo de Fonseca (costa do Pacífico), de onde eles poderiam controlar a outra saída do possível canal, quase que as duas potências anglo-saxônicas foram à guerra no final da década de quarenta do século

XIX. O Tratado Clayton-Bulwer de 1850 resolveu os impasses propondo uma solução de compromisso e impedindo o controle exclusivo e a fortificação de qualquer canal a ser construído no grande istmo centro-americano.

Logo, o possível *Heartland* centro-americano estava situado em uma fronteira de apenas dois países e com obstáculos naturais, como o Lago Manágua e o rio San Juan, que quase inviabilizavam mudanças mais bruscas. Além disso, os EUA e a Grã-Bretanha, depois de 1850, não estavam mais interessados na ocorrência de instabilidade na região.

Contudo, não há necessidade de se buscar uma explicação exógena para as questões latino-americanas, priorizando a atuação de poderosas forças externas. Essa é uma postura muito ao gosto de vários estudiosos nativos, talvez na tentativa, maldosa de escamotear os verdadeiros pontos internos de pressão e colocando toda a culpa das mazelas locais no Imperialismo. É uma posição confortável e popular, mas que carece de base investigativa, talvez até de base moral. Nestes trabalhos, a impressão que se tem é a de que as elites do subcontinente, meramente, não foram responsáveis pelo o que aconteceu na região.

As possíveis explicações do motivo pelo qual a luta sobre o *Heartland* centro-americano não ter sido tão brutal e provocado tanto desmembramento territorial, em relação à América do Sul, são muito simples e exclusivamente locais. A primeira delas está na própria configuração geográfica da América do Sul, que diminui o número de países por fronteiras, reduzindo os atritos e simplificando a solução dos mesmos.

Além disso, a assimétrica de poder era muito menor que na região sul-americana. Enquanto que a diferença ente o primeiro lugar da América Central, Guatemala (12,76 pontos), e o último, Honduras (2,15 pontos), era menor que seis vezes (5,93); na América do Sul ela subiu para mais de vinte e três vezes (23,23), entre o Brasil -94,54 pontos- e o Paraguai – 4,07. A média dos pontos de todos os países centro-americanos (5,47) também estava mais próxima dos extremos que na América do Sul (30,35).

Caso seja necessário mais uma explicação, pode-se dizer que, no século XIX, o mais violento da América Latina conforme visto no capítulo **Tudo em um Único Ponto,** as guerras centro-americanas envolveram quase todos os países da região e em coligações muito mais equilibradas que as das guerras sul-americanas.

As Disputas territoriais.

Não é a proposta, deste trabalho, fazer um levantamento completo dos tratados e disputas territoriais na América Latina. Para isto existe uma bibliografia melhor e mais

completa.[151] A idéia é realizar uma visão sumária dos grandes eventos gerais que provocaram guerras ou perdas territoriais na América Latina, como o intuito de montar uma síntese do que foi discutido no **Fogo do Dragão.**

MAPA 3 – Disputas Territoriais na América do Sul.



Fonte: Adaptado de Francisco DORATIOTO, **Espaços Nacionais na América Latina,** p. 95.

[151] Até 1942 ver o, exaustivamente, completo trabalho de Gordon IRELAND, **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean;** e **Boundaries, Possessions, and Conflicts in South America.** Uma visão mais sintética e atual em: Francisco DORATIOTO, **Espaços Nacionais na América Latina.** Para aprofundar o estudo sobre o Brasil vide Enrique PEREGALLI, **Como o Brasil ficou Assim?**

O Mapa 3 apresenta a questão que diz respeito à área da América do Sul. Os números no mapa referem-se às disputas militares e acordos diplomáticos e não foram colocados como legenda no mapa por falta de espaço (como também fez o autor do mapa, Francisco Doratioto). Como a maioria delas já foi citada, com mais detalhes, neste capítulo, somente será feita a listagem dos eventos para localização. Esta lista aparece depois do mapa.

Os eventos numerados são: **1) Falklands/Malvinas** – Ilhas ocupadas pela Grã-Bretanha desde 1833, mas reivindicadas pela Argentina. **2) Arbitramento de 1984** – Canal de Beagle, favorável ao Chile em detrimento da Argentina. **3) Acordo de 1881** – O Chile reconheceu a Patagônia como argentina. **4) Guerra do Pacífico (1879-83)** – Território incorporado pelo Chile. **5) Guerra do Paraguai** – Áreas anexadas pela Argentina (sul, 1874) e pelo Brasil (norte, 1870). **6) Arbitramento de Palmas, 1895** – Favorável ao Brasil contra a Argentina. **7) Guerra do Chaco (1932-35)** – Território incorporado pelo Paraguai. **8) Tratado de 1928** – Bolívia e Brasil definem o rio Verde como limite. **9) Tratado de Petrópolis, 1903** – A Bolívia reconheceu o Acre como brasileiro. **10) Tratado de 1909** – O Peru reconheceu a região como brasileira. **11) Tratado do Rio de Janeiro, 1942** – O Equador reconheceu o território amazônico como peruano. Porém, na década de sessenta o Congresso equatoriano repudiou o acordo. Somente depois do Conflito na cordilheira de Condor (1995) que os pontos pendentes foram definidos. **12) Acordo de 1907** – A Colômbia reconheceu a área como brasileira. **13) Arbitramento de 1899** – Favoreceu a Guiana Inglesa em prejuízo da Venezuela. **14) Questão do Pirara, 1904** – O laudo arbitral favoreceu a Guiana Inglesa contra as pretensões brasileiras (área pontilhada). **15) Questão do Amapá, 1900** – O laudo arbitral reconheceu a região em disputa como brasileira, em detrimento das pretensões da França. **16) Independência do Panamá, 1903** – A Colômbia perdeu a província do canal inter-oceânico.

As questões de número 1, 4, 11 e 13 não estão definitivamente resolvidas e podem ainda tornarem-se áreas "quentes" de fricção. Em qualquer rodovia argentina são encontradas placas do mapa das ilhas com os dizeres: *"las Malvinas son argentinas".* A Bolívia ainda reclama uma saída para o mar. As relações entre o Equador e o Peru estão mais estáveis, porém uma mudança política mais radical pode favorecer a retomada da disputas e até de novos combates na região das nascentes dos rios que dão acesso à bacia amazônica.

A Venezuelana nunca ratificou o arbitramento de 1899, mormente na área do rio Essequibo. Também existem pontos de disputa fronteiriços com a Colômbia. O primeiro

deles, na região da península de Guajira, na entrada do Golfo da Venezuela (Lago Maracaibo, mais para o interior). A área é muito importante porque controla a saída do petróleo da maior província produtora da Venezuela. Ao sul, existe ainda a indefinição do limite do rio Zulia, que desemboca, igualmente, no Lago Maracaibo. Hugo Chávez tem falado muito sobre estas questões desde que assumiu a presidência venezuelana...

MAPA 4 – Disputas Territoriais na América Latina (desde 1830).



Fonte: Adaptado de Hubert HERRING, **A History of Latin America,** p. 176.

Aos comentários já realizados sobre o Mapa 3 podem ser feitos alguns acréscimos: a definição da fronteira do Brasil com o Uruguai pelo Tratado de 1851, depois da Guerra contra Manuel Oribe; as perdas territoriais mexicanas para os EUA resultantes de dois conflitos (Independência do Texas, em 1836, e Guerra de 1846-48) e da venda da região de *Gadsden,* em 1853. No total, o México perdeu mais da metade do seu território, foram 2.757.810 quilômetros quadrados de um total, em 1835, de 4.118.452 (veja Tabela 1 do capítulo **Nascimento Doloroso).**

A base dos EUA em Guantánamo, na parte meridional de Cuba, é um outro ponto de fricção a ser considerado.

MAPA 5 – Disputas Territoriais na América Central.



Fonte: Adaptado de Curtis A. WILGUS, **The Development of Hispanic America,** p. 678.

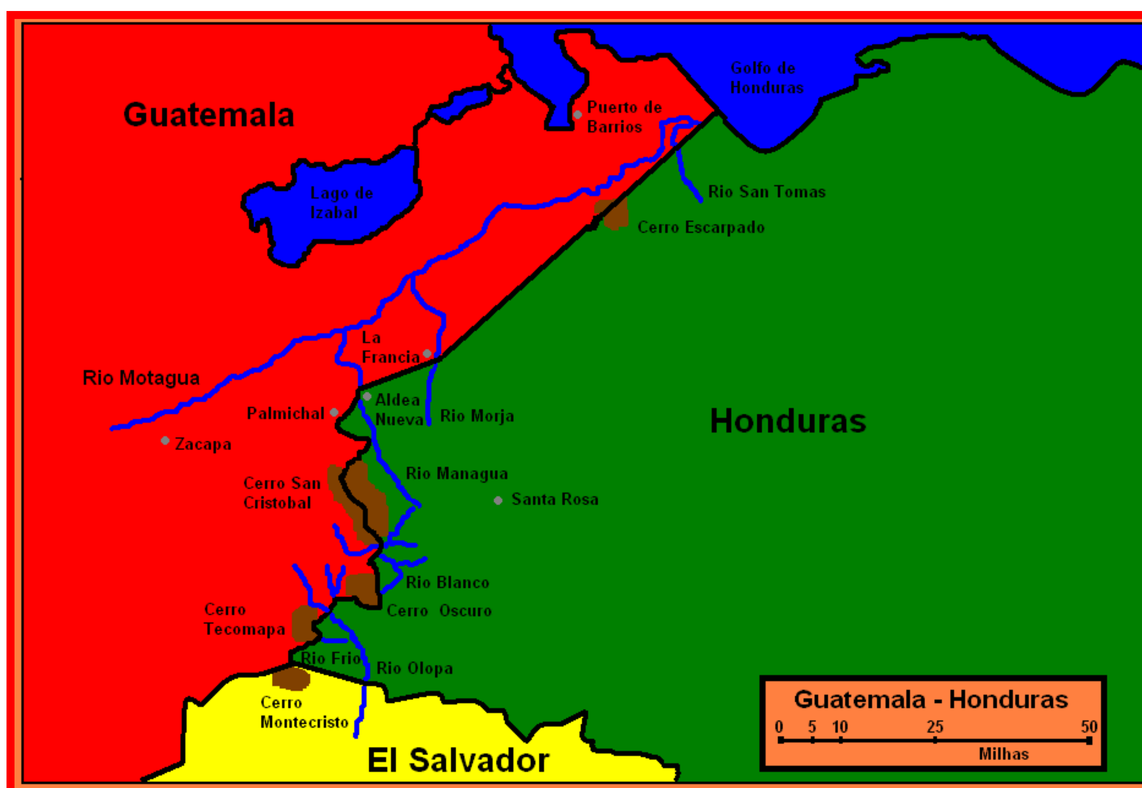
As disputas territoriais centro-americanas não implicaram em grandes perdas para nenhum dos países da região, mesmo para Honduras e El Salvador, países que possuem, para os padrões da área, várias fronteiras e com vizinhos mais poderosos. Durante o século XIX,

ambos foram verdadeiros pontos de passagem, quase que obrigatórios, nas guerras de coligação.

O fato de eles revelarem a capacidade, nos acordos realizados na região, de adquirir mais território do que perder confirma a hipótese de um equilíbrio de forças sobre o *Heartland* da América Central. Essa idéia de uma simetria de poder que se estabeleceu na área foi levantada páginas atrás. Honduras nesse sentido é o país síntese da região, podendo até ser considerada como o *lócus* geopolítico desse equilíbrio.

De qualquer forma, ocorreram quatro grandes pontos de tensão fronteiriça na América Central. O mapa seguinte foca um destes pontos. O Vale do rio Motagua ficou, praticamente, com a Guatemala, porém as importantes nascentes de alguns rios da bacia e parte dos montes Meredon ficaram com Honduras.

MAPA 6 – Fronteira ente Guatemala e Honduras.

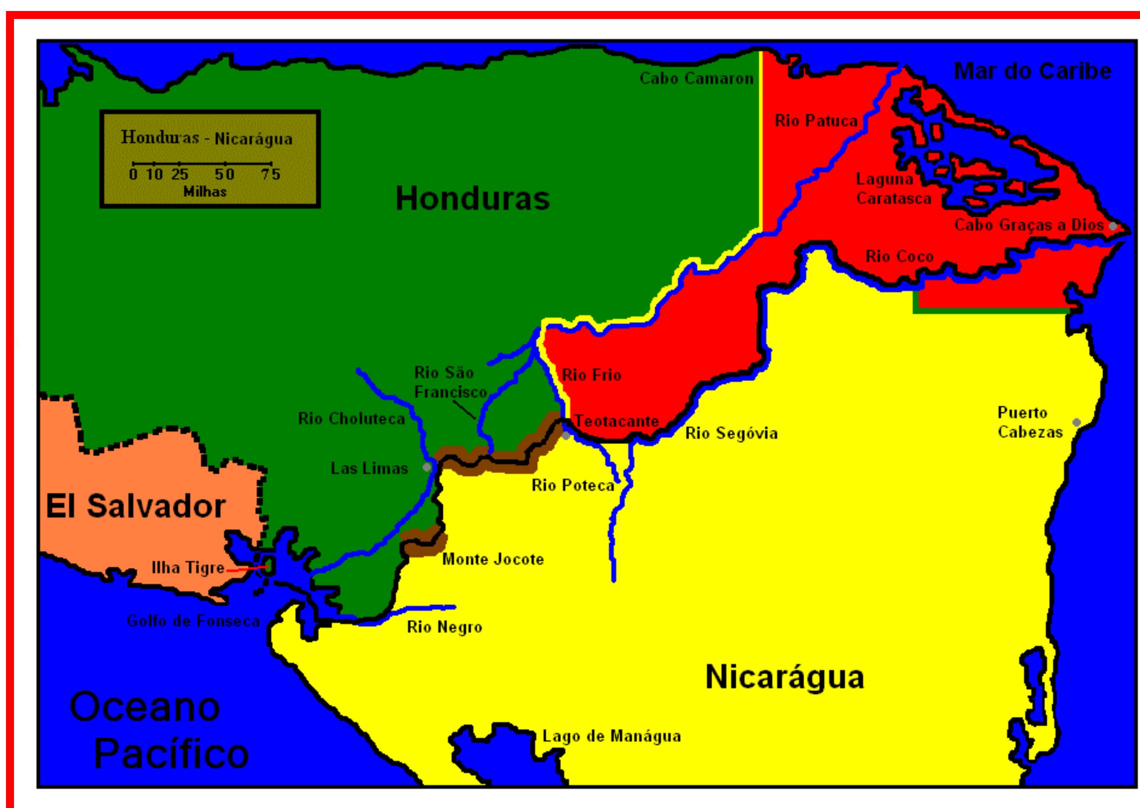


Fonte: Adaptado de Gordon IRELAND, **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean,** p. 70.

O segundo ponto refere-se a uma área maior, na fronteira sul de Honduras. O espaço em questão foi ampliado no Mapa 7. De toda a área litigiosa, Honduras reteve as terras setentrionais ao rio Segovia, o que constituía a maior parte da área, que iria até o rio Patuca, aí

incluindo a laguna de Caratasca. A Nicarágua ficou com a porção ao sul do rio Segovia, o que parece ser uma distribuição lógica, visto a clareza dos pontos naturais de separação. Contudo, nem sempre a fronteira natural é o mais justo, outros fatores como ocupação anterior e "fronteira cultural" devem ser considerados.

MAPA 7 – Fronteira entre Honduras e Nicarágua.

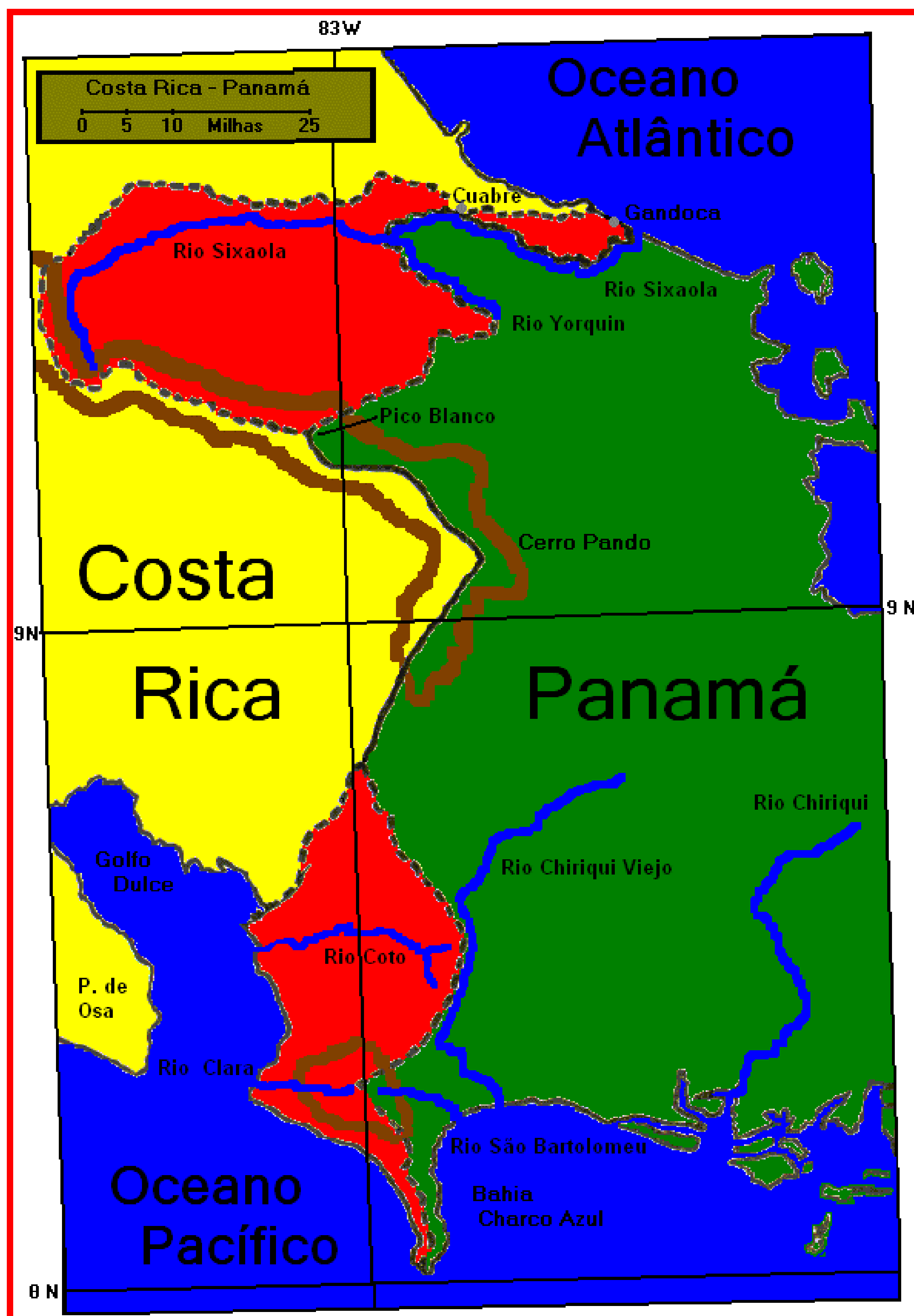


Fonte: Adaptado de Gordon IRELAND, **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean,** p. 129.

Na parte ocidental do mapa encontra-se o golfo de Fonseca e a ilha Tigre. Nesta área, devido a problemas de indefinição da linha divisória marítima e, sobretudo, ao controle da área de pescado, levaram a troca de tiros entre pequenas unidades navais dos dois países em anos recentes (1995, 1999 e 2000). El Salvador também tem interesse na área.

A situação do Mapa 8 indica duas regiões de disputa entre Costa Rica e o Panamá. Com exceção da área ao sul do rio Clara (Golfo Dulce), Costa Rica assegurou toda a área dos dois pontos em litígio por um tratado assinado com o Panamá em 1938. O ganho destas áreas representou uma pequena compensação ao acordo de 1856 que tinha cedido à Colômbia toda a região em disputa no século XIX, que cobria a área verde do mapa 8, incluindo o arquipélago Bocas del Toro, na porção nordeste.

MAPA 8 – Fronteira entre Costa Rica e Panamá.



Fonte: Adaptado de Gordon IRELAND, **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean,** p. 25.

Apesar de todas as questões anteriores e das guerras que eclodiram por causa disto, inclusive várias delas no século XX (vide os capítulos **A Serpente da Guerra** e **Tudo em um Único Ponto),** as disputas fronteiriças na América Central não tiveram o mesmo impacto das ocorridas na América do Sul. E grandes avanços foram conseguidos nos últimos dois anos, quando duas delas foram resolvidas por acordo: em 2005, Costa Rica conseguiu o direito de navegação no rio San Juan do Sul, controlado pela Nicarágua (aquele do proposto canal alternativo ao do Panamá); e El Salvador e Honduras, terminaram fechando um acordo, em 2006, sobre os pontos fronteiriços que foram uma das causas da chamada "Guerra do Futebol", de 1969.

A título de epílogo, espera-se que a tendência verificada de diminuição dos conflitos na região do século XIX para o XX, mantenha-se neste século que se inicia, pois o solo latino-americano já recebeu muito sangue generoso, várias vezes defendendo causas que não o mereciam.

"Outros haverá que não tem epitáfio,
Morreram como se nunca tivessem existido
e aí ficaram com se não tivessem nascido.
Mas esses eram homens de pundonor,
Cuja inteireza jamais será esquecida.
Na posteridade permanecem as suas sementes
E os seus filhos são uma bela herança.
Os seus corpos foram sepultados em paz
E o seu nome viverá eternamente."

Eclesiástico 44, 9-14.

CONCLUSÃO

O ESPÍRITO DO TEMPO

> *"Essa totalidade temporal é uma essência, o espírito de um povo. Os indivíduos pertencem a ele; cada um é o filho de seu povo e, igualmente, um filho de seu tempo – se o seu Estado se encontra em processo de desenvolvimento. Ninguém fica atrás do seu tempo e, muito menos, o ultrapassa. Essa essência espiritual – o* ***espírito de seu tempo*** *– é sua; ele é um representante dela; é dela que ele surge e é nela que ele se baseia".*
> Georg Wilhelm Friedrich HEGEL.[152]

Antes de proceder as conclusões propriamente ditas, cumpre esclarecer alguns pontos. O primeiro deles diz respeito à forma de montagem do trabalho. Mesmo sendo um estudo histórico, de longa duração, a seqüência de apresentação dos capítulos não foi cronológica. Optou-se por uma estrutura temática, estabelecendo pontos de ligação entre os vários temas e conformando assuntos que apresentassem características transversais, adequadas à filosofia dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN.

A organização dos capítulos, bem como de seus assuntos internos, também não é linear e verticalizada. Muito mais vantajoso para os intuitos perseguidos nesta pesquisa mostrou ser o modelo sistêmico, que ao formatar uma rede de conexões entre os vários elementos de cada capítulo, assegurou uma abrangência maior e mais complexa.

Evidentemente, o conjunto sistêmico-temático revelou alguns virtuais inconvenientes como a repetição de dados e eventos. Sem querer afirmar que essa repetição foi proposital pode-se considerar que os elementos repetidos foram recombinados em cada temática em que eles surgiam, porque o mesmo dado pode servir para distintas finalidades, dependendo única e exclusivamente da forma pela qual ele é manipulado e questionado.

Nesse sentido deve haver a consciência de que o "dado não fala", que ele pode ser conduzido. Portanto, as considerações aqui levantadas não são absolutas e nem pretendem ou poderiam ser. Esta é uma situação melindrosa, encarada pelo pesquisador como um problema

[152] **Filosofia da História,** p. 50. os grifos são nossos.

a ser enfrentado com a transparência dos procedimentos utilizados na moldagem dos elementos informativos. Acredita-se, mais ainda espera-se, sinceramente, que isto tenha sido executado neste trabalho desta maneira e com esta preocupação.

A certeza de que os dados foram tratados com cuidado e sem a utilização, bastante difundida, da prática de "acomodação" dos elementos informativos à teoria selecionada ou às "teses" previamente defendidas e consideradas provadas foi a observação, mais de uma vez, de relações e de fenômenos que sequer haviam sido pensados antes do estudo dos dados coletados.

Ademais, espera-se igualmente que estes inconvenientes não superem as vantagens que a formatação e a opção metodológica selecionadas proporcionaram. Afinal, além dos pontos positivos já arrolados, pode-se acrescentar o caráter complementar dos capítulos, ao mesmo tempo em que eles mantêm a sua autonomia temática e, em alguns casos, até um arcabouço teórico singular, como no caso do capítulo **A Serpente da Guerra**.

Outra característica dos capítulos é a ausência de uma dependência direta entre si. Como eles não estão acoplados cronologicamente podem ser lidos em qualquer seqüência visto que os pontos de conexão são horizontais e transversais. É claro que a seqüência como foi elaborada é a mais indicada para proceder a leitura, mas não é a única. Daí o motivo dos capítulos, além de serem numerados, merecerem nomes próprios. Igualmente evidente é que existem eixos condutores e propostas explicativas gerais, como a relação entre o potencial econômico e a capacidade militar ou a utilização dos conflitos como pontos de explicação e de comparação, que permeiam todo o corpo da obra.

Desta feita, a reprodução das conclusões singulares dos capítulos não precisa figurar aqui. Cabe, neste momento, a elaboração de uma visão sintética das conexões mais relevantes, que vem ao encontro, do sugerido no parágrafo anterior. Uma visão sintética com considerações gerais que possam esboçar um entendimento como o sugerido por Hegel na citação feita a seguir. Seria ingenuidade, na aurora do século XXI, imaginar que a proposta de Hegel possa ser alcançada com a plenitude que ele considerava possível, mas se os questionamentos totalizantes urdidos neste trabalho aproximaram-se, mesmo que de forma ínfima, do ideal hegeliano, os sacrifícios e o esforço para executá-lo não foram em vão.

"Mas quando a história refletida consegue alcançar pontos de vista gerais, deve-se observar que, se os mesmos são realmente autênticos, eles não constituem apenas o fio condutor externo, um ordenamento externo, mas a alma interior que dirige os acontecimentos

e as ações. Como Mercúrio é o guia das almas, a ***idéia****, na verdade, é que conduz os povos e o mundo, e é o* ***espírito,*** *sua vontade mais racional e mais necessária, que dirigiu e dirige os acontecimentos mundiais".* [153]

A comprovação de que existe (e existiu) uma equiparação da capacidade militar com o potencial econômico, tanto em termos gerais (das potencialidades do país como um todo) quanto aos aspectos puramente militares (os investimentos específicos) foi efetiva em uma abordagem com a utilização dos dados na sua forma absoluta. Deve ficar bastante frisado, entrementes, que essa abordagem somente é válida para uma comparação dos países se o envolvimento bélico deles implicasse uma "Guerra Total", longa e com a necessidade de utilizar muitos recursos humanos e materiais.

Para engajamentos mais curtos e decisivos, como foram muitos conflitos do subcontinente, o potencial mensurado com a utilização dos dados relativos é muito mais adequada. Para o caso relativo, então, muitos países classificados como "menores" ou de potencial militar reduzido mostraram-se bastante eficientes e com um equilíbrio, que se poderia dizer de Grande Estratégia, superior aos gigantes da região. O único país que figurou nas cercanias do cume nas duas análises foi o Chile.

A relevância que se deva dar aos aspectos geopolíticos, como entendido no capítulo **O Fogo do Dragão,** foi da mesma forma que aos componentes econômicos, confirmada como fundamental. Colocando de outra forma, é essencial, em uma proposta que se pretenda explicativa para os temas tratados nesta tese, o estudo da posição geográfica e modo pelo qual a configuração das coligações e do potencial militar relativo de cada país, no momento dos encontros belicosos, se desdobrou no espaço físico. Algo como um "Meta Quadro de Ordem de Batalha", não apenas das unidades militares, mas de todos os elementos que influenciam a capacidade de combate nacional ou de grupos de nações em blocos ou alianças.

Aliás, a percepção de que somente os aspectos econômicos-militares e geopolíticos possam explanar, teoricamente, todos os casos reais de confronto ou competição militar não é correta. Em linhas gerais e para muitos casos isto é verdadeiro, contudo em outros casos, mais elementos devem ser considerados, como foi explicado no caso da Guerra do Chaco, na qual a Bolívia tinha a maioria dos elementos "macro" a seu favor e perdeu.

Pode-se afirmar, inclusive, que para análises gerais e sistêmicas, que abordem longos períodos de tempo e com uma amplitude geográfica elevada, como a deste trabalho, a relação

[153] Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, F**ilosofia da História,** p. 16. Os grifos são do autor.

comparativa dos aspectos econômicos-militares e geopolíticos é suficiente para moldar um quadro explicativo sumamente satisfatório. Porém quando o recorte temporal e geográfico diminui é necessário, até obrigatório, a utilização de instrumentos e dados de informação mais minuciosos e específicos.

A relação é, reforçando ainda mais a afirmação anterior, inversamente proporcional, ou seja, quanto menor a escala, maior a necessidade de agregar mais dados e eventos particulares, afinal como historiador deve-se pensar que nenhum esboço teórico sustenta-se por si mesmo, de forma abstrata e idealizada, porque os eventos e os dados ainda são a matéria-prima da História.

Concluindo, não se pretendia que este trabalho originasse um Tratado Geral de Polemologia da América Latina, mas apenas que pudesse contribuir com novos elementos e novas idéias para aprofundar o conhecimento e a discussão, dos latino-americanos, sobre o tema Guerra enquanto fenômeno complexo, que se manifesta e influencia fortemente todos os setores da vida social a muito tempo.

Se este esforço objetivando o aumento do interesse pelo tema na região provocar a elaboração de outras pesquisas na área, ele já terá cumprido a sua missão, mesmo que estas pesquisas sejam apenas para desconsiderar aquilo que aqui foi esboçado como válido. A troca de idéias e os eu confronto fortalecem o pensamento científico e permitem a evolução dos questionamentos.

Trilhando o pensamento de Kant de que o conhecimento da realidade em si mesma está fora do alcance total da intuição e da sensibilidade humana, só resta finalizar com mais uma citação da linguagem mágica do teatro:

"Há na alma dos Estados um mistério
com que jamais ousa meter-se a história
de mecanismo muito mais divino
do que possa exprimir a voz ou a pena."
William SHAKESPEARE. [154]

[154] **Teatro Completo - Tragédias,** p. 257.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias (todas impressas):

ARCE, Francisco de. **Compêndio de Geografia, História y Constituciones de América.** Buenos Aires/Madri: Ibero Americana, 1929. 743 p.

CHALLAMEL, Augustin (Ed.), **Les Flottes de Combat em 1914.** Paris: Librairie Maritime et Coloniale, 1914. 792 p.

HERMES, Mário. **Os Exércitos das Principais Potências.** Porto: Edição do Autor, 1914. 357 p.

KELTIE J. Scott (Ed). **The Statesman's Year-Book: Statistical and Historical Annual of the States of the World.** Londres/ Nova Iorque: Mac Millan and Co. Limited/ St-Martin's Press. Anuários pesquisados: 1870, 1871, 1877, 1883, 1890, 1899, 1903, 1910, 1921, 1931, 1941, 1951, 1961, 1971 e 1981. Publicação vinculada à "*Royal Geographical Society*", cuja primeira edição é de 1864. O editor em 1943 era M. EPSTEIN.

LANGTON, Christopher (Ed). **The Military Balance.** Oxford: O.U.P. Anuários pesquisados: 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000. Publicação vinculada ao *"Internacional Institute for Strategic Studies"* e com início em 1959.

Livros (Fontes Secundárias):

ALBA, Victor et alii. **Militarismo e Política na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar, 1964. 110 p.

ALBORNOZ, Nicolás Sanchez. **La Población de América Latina.** Madrid: Alianza, 1973. 321 p.

ARGUINDEGUY, Pablo E. & RODRIGUEZ, Horacio. **Las Fuerzas Navales Argentinas.** Buenos Aires: Instituto Browniano, 1995. 375 p.

ANDRADE, John M. **Latin-American Military Aviation.** Leicester: Midland Counties, 1982. 288 p.

ANGELUCCI, Enzo. **Todos os Aviões do Mundo: Dos Primórdios da Aviação aos Dias Atuais.** São Paulo: Melhoramentos, 1981. 286 p.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX; dinheiro, poder e as origens de nosso tempo.** S.Paulo: Contraponto/UNESP, 1996. 393 p.

BEIRED, José Luís Bendicho. **Breve História da Argentina.** São Paulo: Ática, 1996. 95 p.

BELLOTO, Manoel L. & CORREA, Ana Maria. **A América Latina de Colonização Espanhola.** São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1979. 231 p.

BERRY, Brian J.L. **Long Wave Rhythms in Economic Development and Political Behavoir.** Baltimore/Londres, The John Hopkins U. P. , 1991. 241 pp.

BETHELL, Leslie & ROXBOROUGH, Ian. **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 314 p.

BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: Da Independência até 1870.** São Paulo: Edusp, 2001. V.III. 1013 p.

____________________. **História da América Latina: De 1870 a 1930.** São Paulo: Edusp, 2002. V.IV. 773 p.

____________________. **História da América Latina: De 1870 a 1930.** São Paulo: Edusp, 2002. V.V. 965 p.

____________________. **A América Latina após 1930: Economia e Sociedade.** São Paulo: Edusp, 2005. V.VI. 558 p.

BLOCH, Marc. *Le problème de l'or au Moyen Age*. In : **Annales d'Histoire Économique et Sociales**. Paris, 5 (1): 1935.

BONDS, Ray (ed). **Air Forces of the World.** Londres: Salamander, 1979. 264 p.

BOUTHOUL, Gaston & CARRÈRE, René. **O Desafio da Guerra: dois séculos de guerra, 1740-1974.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1979. 176 p.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo – Séculos XV-XVIII.** São Paulo: Martins Fontes, 1996. Três volumes. 1740 pp.

____________________. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II.** 2ª Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. Dois volumes. 1423 p.

BRIGAGÃO, Clóvis. **O Mercado da Segurança.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 183 p.

BRIGNOLI, Héctor Pérez & CARDOSO, Ciro Flamarion. **História Econômica da América Latina.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 327 p.

____________________. **Os Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 1979. 528 p.

BUENO, I. (Org). **Escritos Militares: Marx, Engels e Lênin.** São Paulo, Global, 1981. 240 p.

BUSHNELL, David & MACAULAY, Neill. **The Emergence of Latin America in the Nineteenth Century.** Nova Iorque: Oxford, 1988. 335 p.

CAMINHA, João Carlos. **História Marítima.** Rio de Janeiro: BibliEx. 1980. 301p.

CAMPBELL, A. E. **América Comes of Age: The Era of Theodore Roosevelt.** Nova Iorque: American Heritage, 1971. 127 p.

CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina.** Brasília: UnB, 1983. 217 p.

CARR, Edward H. **Que é História?** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 129 p.

CASTÃNEDA, C. E. & INMAN, Samuel Guy. **A History of Latin America for Schools.** Nova Iorque: The Macmillan Company, 1944. 442 p.

CASTRO, Terezinha de. **Nossa América: Geopolítica Comparada.** Rio de Janeiro: BibliEx, 1994. 362 p.

CHANDLER, David G. **Atlas of Military Strategy: The Art, Theory and Practice of War, 1618-1878.** Londres: Armes and Amour, 1998. 208 p.

____________________. **The Timechart of Military History.** Rickmansworth, TTC, 1999. 151 p.

CHAPMAN, Charles Edward. **Colonial Hispanic America: A History.** 4ª Ed. Nova Iorque: MacMilliam.1942. 405 p.

CHARTRAND, René. **The Mexican Adventure 1861-67.** Oxford: Osprey, 1994. 45 p.

CHAUNU, Pierre. **América e as Américas.** Lisboa/RJ: Cosmos, 1969. 505 p.

______________. **História da América Latina.** 5ª Ed. São Paulo: Difel, 1983. 126 p.

CHIAVENATO, Júlio José**. Bolívia com a Pólvora na Boca.** São Paulo: Brasiliense, 1981. 295 p.

________________________. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai.** 13ª Ed. São Paulo: Brasiliense 1981. 205 p.

CHILE, Armada. **Huáscar.** Talcahuano: Kactus, 1996. 63 p.

CHILE, Ministério de Educacion Pública. **Museo Historico Nacional.** Santiago de Chile: Bibliotecas, Arquivos, y Museos, 1982. 143 p.

CIVITA, Vitor (Ed.). **História das Civilizações.** São Paulo: Abril Cultural, 1975. V. V. 280 p.

________________. **Aviões de Guerra.** São Paulo: Nova Cultural, 1985. 08 volumes, 1904 p.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra.** São Paulo, Martins Fontes, 1979. 787 pp.

CLINE, Ray S. **World Assessment – A Calculus of Strategic Drift.** Washington: Georgetown University Press, 1975. 313 p.

CONN, Stetson & FAIRCHILD, Byron. **A Estrutura de Defesa do Hemisfério Ocidental.** Rio de Janeiro, BibliEx, 2000. 519 p.

CUARTEROLO, Miguel Angel. **Soldados de la Memoria.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 165 p.

DEGER, Saadet. **Military Expenditure in Third Word Countries: The Economic Effects.** Londres: Routldge & Kegan Paul, 1981. 231 p.

DEVOTO, Alícia Raniere P. & DEVOTO, Juan E. P. **La Guerra Grande, 1839-1851.** 2ª Ed. Montevidéo: Medina, 1971. 116 p.

DONGHI, Túlio Halperin. **Guerra y Finanzas en los Orígenes del Estado Argentino.** Buenos Aires: Belgrano, 1982. 284 p.

______________________. **História da América Latina.** São Paulo: Círculo do Livro, s/d. 459 p.

DORATIOTO, Francisco. **Espaços Nacionais na América Latina.** São Paulo: Brasiliense. 1998. 74 p.

DOUHET, Giulio. **O Domínio do Ar.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. V.II. 286 p.

DOZER, Donald Marquand. **América Latina: uma Perspectiva Histórica.** Porto Alegre: Globo, 1996. 664 p.

DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines: 27 de Julho de 1214.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 312 p.

DUPUY, Trevor N. **The Evolucion of Weapons na Warfare.** Virginia: Da Capo, 1984. 350 p.

ECKHARDT, William. *War-related Deaths since 3000 BC.* In: **Bulletin of Peace Proposals**. Washington, 22, (4): 1991.

ENGLISH, Adrian J. **Armed Forces in Latin America.** Londres: Jane's, 1985. 490 p.

ESPILOTRO, Sandra R F. (Ed.) **Top Gun: Os mais Famosos Aviões de Guerra.** São Paulo: Globo, 1996. Três Volumes. 900 p.

FAGG, John Edwin. **Latin America: A General History.** Nova Iorque: MacMillan, 1963. 1070 p.

FERRIS, Wayne H. **The Power Capabilities of Nation–States.** Lexington: Lexington Books, 1973. 191 p.

FINLEY, Moses I. **História Antiga: testemunhos e modelos.** São Paulo: Martins Fontes, 1994. 160 p.

FRACCHIA, Antonio Luis Sapienza. *Guerra Aérea Sobre o Fim do Mundo.* In: **Revista Força Aérea.** Rio de Janeiro,31, (8): 2003.

FURTADO, Celso. **A Economia Latino-Americana.** 3 ed, São Paulo: Nacional, 1986. 339 p.

GRAHAM-YOOLL, Andrew. **Imperial Skirmishes: War and Gunboat Diplomacy in Latin America.** Nova Iorque: Olive Branch, 2002. 194 p

GUNSTON, Bill et Alii. **Air Forces of the World.** Londres: Salamander, 1979. 264 p.

GUNTHER, John. **El Drama de América Latina.** Buenos Aires: Claridad, 1942. 438 p.

HAGEDORN, Dan. **Latin American Air Wars and Aircraft, 1912-1969.** Crowborough: Hikoki, 2006. 175 p.

HAYES, Robert A. **Nação Armada: a Mística Militar Brasileira.** Rio de Janeiro: BibliEx, 1991. 266 p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. F**ilosofia da História.** 2ed, Brasília: UnB, 1999. 373 pp.

HERRING, Hubert. **A History of Latin America.** 2ª Ed. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1961. 845 p.

________________. **Good Neigbors: Argentina, Brasil, Chile and Seventeen Other Countries.** New Haven: Yale University Press, 1941. 381 p.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o Breve Século XX, 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

________________. **Nações e Nacionalismos desde 1870.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 264 p.

HOOKER, Terry & POULTER Ron. **The Armies of Bolivar and San Martin.** Londres: Osprey, 1991. 48 p.

HUMPHREYS, Robin A. **Latin America and Second World War: 1939-1942.** Londres: Athlone, 1981. V.I. 232 p.

_________________. **Latin America and Second World War: 1942-1945.** Londres: Athlone, 1982. V.II. 296 p.

_________________. **The Evolution of Modern Latin America.** Nova Iorque/Londres: Oxford University Press, 1946. 170 p.

HUNTINGTON, Samuel P. **A Terceira Onda. A Democratização no Final do Século XX.** Rio de Janeiro: Objetiva. 1997. 455 p.

_________________. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** São Paulo: Ática. 1994. 335 pp.

IRELAND, Bernard. **Navios de Guerra: Da Vela à Era Nuclear.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.156 p.

IRELAND, Gordon. **Boundaries, Possessions and Conflicts in Central and North America and the Caribbean.** Cambridge: Harvard University Press, 1941. 432 p.

________________. **Boundaries, Possessions, and Conflicts in South America.** Cambridge: Harvard University Press, 1938. 345 p.

JAMES, Preston E. **Latin America.** 3ª Ed. Nova Iorque: The Odyssey, 1959. 940p.

JOHNSON, Johnnie. E. **Guerra no Ar.** Porto Alegre: Globo, 1966. 270 p.

JOHNSON, John I. **Simón Bolívar and Spanish America, 1783-1830.** Malabar: Kriegoer, 1992. 223 p.

JURADO, Carlos Cabalerro & THOMAS, Nigel. **Central American Wars: 1959-89.** Londres: Osprey, 1990. 47 p.

KAHLE, Günter. **El ejército y la Formación del Estado en los Comienzos de la Independencia de México.** México: Fondo de la Cultura Economica, 1997. 276 p.

KAPLAN, Marcos T. **Formação do Estado Nacional na América Latina.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. 329 p.

KEEGAN, John. **O Rosto da Batalha.** Lisboa: Fragmentos, 1987. 268 p.

_____________. Uma História de Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 442 p.

KIERKEGAARD, Soren Aabyd. **O Conceito de Angústia**. São Paulo: Hemus, 1968. 263 p.

KINSBRUNER, Jay. **Independence in Spanish America: Civil Wars, Revolutions, and Underdevelopment.** Alburquerque: University of Novo México Press, 2000. 187 p.

KIRKPATRICK, F. **Latin America: A Brief History.** 7ª Ed. Nova Iorque: Macmillam, 1942. 456 p.

LAMBERT, Jacques. **América Latina.** São Paulo: Nacional/Edusp, 1979. 425 p.

LANGTON, Christopher (Ed). **The Military Balance: 2003-2004 (Internacional Institute for Strategic Studies).** Oxford: O.U.P. , 2003. 368 p.

LECUNA, Vicente. **Bolivar y el Arte Militar.** Nova Iorque: Colonial Press, 1955. 238 p.

LIEUWEN, Edwin. **Arms And Politics in Latin America.** Nova Iorque: Frederick Praeger, 1961. 335 p.

LOWENTHAL, Abraham F. (ed.). **Armies and Polítics in Latin America.** Nova Iorque: Home Meier, 1976. 163 p.

LUNA, Félix. **Conflitos en la Argentina Próspera: De la Revolución del Parque a la Restauración Conservadora.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 158 p.

___________. **Golpes Militares: De la Dictadura de Uriburu al Terrorismo de Estado.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 158 p.

___________. **La Emancipación Argentina y Americana.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 158 p.

___________. **La Santa Federacion.** Buenos Aires: Planeta, 1999. 158 p.

MAGER, Natham H. **The Kondratieff Waves.** New York, Praeger, 1987. 247 p.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão.** São Paulo: Folha de São Paulo. 2003. 383 pp.

MARTIN, Percy Alvin. **Latin American and the War.** Gloucester: Petter Smith, 1967. 582 p.

MARTINS, Lincoln. **A Grande História Universal.** Rio de Janeiro: Bloch, 1976. V.II. 512 p.

MEIRA MATTOS, Carlos de. **Geopolítica e Teoria de Fronteiras: Fronteiras do Brasil.** Rio de Janeiro: BibliEx, 1990. 116 p.

MAURO, Frederic. **História Econômica Mundial, 1790-1970.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 506 p.

McNEILL, William H. **Pursuit of Power.** Chicago: The University of Chicago Press, 1982. 405 p.

McCANN Jr., Frank D. **Aliança Brasil Estados-Unidos: 1937-1945.** Rio de Janeiro: BibliEx, 1995. 394 p.

MEED, Douglas V. **The Mexican War: 1846-1848.** Oxford: Osprey, 2002. 95 p.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Brasil, Argentina e a Balança do Poder Regional: Equilíbrio, Preponderância ou Hegemonia? (1969-1986).** 1991. Tese (doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciência Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo. 298 p.

_____________________. **Quem tem Medo da Geopolítica?** São Paulo: Edusp/Hucitec, 1999. 228 p.

ORTEGA, Virgílio. (Ed.). **Asas de Guerra: Os Grandes Aviões Militares.** São Paulo: Planeta, 1997. 5 volumes. 1200 p.

_____________________. **Navios e Veleiros.** São Paulo: Planeta, 1997. 6 volumes. 1800 p.

PAREDES, Jaime Aguilar. **Las Grandes Batalhas Del Libertador.** Quito: Casa da Cultura Equatoriana, 1980. 292 p.

PARET, Peter (ed). **Construtores da Estratégia Moderna.** Rio de Janeiro: BibliEx, 2001. Tomo I, 676 p.

_____________. **Construtores da Estratégia Moderna.** Rio de Janeiro: BibliEx, 2003. Tomo II 584 p.

PARSONS, Iainn. **The Encyclopedia of Air Warfare.** Londres: Salamander, 1975. 225 p.

_____________. **The Encyclopedia of Land Warfare.** Londres: Salamander, 1976. 248 p.

_____________. **The Encyclopedia of Naval Warfare.** Londres: Salamander, 1977. 258 p.

PIOVERA, Rodolfo. **Belgrano, sus Batalhas e Su Creación.** Barcelona: Billiken, s/d. 39 p.

PEREGALLI, Enrique. **Como o Brasil Ficou Assim?** São Paulo: Global, 1982. 96 p.

RICHARDSON, Lewis F. **Statistics of Deadly.** Chicago: Quadrangle, 1960. 373p.

RIPPY, Fred. **Historical Evolution of Hispanic America.** 3ª Ed. Nova Iorque: Caofts, 1946. 584 p.

RODRÍGUEZ, Jaime E. O. **The Independence of Spanish America.** Cambridge: C.U.P.,1998. 274 p.

ROTTMAN, Gordon. **Panamá, 1989–90.** Barcelona: Del Prado, 1994. 64 p.

ROUQUIÉ, Alain. **O Estado Militar na América Latina.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1984. 476 p.

_______________. **O Extremo-Ocidente: Introdução à América Latina.** São Paulo: Edusp, 1992. 353 p.

SCHEINA, Robert L. **Latin America: A Naval History 1810-1987.** Annapolis: Naval Institute, 1988. 442 p.

_________________. **Latin America's Wars: The Age of the Caudilho, 1791-1899.** Washington: Brassey's, 2003. V.I. 569 p.

_________________. **Latin America's Wars: The Age of the Professional Soldiers, 1900-2001.** Washington: Brassey's, 2003. V.II. 531 p.

SCHILLING, Paulo. **El Expansionismo Brasileño.** México: El Cid, 1978. 313 p.

SINGER, J. David & DIEHL, Paul F. **Measuring the Correlates of War.** Michigan: The University of Michigan Press, 1990. 285 p.

SMITH, Dan. **The Penguin Atlas of War and Peace.** Harmondsworth: Penguin, 2003. 128 p.

SEVERSKY, Alexander de P. **A Vitória pela Força Aérea.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1998. V.I. 306 p.

STEPAN, Alfred. **The Military in Politics.** Princeton: Princeton University Press, 1974. 320 p.

STEVENS, Willian & WESTCOTT, Allan. **História do Poderio Marítimo.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. 495 p.

TANZI, Héctor José. **Compendio de Historia Marítima Argentina.** Buenos Aires: Instituto de Publicaciones Navales, 1994. 397 p.

TAVARES, Heloisa Feres de Faria (Ed). **Guerra na Paz.** Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984. Sete volumes. 1694 p.

URLANIS, B. **Las Guerras y la Población.** Moscou: Progreso, s/d. 367 p.

URRITIA, Carlos Lopez. **Breve Historia Naval de Chile.** Buenos Aires e Santiago de Chile: Francisco de Aguirre, 1976. 166 p.

VIDIGAL, Armando Amorin Ferreira. **A Evolução do Pensamento Estratégico Naval Brasileiro.** Rio de Janeiro: BibliEx, 1985. 151 p.

WHIGHT, Quincy. **A Study of War.** Chicago: The University of Chicago Press, 1942. V.I. 678 p.

________________. **A Study of War.** Chicago: The University of Chicago Press, 1942. V.II. 1552 p.

WILGUS, Curtis A. **The Development of Hispanic America.** Nova Iorque: Farrar & Rinehart, 1941. 941 p.

Sítios de Endereço Eletrônico:

Todos eles com o último acesso em junho ou julho de 2007.

<http://www.mindef.gov.arg/inicio-inet.htm>. Argentina (Ministério de Defensa).

<http://www.ejercito.mil.ar/bienve.htm>. Argentina (Ejército Argentino).

<http://www.faa.mil.ar>. Argentina (Força Aérea).

<www.ara.mil>. Argentina (Marinha).

<http://www.mindef.gov.bo>. Bolívia (Ministério de Defensa).

<www.armada.mil.bo>. Bolívia (Marinha).

<www.defesabr.com/eb.htm>. Brasil (Defesa, não-oficial).

<http://www.eb.gov.br>. Brasil (Exército).

<http://www.fab.mil.br>. Brasil (Força Aérea).

<http://www.mar.mil.br>. Brasil (Marinha).

<www.fach.mil.cl>. Chile (Força Aérea).

<www.armada.cl>. Chile (Marinha).

<http://www.auroradechile.cl/newtenberg/681/article-2969.html>. Chile.

<http://www.mindefensa.gov.co>. Colômbia (Ministerio de Defensa Nacional).

<http://www.fac.mil.co>. Colômbia (Força Aérea).

<http://www.armada.co>. Colômbia (Marinha).

<http://cfcsc.dnd.ca/links/wars/index.htm>. Contemporany Conflicts.

<http://www.cubapolidata.com/cafr/cafr_airforce.html>. Cuba (Força Aérea, não-oficial).

<www.fas.gob.sv>. El Salvador (Força Aérea).

<www.geocities.com/miloqui/EAF.htm>. Equador (Força Aérea, não-oficial).

<http://www.200.23.238.36/falat>. FAL (Force Air Latin).

<http://www.iiss.org>. IISS (The International Institute for Strategic Studies).

<http://www.aeroflight.co.uk/WAF/latin.htm>. LAAF (Latin America Air Forces).

<http://www.lanavy.pub49.ezboard.com>. LAN (Latin America Navies).

<http://users.erols.com/white29>. Matthew WHITE.

<http://www.sedena.gob.mex >. México – Secretaría de la Defensa Nacional.

<www.militarypower.com>. Military Power.

<www.militarypower.com>. Military Power (Brasil).

<http://OnWar.com>. On War.

<http://www.ejercito.mil.pe>. Peru (Ejército Peruano).

<http://www.fap.mil.pe>. Peru (Força Aérea).

<http://www.marina.mil.pe>. Peru (Marinha).

<http://www.mindef.gob.pe>. Peru (Ministério de Defensa).

<www.prodi.com/carabobo.html>. Prodi (Batalhas da Venezuela).

<http://www.geocities.com/regimientosdeamerica/Batalla_de_Maipo.html>. Regimentos de América.

<http://www.fad.mil.do>. República Dominicana (Força Aérea).

<http://lanic.utexas.edu/la/region/map>. Universidade do Texas.

<http://www.aviacon.mil.ve>. Venezuela (Avião Naval).

<http://www.armada.mil.ve>. Venezuela (Marinha).

<http://www.mindefensa.mil.ve>. Venezuela (Ministerio de la Defensa).

<www.favclub.org>. Venezuela (Clube da Força Aérea).

<www.fav.mil.veg>. Venezuela (Força Aérea).

ANEXO 1

Conflitos na América Latina.

Este anexo foi montado com base em seis livros e dois sítios de endereço eletrônico:

[B] = BOUTHOUL, Gaston & CARRÈRE, René. **O Desafio da Guerra: dois séculos de guerra, 1740-1974.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1979. 176 p.

[I] = IISS (Internacional Institute for Strategic Studies). LANGTON, Christopher (Ed). **The Military Balance: 2003-2004.** Oxford: O.U.P. , 2003. 368 p.

[R] = RICHARDSON, Lewis F. **Statistics of Deadly.** Chicago: Quadrangle, 1960. 373p.

[S] = SCHEINA, Robert L. **Latin America's Wars: The Age of the Caudilho, 1791-1899.** Washington: Brassey's, 2003. V.I. 569 p.

__________________. **Latin America's Wars: The Age of the Professional Soldiers, 1900-2001.** Washington: Brassey's, 2003. V.II. 531 p.

[D] = SMITH, Dan. **The Penguin Atlas of War and Peace.** Harmondsworth: Penguin, 2003. 128 p.

[W] = WHIGHT, Quincy. **A Study of War.** Chicago: The University of Chicago Press, 1942. V.I. 678 p.

________________. **A Study of War.** Chicago: The University of Chicago Press, 1942. V.II. 1552 p.

[M] = http://users.erols.com/white29. "Site" de MATTHEW WHITE. Último acesso em junho de 2007.

[O] = http://OnWar.com. Último acesso em junho de 2007.

Para facilitar a visualização, os dados são inseridos por conflito e a referência bibliográfica simplificada está com a primeira letra do sobrenome do autor em maiúscula e entre colchetes (em dois casos foi o primeiro nome, devido à repetição da letra do sobrenome), conforme já foi mostrado acima. Quanto foi utilizado uma fonte além destas, ela foi citada integralmente depois dos dados do conflito onde isto ocorreu.

Todos os dados pesquisados estão listados, para efeito de comparação e transparência da pesquisa. A escolha do índice a ser utilizado nas tabelas está indicada pela formatação em Sublinhado abaixo do valor numérico definido. A escolha, sempre subjetiva, foi definida pela repetição do dado em mais de uma fonte, ou pela coerência de uma das fontes naquele

contexto. Em último caso a escolha ficou por conta da confiança do autor deste anexo nas fontes disponíveis. Os pontos de interrogação são das próprias fontes.

GUERRAS EXTERNAS = 60.

Século XIX = 32.

1) Independência do Haiti (1801-02): 12 mil [B] ou 350 mil (1791-1803) [S].

2) Independência de La Plata (1810-24): 6 mil [S]; ou **San Martin** (1814-24): 8 mil [O].

3) Independência de Colômbia, Equador e Venezuela (1810-23): 370 mil [S]; ou **Ven** (1813-14): 5 mil [O].

4) Independência de Peru e Bolívia (1810-31): 12 mil [S].

5) Independência do México (1810-29): 250/500 mil [S], (1810-21): 23 mil [O]; ou (1829): 1 mil [R].

6) Independência do Brasil (1822-23): 1 mil [S].

7) Primeira Guerra Haiti x Santo Domingos (1823): perdas insignificantes ou inexistentes [W].

8) Cisplatina (1825-28): 2 mil [S e R].

9) Grã-Colômbia x Peru (1828-9): 2,5/5 mil [S]; 3 mil [R].

10) Chile (e Argentina) x Confederação Bolívia e Peru (1836-39): **7** mil [O], 3,2 mil [S], 2 mil [B], 1 mil [R].

11) Bolívia x Peru (mais Argentina e Chile = 1838) 1834 ou 35-41: [W] e 2 mil [O].

12) Guerra do Pastel (1837-38): 0,6 mil [S]. Intervenção francesa no México.

13) Guerra de La Plata (1836 ou 39-52): 25 mil [R], 1,3 mil (só 1851-52) [M], 11 mil [B]. No Brasil ela é conhecida como Guerras contra Oribe e Rosas.

14) Segunda Guerra Haiti x Santo Domingos (1844): 2 mil [O]. Santo Domingos até 1844, depois República Dominicana [S].

15) EUA x México (1846-8): 16 mil [R]; 13 mil, só dos EUA [S]; 17 mil [B e O]; 1 Batalha [W] e 21 mil (17 mil militares e 4 mil civis) [M].

16) Terceira Guerra da América Central (1849-58): 5 países [W] ou **Nic** (1855-7): 2 mil [R].

17) Terceira Guerra Haiti x República Dominicana (1855-6): [W]; 3 mil [S]; 1.280, no mínimo, segundo GIMBERNARD, Jacinto. **História de Santo Domingos.** Santo Domingos: Cultural Dominicana, 1974. 532 pp. (a informação está nas pp. 268-9).

18) Equador x Peru (1859): perdas insignificantes ou inexistentes [W];

19) Espanha x República Dominicana (1861-65 => 1863-65): 22 mil [S];

20) Quarta Guerra da América Central (1863): 4 países, exceto Costa Rica (mais Guatemala x El Salvador) [W]; 2 mil [S]. Nicarágua apoiou Guatemala e Honduras apoiou El Salvador.

21) Expedição Mexicana (1861-67): 1 Batalha [W], 10 mil [R], 83 ou 98 mil [S], 20 mil (1862-7) [B e M]. Segunda intervenção francesa no México.

22) Colômbia x Equador (1863): 1 mil [R, O e M]; 1,2 mil [B].

23) Espanha x Bolívia, Chile, Equador e Peru (1864-6): 1,2 mil [B]; 0,6 mil [S]; 1 mil (1866) [M e R].

24) Gran Guerra de La Plata (1864-70): 1000 mil [R]; 272 mil [S]; 1001 mil [B]; 424 mil [O] e 610 mil [M]. No Brasil ela é conhecida como Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) contra o Paraguai.

25) Cuba (Dez Anos = 1868-78): 300 mil [S], 150 mil [B], 55 mil [O] e 200 mil [R e M].

26) Guerra de El Salvador e Guatemala x Honduras (1872-74): 0,5 mil [S].

27) Guerra da Guatemala e Honduras x El Salvador (1876): 1,2 mil [S].

28) Guerra do Pacífico - Bolívia e Peru x Chile (1879-83): 13 mil [R]; 14 mil [M]; 22 mil (1879-84) [O]; 14 mil (1879-84) [B e W] e 15 mil, no mínimo [S].

29) Quinta Guerra da América Central (1884-85): 5 países [W], 1 mil [M] ou **Gua x ElS** (1885) [B] e em 1889 [W].

30) Independência de Cuba (1894-98): 200 mil [R], 130 mil [B], 500 mil [M] ou (1895-98): 30 mil [O] e 440 mil [S].

31) Costa Rica x Nicarágua (1897): perdas insignificantes ou inexistentes [W].

32) Hispano-Americana (Com Cuba, 1898): 200 mil [R], 4 Batalhas [W] e 10 mil [M].

Século XX = 28.

1) Guerra do Acre (Bolívia x Brasil, 1900-03): 300 ou 0,3 mil segundo DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras.** São Paulo: Ibrasa, 1987. 542 pp. (a informação está em várias passagens, mas o base para se chegar as mesmas é o texto das pp. 164-6).

2) Alemanha, Inglaterra e Itália x Venezuela (1902-03): 4 países com perdas insignificantes ou inexistentes [W].

3) Independência do Panamá (1903): [B] e 10 mil [O].

4) Sexta Guerra da América Central (1906-07): 4 países, exceto Costa Rica (1906-07) [W] ou Guatemala x El Salvador em 1906 e Nicarágua x Honduras em 1907 [D] = total de 2 mil [M] ou 4 mil em 1907 (Nicarágua x Honduras) [O].

5) Holanda x Venezuela (1908): 1 mil ? [R].

6) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1909-16): 0,8 mil [B].

7) Intervenção dos EUA em Honduras (1911-12): [B] e 6 mil [O].

8) Primeira Guerra Mundial (1914-18): 8 países da AL [W]; Brasil (0,3 mil), Costa Rica, Cuba, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua e Panamá [S].

9) Intervenção dos EUA no Haiti (1915-20): 2.238 [R], 3250 [M] ou (1915-34): 2 mil [O] e 50 mil, no mínimo [S].

10) Intervenção dos EUA na República Dominicana (1916): 70 dos EUA e 30 nativos = 0,1 mil [S];

11) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1927-33): 1275, no mínimo = 1,3 mil [S].

12) Letícia (Colômbia x Peru, 1932): 1,2 mil [S].

13) Guerra do Chaco (1928-30 e 1932-35): 150 mil [B] ou (1930-35): 200 mil [R] e 10 batalhas [W] ou, ainda, (1932-35): 88.400 ou 89 mil [S], 100 mil [O], 57 mil bolivianos [D] e 130 mil [M]. **53 mil bolivianos e 36 mil paraguaios.**

14) Haiti x República Dominicana (1937): 15/20 mil [O] e 15 mil [M].

15) Segunda Guerra Mundial (1939-45): Oito países da América Latina até o fim de 1941 [W], 70 México e 1929 Brasil = 2 mil [S]. Os vinte países declararam guerra antes do final do conflito.

16) Equador x Peru (1941): 84, no mínimo = 0,1 mil [S].

17) Colômbia na Coréia (1951-53): 201 ou 0,2 mil [S].

18) Costa Rica x Nicarágua (1955): 1 mil [M].

19) Honduras x Nicarágua (1957): 1 mil [M].

20) EUA x Cuba (1961-62): 500 = 0,5 mil [S].

21) Guerra do Futebol (El Salvador x Honduras, 1969): 2 mil [O e M], 5 mil [I] e 500 militares e 2,5 mil civis [S]. Conhecida na região como a Guerra das Cem Horas.

22) Cuba em Moçambique (1976-92): 3 mil [O].

23) Cuba em Ogaden (1977-78): 2 mil [O].

24) Cuba em Angola (1975-91): 3 mil [S].

25) Equador x Peru (1981): 54 ou 0,1 mil [S].

26) Falklands-Malvinas (1982): 2 mil [O], 904 [S], 1 mil [I] e 1,2 mil [M]. Argentina x Grã-Bretanha.

27) Intervenção dos EUA no Panamá (1989): 600 ou 0,6 mil [O, M e D] ou 1 mil [I].

28) Equador x Peru (1995): 100 ou 0,1 mil [O e M] e 500 [S].

GUERRAS INTERNAS = 81.

Século XIX = 35.

1) Argentina (1819-31): 1,4 mil [R] e 9 mil [S].

2) Guerra Civil nas Províncias Unidas da América Central (1824-42); 7.088 só em batalhas e 7,5 mil no total [S]; **ou Primeira Guerra da América Central** (1824-29): Cinco países em 1823 [W]; (1827-29): 1 mil ? [R]; **e Segunda Guerra da América Central** (1831-45): Cinco países [W].

3) Chile (1829-30): 400 = 0,4 mil [R].

4) Equador (1830-1870): 1 mil [S].

5) México (1832): 4 mil [M].

6) Buenos Aires x Índios (1833-34): 1 mil ? [R] e 6 mil [S].

7) Revolta no Texas - México (1835-6): 1 mil [R], 1,5 mil [B] e 2 mil [M, O e S].

8) Brasil (1835-45): 1 mil ? [R].

9) Colômbia (1839-42): 1 mil ? [R] ou (1840-42): 4 mil [M].

10) Argentina (1841-61): 10.200 [M]; 14 mil [S] e 9 mil [S].

11) Chile (1851): 2 mil [R], 3 mil [M] e 4 mil [S].

12) Peru (1853-55): 4 mil [M].

13) Colômbia (1854): 1 mil ? [R].

14) Peru (1856-58): 3 mil [M].

15) Guerra Federal -Venezuela (1858-61): 30/50 mil em combates e mais 100 mil por outras causas = 130 mil [S]. Ou 19 mil (1860-62) [O] ou, ainda, 20 mil (1859-63) [M].

16) Revolução no México (1858-61): 3,2 mil [R]; 2 mil [B]; 8 mil [M]; 14 mil, no mínimo [S] e 51 mil [O].

17) Chile (1859): 5 mil [S].

18) Colômbia (1859-62): 1 mil ? [R] ou 2,5 mil (1860-62) [M].

19) Argentina (1863-64): 1 mil ? [R] ou 1 mil (1863) [M].

20) Argentina (1866-67): 1 mil [M].

21) Venezuela (1868-71): 3 mil [M].

22) Argentina (1870-71): 1,5 mil [M].

23) Argentina (1874-75): 1 mil ? [R].

24) Colômbia (1876-77): 1 mil ? [R] e 1 mil [M].

25) Colômbia (1879): 80 mil [B].

25) Patagônia - Argentina x Índios (1879/81): 1 mil [M e R], 1,5 mil [B] e 2 mil [S].

27) Colômbia (1884-85): 1 mil [M e R].

28) México x Índios Iaquis (1886-1900): 4 mil [S].

29) Argentina (1890): 500 = 0,5 mil [S].

30) Chile (1891): 10 mil [R], 5 mil [M], 7 mil em combates (no mínimo) [S] e 11 mil [B].

31) Brasil (1892-94): 1 mil ? [R] ou Federalista (1893-94) 1,5 mil [M] e Armada (1893-94) 1 mil = 2,5 mil [M].

32) Argentina (1893): 500 = 0,5 mil [S].

33) Peru (1894-95): 1 mil [R] e 4 mil [M].

34) Brasil - Canudos (1896-97): 1,6 mil [R] e 30 mil [M].

35) Colômbia (1899-1902): 160 mil [R], 150 mil [B], 25/40 mil soldados ou 100 mil em combates [S]. Ou (1899-1903) mais de 100 mil [O], 100 mil [M] e 60/130 mil [D].

Século XX = 46.

1) Uruguai (1904): 1 mil [M].

2) Revolução Mexicana (1910-20): [W], 250 mil [B e R]; 1 milhão [M]; 824 mil (mortos e refugiados) [S] e 175 mil (1911-14) [O].

3) Paraguai - Golpe e Revolta (1911-12): 2 mil [M].

4) Honduras - Golpe (1924): 1 mil [M].

5) México (1923-4): 7 mil [M].

6) México - Revolta Católica (1926-9): 35 mil [O] ou 90 mil (mortos e refugiados) [S].

7) El Salvador - Golpe Militar (1931-2): 24 mil [B], 30 mil (revolta comunista) [M] e mais de 10 mil (movimento rural) [D].

8) Equador - Quito (1932): 800 = 0,8 mil [R].

9) Brasil (1932): 1 mil ? [R] e 1 mil [M].

10) Peru - APRA (1932): 1 mil [M e O].

11) El Salvador (1944): 3,3 mil [S].

12) Guatemala (1944): menos de 1 mil [S].

13) Bolívia (1946): 1 mil [R] e 8-25 mil [S].

14) Paraguai (Liberais x Governo, 1947): 500 [R] e 1 mil [M e I].

15) Costa Rica (1948): 2 mil (União Nacional x Governo) [I, M e S].

16) Colômbia - La Violencia (1948-57): 180 mil [S], mais de 20 mil guerrilheiros de 1948-63 [S]; 500 (1948) [R], mais de 2 mil (1949) [R], 300 mil (1949-62, revolta liberal) [I], 200 mil (1946-58) [M] e 200 mil (1946-64) [D]. Começou com o movimento conhecido como "Bogotazo".

17) Bolívia (1952): 300 ou 600 até 3 mil [S], 500 [R] e 2 mil [I e M].

18) Cuba - Batista (1952-9): 2 mil [M] ou (1956/8-59): 11 mil [S] e 5 mil [M, I e B].

19) Guatemala - Golpe Militar (1954): [D], Conservadores x Governo = 1 mil [I].

20) Paraguai - Stroessner (1954-89): 300 = 0,3 mil [M].

21) Argentina (1955): 4 mil [I e M].

22) Haiti (1957-86, dinastia Duvalier): 50 mil [M].

23) Venezuela (1958): 300 ou 400 [O] e 500 = 0,5 mil [S].

24) Cuba - Castro (1959-...): 5 à 12 mil [M].

25) Guatemala (1961-6): 150 mil [O], 100 mil (1961-91) [S], 150 mil para (1968-96) [I], 200 mil para (1968-96) [D] e (1960-96) [M]; e (1970-73): 3,5 até 15 mil [S].

26) Brasil (1964-85): 300 = 0,3 mil [M] ou 1 mil (terrorismo de direita, 1980) [I].

27) Colômbia (1964-85): 20 mil, guerrilhas de esquerda [S].

28) Peru (1965-6): 8 mil [M].

29) República Dominicana (1965-6): 3 mil [I e M].

30) República Dominicana (1966-78): 4 mil (regime Balaguer) [M].

31) México (1970-85): 300 = 0,3 mil [M].

32) Colômbia (1970-89): 70 mil [M].

33) Bolívia (1971-78, Hugo Banzer): 200 = 0,2 mil [M].

34) Chile (1973): 912 [S] e 5 mil [B, I e M].

35) Uruguai (1973-85): 311 = 0,3 mil [M].

36) Chile (1973-90, regime de Pinochet): 3 mil [M] ou 20 mil (1974) [I].

37) Argentina (1976-83): 30 mil [M] ou 15 mil (1976-9) [I]; e Montoneiros: 4,5 mil [S].

38) Nicarágua (1978-9): 50 mil [I e O], 60 mil [S] e 35 mil [M].

39) Nicarágua (1979-90): 30 mil [M] e 30 mil (1980-90) [I e S].

40) Peru (1980-90): 18 mil [O], 14 mil (1980-9) mais 9 mil (1990-92) => 23 (?) mil [S], 30 mil (1981-95) [I] e 28 mil (1980-99) [D e M].

41) El Salvador (1980-91/2): 75 mil [I e M], 80 mil [O] e (1979-91) [D].

42) Paraguai - Queda de Stroessner (1989): 300 = 0,3 mil [M].

43) Colômbia (1990-9): 35 mil [S e M].

44) Haiti (1991-94, golpe de Cedras): 1,5 mil e mais 5 mil na repressão [M] e 3 mil (1991-95) [I].

45) México (1994-95): Revolta de Chiapas; (Total em 1994: 93; 66 guerrilheiros e 27 soldados) = 0,1 mil [www.ezln.org].

46) Colômbia (2000): 4 mil [S].

ANEXO 2

Sistemas Políticos na América Latina Independente.

Este anexo, devido ao aspecto eminentemente factual, foi montado utilizando inúmeros livros da bibliografia geral da tese, sendo impossível montar as referências ponto por ponto para cada ano pesquisado. De qualquer forma, os sítios de endereço eletrônico e os livros mais importantes na confecção dos diagramas deste anexo estão listados a seguir.

http://users.erols.com/white29. "Site" de Matthew WHITE. Último acesso em junho de 2007.

ARCE, Francisco de. **Compêndio de Geografia, História y Constituciones de América.** Buenos Aires/Madri: Ibero Americana, 1929. 743 p.

BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: Da Independência até 1870.** São Paulo: Edusp, 2001. V.III. 1013 p.

____________________. **História da América Latina: De 1870 a 1930.** São Paulo: Edusp, 2002. V.IV. 773 p.

____________________. **História da América Latina: De 1870 a 1930.** São Paulo: Edusp, 2002. V.V. 965 p.

____________________. **A América Latina após 1930: Economia e Sociedade.** São Paulo: Edusp, 2005. V.VI. 558 p.

CHAUNU, Pierre. **História da América Latina.** 5ª Ed. São Paulo: Difel, 1983. 126 p.

______________. **América e as Américas.** Lisboa/RJ: Cosmos, 1969. 505 p.

DONGHI, Túlio Halperin. **História da América Latina.** São Paulo: Círculo do Livro, s/d. 459 p.

DOZER, Donald Marquand. **América Latina: uma Perspectiva Histórica.** Porto Alegre: Globo, 1996. 664 p.

LUNA, Félix. **Conflitos en la Argentina Próspera: De la Revolución del Parque a la Restauración Conservadora.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 158 p.

___________. **Golpes Militares: De la Dictadura de Uriburu al Terrorismo de Estado.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 158 p.

___________. **La Emancipación Argentina y Americana.** Buenos Aires: Planeta, 2000. 158 p.

___________. **La Santa Federacion.** Buenos Aires: Planeta, 1999. 158 p.

Século XIX – ANOS DE 1804 ATÉ 1825

Países	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
Haiti																						
Rep.Dom.																						
México																						
Costa Rica																						
El Salvador																						
Guatemala																						
Honduras																						
Nicarágua																						
Argentina																						
Bolívia																						
Brasil																						
Chile																						
Colômbia																						
Equador																						
Paraguai																						
Peru																						
Uruguai																						
Venezuela																						
Total				1	1	1	1	1	1	1	1	1						4	4	10	10	12
Total	1	1	1					1	1	1	1	1	3	3	4	4	4	10	12	6	6	5

Século XIX – ANOS DE 1826 ATÉ 1850

26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
13	13	12	11	6	6	7	7	6	8	8	8	8	5	5	5	3	2	5	5	6	8	8	6	4
4	4	5	7	12	12	11	11	12	10	10	10	10	13	13	13	15	16	13	13	12	10	10	12	14

Século XIX – ANOS DE 1851 ATÉ 1875

51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75
3	6	5	5	5	6	5	7	7	6	6	7	8	6	7	8	7	7	6	9	11	12	12	12	11
15	12	13	13	13	12	13	11	11	12	12	11	10	12	11	10	11	11	12	9	7	6	6	6	7

Século XIX – ANOS DE 1876 ATÉ 1900

76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00
13	11	13	13	12	10	9	9	8	8	7	7	7	8	6	3	6	6	9	11	12	11	11	14	14
5	7	5	5	6	8	9	9	10	10	11	11	11	10	12	15	12	12	9	7	6	7	7	4	4

Século XX – ANOS DE 1901 ATÉ 1925

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
13	10	11	11	11	10	10	10	10	10	11	12	11	12	13	13	11	11	10	10	12	11	11	11	10
5	9	9	9	9	10	10	10	10	10	9	8	9	8	7	7	9	9	10	10	8	9	9	9	10

Século XX – ANOS DE 1926 ATÉ 1950

26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
10	10	9	11	8	8	8	9	11	11	11	9	9	9	9	9	9	8	10	11	12	11	11	9	9
10	10	11	9	12	12	12	11	9	9	9	11	11	11	11	11	11	12	10	9	8	9	9	11	11

Século XX – ANOS DE 1951 ATÉ 1975

51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75
10	10	10	10	10	11	14	15	15	11	15	15	12	10	10	11	11	10	9	9	9	7	7	6	6
10	10	10	10	10	9	6	5	5	9	5	5	8	10	10	9	9	10	11	11	11	13	13	14	14

Século XX – ANOS DE 1976 ATÉ 2000.

76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00
6	5	5	5	7	9	10	11	12	12	15	15	15	17	19	18	17	17	17	18	18	18	18	18	18
14	15	15	15	13	11	10	9	8	8	5	5	5	3	1	2	3	3	3	2	2	2	2	2	2

Início do Século XXI (ANOS 2001 á 2007)

01	02	03	04	05	06	07
19	19	19	18	19	19	19
1	1	1	2	1	1	1

ANEXO 3

Conflitos na América Latina Independente.

GUERRAS EXTERNAS = 60. BATALHAS => 180.

Século XIX = 32 guerras e 135 batalhas.

1) Independência do Haiti (1801-02): 350 mil.

Batalhas [05]: La Crotê-à-Pierott, Ravine-à-Couleuvre, Le Cap, Port-au-Prince e Fort Libérté.

2) Independência de La Plata (1810-24): 6 mil.

Batalhas [09]: Paraguari, Tacuari, Salta, Tucuman, San Lorenzo, Racanguá, Chacabuco, Cancha Rayada e Maipú.

3) Independência de Colômbia, Equador e Venezuela (1810-23): 370 mil.

Batalhas [12]: Tenerife, Maracaibo, La Vitoria, La Puerta, El Sémen, Boyacá, Cúcuta, Carabobo, Pichincha, Guaiaquil, Quito e Bomboná.

4) Independência de Peru e Bolívia (1810-31): 12 mil.

Batalhas [11]: Suipacha, Cotagaita, Huaqui, Vilpacujio, Ayohuma, Sipe-Sipe, Ica, Moquegua, Torata, Junín e Ayacucho.

5) Independência do México (1810-29): 250 mil.

Batalhas [06]: Las Cruces, Aculco, Tres Palos, Puente Calderón, Puruarán e Tampico.

6) Independência do Brasil (1822-23): 1 mil.

Batalhas [04]: Atoleiro, Jenipapo, Bom Fim, e Pirajá.

7) Primeira Guerra Haiti x Santo Domingos (1823): perdas insignificantes ou inexistentes.

8) Cisplatina (1825-28): 2 mil.

Batalhas [03]: Sarandi, Sacramento e Passo do Rosário.

9) Grã-Colômbia x Peru (1828-9): 3 mil.

Batalhas [02]: Portete de Tarqui e Cuenca.

10) Chile (e Argentina) x Confederação Bolívia e Peru (1836-39): 3,2 mil.

Batalhas [02]: Yungai e Puente Buin.

11) Bolívia x Peru (1834 ou 35-41, com interrupção em 1836-39): 2 mil.

Batalhas [03]: Socobaya, Ingavi e Jugori.

12) Guerra do "Pastel" (1837-38): 0,6 mil.

Batalhas [01]: Forte San Juan de Ulúa.

13) Guerra de La Plata (1836 ou 39-52): 11 mil.

Batalhas [05]: Cagancha, Caa-Guazu, Arroio Grande, Montevidéu e Mote Caseros.

14) Segunda Guerra Haiti x Santo Domingos (1844): 2 mil.

Batalhas [02]: Azua e Santiago.

15) EUA x México (1846-8): 17 mil.

Batalhas [08]: Resaca de la Palma, Palo Alto, Monterey, Molino del Rey, Buena Vista, Cerro Gordo, Churubusco e Chapultepec.

16) Terceira Guerra da América Central (1849-58): 2 mil.

Batalhas [04]: San José La Arada, Chuquimula, Rivas e Masaya.

17) Terceira Guerra Haiti x República Dominicana (1855-6): 3 mil.

Batalhas [03]: El Cambronal, San Tomé e Sabana Larga.

18) Equador x Peru (1859): perdas insignificantes ou inexistentes.

Batalhas [01]: Mapasingue.

19) Espanha x República Dominicana (1861-65 => 1863-65): 22 mil.

Batalhas [04]: Cibao, Yamasá, Monte Cristi e Santiago.

20) Quarta Guerra da América Central (1863): 2 mil.

Batalhas [02]: Coatepeque (ou Ocotepeque) e Santa Ana.

21) Expedição Mexicana (1861-67): 20 mil.

Batalhas [04]: Primeira e Segunda de Plueba, Camerone e Querétaro.

22) Colômbia x Equador (1863): 1 mil.

Batalhas [02]: Tulcán e Carlosama (ou Cuásped).

23) Espanha x Bolívia, Chile, Equador e Peru (1864-66): 1 mil.

Batalhas [02]: Valparaíso e Callao.

24) Gran Guerra de La Plata (ou Paraguai, 1864-70): 424 mil.

Batalhas [13]: Forte Coimbra, Corrientes, Yataí, Uruguaiana, Estero Belaco, Tuiutí, Curuzú, Curuoaití, Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Cerro Corá.

25) Cuba (Dez Anos = 1868-78): 200 mil.

Batalhas [05]: Bayamo, Jumaguayo, Palo Seco, El Naranjo e Las Guásimas.

26) Guerra de El Salvador e Guatemala x Honduras (1872-74): 0,5 mil.

Batalhas [01]: Santa Bárbara.

27) Guerra da Guatemala e Honduras x El Salvador (1876): 1,2 mil.

Batalhas [02]: Pasaquina e Ahuachapán.

28) Guerra do Pacífico - Bolívia e Peru x Chile (1879-83): 14 mil.

Batalhas [07]: Dolores, Tarapacá, Alto de la Alianza, Arica, Chorrillos, Miraflores e Huamachuco.

29) Quinta Guerra da América Central (1884-85): 1 mil.

Batalhas [01]: Chalchuapá.

30) Independência de Cuba (1894-98): 200 mil.

Batalhas [09]: Peralejo, Iguará, Mal Tiempo, Calimete, Paso Real, Moralitos, Cacarajícara, Loma del Gato e Las Tunas.

31) Costa Rica x Nicarágua (1897): perdas insignificantes ou inexistentes.

32) Hispano-Americana (Inclui Cuba, 1898): 10 mil.

Batalhas [02]: Las Guásimas e Santiago.

Século XX = 28 guerras e 45 batalhas.

1) Guerra do Acre (Bolívia x Brasil, 1900-03): 0,3 mil.

Batalhas [02]: Igarapé da Bahia e Puerto Alonso (ou Porto Acre).

2) Alemanha, Inglaterra e Itália x Venezuela (1902-03): perdas insignificantes ou inexistentes.

Batalhas [02]: Puerto Cabello e Forte San Carlos.

3) Independência do Panamá (1903): 10 mil.

4) Sexta Guerra da América Central (1906-07): 2 mil.

Batalhas [03]: Nacaome, Las Escobas e El Paltanar.

5) Holanda x Venezuela (1908): 1 mil.

6) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1909-16): 0,8.

Batalhas [01]: Colina Coyotepe.

7) Intervenção dos EUA em Honduras (1911-12):

8) Primeira Guerra Mundial (1914-18): 0,3 mil.

9) Intervenção dos EUA no Haiti (1915-20): 2 mil.

Batalhas [02]: Cap Haitien e Port-au-Prince.

10) Intervenção dos EUA na República Dominicana (1916): 0,1 mil.

Batalhas [01]: Santiago.

11) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1927-33): 1275, no mínimo = 1,3 mil.

Batalhas [02]: Ocotal e Camino Real.

12) Letícia (Colômbia x Peru, 1932): 1,2 mil.

Batalhas [02]: Tarapacá e Gueppi.

13) Guerra do Chaco (1928-30 e 1932-35): 89 mil.

Batalhas [08]: Boquerón, Campo Via, Alihuatã, Cañada Strngest, Yrendagué, Carandaití, Roboré e Charaguá.

14) Haiti x República Dominicana (1937): 15 mil.

15) Segunda Guerra Mundial (1939-45): 2 mil.

Batalhas [02]: Monte Castelo e Montese.

16) Equador x Peru (1941): 0,1 mil.

Batalhas [02]: Puerto Bolívar e Rocafuerte.
17) Colômbia na Coréia (1951-53): 0,2 mil.

Batalhas [02]: Kumsong e Colina do “Velho Careca”.
18) Costa Rica x Nicarágua (1955): 1 mil.

Batalhas [02]: La Cruz e Vila Quesada.
19) Honduras x Nicarágua (1957): 1 mil.

20) EUA x Cuba (1961-62): 0,5 mil.

Batalhas [01]: Bahia de Cochinos (ou Bahia dos Porcos).
21) Guerra do Futebol (El Salvador x Honduras, 1969): 3 mil.

Batalhas [02]: Colinas El Quebrachal e Chicotera.
22) Cuba em Moçambique (1976-92): 3 mil.

Batalhas [01]: Marromeu.
23) Cuba em Ogaden (1977-78): 2 mil.

Batalhas [02]: Harar e Passo Kara Marda.
24) Cuba em Angola (1975-91): 3 mil.

Batalhas [03]: Norton de Matos, Quibela e Cuito Cuanavale.
25) Equador x Peru (1981): 0,1 mil.

Batalhas [01]: Paquicha.
26) Falklands-Malvinas (1982): 1,2 mil.

Batalhas [02]: Goose Green e Port Stanley.
27) Intervenção dos EUA no Panamá (1989): 0,6 mil.

Batalhas [01]: La “Comandacia”.
28) Equador x Peru (1995): 0,1 mil.

Batalhas [01]: Tiwinza.

ANEXO 4

BATALHAS – AMERICA LATINA INDEPENDENTE.

N	Nome	Ano	Local	Vencedor	Perdedor	Guerra
1	**La Crotê-à-Pierott**	1802	Haiti	França	Haiti	01
2	**Ravine-à-Couleuvre**	1802	Haiti	França	Haiti	01
3	**Le Cap**	1803	Haiti	Haiti	França	01
4	**Port-au-Prince**	1803	Haiti	Haiti	França	01
5	**Fort Libérté**	1803	Haiti	Haiti	França	01
6	**Suipacha**	1810	Bolívia	Bolívia	Argentina	04
7	**Las Cruces**	1810	México	Espanha	México	05
8	**Aculco**	1810	México	Espanha	México	05
9	**Cotagaita**	1810	Bolívia	Espanha	Argentina	04
10	**Paraguarí**	1811	Paraguai	Paraguai	Argentina	02
11	**Tacuari**	1811	Paraguai	Paraguai	Argentina	02
12	**Huaqui**	1811	Bolívia	Bolívia	Espanha	04
13	**Puente Calderón**	1811	México	Espanha	México	05
14	**Tres Palos**	1811	México	México	Espanha	05
15	**Salta**	1812	Argentina	Argentina	Espanha	02
16	**Tucuman**	1812	Argentina	Argentina	Espanha	02
17	**Vilpacujio**	1813	Bolívia	Bolívia	Espanha	04
18	**Tenerife**	1813	Colômbia	Colômbia	Espanha	03
19	**San Lorenzo**	1813	Argentina	Argentina	Espanha	02
20	**Maracaibo**	1813	Colômbia	Espanha	Colômbia	03
21	**Ayouma**	1813	Bolívia	Espanha	Argentina	04
22	**Pupuarán**	1814	México	Espanha	México	05
23	**Racanguá**	1814	Chile	Espanha	Chile	02
24	**La Vitoria**	1814	Venezuela	Venezuela	Espanha	03
25	**Sipe-Sipe**	1815	Bolívia	Espanha	Argentina	04
26	**Chacabuco**	1817	Chile	Chile	Espanha	02
27	**Cancha Rayada**	1818	Chile	Espanha	Chile	02
28	**Maipú**	1818	Chile	Chile	Espanha	02
29	**La Puerta**	1818	Venezuela	Espanha	Venezuela	03
30	**El Sémen**	1818	Venezuela	Espanha	Venezuela	03
31	**Boyacá**	1819	Colômbia	Colômbia	Espanha	03
32	**Cúcuta**	1821	Colômbia	Colômbia	Espanha	03
33	**Carabobo**	1821	Venezuela	Venezuela	Espanha	03
34	**Pichincha**	1822	Equador	Equador	Espanha	03
35	**Guaiaquil**	1822	Equador	Equador	Espanha	03
36	**Quito**	1822	Equador	Equador	Espanha	03
37	**Bomboná**	1822	Equador	Colômbia	Espanha	03
38	**Ica**	1822	Peru	Espanha	Peru	04
39	**Atoleiro**	1823	Brasil	Brasil	Portugal	06
40	**Jenipapo**	1823	Brasil	Portugal	Brasil	06
41	**Bom Fim**	1823	Brasil	Portugal	Brasil	06
42	**Pirajá**	1823	Brasil	Brasil	Portugal	06

43	**Moquegua**	1823	Peru	Espanha	Argentina	04
44	**Torata**	1823	Peru	Espanha	Peru	04
45	**Junín**	1824	Peru	Peru	Espanha	04
46	**Ayacucho**	1824	Peru	Peru	Espanha	04
47	**Sarandi Largo**	1825	Uruguai	Uruguai	Brasil	08
48	**Sacramento**	1826	Uruguai	Brasil	Uruguai	08
49	**Passo do Rosário**	1827	Brasil	Argentina	Brasil	08
50	**Tampico**	1829	México	México	Espanha	05
51	**Portete de Tarqui**	1829	Equador	Colômbia	Peru	09
52	**Cuenca**	1829	Equador	Peru	Colômbia	09
53	**Socabaya**	1835	Bolívia	Bolívia	Peru	11
54	**San Juan de Ulúa**	1838	México	França	México	12
55	**Puente de Buin**	1839	Peru	Chile	Peru	10
56	**Yungai**	1839	Peru	Chile	Peru	10
57	**Cagancha**	1839	Uruguai	Uruguai	Argentina	13
58	**Ingavi**	1841	Bolívia	Bolívia	Peru	11
59	**Jugori**	1841	Bolívia	Bolívia	Peru	11
60	**Caa-Guazú**	1841	Uruguai	Uruguai	Argentina	13
61	**Arroio Grande**	1842	Argentina	Argentina	Uruguai	13
62	**Azua**	1844	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Haiti	14
63	**Santiago**	1844	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Haiti	14
64	**Resaca de la Palma**	1846	México	EUA	México	15
65	**Monterey**	1846	México	EUA	México	15
66	**Palo Alto**	1846	México	EUA	México	15
67	**Buena Vista**	1847	México	EUA	México	15
68	**Cerro Gordo**	1847	México	EUA	México	15
69	**Churubusco**	1847	México	EUA	México	15
70	**Chapultepec**	1847	México	EUA	México	15
71	**Molino del Rey**	1847	México	EUA	México	15
72	**San José la Arada**	1851	Guatemala	Guatemala	El Salvad	16
73	**Montevidéu**	1851	Uruguai	Uruguai	Argentina	13
74	**Monte Caseros**	1852	Argentina	Brasil	Argentina	13
75	**Chiquimula**	1853	Guatemala	Guatemala	Honduras	16
76	**El Cambronal**	1855	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Haiti	17
77	**Santomé**	1855	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Haiti	17
78	**Rivas**	1856	Nicarágua	Costa Rica	Nicarágua	16
79	**Masaya**	1856	Nicarágua	Guatemala	Nicarágua	16
80	**Sabana Larga**	1856	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Haiti	17
81	**Mapasingue**	1859	Equador	Peru	Equador	18
82	**Tulcán**	1861	Colômbia	Colômbia	Equador	22
83	**Primeira Puebla**	1862	México	México	França	21
84	**Segunda Puebla**	1862	México	França	México	21
85	**Carlosama**	1863	Colômbia	Colômbia	Equador	22
86	**Coatepeque**	1863	El Salvador	El Salvador	Guatemala	20
87	**Santa Ana**	1863	El Salvador	Guatemala	El Salvado	20
88	**Camerone**	1863	México	México	França	21

89	**Yamasá**	1863	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Espanha	19
90	**Cibao**	1863	Rep. Dom.	Espanha	Rep. Dom.	19
91	**Forte Coimbra**	1864	Brasil	Paraguai	Brasil	24
92	**Santiago**	1864	Rep. Dom.	Rep. Dom.	Espanha	19
93	**Monte Cristi**	1864	Rep. Dom.	Espanha	Rep. Dom.	19
94	**Yataí**	1865	Argentina	Argentina	Paraguai	24
95	**Uruguaiana**	1865	Brasil	Brasil	Paraguai	24
96	**Corrientes**	1865	Argentina	Argentina	Paraguai	24
97	**Curuzú**	1866	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
98	**Estero Belaco**	1866	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
99	**Tuiutí**	1866	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
100	**Curupaití**	1866	Paraguai	Paraguai	Brasil	24
101	**Callao**	1866	Peru	Peru	Espanha	23
102	**Valparaíso**	1866	Chile	Espanha	Chile	23
103	**Querétaro**	1867	México	México	França	21
104	**Humaitá**	1868	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
105	**Lomas Valentinas**	1868	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
106	**Itororó**	1868	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
107	**Avaí**	1868	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
108	**Bayamo**	1868	Cuba	Cuba	Espanha	25
109	**Cerro Corá**	1870	Paraguai	Brasil	Paraguai	24
110	**Santa Bárbara**	1872	Honduras	El Salvador	Honduras	26
111	**Jumaguayu**	1873	Cuba	Espanha	Cuba	25
112	**Palo Seco**	1873	Cuba	Cuba	Espanha	25
113	**El Naranjo**	1874	Cuba	Cuba	Espanha	25
114	**Las Guásimas**	1874	Cuba	Cuba	Espanha	25
115	**Pasaquina**	1876	El Salvador	Honduras	El Salvado	27
116	**Ahuachapán**	1876	El Salvador	Guatemala	El Salvado	27
117	**Dolores**	1879	Peru	Chile	Peru	28
118	**Tarapacá**	1879	Peru	Peru	Chile	28
119	**Alto de la Alianza**	1880	Peru	Chile	Peru	28
120	**Arica**	1880	Chile	Chile	Peru	28
121	**Chorillos**	1881	Peru	Chile	Peru	28
122	**Miraflores**	1881	Peru	Chile	Peru	28
123	**Huamachuco**	1883	Peru	Chile	Peru	28
124	**Chalchuapá**	1885	El Salvador	El Salvador	Guatemala	29
125	**Peralejo**	1895	Cuba	Cuba	Espanha	30
126	**Iguará**	1895	Cuba	Cuba	Espanha	30
127	**Mal Tiempo**	1895	Cuba	Cuba	Espanha	30
128	**Calimete**	1895	Cuba	Espanha	Cuba	30
129	**Moralitos**	1896	Cuba	Cuba	Espanha	30
130	**Paso Real**	1896	Cuba	Espanha	Cuba	30
131	**Cacarajícara**	1896	Cuba	Espanha	Cuba	30
132	**Loma del Gato**	1896	Cuba	Espanha	Cuba	30
133	**Las Tunas**	1897	Cuba	Cuba	Espanha	30
134	**Las Guásimas**	1898	Cuba	Cuba	Espanha	32

135	**Santiago**	1898	Cuba	Cuba	Espanha	32
136	**Puerto Cabello**	1903	Venezuela	Inglaterra	Venezuela	01
137	**Forte San Carlos**	1903	Venezuela	Venezuela	Alemanha	01
138	**Igarapé da Bahia**	1903	Bolívia	Bolívia	Brasil	02
139	**Puerto Alonso**	1903	Bolívia	Brasil	Bolívia	02
140	**Las Escobas**	1906	El Salvador	El Salvador	Guatemala	04
141	**El Paltanar**	1906	El Salvador	Guatemala	El Salvado	04
142	**Nacaome**	1907	Honduras	Nicarágua	El Salvado	04
143	**Colina Coyotepe**	1912	Nicarágua	EUA	Nicarágua	06
144	**Cap Haitien**	1915	Haiti	EUA	Haiti	09
145	**Santiago**	1916	Rep.Dom.	EUA	Rep.Dom.	10
146	**Port-au-Prince**	1920	Haiti	EUA	Haiti	09
147	**Ocotal**	1927	Nicarágua	EUA	Nicarágua	11
148	**Camino Real**	1927	Nicarágua	EUA	Nicarágua	11
149	**Forte Boqueron**	1932	Paraguai	Paraguai	Bolívia	13
150	**Tarapacá**	1932	Colômbia	Colômbia	Peru	12
151	**Alihuatã**	1933	Paraguai	Paraguai	Bolívia	13
152	**Campo Via**	1933	Paraguai	Paraguai	Bolívia	13
153	**Gueppi**	1933	Peru	Colômbia	Peru	12
154	**Cañada Strongest**	1934	Paraguai	Bolívia	Paraguai	13
155	**Carandaití**	1934	Bolívia	Paraguai	Bolívia	13
156	**Irendagué**	1934	Paraguai	Paraguai	Bolívia	13
157	**Roboré**	1935	Bolívia	Paraguai	Bolívia	13
158	**Charagua**	1935	Bolívia	Bolívia	Paraguai	13
159	**Puerto Bolívar**	1941	Equador	Peru	Equador	16
160	**Rocafuerte**	1941	Equador	Peru	Equador	16
161	**Monte Castelo**	1945	Itália	Brasil	Alemanha	15
162	**Montese**	1945	Itália	Brasil	Alemanha	15
163	**Kumsong**	1951	Coréia Norte	Colômbia	China	17
164	**Colina "Velho Careca"**	1953	Coréia Norte	China	Colômbia	17
165	**Vila Quesada**	1955	Costa Rica	Costa Rica	Nicarágua	18
166	**La Cruz**	1955	Costa Rica	Nicarágua	Costa Rica	18
167	**Baia de Cochinos**	1961	Cuba	Cuba	EUA	20
168	**Colina Chicotera**	1969	Honduras	El Salvador	Honduras	21
169	**Colina Quebrachal**	1969	Honduras	El Salvador	Honduras	21
170	**Norton de Matos**	1975	Angola	Áfric do Sul	Cuba	24
171	**Quibala**	1976	Angola	Áfric do Sul	Cuba	24
172	**Harar**	1978	Etiópia	Cuba	Somália	23
173	**Kara Mardar Pass**	1978	Etiópia	Cuba	Somália	23
174	**Paquicha**	1981	Equador	Peru	Equador	25
175	**Port Stanley**	1982	Argentina	Inglaterra	Argentina	26
176	**Goose Green**	1982	Argentina	Inglaterra	Argentina	26
177	**Marromeu**	1985	Moçambique	Áfric do Sul	Cuba	22
178	**Cuito Cuanavale**	1988	Angola	Cuba	Áfr. do Sul	24
179	**La Comandacia**	1989	Panamá	EUA	Panamá	27
180	**Tiwinza**	1995	Equador	Equador	Peru	28

ANEXO 5

Participantes (Vencedores e Perdedores) nos Conflitos da América Latina Independente.

GUERRAS EXTERNAS = 60. PARTICIPAÇÕES => 186.

Média 3,10 participações /guerra.

Século XIX = 32 guerras e 97 Participações. Média 3,03 participações /guerra.

Em azul: país com sistema politicamente aberto. Em vermelho: país com sistema politicamente fechado. Sublinhado em preto: número de mortos no conflito. Sublinhado a cores: país vencedor da guerra.

1) Independência do Haiti (1801-03): 350 mil.

Participantes: [2] Haiti x França.

2) Independência de La Plata (1810-24): 6 mil.

Participantes: [4] Argentina, Chile e Paraguai x Espanha.

3) Independência de Colômbia, Equador e Venezuela (1810-23): 370 mil.

Participantes: [4] Colômbia, Equador e Venezuela x Espanha.

4) Independência de Peru e Bolívia (1810-31): 12 mil.

Participantes: [6] Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela x Espanha.

5) Independência do México (1810-29): 250 mil.

Participantes: [2] México x Espanha.

6) Independência do Brasil (1822-23): 1 mil.

Participantes: [2] Brasil x Portugal.

7) Primeira Guerra Haiti x Santo Domingos (1823): perdas insignificantes ou inexistentes.

Participantes: [2] Haiti x Santo Domingos.

8) Cisplatina (1825-28): 2 mil.

Participantes: [3] Brasil x Argentina e Uruguai.

9) Grã-Colômbia x Peru (1828-9): 3 mil.

Participantes: [4] Colômbia, Equador e Venezuela x Peru.

10) Chile (e Argentina) x Confederação Bolívia e Peru (1836-39): 3,2 mil.

Participantes: [4] Argentina e Chile x Bolívia e Peru.

11) Bolívia x Peru (1834-41, com interrupção em 1836-39): 2 mil.

Participantes: [2] Bolívia x Peru.

12) Guerra do "Pastel" (1837-38): 0,6 mil.

Participantes: [2] França x México.

13) Guerra de La Plata (1839-52): 11 mil.

Participantes: [5] Argentina x Brasil, França, Inglaterra e Uruguai.

14) Segunda Guerra Haiti x Santo Domingos (1844): 2 mil.

Participantes: [2] Haiti x Santo Domingos.

15) EUA x México (1846-8): 17 mil.

Participantes: [2] EUA x México.

16) Terceira Guerra da América Central (1849-58): 2 mil.

Participantes: [5] Costa Rica e Guatemala x El Salvador, Honduras e Nicarágua.

17) Terceira Guerra Haiti x República Dominicana (1855-6): 3 mil.

Participantes: [2] Haiti x República Dominicana.

18) Equador x Peru (1859): perdas insignificantes ou inexistentes.

Participantes: [2] Peru x Equador.

19) Espanha x República Dominicana (1863-65): 22 mil.

Participantes: [2] Espanha x República Dominicana.

20) Quarta Guerra da América Central (1863): 2 mil.

Participantes: [4] El Salvador e Honduras x Guatemala e Nicarágua.

21) Expedição Mexicana (1861-67): 20 mil.

Participantes: [2] França x México.

22) Colômbia x Equador (1863): 1 mil.

Participantes: [2] Colômbia x Equador.

23) Espanha x Bolívia, Chile, Equador e Peru (1864-66): 1 mil.

Participantes: [5] Bolívia, Chile, Equador e Peru x Espanha.

24) Gran Guerra de La Plata (ou Paraguai, 1864-70): 424 mil.

Participantes: [4] Argentina, Brasil e Uruguai x Paraguai.

25) Cuba (Dez Anos = 1868-78): 200 mil.

Participantes: [2] Cuba x Espanha.

26) Guerra de El Salvador e Guatemala x Honduras (1872-74): 0,5 mil.

Participantes: [3] El Salvador e Guatemala x Honduras.

27) Guerra da Guatemala e Honduras x El Salvador (1876): 1,2 mil.

Participantes: [3] El Salvador x Guatemala e Honduras.

28) Guerra do Pacífico - Bolívia e Peru x Chile (1879-83): 14 mil.

Participantes: [3] Bolívia e Peru **x** Chile.

29) Quinta Guerra da América Central (1884-85): 1 mil.

Participantes: [5] Costa Rica, El Salvador e Nicarágua x Guatemala e Honduras.

30) Independência de Cuba (1894-98): 200 mil.

Participantes: [2] Cuba x Espanha.

31) Costa Rica x Nicarágua (1897): perdas insignificantes ou inexistentes.

Participantes: [2] Costa Rica x Nicarágua.

32) Hispano-Americana (Inclui Cuba, 1898): 10 mil.

Participantes: [3] Cuba e EUA x Espanha.

Século XX = 28 guerras e 89 Participações. Média 3,18 participações /guerra.

1) Guerra do Acre (Bolívia x Brasil, 1900-03): 0,3 mil.

Participantes: [2] Bolívia x Brasil.

2) Alemanha, Inglaterra e Itália x Venezuela (1902-03): perdas insignificantes ou inexistentes.

Participantes: [4] Alemanha, Inglaterra e Itália x Venezuela.

3) Independência do Panamá (1903): 10 mil.

Participantes: [2] Panamá x Colômbia.

4) Sexta Guerra da América Central (1906-07): 2 mil.

Participantes: [4] El Salvador e Honduras x Guatemala e Nicarágua.

5) Holanda x Venezuela (1908): 1 mil.

Participantes: [2] Holanda x Venezuela.

6) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1909-16): 0,8.

Participantes: [2] EUA x Nicarágua.

7) Intervenção dos EUA em Honduras (1911-12):

Participantes: [2] EUA x Honduras.

8) Primeira Guerra Mundial (1917-18): 0,3 mil.

Participantes: [9] Alemanha x Brasil, Costa Rica, Cuba, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua e Panamá. (5 a 3).

9) Intervenção dos EUA no Haiti (1915-20): 2 mil.

Participantes: [2] EUA x Haiti.

10) Intervenção dos EUA na República Dominicana (1916): 0,1 mil.

Participantes: [2] EUA x República Dominicana.

11) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1927-33): 1275, no mínimo = 1,3 mil.

Participantes: [2] EUA x Nicarágua.

12) Letícia (Colômbia x Peru, 1932): 1,2 mil.

Participantes: [2] Colômbia x Peru.

13) Guerra do Chaco (1928-30 e 1932-35): 89 mil.

Participantes: [2] Bolívia x Paraguai.
14) Haiti x República Dominicana (1937): 15 mil.

Participantes: [2] Haiti x República Dominicana.

15) Segunda Guerra Mundial (1941-45): 2 mil.

Participantes: [23] Alemanha, Itália e Japão x Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela (11 a 9).
16) Equador x Peru (1941): 0,1 mil.

Participantes: [2] Equador x Peru.
17) Colômbia na Coréia (1951-53): 0,2 mil.

Participantes: [3] Colômbia x China e Coréia do Norte.
18) Costa Rica x Nicarágua (1955): 1 mil.

Participantes: [2] Costa Rica x Nicarágua.
19) Honduras x Nicarágua (1957): 1 mil.

Participantes: [2] Honduras x Nicarágua.

20) EUA x Cuba (1961-62): 0,5 mil.

Participantes: [2] EUA x Cuba.

21) Guerra do Futebol (El Salvador x Honduras, 1969): 3 mil.

Participantes: [2] El Salvador x Honduras.
22) Cuba em Moçambique (1976-92): 3 mil.

Participantes: [2] África do Sul x Cuba.
23) Cuba em Ogaden (1977-78): 2 mil.

Participantes: [2] Cuba x Somália.
24) Cuba em Angola (1975-91): 3 mil.

Participantes: [2] África do Sul x Cuba.
25) Equador x Peru (1981): 0,1 mil.

Participantes: [2] Equador e Peru.
26) Falklands-Malvinas (1982): 1,2 mil.

Participantes: [2] Argentina e Inglaterra.
27) Intervenção dos EUA no Panamá (1989): 0,6 mil.

Participantes: [2] EUA x Panamá.
28) Equador x Peru (1995): 0,1 mil.

Participantes: [2] Equador x Peru.

Abaixo são listados os conflitos nos quais a situação política dos participantes era uma quando começou o conflito e modificou-se durante o desenrolar da luta, apresentando uma outra configuração no final da guerra; momento em que foram computados os índices de vitória para os sistemas políticos.

SÉCULO XIX:
8) Cisplatina (1825-28): 2 mil.

Participantes: [3]. No Início Brasil x Argentina e Uruguai.
11) Bolívia x Peru (1834-41, com interrupção em 1836-39): 2 mil.

Participantes: [2]. No Início Bolívia x Peru.

13) Guerra de La Plata (1839-52): 11 mil.

Participantes: [5]. No Início Argentina x Brasil, França, Inglaterra e Uruguai.

16) Terceira Guerra da América Central (1849-58): 2 mil.

Participantes: [5]. No Início Costa Rica e Guatemala x El Salvador, Honduras e Nicarágua.

17) Terceira Guerra Haiti x República Dominicana (1855-6): 3 mil.

Participantes: [2]. No Início Haiti x República Dominicana.

SÉCULO XX:
11) Intervenção dos EUA na Nicarágua (1927-33): 1275, no mínimo = 1,3 mil.

Participantes: [2]. No Início EUA x Nicarágua.

13) Guerra do Chaco (1928-30 e 1932-35): 89 mil.

Participantes: [2]. No Início Bolívia x Paraguai.

15) Segunda Guerra Mundial (1939-45): 2 mil.

Participantes: [23]. No Início Alemanha, Itália e Japão x Argentina (1945), Brasil (1942), Bolívia (1943), Chile (1945), Colômbia (1943), Costa Rica (1941), Cuba (1941), El Salvador (1941), Equador (1945), Guatemala (1941), Haiti (1941), Honduras (1941), México (1942), Nicarágua (1941), Panamá (1941), Paraguai (1945), Peru (1945), República Dominicana (1941), Uruguai (1945) e Venezuela (1945). {12 a 8}.
A data nos parênteses logo após o nome do país indica o ano em que a Declaração de Guerra foi feita por este país contra os integrantes do Eixo.